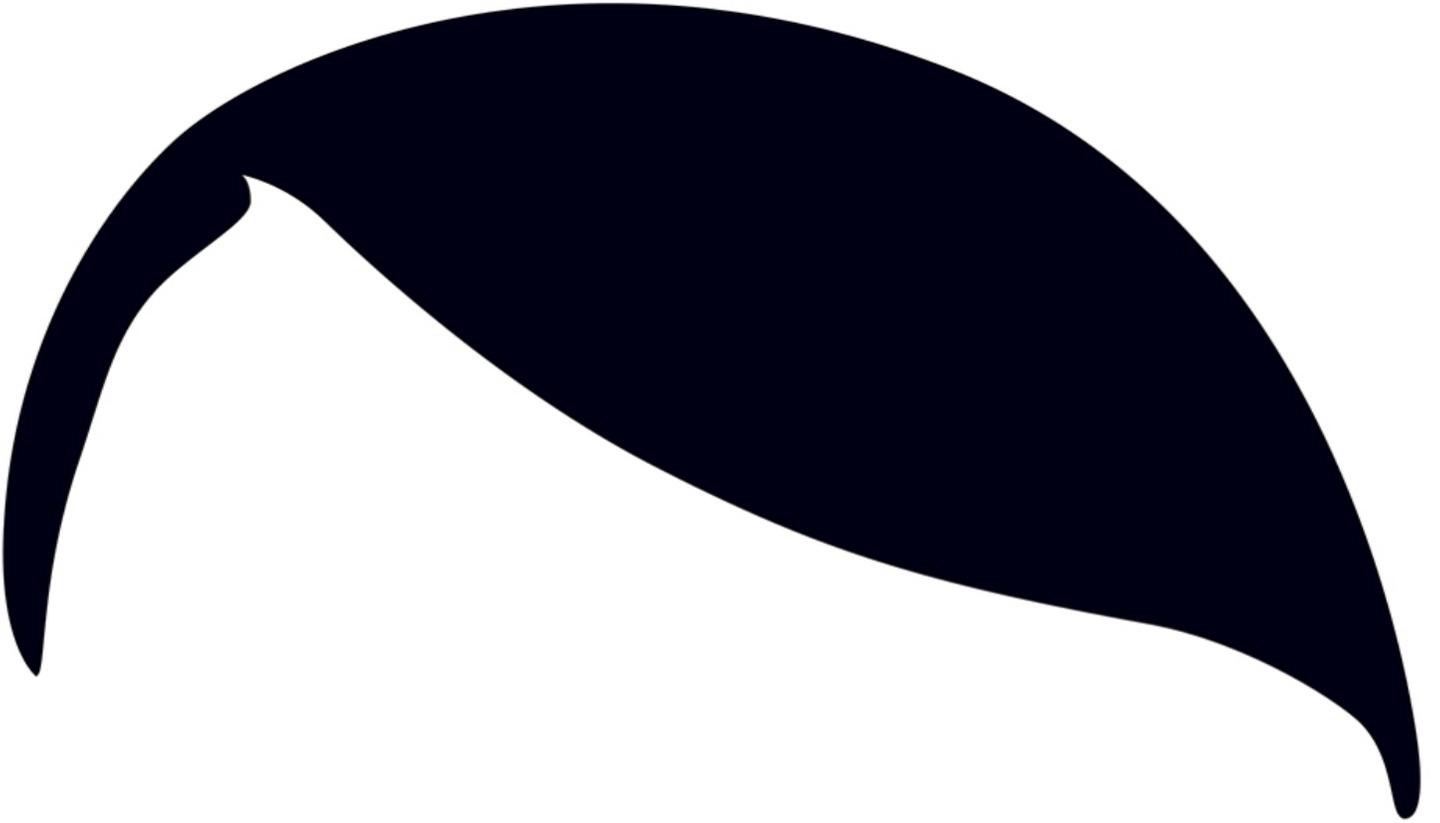


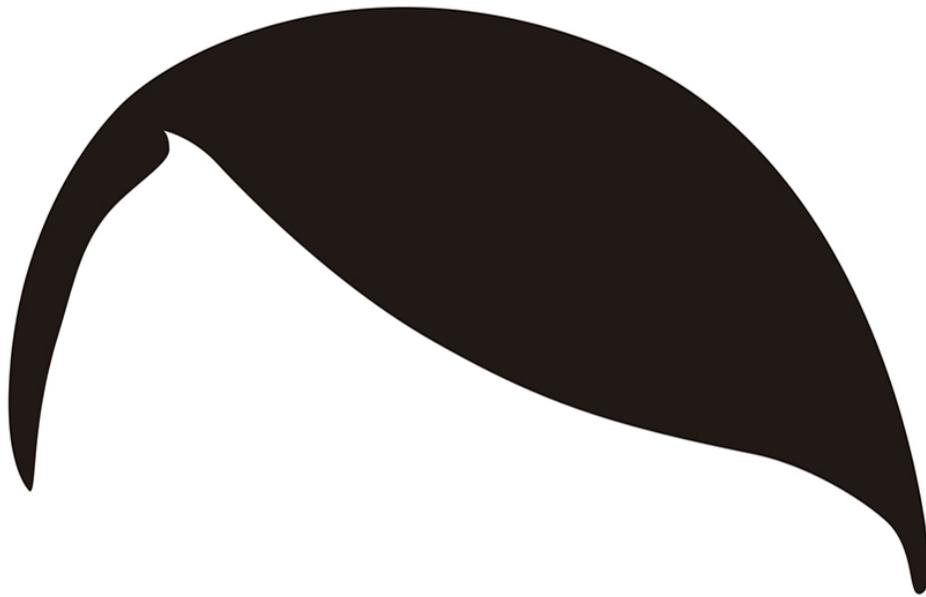
TIMUR VERMES



**ELE ESTÁ
DE VOLTA**

TIMUR VERMES

TRADUÇÃO DE PETÊ RISSATTI



**ELE ESTÁ
DE VOLTA**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Todos os eventos, personagens e diálogos neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas e/ou suas reações, ou com empresas, organizações etc. são mera coincidência, pois em circunstâncias similares da realidade não é possível excluir totalmente outros procedimentos e comportamentos das personagens. O autor considera importante reforçar que Sigmar Gabriel e Renate Künast na verdade não conversaram com Adolf Hitler.

Despertar na Alemanha

Quem mais me surpreendeu foi o *Volk*, o povo alemão. E esforcei-me para fazer o que era humanamente possível para destruir as bases de uma existência futura neste solo profanado pelo inimigo. Ordenei a destruição de tudo: pontes, usinas, estradas, estações de trem. Desde então, inspecionei, acho que em março, o cumprimento desse pedido e creio ter me expressado de forma bastante clara quanto a isso. Todos os serviços públicos deveriam ter sido destruídos: sistemas de distribuição de água, operadoras de telefonia, meios de produção, fábricas, oficinas, fazendas, qualquer propriedade, tudo, e com isso eu realmente quis dizer tudo! Nesses casos é necessário proceder com cuidado e precisão, e não deve restar a menor dúvida quando uma ordem como essa é expedida, pois sabemos que o simplório soldado local, a quem, é compreensível, falta visão geral e conhecimento dos contextos estratégicos e táticos em seu setor no front, dirá: “Mas eu tenho mesmo que incendiar isso... hum... quero dizer, esta banca de jornal aqui? Ela não pode cair nas mãos do inimigo? É tão terrível assim que uma banca de jornal caia nas mãos do inimigo?” Terrível? Claro que é terrível! O inimigo também lê jornais, não? Ele fará negócios, usará a banca contra nós, e tudo que encontrar! É necessário destruir todas as bancas, e volto a enfatizar: todas as propriedades devem ser destruídas! Não apenas as casas, mas também as portas. E as maçanetas. E, em seguida, os parafusos, e não apenas os grandes. Os parafusos precisam ser desparafusados e entortados sem piedade. E as portas devem ser trituradas até virar serragem. E então queimadas. Pois o inimigo não terá piedade alguma e atravessará essas portas, de forma implacável, para dentro e para fora, a seu bel-prazer. Quero ver, porém, o Sr. Churchill se divertir com uma maçaneta quebrada, com parafusos tortos e com um montinho de cinzas! De qualquer forma, essas necessidades são uma consequência brutal da guerra, que para mim sempre esteve muito clara, e

por isso minha ordem também não pode ser outra, mesmo que o contexto dessa ordem tenha sido diferente.

Pelo menos no início.

Não é possível mais negar que, no fim, o povo alemão mostrou-se inferior nas batalhas épicas contra os ingleses, contra o bolchevismo, contra o imperialismo, e por isso, digo sem rodeios, perdendo o direito a sua própria sobrevivência, mesmo nos níveis mais primitivos dos caçadores-coletores. A partir daí, perdeu também qualquer direito à distribuição de água, a pontes e a estradas. E também às maçanetas das portas. Por isso e também, em parte, pela integridade, expedi a ordem, pois obviamente tomei algumas providências diante e no entorno da chancelaria do *Reich*, e é necessário reconhecer de uma vez: os norte-americanos e os ingleses, em grande medida, no tocante à minha ordem, executaram uma parte considerável do trabalho com seus B-17. É claro que não supervisionei o cumprimento de todos os detalhes do que decretei no período que se seguiu. Pode-se imaginar que eu tinha muito a fazer: derrotar os americanos no Ocidente, defender a Alemanha dos russos no Oriente, garantir o progresso no planejamento urbano da capital mundial, a Germânia, e assim por diante, mas o exército alemão acabou ignorando o restante das maçanetas, segundo minha avaliação. E, por esse motivo, esse povo não poderia nem mesmo continuar a existir.

Porém, e posso confirmar isso agora, ele ainda está aí.

Para mim, isso é algo um tanto incompreensível.

Por outro lado, eu também estou aqui, o que é ainda menos compreensível.

I

Eu me lembro do momento em que acordei, devia ser início da tarde. Ao abrir os olhos, vi o céu acima de mim. Estava azul, com poucas nuvens, clima ameno, e logo ficou claro que estava ameno demais para abril. Quase se podia dizer que estava quente. Parecia relativamente calmo, acima de mim não havia nenhuma aeronave inimiga, nem o estouro da artilharia, nenhum ataque nas proximidades, nenhuma sirene de alerta de ataque aéreo. Também observei que não havia chancelaria do *Reich* ou o bunker do *Führer*. Virei a cabeça e vi que eu estava deitado no chão de um terreno baldio, cercado pelas paredes de tijolos das casas vizinhas, que tinham sido parcialmente pichadas por pivetes; ver isso me deixou irritado no mesmo instante e decidi, espontaneamente, chamar Dönitz para uma conversa. A primeira coisa que pensei, meio sonolento, foi que Dönitz também devia estar em algum lugar por ali. Mas então, a disciplina e a lógica venceram e logo percebi a peculiaridade da situação: eu não costumava acampar a céu aberto.

Comecei a refletir: o que eu tinha feito na noite anterior? Eu não poderia ter consumido álcool em excesso, pois não bebo. A última coisa de que me lembrava era de estar sentado com Eva num sofá. Recordei também que eu, ou nós, estávamos sentados lá um tanto despreocupados; pela primeira vez, eu tinha decidido deixar um pouco de lado os assuntos do Estado. Não tínhamos outros planos para a noite, coisas como sair para jantar, ir ao cinema ou algo assim não vinham ao caso, o que era óbvio, pois a oferta de entretenimento da capital do *Reich*, felizmente, quase não existia mais, também por ordem minha. Não poderia dizer com certeza se, nos dias seguintes, Stalin apareceria na cidade, pois naquele momento não era possível descartar nenhuma hipótese. O que eu podia dizer com certeza era que, procurar um cinema por aqui seria tão inútil quanto procurar um em Stalingrado. Acho que Eva e eu ainda conversamos um pouco, e eu lhe mostrei minha velha pistola, mas não consegui me lembrar de mais detalhes

depois de ter acordado. Também porque estava com dor de cabeça. Não, minha tentativa de lembrar a noite anterior não estava dando em nada.

Então, decidi tomar as rédeas da situação e enfrentá-la mais de perto. Na minha vida, aprendi a observar, a refletir, até a perceber com frequência as menores coisas, que a maioria dos eruditos pouco valoriza e até mesmo ignora. Eu, ao contrário, posso dizer, com a consciência tranquila, que, graças a muitos anos de disciplina rígida, fico ainda mais impassível e mais concentrado diante de uma crise, e meus sentidos também se aguçam. Trabalho de forma precisa e tranquila, como uma máquina. Resumo metodicamente as informações das quais disponho: estou deitado no chão. Olho ao meu redor. Ao meu lado há lixo, crescem ervas daninhas, caules, um arbusto lá e cá, uma margarida ali, um dente-de-leão. Ouço vozes, que não devem estar muito distantes, gritos e o ruído contínuo de uma bola sendo chutada; olho na direção do barulho, que vem de alguns meninos jogando futebol. Não são mais crianças, mas ainda são muito novos para a guarda-civil, e provavelmente estão na Juventude Hitlerista, mas é claro que neste momento não estão de serviço; o inimigo parece ter dado uma trégua. Um pássaro se move no galho de uma árvore, pipila, canta. A maioria das pessoas interpretaria isso apenas como um sinal de alegria, mas numa situação incerta, o conhecedor da natureza e da luta diária pela sobrevivência poderá inferir desta ínfima informação que não existem aves de rapina por perto. Bem ao lado da minha cabeça há uma poça que parece diminuir; certamente choveu há bastante tempo, mas a chuva já parou. Ao lado da poça está meu quepe. É assim que funciona minha mente qualificada, e foi assim que ela trabalhou, mesmo naquele momento confuso.

Levantei-me. Consegui fazer isso sem maiores dificuldades, e depois movi as pernas, as mãos e os dedos. Parecia não ter ferimento algum, meu estado físico era excelente, tirando a dor de cabeça, eu estava totalmente saudável, e mesmo o tremor da minha mão parecia ter diminuído até quase desaparecer. Olhei para o meu corpo: eu estava vestido, usando uniforme e o casaco militar, que estava um pouco sujo, embora não muito, o que descartava a possibilidade de eu ter sido enterrado vivo. No casaco, pude identificar terra, e me pareceu que também havia migalhas de pão, bolo ou algo assim. O

tecido tinha um forte cheiro de combustível, talvez gasolina; é provável que Eva tenha tentado limpar meu uniforme, mas acabou usando uma quantidade exagerada de solvente. Eu poderia dizer que ela derrubou um galão inteiro em cima de mim. Eva não parecia estar por perto nem ninguém da minha equipe. Enquanto eu limpava com as mãos o grosso da sujeira do meu casaco, das mangas, ouvi uma voz.

— Ei, deem uma olhada nisso!

— Quem é esse pobre coitado?

Pelo visto, eu dava a impressão de estar precisando de ajuda, e os três jovens hitleristas reconheceram esse fato de forma exemplar. Interromperam a partida de futebol, aproximaram-se com respeito, o que era compreensível, pois ver o *Führer* do Império Alemão tão de perto, em um terreno baldio usado pela comunidade para a prática de esportes e exercícios físicos, caído entre dentes-de-leão e margaridas, significa também para o jovem ainda imaturo uma virada incomum no dia a dia. Por isso, o pequeno bando se apressou, como cães de caça, para me ajudar. A juventude é o futuro!

Os garotos reuniram-se ao meu redor, mas mantiveram certa distância. Eles me examinaram e, em seguida, o maior do grupo, que obviamente era o líder, perguntou:

— Tudo certo, chefe?

Apesar de estar apreensivo, não pude deixar de registrar que a Saudação Alemã foi feita erroneamente. Decerto, trocaram “*Führer*”, o líder, para chefe devido ao espanto deles. Numa situação menos confusa, minha presença poderia ser involuntariamente cômica, assim como, mesmo nas impiedosas tempestades de aço das trincheiras, acontecem as brincadeiras mais bizarras. Contudo, mesmo nas situações mais inusitadas, o soldado deve mostrar certo automatismo; esse é o objetivo dos treinamentos — quando esses automatismos falham, o exército inteiro passa a não valer nada. Eu me empertiguei, o que não foi tão fácil, pois devo ter ficado muito tempo deitado ali. Ainda assim, arrumei o casaco e limpei mais ou menos a calça dando algumas batidinhas nela. Então, pigarreei e perguntei ao líder dos camaradas:

— Onde está Bormann?

— Quem é esse aí?

Inacreditável.

— Bormann! Martin!

— Conheço não.

— Nunca ouvi falar.

— Como ele é?

— Ele é o diretor de chancelaria do *Reich*, ora!

Havia algo muito estranho ali. Era óbvio que eu ainda estava em Berlim, contudo, aparentemente haviam tirado toda minha equipe governamental. Eu precisava voltar com urgência ao bunker do *Führer* e ficou bem claro que os jovens ali presentes não poderiam me ajudar muito. O que eu precisava fazer era me orientar. A área disforme na qual eu estava podia ser em qualquer parte da cidade. Porém, eu só precisaria ir até a rua — nesse aparente cessar-fogo duradouro com certeza haveria transeuntes, trabalhadores, choferes para me indicar o caminho.

Provavelmente, eu não parecia tão necessitado assim aos jovens hitleristas, que demonstraram querer voltar ao futebol. De qualquer forma, quando o mais alto deles virou-se para os camaradas, pude ler o nome que sua mãe havia estampado em cores espalhafatosas nas costas da camisa.

— Jovem hitlerista Ronaldo! Para que lado fica a rua?

A reação foi deplorável. Infelizmente, devo dizer que a tropa praticamente me ignorou: um dos menores, sem parar de andar, apontou sem energia com o braço para um canto do terreno baldio, no qual, ao me aproximar, vi de fato uma passagem. Fiz uma nota mental para “exonerar Rust” ou “afastar Rust”, o homem está no cargo desde 1934 e, mesmo no setor educacional, não há lugar para esse tipo de desleixo abismal. Como um jovem soldado poderá encontrar seu caminho vitorioso até Moscou, no coração do bolchevismo, se nem é capaz de reconhecer o próprio comandante?!

Curvei-me, peguei meu quepe e, depois de ajeitá-lo, segui com passos firmes na direção apontada, que ficava num beco. Continuei por uma passagem estreita entre paredes altas, no fim da qual a iluminação da rua brilhava. Um gato medroso, sarapintado e descuidado, passou por mim grudado à parede, então dei mais uns quatro, cinco passos e cheguei à rua.

Perdi o ar diante da avalanche de luz e cor.

Eu lembrava que, da última vez que a vi, a cidade parecia muito poeirenta e até mesmo cinzenta, com montanhas de escombros e danos consideráveis. Porém, o que estava diante de mim naquele momento era algo bem diferente. Os escombros tinham desaparecido, ou ao menos haviam sido descartados com cuidado, e as ruas estavam ajeitadas. Em vez disso, nas laterais das ruas, viam-se estacionados muitos, diria até inúmeros, veículos coloridos, que deviam ser automóveis, mas eram menores, e ainda assim pareciam, pelo desenho, terem sido feitos pelas mãos excelentes da fábrica Messerschmitt, de tão avançados que eram. As casas eram pintadas com zelo em cores diversas, algumas delas me lembraram os confeitos da minha juventude. Reconheço que fiquei um pouco zozinho. Meu olhar buscou algo familiar. Então, vi um banco de parque deteriorado em uma área verde além do asfalto, dei alguns passos e não me envergonho de dizer que podem ter parecido até um pouco inseguros. Ouvi uma buzina, o frear dos pneus no asfalto, então alguém gritou para mim:

— Ei, velho, tá doido?! Tá cego?!

— Eu... desculpe-me... — Eu me ouvi dizer, assustado e, ao mesmo tempo, aliviado.

Ao meu lado havia um ciclista. Essa visão era, ao menos para mim, comparativa e duplamente familiar. Estávamos em tempos de guerra, como antes, e ele se protegia com um capacete bastante danificado por ataques anteriores, todo esburacado.

— Olhe por onde anda!

— Eu... perdoe-me... eu preciso me sentar.

— Você devia é ficar deitado. E por muito tempo!

Refugiei-me no banco do parque. Estava meio pálido quando me joguei no assento. Aquele homem mais jovem também pareceu não ter me reconhecido. De novo, não fez a Saudação Alemã, e sua reação foi como se tivesse quase atropelado um transeunte idoso comum, um qualquer. E essa negligência estava disseminada como prática aceita: um senhor mais velho passou por mim, balançando a cabeça, depois, uma senhora gorda com um carrinho de bebê futurista — outro elemento familiar, mas que também não

parecia ser útil para a minha situação de desespero. Levantei-me e a abordei, esforçando-me para adotar uma postura confiante.

— Com licença, isso pode surpreender a senhora, mas eu... eu preciso saber qual é o caminho mais rápido até a chancelaria do *Reich*.

— O senhor é das pegadinhas do Stefan Raab?

— Como?

— Ou do Kerkeling? Do Harald Schmidt?

Talvez pelo meu nervosismo, acabei sendo um tanto grosseiro e agarrei-a pelo braço.

— Comporte-se, mulher! A senhora tem deveres como compatriota! Estamos em guerra! O que acha que os russos farão com a senhora quando chegarem aqui? Acha mesmo que vão olhar para o seu filho e dizer: olhe, uma criancinha alemã, e por amor a ela vou deixar meus instintos mais baixos dentro das calças? O futuro do Povo Alemão, a pureza do sangue e até mesmo a sobrevivência da humanidade estão em risco nessas horas, nesses dias! A senhora quer ser responsável pelo fim da civilização apenas porque, em sua incrível imbecilidade, não está disposta a mostrar ao *Führer* do *Reich* alemão o caminho até a chancelaria?

Quase não me assustava mais o fato de não conseguir reação alguma. Aquela mulher idiota puxou o braço da minha mão, olhou-me horrorizada e fez vários gestos circulares com a mão aberta ao lado da sua cabeça, num gesto claro de reprovação. Não havia mais o que contestar: algo ali estava totalmente fora de controle. Eu não estava sendo mais tratado como um comandante do exército, como o *Führer* do *Reich*. Os meninos que jogavam futebol, aquele senhor, o ciclista, a mulher com carrinho de bebê — não podia ser coincidência. Meu impulso seguinte foi o de pedir que os órgãos de segurança reestabelecessem a ordem. Contudo, contive-me. Não sabia o suficiente sobre a minha situação. Precisava de mais informações.

Com frieza, minha capacidade de compreensão metodicamente ativa mais uma vez recapitulou a conjuntura naquele momento. Eu estava na Alemanha, em Berlim, mesmo que a cidade me parecesse totalmente estranha. Essa Alemanha era diferente, mas se assemelhava em algumas coisas ao *Reich* que me *era* tão familiar: ainda havia ciclistas, automóveis, então também era muito

provável que houvesse jornais. Olhei ao meu redor. De fato, havia algo embaixo do meu banco que parecia ser um jornal; contudo, a impressão era um pouco dispendiosa demais. O material era colorido, algo totalmente desconhecido para mim, e chamava-se *Media Markt*. Eu não conseguia sequer me lembrar de ter autorizado algo desse tipo, pois nunca faria isso. As informações nele eram incompreensíveis, e a raiva crescia dentro de mim. Como, em tempos de escassez de papel, era possível ter tanto desperdício irrecuperável dos valiosos recursos públicos com uma porcaria tão acéfala como aquela? Walther Funk já podia se preparar para uma bela reprimenda assim que eu voltasse à minha mesa de trabalho. Porém, naquele instante, eu precisava de notícias confiáveis, um *Völkischer Beobachter*, um *Stürmer*, e teria ficado satisfeito até mesmo com um *Panzerbär*. Vi que havia uma banca de jornal perto dali, e até mesmo a essa distância observável era possível perceber que ela parecia ter uma oferta extraordinária de publicações. Se alguém visse, diria que estávamos na mais profunda e preguiçosa paz! Eu me levantei impaciente. Já havia perdido tempo demais, era necessário restabelecer a toque de caixa as condições ordeiras. A tropa com certeza precisava de orientação, eu devo ter perdido alguma coisa nesse meio-tempo. Por isso, dirigi-me rapidamente à banca.

Já a minha primeira inspeção mais próxima resultou em informações interessantes. Muitos jornais coloridos, em turco, estavam pendurados do lado de fora. Dava para perceber que muitos turcos haviam se mudado para cá nos últimos tempos. Devo ter passado um longo período inconsciente, no qual incontáveis turcos se refugiaram em Berlim. Notável. No fim das contas, a Turquia, em princípio aliada fiel do Povo Alemão, permanecera sempre neutra; apesar dos grandes esforços, nunca se dera o trabalho de ingressar na guerra ao lado do *Reich*. No entanto, pareceu naquele momento que, durante a minha ausência, alguém, provavelmente Dönitz, deve ter convencido os turcos a nos apoiarem. E a atmosfera antes pacífica nas ruas mostrava que a intervenção turca conduziu até mesmo uma virada decisiva na guerra. Fiquei pasmo. É claro que sempre respeitei os turcos, mas nunca soube que tinham tamanha força. Por outro lado, não pude acompanhar o desenvolvimento do país em detalhes por falta de tempo. As reformas de Kemal Atatürk devem ter

impulsionado o país de uma forma sensacional. Esse parece ter sido o milagre no qual Goebbels sempre depositou suas esperanças. Meu coração palpitava repleto de uma confiança calorosa. Finalmente havia compensado o fato de eu nunca ter perdido a fé na vitória final, mesmo no momento do que supunham ser a escuridão mais profunda do *Reich*. Aquelas quatro ou cinco diferentes publicações em turco, coloridas, eram a prova cabal desse novo eixo bem-sucedido, Berlim–Ancara. Naquele momento, quando minha maior preocupação — com o bem-estar do *Reich* — parecia aliviada de forma tão surpreendente, precisava descobrir quanto tempo passei desmaiado naquele terreno baldio entre as casas. Não encontrei o *Völkischer Beobachter*, muito provavelmente a edição já tinha se esgotado, e lancei um olhar para algum outro jornal que parecesse confiável, um tal de *Frankfurter Allgemeine Zeitung*. Era novo para mim, mas fiquei feliz ao ver as letras góticas no nome do jornal, pois elas inspiravam confiança. Não perdi nem um segundo sequer com as notícias: procurei a data de imediato.

Lá estava, 30 de agosto.

De 2011.

Olhei para o número, perplexo, incrédulo. Dei uma olhada em outro periódico, o *Berliner Zeitung*, este também escrito num alemão impecável, e procurei a data:

2011.

Arranquei o jornal do suporte, abri-o, folhee a página seguinte e a próxima:

2011.

O número começou a dançar na minha frente, quase como se zombasse de mim. Movia-se devagar para a esquerda, então depressa para a direita, e ainda mais veloz de volta, requebrando para lá e para cá, como costuma acontecer com o populacho nas tendas de cerveja em festas ao ar livre. Meus olhos tentavam seguir o número, compreendê-lo. Em seguida, o jornal escorregou das minhas mãos. Senti meu corpo tombar para a frente, procurei apoio em vão em outro suporte de jornais e agarrei-me aos diversos exemplares que caíram comigo no chão.

Então, tudo escureceu diante dos meus olhos.



Quando recobrei os sentidos, estava deitado no chão. Alguém encostou algo úmido na minha testa.

— O senhor está bem?

Um homem estava curvado diante de mim, tinha lá seus quarenta e cinco anos, talvez até mais de cinquenta. Vestia uma camisa xadrez e uma calça simples como a dos operários. Dessa vez eu sabia que pergunta faria primeiro.

— Que dia é hoje?

— É... hum... 29 de agosto. Não, espere, 30.

— De que ano, homem? — resmunguei e ergui o corpo.

A flanela úmida caiu, amarrotada, no meu colo.

O homem olhou para mim com a testa franzida.

— 2011 — respondeu ele, observando meu casaco. — Que ano o senhor achou que fosse? 1945?

Pensei numa resposta adequada, mas achei que fosse melhor me levantar.

— Talvez o senhor devesse ficar deitado mais um pouco — disse o homem — ou se sentar. Eu tenho uma cadeira na banca.

De imediato, quis dizer que não tinha tempo para relaxar, mas logo percebi que minhas pernas continuavam tremendo muito. Por isso, eu o segui para dentro da banca de jornal. Ele mesmo se sentou numa cadeira perto do pequeno guichê do caixa e me fitou.

— Aceita um pouco de água? Ou um chocolate? Uma barrinha de cereal?

Assenti, zozzo. Ele se levantou, pegou uma garrafa de água com gás e me serviu um copo. De um armário, retirou uma barra furta-cor, uma espécie de ração de emergência embalada em papel-alumínio colorido. Abriu a embalagem, revelando algo semelhante a grãos compactados industrialmente, e colocou aquilo na minha mão. Os problemas de fornecimento de pão pareciam ainda não ter acabado.

— O senhor deveria tomar um café da manhã mais reforçado — disse ele. Em seguida, voltou a se sentar. — Está gravando em algum lugar por aqui?

— Gravando...?

— Ah, um documentário. Um filme. Sempre estão filmando alguma coisa por aqui.

— Filme...?

— Olhe, o senhor está muito bem-vestido. — Ele riu e apontou para mim com a mão. — Ou anda sempre assim por aí?

Olhei para a minha roupa. Eu não conseguia perceber nada de estranho, exceto, claro, a poeira e o cheiro de gasolina.

— Para falar a verdade, ando, sim — respondi. Talvez eu estivesse com algum machucado no rosto. — Por acaso o senhor teria um espelho? — perguntei.

— Claro — respondeu ele, apontando para um. — Bem aí do seu lado, acima da *Focus*.

Olhei para onde ele apontou. O espelho tinha as bordas laranjas, e o jornaleiro havia escrito na parte de cima *Der Spiegel*, “O Espelho”, em bom alemão, como se alguém pudesse não saber que aquilo era um espelho. Na parte de trás havia uma espécie de revista colada. Olhei meu reflexo ali.

Minha imagem refletida parecia assustadoramente perfeita, até meu casaco parecia passado e engomado — provavelmente a luz da banca me favorecia.

— Está interessado na história da capa? — perguntou o homem. — Eles têm publicado uma história do Hitler a cada três edições. Mas acho que o senhor não precisa se preparar mais ainda. Já está ótimo.

— Obrigado — falei, meio distante.

— Mas é verdade — insistiu ele. — Eu assisti àquele filme, *A queda*. Duas vezes. Bruno Ganz estava excelente, mas não chega nem aos pés do senhor. Essa sua postura... dá até para confundir.

Ergui os olhos.

— Confundir com quem?

— Ah, com o *Führer*.

Ao dizer isso, ele ergueu os dedos indicadores e médios de ambas as mãos, curvou-os para a frente e puxou-os duas vezes para cima e para baixo. Eu mal

pude acreditar, mas pelo visto, após sessenta e seis anos, fora aquilo que restara da Saudação Alemã, tão forte antes. Era assustador, mas parecia que minha influência política nesse meio-tempo não permaneceu incólume.

Joguei o braço para trás, respondendo à saudação.

— Eu *sou* o *Führer*!

Ele riu novamente.

— Incrível, parece tão natural.

Eu não conseguia lidar direito com a alegria pungente dele. Aos poucos estava tomando consciência da minha situação. Se aquilo não era um sonho — estava durando demais para ser —, então eu estava de fato em 2011. Num mundo que era totalmente novo para mim e devia aceitar que eu também representava um elemento novo para este mundo. Se é que este mundo funcionava de acordo com alguma lógica, então era possível que eu estivesse com cento e vinte e dois anos ou, o que era mais provável, morto há muito tempo.

— O senhor interpreta outros papéis também? — perguntou ele. — Já o vi em algum lugar?

— Eu não interpreto nada — respondi com certa grosseria.

— Claro que não — concordou o homem, fazendo uma cara estranha e séria. Então piscou para mim. — Onde o senhor se apresenta? Tem um programa?

— Mas é claro — respondi —, desde 1920! Como compatriota, o senhor deve conhecer bem o programa do partido, o *25-Punkte*.

Ele assentiu com frieza.

— Mesmo assim, não vi o senhor em lugar algum. Será que tem um folheto? Ou um cartão, uma carta de recomendação?

— Infelizmente, não — respondi, aflito —, a carta geográfica ficou no centro de comando.

Tentei refletir sobre o que precisava fazer em seguida. Parecia óbvio que, na chancelaria do *Reich* e mesmo no bunker do *Führer*, um líder de cinquenta e seis anos poderia ser, ou melhor, seria recebido com desconfiança. Eu tinha que ganhar tempo para analisar minhas opções. Precisava encontrar um lugar para ficar. No mesmo instante percebi, com muito pesar, que eu não tinha

um fêniqve no bolso. Por um momento, lembrei-me com desagrado do meu tempo no albergue masculino, em 1909. Admito que aquilo foi necessário, pois me deu uma visão que nenhuma universidade do mundo poderia ter me dado e, ainda assim, essa fase de privação não foi um tempo do qual desfrutei. Os meses sombrios invadiram minha mente: o desprezo, o desrespeito, a insegurança, o anseio pelo mais necessário, o pão seco. Pensativo e distante, mordi o estranho cereal na embalagem de alumínio.

O gosto era surpreendentemente doce. Examinei o produto.

— Gosto muito delas também — disse o jornaleiro. — O senhor aceita mais uma?

Neguei com a cabeça. Naquele momento, tinha problemas maiores. Era uma questão de garantir a subsistência diária mais simples e primitiva. Precisaria de um lugar para ficar, um pouco de dinheiro, até que obtivesse mais clareza sobre o que estava acontecendo. Talvez eu também precisasse de um trabalho, ao menos temporário, até descobrir se poderia reassumir minha função governamental e como. Mas antes seria essencial descobrir uma maneira de ganhar o pão. Talvez pudesse trabalhar como pintor, ou quem sabe em um escritório de arquitetura. Claro que, por ora, trabalho braçal não seria um problema. Obviamente, meus conhecimentos seriam mais vantajosos para o Povo Alemão se aplicados em uma campanha militar, mas devido à ignorância da situação atual, isso era uma ilusão. Eu nem sabia mais com quem o Reino Alemão fazia fronteiras, quem tentou invadi-las, em quem se podia atirar. Por enquanto, em primeiro lugar, eu teria de me contentar com o uso das minhas habilidades manuais, talvez na construção de uma área de destacamento ou de parte de uma rodovia.

— Agora, falando sério. — A voz do jornaleiro invadiu os meus ouvidos. — O senhor é amador ainda? Com *este* número?

Achei essa pergunta de um despropósito flagrante.

— Não sou amador! — informei de modo enfático. — Não sou nenhum desses vagabundos burgueses!

— Não, não. — Tranquilizou-me o homem, que no fundo começou a me parecer bem honesto. — Quero dizer: o que o senhor faz da vida?

Ah, o que faço da vida? Como poderia explicar isso?

— Eu... Bem... No momento eu estou um pouco... afastado de tudo —
parafraseei com cuidado minha situação.

— Não me entenda mal — retrucou o jornaleiro —, mas se o senhor ainda não... isso é incrível! Quero dizer, sempre passa muita gente por aqui, a cidade inteira é cheia de agentes, cheia de gente do cinema, figuras da televisão que ficam felizes com um personagem, um rosto novo. E se o senhor não tem um cartão, então onde posso encontrá-lo? Tem telefone? E-mail?

— Hum...

— Onde o senhor mora?

Com essa pergunta, ele acabou realmente tocando numa ferida. Por outro lado, aquele homem não parecia estar tramando nada. Decidi arriscar.

— Essa questão da moradia, no momento, não está... Como posso dizer? Definida...

— Ah, então o senhor está morando com uma namorada?

Por um instante, pensei em Eva. Onde ela poderia estar?

— Não — murmurei, estranhamente desconsolado —, não tenho uma companheira. Não mais.

— Ah — disse o jornaleiro —, entendo. É tudo bem recente, então?

— Sim — reconheci —, tudo aqui é... muito recente para mim.

— As coisas não andam muito boas, hein?

— Exatamente isso. — Assenti. — O ataque de resgate do Pelotão Steiner vergonhosamente não deu em nada.

Ele me olhou, confuso.

— Com a sua namorada, quero dizer. Quem teve culpa?

— Não sei — admiti. — No fim das contas, deve ter sido o Churchill.

Ele riu e, em seguida, ficou me olhando por um bom tempo, pensativo.

— Gosto da sua atitude. — Então seu tom de voz se alterou: — Olhe só, tenho uma proposta irrecusável para o senhor.

— Uma proposta?

— Não sei quais necessidades o senhor tem. Mas se não precisar de nada especial, pode dormir aqui uma ou duas noites.

— Aqui? — Olhei ao redor da banca de jornal.

— O senhor tem dinheiro para pagar o hotel Adlon?

Ele tinha razão. Baixei a cabeça, envergonhado.

— Como o senhor pode ver, estou... praticamente sem recursos... — confessei.

— Ah, bem. É mesmo um desperdício que o senhor, com sua competência, não se arrisque lá fora. Não deve se esconder.

— Não me escondi! — protestei. — Lá fora choviam bombas!

— Está bem, está bem. — Ele gesticulou, pedindo a palavra. — Ok, então vou deixar o senhor ficar aqui um ou dois dias, e vou falar com uns clientes meus. A revista *Theater Heute* chegou ontem junto com uma das revistas de cinema que aos poucos todos vêm buscar. Talvez a gente consiga algo. Para ser sincero, o senhor nem precisa se esforçar tanto, só esse uniforme já está fantástico...

— Isso quer dizer que eu posso ficar aqui agora?

— Por enquanto. Durante o dia pode ficar aqui comigo; caso alguém venha, eu lhe apresento na mesma hora. E se ninguém vier, ao menos vou rir um bocado. Ou o senhor tem outro lugar para ir?

— Não. — Suspirei. — Quer dizer, exceto o bunker do *Führer*...

Ele riu e logo fez uma pausa.

— Olhe, o senhor não vai roubar minha banca de jornal inteira, não é?

Olhei para ele, indignado.

— Pareço um criminoso?

Ele me encarou.

— O senhor parece Adolf Hitler.

— Exatamente — respondi.



Os dias e noites seguintes seriam uma grande provação para mim. Sob as mais indignas das circunstâncias, abrigado por necessidade no meio de publicações duvidosas, cigarros, confeitos e latas de bebida, à noite, encolhido numa poltrona razoável, mas não extremamente limpa, tive que me pôr a par dos acontecimentos dos últimos sessenta e seis anos, sem, contudo, chamar muita atenção. Pois enquanto outros batiam a cabeça por horas, às vezes dias, sem sucesso com questões científicas, com a solução inútil de charadas sobre essas viagens no tempo tão fantásticas quanto inexplicáveis, minha mente metódica com certeza tinha condições de se ajustar à situação atual. Em vez de me lamentar copiosamente, eu absorvi os novos fatos e investiguei a situação. Além disso — antecipando um pouco os acontecimentos —, as condições alteradas pareciam oferecer possibilidades muito maiores e melhores. Assim, descobri que, nos últimos sessenta e seis anos, a quantidade de soldados soviéticos na grande Berlim diminuiu visivelmente. Estima-se um número entre trinta e cinquenta homens, no que posso reconhecer de imediato que é uma perspectiva de sucesso extraordinariamente maior para o nosso exército, se comparado à última avaliação da minha equipe de aproximadamente dois milhões e meio de soldados inimigos apenas no front oriental.

Por um breve momento penso ter sido vítima de um complô, de um sequestro, no decorrer do qual o serviço secreto inimigo possivelmente me pregou uma peça cara capaz de extrair de mim, contra minha vontade férrea, segredos valiosos. Exceto que as exigências técnicas para criar um mundo totalmente novo, no qual eu também pudesse me movimentar livremente, essa variante da realidade, eram simplesmente inimagináveis como a verdade que eu descobria a cada segundo, que eu podia tocar, olhar. Não, nesse dia bizarro, conduzir a luta é o que importa. E o primeiro passo para isso sempre é o esclarecimento.

É possível imaginar sem muita dificuldade que a aquisição das mais recentes informações confiáveis sem a infraestrutura necessária trazia problemas consideráveis. As precondições para tanto eram supostamente ruins: no quesito política externa, nem a Defesa nem o Departamento de Relações Exteriores estavam disponíveis; no âmbito da política interna, um contato com a Gestapo, a polícia secreta, não seria uma tarefa fácil à primeira vista. Até uma visita à biblioteca nos próximos dias parecia muito arriscada. Tendo isso em vista, eu tinha à disposição o conteúdo de inúmeras publicações, cuja autenticidade eu não podia verificar, é claro, além de comentários e fragmentos de conversas dos transeuntes. Além disso, o jornaleiro foi gentil e permitiu que eu ligasse um rádio que, pelos avanços da tecnologia, fora reduzido a um tamanho incrivelmente pequeno. Porém, mudaram de forma assustadora os costumes da rádio Grossdeutsche Rundfunk de 1940 até hoje. Assim que o liguei, uma barulheira infernal soou, sendo interrompida quase sempre por um tagarelar inapreensível, totalmente impossível de entender. Continuei escutando e percebi que o conteúdo não mudou em nada, apenas a frequência da troca entre barulheira e tagarelices. Lembro-me de tentar por muitos minutos, e em vão, decifrar os ruídos daquela maravilha tecnológica, mas acabei desligando, decepcionado. Fiquei ali sentado, imóvel, por uns quinze minutos, quase em estado de choque, antes de decidir postergar meus esforços de escuta radiofônica. Por fim, fiquei relegado às publicações de imprensa disponíveis, cujo objetivo prioritário nunca fora prover um esclarecimento histórico genuíno, e é claro que hoje não poderia ser diferente.

Uma primeira pesquisa, que sem dúvida ficaria incompleta, resultou no seguinte:

1. Os turcos claramente não vieram nos ajudar.
2. Por causa do septuagésimo aniversário da Operação Barbarossa, havia diversas reportagens sobre o assunto, abordando principalmente seu reflexo na história alemã. Contudo, a operação era mostrada sob um prisma negativo. De forma geral, afirmava-se que a campanha não fora vitoriosa e, até mesmo, que a guerra fora perdida.

3. Consideram-me morto. Insinuem que cometi suicídio. E, é verdade, lembro-me de ter discutido em teoria essa possibilidade com meu círculo de camaradas próximos, e decerto me falta a lembrança de algumas horas de um período claramente difícil. Mas, no fim das contas, preciso apenas olhar para mim mesmo para reconhecer os fatos.

Então, será que eu estaria morto?

Porém, a situação dos nossos jornais não é segredo. Neles, o surdo anota o que o cego relata, o idiota edita e os colegas dos outros jornais copiam. Cada história é reformulada com o mesmo caldo podre de mentiras para que se sirva ao povo ingênuo, no fim das contas, a mistura “gloriosa”. Mesmo que, neste caso, eu estivesse pronto a aceitar totalmente a situação. É tão raro o destino deixar intervir em suas engrenagens que mesmo as mentes mais inteligentes dificilmente conseguem entendê-las. Que dirá os representantes medíocres de nossos conhecidos formadores de opinião.

4. Porém, no que diz respeito a outros fatos, seria o mesmo que trocar o cérebro por um estômago de javali. As avaliações militares, histórico-militares, políticas e de qualquer tema geral, até de economia, feitas pela imprensa de forma errônea, omitidas por falta de noção ou fora má vontade, devem ser ignoradas. Uma pessoa que realmente usasse o cérebro poderia simplesmente enlouquecer diante de tanta bobagem impressa.
5. Ou ter uma úlcera estomacal, de tanto que os cérebros insanos, ímpios e degenerados pela sífilis da imprensa marrom, claramente livres de qualquer controle estatal, se refestelam na sua visão de mundo totalmente fantasiosa.
6. O *Reich* Alemão parecia ter enfraquecido e virado uma espécie de “República Federal”, cuja liderança cabia aparentemente a uma mulher (“Primeira-ministra”), apesar de outros senhores terem ocupado o cargo antes.

7. Havia partidos novamente e, claro, aquela tagarelice improdutiva infalível que os acompanhava. A quase inerradicável social-democracia criava novamente seus monstros infrutíferos nas costas do povo alemão, que era tão sofrido. Outras associações aproveitavam-se de novo da riqueza do povo da forma que podem, e uma estimativa do seu “trabalho” — algo talvez surpreendente — não aparece em grande parte da imprensa mentirosa, que costuma ser muito favorável a elas. Por outro lado, as atividades do Partido Nazista não acontecem mais. Era possível que, devido a uma derrota não excludente no passado, as forças vitoriosas tenham dificultado o trabalho do partido, isso se a organização não tiver sido lançada à ilegalidade.
8. O *Völkischer Beobachter* não estava disponível em todos os lugares; ao menos, a banca do jornaleiro claramente liberal não exibia aquele jornal, nem qualquer publicação direcionada à nação alemã.
9. O território do *Reich* parecia ter sido reduzido; os Estados circundantes, contudo, permaneceram iguais em sua maioria. Até mesmo a Polônia conduzia sua existência antinatural sem impedimentos, mesmo que em parte fosse ex-território do *Reich*! Apesar de toda minha frieza, não consigo reprimir certa indignação. No primeiro momento, chego até a gritar na escuridão noturna da banca: “Como eu pude perder toda a guerra?!”
10. O marco do *Reich* não existe mais, apesar de a ideia formulada por mim de criar uma moeda válida em toda a Europa ter sido realizada por outros, provavelmente por alguns diletantes cabeças ocas do lado das forças vencedoras. Agora os pagamentos são feitos em uma moeda artificial chamada “euro” que, conforme esperado, é acompanhada por grande desconfiança. Isso eu poderia ter dito aos responsáveis pela sua implantação.
11. Parecia haver uma espécie de paz parcial; contudo, a *Wehrmacht*, as forças armadas, continuava como sempre em guerra, porém, recebera o nome de *Bundeswehr*, e suas condições eram invejáveis, sem dúvida, em virtude do avanço tecnológico. Se fosse possível

confiar nos números divulgados pelos jornais, dava praticamente para acreditar na invencibilidade dos soldados alemães em campo, com baixas apenas ocasionais. É possível imaginar minha preocupação quando penso, em meio a grunhidos, no meu destino trágico, nas noites amargas no bunker do *Führer*, debruçado e angustiado sobre cartas geográficas no centro de comando fervilhando, batalhando contra um mundo hostil e com o próprio destino. Naquela época, mais de quatrocentos mil soldados sangraram nos inúmeros fronts, e isso apenas no ano de 1945 — com essa tropa fabulosa de hoje, eu teria, sem dúvida, afundado os exércitos de Eisenhower no mar, e esmagado as hordas de Stalin como se fossem vermes nos Urais e no Cáucaso e tudo isso em poucas semanas. Essa foi uma das raras notícias realmente boas que li. Com isso, a futura conquista dos territórios a norte, leste, sul e oeste parecia ser tão pouco promissora com qualquer nova força armada quanto fora com as antigas. Por acaso, parecia ser culpa da reforma feita havia pouco por um jovem ministro, que deve ter feito parte do mais alto escalão, embora tivesse precisado bater em retirada por uma intriga tão ressentida quanto de professores universitários magoados. Não houve muita mudança na situação de hoje se comparada à Academia de Viena do passado, na qual eu apresentei meus croquis e desenhos, cheio de ilusão: invejosos, os espíritos menores e frustrados ainda destroçam o gênio novo, de orgulho imbatível, pois não conseguem aguentar que seu brilho ofusque de forma tão opressiva a luz fraca que não causa nada além de compaixão.

Pois é.

Porém, diante dessas circunstâncias gerais, com as quais preciso me acostumar, eu não conseguia verificar, inclusive com certa satisfação, que não havia ao menos um perigo agudo predominante, embora houvesse alguns problemas. Como de praxe a um espírito criativo, cuidei para que no fim das contas trabalhasse bastante, mas também descansasse muito, a fim de reter o frescor

costumeiro e a rapidez na reação. O jornaleiro, ao contrário, tratou de adotar uma postura profissional e abrir sua banca nas primeiras horas da manhã, e por isso eu, que com frequência estendia meus estudos até as primeiras horas do dia, não pude contar com um sono revigorante. O pior é que o homem tinha uma necessidade simplesmente enervante de conversar logo cedo, enquanto eu, nesse período do dia, em geral precisava de um tempo para me orientar. Logo na primeira hora ele apareceu todo animado na banca, perguntando:

— Olá, meu *Führer*, como passou a noite?

E, em seguida, escancarou o estabelecimento sem demora, permitindo que uma luz especialmente clara e ofuscante iluminasse a banca. Gemi alto, estreitei os olhos incomodados, esforçando-me para me lembrar das circunstâncias da minha estada. Eu não estava no bunker do *Führer*, isso logo ficou claro para mim. Se estivesse, teria submetido esse idiota à corte marcial para ser fuzilado. Esse terror matutino era, incondicionalmente, o mais puro enfraquecimento do moral militar, praticamente uma sabotagem! Ainda assim eu me contive, tomei consciência da minha situação atual, falei até para mim mesmo, de forma tranquilizadora, que esse cretino, pela sua profissão, não tinha alternativa e, com seu jeito bobalhão, provavelmente estava tentando fazer o melhor para mim.

— De pé — grasnou o jornaleiro —, venha, me ajude aqui! — E, em seguida, indicou com a cabeça vários suportes de revistas transportáveis, dos quais já havia arrastado um para fora.

Bufando, me ergui para, apesar de exausto, atender seu pedido. Era uma ironia: ontem eu conduzia a 12^a Armada, hoje eram prateleiras. Meu olhar deparou com uma nova edição da antiga revista de caça *Wild und Hund*. Algumas coisas nunca mudaram. Embora eu nunca tivesse sido um caçador apaixonado; ao contrário, sempre observei a caça de forma crítica, fui invadido por um desejo de fugir daquele ambiente estranho, passear no campo com um cão, observar de perto o ir e vir da natureza... Então parei de fantasiar. Em poucos minutos, arrumamos a banca de jornal dele para as vendas começarem. O jornaleiro trouxe duas cadeiras dobráveis para fora e

deixou-as ao sol diante da banca. Ofereceu-me um lugar, pegou um maço de cigarros do bolso da camisa, tirou alguns da abertura e passou-os para mim.

— Eu não fumo — falei, balançando a cabeça —, mas, mesmo assim, obrigado.

Ele botou um cigarro na boca, tirou o isqueiro do bolso da calça e o acendeu. Deu uma tragada, soltou a fumaça com prazer e disse:

— Ahhhh... e agora um café! Para o senhor também? Quer dizer, se o senhor quiser... Aqui só tenho café instantâneo.

Não era de se surpreender. Os ingleses ainda deviam estar bloqueando as vias marítimas, eu “deveria” conhecer suficientemente esse problema. Era compreensível que, na minha ausência, a nova liderança do *Reich*, nomeada ou seja lá como tenha conquistado o poder, tenha ficado assoberbada com a solução — e ainda estava. A população alemã, corajosa e passiva, precisava, como há tanto tempo, contentar-se com sucedâneos. Chamavam o substituto de café de *Muckefuck*, e logo me lembrei daqueles cereais melados, que precisavam ser consumidos forçosamente no lugar do delicioso pão alemão. E o patético jornalista passava vergonha diante do convidado, porque não tinha nada melhor para oferecer por causa da opressão dos parasitas britânicos. Era simplesmente ultrajante. Uma onda de emoção me invadiu.

— O senhor não pode fazer nada quanto a isso, meu bom homem. — Eu o acalmei. — De qualquer forma, não sou um amante do café. Mas agradeceria se me desse um copo d’água.

Assim, passei minha primeira manhã deste novo e estranho tempo ao lado do jornalista fumante, acompanhado pela firme intenção de estudar a população e obter novas informações sobre seu comportamento, até que o jornalista, com base em suas supostas relações, conseguisse talvez de fato uma pequena atividade para mim.

Nas primeiras horas eram os trabalhadores humildes e os aposentados que apareciam na banca. Não falavam muito, compravam cigarros, o jornal matutino, sendo o mais popular um chamado *Bild*, suponho que fosse devido ao fato de as letras serem incrivelmente grandes, de modo que as pessoas com problemas de visão tivessem como se manter informadas. Uma ideia excelente, tive que reconhecer em silêncio; o zeloso Goebbels nunca pensara

naquilo — com essa medida, com certeza teríamos inculcido ainda mais admiração nos cidadãos da terceira idade. Nos últimos dias de guerra que vivi, faltavam ímpeto, perseverança e disposição para o sacrifício nos mais velhos da milícia *Volkssturm*. Quem poderia imaginar que uma medida tão simples, como letras maiores, teria tamanho efeito?

Por outro lado, o papel era escasso em tempos de guerra. O rádio foi mesmo, no fim das contas, uma idiotice incurável.

Minha presença diante da banca culminou pouco a pouco nos primeiros problemas. Algumas vezes, sobretudo, houve entre os trabalhadores mais jovens uma certa animação, com frequência também reconhecimento, que era expressado nas palavras “irado” e “caraca”, totalmente incompreensíveis, eu sei, mas as expressões faciais demonstravam um respeito inegável.

— Ele não é ótimo? — O jornalista sorria para os clientes. — Não dá para perceber diferença nenhuma, não é?

— Nenhuma — concordou o cliente, um operário que devia ter uns vinte e cinco anos, dobrando o jornal. — Mas isso é permitido?

— O quê? — perguntou o jornalista.

— Ah, o uniforme e tudo o mais.

— O que há de errado em exibir o casaco de um soldado alemão? — perguntei, desconfiado, e também num tom um pouco irritado.

O cliente sorriu, provavelmente para me acalmar.

— Ele é bom mesmo. Não, quero dizer, o senhor faz isso profissionalmente, mas não precisa de uma permissão especial para se vestir assim em público o tempo todo?

— Era só o que faltava! — retruquei, indignado.

— O que eu quero dizer — disse ele, um tanto intimidado —, bem, por causa da constituição...

Aquilo me fez pensar. Ele não falava por mal e, de fato, a constituição do meu uniforme não era das melhores.

— Bem, concordo que ele está um pouco sujo — admiti, desapontado —, mas, mesmo suja, a vestimenta do soldado ainda é uma honra maior do que qualquer fraque limpo da falsa diplomacia.

— Por que seria proibido? — perguntou o jornalista envergonhado. — Não tem nem uma suástica nele.

— O que isso quer dizer? — gritei furioso. — Todos sabem muito bem a qual partido pertença!

O cliente se despediu balançando a cabeça. Quando foi embora, o jornalista pediu para que eu me sentasse novamente, e, com tranquilidade, virou-se para mim.

— Ele não estava totalmente errado — disse ele, amigável. — Os clientes estão estranhando. Sei que o senhor leva seu trabalho muito a sério, mas será que não poderia vestir outra coisa?

— Devo renegar minha vida, meu trabalho, meu povo? O senhor não pode exigir isso de mim — falei e voltei a me levantar. — Envergarei este uniforme até a última gota de sangue ser derramada. Não apunhalarei pelas costas as vítimas do movimento por uma traição rasteira como a de Brutus a César...

— O senhor precisa mesmo sempre se exaltar desse jeito? — perguntou o jornalista também um pouco impaciente. — Não tem a ver só com o uniforme...

— E tem a ver com o quê, então?

— Ele fede. Não sei de onde o senhor o tirou, mas era um velho uniforme de frentista, não era?

— Em campanha, o soldado raso também não pode trocar de casaco, e não serei vítima da decadência daqueles que se refestelavam atrás do front.

— Pode ser, mas pense no seu programa!

— Por quê?

— Bem, o senhor quer que seu programa seja um sucesso, não quer?

— Sim, e daí?

— O senhor já pensou o que vai acontecer quando alguém passar aqui para conhecê-lo? E então o senhor vai estar aí em pé, fedendo tanto que ninguém vai querer acender um cigarro ao seu lado.

— O senhor acendeu — retruquei. Mas faltou às minhas palavras a incisividade contumaz, pois tive de concordar, contra a minha vontade, com os argumentos dele.

— Sou bem corajoso. — Ele riu. — Vamos lá, dê um pulo em casa e pegue algumas roupas.

Outra vez, o atormentador problema da moradia.

— Eu já disse para o senhor que estou passando por um período difícil.

— Ora, mas sua ex deve estar trabalhando agora. Ou saiu para fazer compras. Por que o senhor se nega desse jeito?

— Pois bem — falei, hesitante —, este é um grande problema. A casa... — Naquele momento, enrolei-me um pouco com meus argumentos. Mas era uma situação degradante.

— O senhor não tem a chave, certo?

Dessa vez eu mesmo precisei rir diante de tanta ingenuidade. Eu nem sequer sabia se havia uma chave para o bunker do *Führer*.

— Não, hum, como eu poderia dizer? O contato foi... de alguma forma... interrompido.

— O senhor tem uma ordem restritiva?

— Não consigo explicar nem para mim mesmo — falei —, mas é algo assim.

— Meu Deus, mas quem diria? — disse o jornalista um tanto arredo. — O senhor aprontou alguma?

— Não sei — respondi com a maior sinceridade —, não me lembro do que ocorreu nesse meio-tempo.

— De qualquer forma, o senhor não me parece violento — observou ele, pensativo.

— Olhe — falei, arrumando a divisão do cabelo —, claro que sou um soldado...

— Muito bem, o senhor é um soldado — repetiu o jornalista. — Vou fazer mais uma proposta, porque o senhor é bom e porque eu também acredito nessas obsessões.

— Claro — confirmei o que ele acabara de dizer —, como qualquer pessoa razoável. É preciso perseguir os objetivos com toda a força, sim, com obsessão. O compromisso desapaixonado, mentiroso, é a raiz de todo mal e...

— Está bem, preste atenção. — Ele me interrompeu. — Amanhã trarei algumas coisas minhas. O senhor não precisa se preocupar, eu engordei um

pouco nos últimos tempos, por isso os botões não fecham mais — e, em seguida, olhou insatisfeito para a própria barriga —, mas devem lhe servir. Ainda bem que o senhor não é imitador de Göring.

— Por que deveria? — perguntei, irritado.

— E, então, levarei seu uniforme para a lavanderia...

— Eu não abandonarei o uniforme! — enfatizei, inflexível.

— Ótimo — disse ele, e de repente pareceu cansado —, então leve o senhor mesmo o uniforme para a lavanderia. Mas vai providenciar isso, não é? Que ele seja lavado.

Era ultrajante ser tratado como uma criancinha. Mas percebi que isso não mudaria enquanto eu andasse por aí sujo como uma criança. Por isso, assenti com a cabeça.

— Só vamos ter problemas com os sapatos — comentou ele. — Quanto o senhor calça?

— Quarenta e três — respondi, obediente.

— Os meus vão ficar pequenos para o senhor — comentou ele. — Mas vou pensar em alguma coisa.

É compreensível que surja no leitor, neste ou naquele momento, uma surpresa quanto à rapidez com a qual me submeti às condições da nova situação. Também não pode ser diferente, pois o leitor que por anos, até mesmo décadas da minha ausência, foi empanturrado com uma concepção histórica marxista disfarçada, vinda do caldeirão da democracia, talvez não seja capaz de, mergulhado nesse caldo, olhar além da borda do próprio prato. Não pretendo fazer nenhuma acusação aqui ao trabalhador honesto, ao bravo camponês. Como o homem simples protestará contra esse fato, se todos os supostos especialistas e acadêmicos sem importância, nas altas cátedras de seus pretensos templos do conhecimento, confirmam que o *Führer* está morto há mais de seis décadas? Quem se voltará contra o homem que, no meio da luta diária pela sobrevivência, não tem forças para dizer: “Onde está o *Führer* morto? Onde ele jaz? Mostre-me!”

E, obviamente, a mulher também.

Porém, se o *Führer* repentinamente surge onde sempre esteve, ou seja, na capital do *Reich*, então haverá confusão, a sobrecarga em cima da população será naturalmente tão terrível quanto a surpresa. E seria totalmente compreensível se eu também ficasse por dias, até semanas, em estupefação, imóvel, paralisado diante do incompreensível. Contudo, o destino quis que no meu caso fosse diferente. Possibilitou que logo eu cultivasse uma mente razoável, com esforços e privações em anos difíceis e cheios de aprendizado, uma mente forjada na teoria, mas temperada até se tornar uma arma perfeita no violento campo de batalhas da prática, de forma que pudesse desde então determinar meu futuro desenvolvimento quase de forma inalterada — e que também agora não precisa de nenhuma inovação moderna ou leviana, mas, ao contrário, auxilia-me a compreender o antigo e também o novo. Assim, no fim das contas, foi o mesmo pensamento de *Führer* que me arrancou de minha busca infrutífera por esclarecimentos.

Em uma das primeiras noites, rolei inquieto na minha poltrona, insone após leituras exaustivas, resmungando do meu destino difícil, até que de repente tive um estalo. Imediatamente me levantei, os olhos abertos pela inspiração. Eles espreitaram os grandes vidros com confeitos coloridos e tudo o mais. Foi o próprio destino, como metal incandescente derramado diante dos meus olhos interiores, que interferiu com sua mão invisível no curso dos acontecimentos. Bati com a mão espalmada na testa; era tão óbvio que eu mesmo me xinguei por não ter pensado naquilo antes. E também porque o destino, pela primeira vez, não tomou as rédeas da situação para mudar os acontecimentos a seu favor. Não fora exatamente em 1919, na pior época de miséria alemã? Não foi nesse período que um cabo do exército desconhecido levantou na trincheira? Apesar da opressão das circunstâncias pequenas, mínimas, na verdade, ele não acabou se revelando um orador de talento entre muitos, entre os desesperançados, logo ali, onde menos se esperaria? Esse talento também não se revelou um tesouro surpreendente de conhecimento e experiência, reunido nos dias mais amargos de Viena, uma curiosidade insaciável que fazia o adolescente com mente aguda absorver, desde a mais tenra juventude, tudo o que tinha relação com a história e a política? Conhecimentos dos mais valiosos, aparentemente armazenados ao acaso, mas, na verdade, acumulados com cuidado, ponto a ponto, pela providência, em um único homem? E ele, esse cabo invisível do exército, em cujos ombros milhões depositaram suas esperanças, não arrancou as amarras de Versalhes e da Liga das Nações, e, com a facilidade emprestada pelos deuses, não resistiu às batalhas forçadas com os exércitos da Europa, contra a França, a Inglaterra, a Rússia? Este homem, apenas com uma formação supostamente mediana, não levou a pátria ao píncaro mais alto da glória, enfrentando o julgamento unânime de todos os chamados especialistas?

Ou seja, este homem sou eu.

Cada acontecimento em especial ainda retumbava em meus ouvidos, cada fato específico do passado em si fora mais improvável do que tudo que vivenciei nesses últimos dois ou três dias. Meu olhar afiado como faca perfurou a escuridão entre um pote com pirulitos e um com balas de fruta, onde a luz clara da lua, tímida como um facho invernal, iluminava minha

inspiração repentina. É certo que, se um combatente solitário retirou um povo inteiro do lamaçal da perdição, um gênio incrível poderia surgir naturalmente uma vez a cada cem ou duzentos anos. Mas o que o destino faria se este trunfo precioso já tivesse sido descartado? Se, no material humano disponível, não houvesse uma mente a quem se poderia atribuir a presença de espírito necessária?

Então o destino precisaria preservá-lo, para o bem ou para o mal, das garras do passado.

E, sem dúvida, isso foi uma espécie de milagre, porém incomparavelmente mais fácil de lidar do que a tarefa de preparar para o povo, do latão barato disponível, uma espada nova e afiada. E enquanto essas visões começaram a acalmar meu pensamento errático com sua clareza lúcida, uma nova preocupação cresceu no meu peito já desperto. Pois essa conclusão empurrava ao mesmo tempo a outra, como uma pessoa que não fora convidada: se o destino precisou de tal prestidigitação — e não há forma melhor de definir isso —, então a situação, embora à primeira vista até parecesse calma, na verdade deveria ser ainda mais devastadora do que antes.

E o povo corria um perigo ainda maior!

Foi nesse momento que tomei consciência, de forma tão nítida como uma fanfarra, de que não era mais hora de perder tempo com reflexões acadêmicas, mergulhar na ponderação mesquinha sobre “como” e “se”, sendo que na verdade o “por que” e o “qual” eram aspectos muito mais importantes.

No entanto, ainda havia uma pergunta a ser respondida: por que eu, se tantos grandes nomes da história alemã esperavam por uma segunda chance de conduzir seu povo a uma nova glória?

Por que não um Bismarck, um Frederico II?

Um Carlos Magno?

Um Otão?

A resposta para essas perguntas chegou após as reflexões iniciais de forma tão tranquila que eu quase sorri de tão lisonjeado que estava. Pois a tarefa hercúlea que esperava ser cumprida de fato parecia adequada para colocar mesmo os homens mais corajosos, os grandes e os maiores alemães, no

devido lugar. Sozinho, por conta própria, sem o aparato do partido, sem a força governamental, valia confiar àquele que já havia mostrado que estava em condições de limpar o estábulo de Augias democrático. A pergunta que deveria ser respondida neste momento era: eu queria assumir todo aquele sacrifício doloroso novamente, uma segunda vez? Engolir todas as privações, engolir em seco até mesmo todo o desprezo? Pernoitar em uma poltrona bem perto de uma chaleira, na qual durante o dia salsichas simples de carne bovina eram preparadas para serem consumidas? E tudo isso por um povo que já deixou seu *Führer* ao léu na luta pelo seu destino? O que aconteceu mesmo com a intervenção do Grupo de Steiner? Ou com o de Paulus, aquele patife desonrado?

Mas aqui o caso era refrear o ressentimento e separar estritamente a ira justificada da raiva cega. Assim como o povo precisa defender seu *Führer*, o *Führer* também deve defender seu povo. O soldado raso, sob a liderança correta, sempre deu o seu melhor. Não há acusação a se fazer contra ele se não pode marchar confiante até o fogo inimigo, pois essa ralé de generais medrosos, que se esquece de suas obrigações, pisoteia com as botas a honrada morte soldadesca.

— Sim! — gritei para a escuridão da banca. — Sim! Eu quero! E vou! Sim, sim e sim, mais uma vez!

A noite me respondeu com o silêncio escuro. De repente, um grito solitário pôde ser ouvido nas proximidades:

— É isso aí! Tudo bunda-mole!

Eu deveria ter interpretado isso como um aviso. Ainda que naquela época eu soubesse dos inúmeros esforços, dos sacrifícios amargos que eu precisaria enfrentar em seguida e dos sofrimentos imensos da luta desigual, eu teria feito meu juramento com mais entusiasmo ainda, duas vezes mais alto.

Já os primeiros passos foram difíceis para mim. Não era, contudo, que me faltassem as forças; na verdade, eu parecia um idiota com roupas emprestadas. A calça e a camisa ficaram até aceitáveis. O jornaleiro trouxe para mim uma calça azul de um tecido que ele chamava de “djins”, além de uma camisa limpa de algodão vermelha e listrada. Na verdade, eu esperava terno e chapéu, mas ao observar melhor o jornaleiro, acabei, no fim das contas, perdendo as esperanças. Esse homem não vestia terno na própria banca de jornal e, pelo que pude observar, sua clientela se vestia de forma ainda menos burguesa. Chapéus, apenas para fins de integridade, eram ilustres desconhecidos. Decidi emprestar ao figurino, com meus meios humildes, o máximo de dignidade e, ao contrário da ideia bizarra do jornaleiro de usar a camisa solta por cima da calça, a enfiei o mais fundo que consegui no cós. Consegui apertar a calça um pouco larga com o meu cinto e puxei-a bem alto. Então, preendi meu suspensório por cima do ombro direito. A impressão geral não era de um uniforme alemão, mas, ao menos, eu parecia um homem que sabia se vestir com um pouco de decência. Porém, ainda havia o problema dos sapatos.

O jornaleiro trouxe, como me garantiu, na falta de outros conhecidos com tamanho adequado, um par nada convencional do filho adolescente. No entanto, era questionável se podíamos chamar aquilo de sapato. Era branco, imenso, com solas enormes, de forma que se andava com ele feito um palhaço de circo. Precisei me conter muito para não jogar o calçado ridículo na cabeça do jornaleiro idiota.

— Não vou usar isso — enfatizei —, vou ficar parecendo um palhaço estúpido!

Bastante chateado, ele fez uma observação na sequência, dizendo que também não estava de acordo com o jeito como eu vestia a camisa, mas eu o

ignorei. Apertei as pernas da calça nas panturrilhas e enfiei a calça *djins* dentro das botas.

— O senhor não quer mesmo parecer uma pessoa normal? — perguntou o jornaleiro.

— Onde acha que eu estaria se sempre tivesse feito tudo como as pessoas consideradas normais? — retruquei. — E onde estaria a Alemanha?

— Hum — respondeu o jornaleiro, tranquilo, e acendeu outro cigarro —, entendi tudo.

Ele dobrou meu uniforme e o enfiou numa sacola interessante. Não foi só o material que me chamou a atenção, que era uma espécie de tecido sintético muito fino, muito mais resistente e flexível que o papel. Interessante era a estampa: “Media Markt”. Provavelmente a bolsa já tinha servido como embalagem para o jornal idiota que eu vi embaixo do banco daquele parque. Isso provava que o jornaleiro, no fundo, era totalmente razoável — manteve a sacola útil, mas jogou fora o conteúdo imbecil. O jornaleiro me entregou a sacola, descreveu para mim o trajeto até a lavanderia e disse, alegre:

— Divirta-se!

Assim, pus-me a caminho, embora não fosse direto para a lavanderia. Meu primeiro destino foi voltar à área onde eu havia acordado. Apesar da minha coragem inabalável, eu não podia negar a vaga esperança de que alguém de outrora pudesse talvez ter me acompanhado até o presente. Encontrei o confiável banco do parque no qual havia descansado antes, então atravessei a rua com muito cuidado para cruzar os prédios pelo caminho até o terreno baldio. Já era final da manhã e o silêncio reinava lá. Os jovens hitleristas não estavam brincando, pois deviam estar na escola. O terreno estava vazio. Com a sacola na mão, segui hesitante até a poça quase seca ao lado da qual eu havia acordado. Tudo estava silencioso, ou tão silencioso quanto era possível numa cidade grande. Ouvia-se um ruído baixo de trânsito e também um zumbido.

— Psit — falei —, psit!

Nada aconteceu.

— Bormann — chamei em voz baixa. — Bormann! Está aqui em algum lugar?

Uma corrente de vento passou pelo terreno, uma lata vazia bateu na outra. Tirando isso, nada mais se movia.

— Keitel? — chamei em seguida. — Goebbels?

Mas ninguém respondeu. Muito bem. Então, melhor assim. Homens fortes são mais poderosos sozinhos. Como antes, isso continuava valendo, agora muito mais que no passado. Pois tudo estava claro. Eu teria de salvar o povo sozinho, bem como a Terra e a humanidade. E o primeiro passo na direção do destino me levava até a lavanderia.

Com a sacola na mão, voltei decidido para a rua, para o meu velho banco escolar, no qual aprendi as lições mais valiosas da vida. Atento, segui as orientações que me foram dadas, comparei as fileiras de casas e as vias, provei, pensei, pesei, ponderei. Uma primeira avaliação também mostrou-se positiva: o país, ou, no mínimo, a cidade, estava desatulado, organizado. No mais, era possível evidenciar uma situação pré-guerra satisfatória. Os novos Volkswagen seguiam confiantes, mais silenciosos que outrora, mesmo que não fossem esteticamente do gosto de todos. No entanto, o que turvava de pronto a visão clara eram os inúmeros rabiscos irritantes em todas as paredes. Eu já conhecia aquela técnica, pois naquela época em Weimar os assessores comunistas espalhavam em todo o lugar seu disparate bolchevista. E isso eu também sabia. Porém, no passado, era possível ler as palavras de ordem de cada lado. Agora verifiquei que as inúmeras mensagens, que o autor considerava importantes o suficiente para desfigurar a fachada das casas de cidadãos honestos, eram totalmente indecifráveis. Eu podia apenas esperar que esse analfabetismo fosse da corja esquerdista, mas como a legibilidade das mensagens durante o meu caminho não mudava nunca, tive que supor que atrás delas possivelmente também se escondiam informações importantes como “Acorde Alemanha” ou “*Sieg heil!*”, a saudação nazista. Diante de tanto diletantismo, a ira fervilhou em mim no mesmo instante. Era óbvio que o que faltava ali era uma liderança forte, uma organização firme. Além disso, era enervante pelo fato de que muitos desses escritos tinham sido feitos com variadas cores e um esforço visível. Ou será que durante a minha ausência tinham desenvolvido uma escrita própria para as palavras de ordem política?

Decidi pesquisar a questão a fundo e abordei uma senhora que levava seu filho pela mão.

— Desculpe-me incomodá-la, prezada senhora — falei, apontando com a mão livre para uma inscrição de parede qualquer —, o que está escrito ali?

— Como é que eu vou saber? — perguntou a senhora e lançou-me um olhar peculiar.

— Estes escritos também lhe parecem estranhos? — continuei a interrogá-la.

— Sim, às vezes — respondeu a senhora, hesitante, e continuou a puxar a criança. — Está tudo bem com o senhor?

— Não se preocupe — falei —, estou indo para a lavanderia.

— O senhor deveria ir ao barbeiro! — disse a mulher.

Virei a cabeça para o lado, curvei-me diante da janela de um automóvel moderno e observei meu rosto. A divisão do cabelo, se não excelente, ao menos estava muito boa, e meu bigode precisaria ser aparado dali a alguns dias, mas uma visita ao barbeiro naquele momento não era algo decisivo para a guerra. Era provável que fosse mais conveniente, calculei na hora, uma lavagem corporal mais completa no dia seguinte ou à noite, por motivos estratégicos. Então, tomei novamente meu rumo e passei por toda aquela propaganda de parede onipresente que poderia muito bem ser feita de ideogramas chineses. O que, no entanto, reparei também foi que grande parte da população estava equipada com receptores populares. Em inúmeras janelas, havia antenas de radar instaladas que, sem dúvida, serviam à radiodifusão. E se eu conseguisse falar pelo rádio, então, seria bem fácil conseguir novos camaradas fiéis. E não foi em vão que ouvi um programa de rádio que soava como músicos bêbados tocando, como se radialistas tagarelas lessem o que fora pintado nas paredes de forma tão incompreensível. Eu precisava apenas falar em alemão inteligível, isso deveria bastar — uma bagatela. Caminhei a passos largos, animado, confiante, e encontrei a uma curta distância a placa: “Yilmaz — Serviço de Limpeza Relâmpago”.

Parecia um pouco inesperado.

Certamente muitos jornais já sugeriam a existência de um público turco, mesmo que as circunstâncias de sua formação tenham permanecido obscuras.

E, obviamente, durante minha caminhada a pé notei um ou outro transeunte cuja origem ariana, para ser ameno, não parecia discutível apenas na quarta ou quinta geração, mas também nos últimos quinze minutos. Contudo, mesmo que não ficasse claro que função os estrangeiros étnicos desempenhavam aqui, sua atividade não parecia de grande importância. Também por esse motivo era difícil imaginar o domínio integral de empresas de médio porte a ponto de lhe dar um nome e, mesmo por motivos de propaganda econômica, minha experiência não compreendia bem batizar um “Serviço de Limpeza Relâmpago” com o nome “Yilmaz”. Desde quando um “Yilmaz” garantiria camisas limpas? Um “Yilmaz” entenderia no máximo, de modo razoavelmente satisfatório, da operação de uma carroça antiga puxada por burros. Porém, uma limpeza alternativa não era oferecida. E, principalmente, valia para pressionar o inimigo político pela velocidade. De qualquer forma, na verdade, eu precisava de uma limpeza relâmpago. Acossado por dúvidas consideráveis, marchei para dentro do estabelecimento.

Um carrilhão deformado me recebeu. O lugar cheirava a produtos químicos, era abafado, abafado demais para uma camisa de algodão, mas os uniformes extraordinários da força expedicionária alemã na África, a *Afrikakorps*, infelizmente não estavam disponíveis naquele momento. Não havia ninguém na loja. No balcão havia uma campainha, como aquelas dos hotéis.

Nada aconteceu.

Tocava uma música oriental lamuriosa, possivelmente numa área de trabalho, na qual, ao fundo, uma lavadeira anatoliana lamentava por sua terra distante — um comportamento surpreendente, ainda mais para quem teve a sorte de viver na capital alemã. Observei as peças de roupa que estavam penduradas e enfileiradas atrás do balcão. Estavam envolvidas por algo transparente — o material lembrava aquele da minha sacola. Em geral, tudo parecia ser enrolado nessa coisa. Já tinha visto algo daquele tipo em alguns laboratórios, mas o grupo químico IG Farben havia avançado de maneira formidável nos últimos anos. Segundo as informações que eu tinha, a fabricação do material dependia em grande parte da posse de petróleo e, por isso, era relativamente caro. Contudo, a maneira com a qual se lida aqui com

materiais sintéticos, e até mesmo a forma como se dirigem automóveis, leva a crer que o petróleo não é mais um problema. Será que o *Reich* teria nas mãos as jazidas romenas? Improvável. Será que Göring descobrira, no fim das contas, novas jazidas em solo nacional? Abri um riso amargo — Göring! Antes do petróleo na Alemanha, ele ainda encontraria ouro no próprio nariz. Aquele morfinômano incompetente! No que ele se transformou? Parecia mais plausível que houvessem encontrado outros recursos e...

— Senhor aguardar muito tempo?

Um europeu meridional com maçãs do rosto asiáticas olhou através de uma passagem da área dos fundos para o balcão.

— Muito! — respondi, impaciente.

— Por que não tocar? — Ele apontou para a campainha no balcão e bateu gentilmente com a mão espalmada em cima dela, que soou.

— Eu toquei *aqui!* — falei com ênfase e abri a porta de entrada. Ela soou novamente aquele carrilhão estranhamente distorcido.

— Devia ter tocado *aqui!* — disse ele, desinteressado, e bateu outra vez na campainha do balcão.

— Um alemão toca apenas uma vez — retruquei, irritado.

— Então, tocar *aqui* — insistiu o mestiço tintureiro de origem incerta, e bateu de novo com a mão aberta na campainha.

De repente, fiquei com muita vontade de enviar uma tropa da SA para dilacerar o tímpano dele com a própria campainha. Ou ainda melhor: os dois tímpanos, assim ele poderia explicar para a clientela no futuro para onde teria de acenar quando entrasse. Suspirei. Era bem irritante ter que dispensar a equipe de emergência mais simples. A questão teria de esperar até que alguma coisa neste país entrasse nos eixos, mas comecei a montar mentalmente uma lista dos detratores do povo, e a “Lavanderia do Yilmaz” seria uns dos primeiros. Nesse meio-tempo, não me restava mais nada além de tirar do alcance dele a campainha do balcão.

— Diga-me uma coisa — comecei, ríspido —, o senhor também limpa as coisas? Ou lá de onde o senhor vem os tintureiros só servem para tocar campainhas?

— Que senhor querer?

Deixei minha sacola no balcão e tirei o uniforme dali. O homem fungou de leve, então disse:

— Ah, o senhor ser frentista. — E puxou o uniforme para si, imperturbável.

Poderia ser indiferente para mim a opinião de um não eleitor de uma raça estrangeira qualquer, mas ainda assim eu não estava conseguindo ignorar totalmente aquilo. Bem, o homem não era daqui, mas será que eu podia ter caído no esquecimento dessa forma? Por outro lado, o povo no passado me conhecia pelas fotos da imprensa que, em geral, me exibiam num ângulo lateral especialmente favorável. E o encontro ao vivo, com frequência, parece ser surpreendentemente diferente.

— Não — respondi, determinado —, não sou *frentista*.

Em seguida, olhei na direção dele um pouco para cima, para mostrar-lhe claramente, graças ao meu ângulo mais fotogênico, quem estava diante dele. O tintureiro não me fitava com tanto interesse, mais por decência, porém, eu não parecia um estranho completo. Apoiado no balcão, ele se curvou para a frente e olhou para a calça impecavelmente enfiada nas minhas botas de cano alto.

— Sei lá... senhor é pescador famoso?

— Agora foi longe demais — gritei, enérgico e também bastante decepcionado. Até mesmo no jornaleiro, que certamente não era um gênio, eu consegui suscitar certo conhecimento prévio. E agora isso! Como eu poderia voltar à Chancelaria do *Reich* se ninguém me reconhecia?

— Um momento — disse o imigrante idiota —, eu buscar filho. Sempre ver televisão, sempre ver *intanete*, ele saber tudo. Mehmet! Mehmet!

Não demorou até que o tal Mehmet viesse até o balcão. Um jovem já crescido, razoavelmente limpo, chegou arrastando os pés com um amigo ou irmão. A herança genética daquela família não deveria ser subestimada, pois os dois vestiam roupas antigas de irmãos ainda maiores, na verdade, irmãos gigantescos. Camisas que mais pareciam lençóis, calças incrivelmente largas.

— Mehmet — disse o genitor e apontou para mim —, conhece o cara?

— Pô, velho, claro que conheço! É o cara que sempre faz aquelas coisas nazistas...

Ah, ao menos isso! Sem dúvida, uma formulação um pouco chula, mas, no fim das contas, satisfatória.

— Chama-se nacional-socialismo — corrija-o, benevolente — ou política nacional-socialista, pode-se dizer assim também. — Satisfeito, olhei confiante para o “Yilmaz da Lavanderia”.

— É aquele comediante, o Stromberg — afirmou Mehmet, decidido.

— Caramba — disse o colega. — Stromberg na sua lavanderia!

— Não — corrigiu-se Mehmet —, é o outro Stromberg. Aquele da imitação do canal Switch, no YouTube!

— Caraca! — O colega reformulou levemente sua afirmação: — O outro Stromberg! Na sua lavanderia.

Eu gostaria de ter respondido algo, mas sou obrigado a confessar que fiquei simplesmente estarecido. Quem eu era mesmo? Frentista? Pescador? Comediante?

— Me dá um autógrafo? — perguntou Mehmet, feliz.

— Ah, sim, Sr. Stromberg, um para mim também — pediu o camarada —, e uma foto! — Então, ele apontou um pequeno aparelho para mim, como se eu fosse um cachorrinho e o aparelho, um petisco especial.

Foi o suficiente para me fazer subir pelas paredes de raiva.

Recebi um tíquete para a retirada da roupa, deixei os dois amigos estranhos tirarem uma foto comigo e saí da lavanderia, não sem antes ter assinado com um lápis de cor dois pedaços de papel de embrulho. Houve ainda uma pequena crise enquanto eu autografava, quando viram que eu não havia assinado “Stromberg”.

— Ah, entendi. — O colega tranquilizou, mesmo que não tenha ficado claro se ele queria acalmar Mehmet ou a mim. — Esse aí não é Stromberg!

— Não mesmo — completou Mehmet. — O senhor não é ele. É o outro.

Tenho que confessar que subestimei a dimensão daquela tarefa. No passado, após a Grande Guerra, ao menos eu era um homem sem nome, do povo. Agora eu não era o Sr. Stromberg, mas o outro. O homem que sempre fazia as coisas nazistas. O homem que não se importaria com qual nome assinaria num pedaço de papel de embrulho.

Algo precisava acontecer.

E depressa.

Felizmente, aconteceu algo nesse meio-tempo. Quando voltei para a banca de jornal, imerso em pensamentos, eu vi o jornalista conversar com dois outros senhores, ambos com óculos de sol. Eles vestiam ternos, mas sem gravata, não eram velhos, e deviam ter cerca de trinta anos. O mais baixo deles possivelmente era ainda mais jovem, mas eu não podia julgar claramente daquela distância. Fiquei surpreso que apesar do terno bem cortado, o mais velho tinha uma inacreditável barba por fazer. Quando me aproximei, o jornalista acenou para mim, entusiasmado.

— Venha, venha! — E virou-se novamente para os homens, dizendo: — Aí está ele! Ele é ótimo. É de enlouquecer! Com certeza vai fazer os outros virarem fumaça.

Não me apressei. Um verdadeiro líder, um *Führer*, percebe logo, já nos mínimos detalhes, quando outros tentam tomar para si o controle de uma situação. Quando dizem “venha, venha”, o verdadeiro *Führer* sempre tentará evitar ações aceleradas, uma interpretação errônea apressada, mostras de uma preocupação especial onde outros aumentarão a velocidade de forma impensada como galinhas acossadas. Claro que há momentos nos quais a pressão também é necessária. Por exemplo, quando se está em uma casa e um incêndio tem início, ou quando se pode cercar um grande número de destacamentos ingleses e franceses em um movimento de pinça e derrubar até o último homem. Porém essas são situações mais raras, como se acredita, e, no dia a dia, a prudência — obviamente, sempre em cooperação com a decisão ousada! — prevalece na maioria esmagadora dos casos, assim como, em face ao horror na trincheira, também sobrevive com frequência aquele que atravessa a linha com cabeça fria, pitando um cachimbo, em vez de lançar-se logo num falatório lamurioso aqui e ali. Por outro lado, fumar cachimbo e fazer fumaça não garantem a sobrevivência em situações de crise. Na Grande Guerra, é óbvio que fumadores de cachimbo também foram

mortos, e somente um cretino acreditaria que fumar cachimbo seria uma forma de proteção. Além disso, as coisas podem funcionar totalmente sem cachimbo e sem tabaco quando, por exemplo, não se fuma de jeito nenhum, como eu.

Era isso que eu estava pensando quando o jornaleiro veio impaciente até mim. Não demorou muito até que ele me empurrasse feito uma mula para a pequena “conferência”. Talvez eu tenha resistido um pouco, pois teria me sentido mais à vontade em meu uniforme, no fim das contas. Contudo, naquele momento, o uniforme não teria ajudado em nada.

— Aí está ele — repetiu o jornaleiro com uma empolgação nada habitual. — E estas... — disse ele, estendendo a mão para os dois senhores — estas são as pessoas das quais eu lhe falei.

O mais velho estava ao lado de uma das pequenas mesinhas altas e, com uma das mãos no bolso da calça, bebia café de um copo descartável, como eu já tinha visto vários outros trabalhadores fazerem nos dias anteriores. O mais jovem deixou o copo na mesa, empurrou os óculos escuros para a linha do cabelo fixado com muito gel e disse:

— Então, o senhor é o garoto prodígio. Bem, ainda precisa trabalhar no uniforme.

Observei-o de forma breve e superficial e me virei para o jornaleiro:

— Quem é este aí?

O rosto do jornaleiro ruborizou-se no mesmo instante.

— Estes senhores são de uma *produtora*. Eles fornecem material para as grandes emissoras alemãs. MyTV! RTL! Sat 1! Pro Sieben! Todos os canais privados! É isso mesmo, não é? — Ele direcionou a última pergunta para os dois homens.

— É isso mesmo — confirmou o mais velho, com certa arrogância. Em seguida, tirou a mão do bolso, estendeu-a para mim e disse: — Sou Joachim Sensenbrink. E este é Frank Sawatzki, que trabalha comigo na Flashlight.

— Muito prazer — falei e apertei a mão dele. — Adolf Hitler.

O mais jovem abriu um sorrisinho, o que me pareceu quase presunçoso.

— Nosso amigo em comum já falou maravilhas do senhor. Queremos ouvi-lo! — Então, com aquele sorrisinho forçado, ele juntou dois dedos em

cima do lábio superior e disse: — Desde as cinco horrras e quarrrenta e cinco minutos da madrrrrugada, respondemos ao fogo com fogo!

Eu me volvei para ele e o observei atentamente. Deixei por um breve momento que o silêncio tomasse conta do ambiente. O silêncio em geral é subestimado.

— Então — comecei —, o senhor gostaria de falar sobre a Polônia. Muito bem. O que exatamente o senhor sabe sobre a história da Polônia?

— Capital Varsóvia, invadida em 1939, dividida com os russos...

— Isso — retruquei rapidamente — é o que os livros dizem. Qualquer traça pode devorar esse tipo de coisa. Responda à minha pergunta!

— Mas eu...

— Minha pergunta! O senhor não fala alemão? O quê! O senhor! Sabe! Sobre! A história da Polônia?!

— Eu...

— O que o senhor sabe sobre a história da Polônia? Conhece o contexto? E o que sabe sobre a mistura racial polonesa? O que o senhor sabe sobre a conhecida política alemã na Polônia após 1919? E se o senhor fala sobre reagir aos ataques com tiros, sabe, afinal, por quê?

Fiz uma pequena pausa para deixá-lo respirar. É preciso atropelar o inimigo político no momento certo. Não quando ele não tem nada a dizer, mas quando tenta dizer algo.

— Eu...

— Se o senhor ouviu meu discurso, então conhece a continuação, não é?

— Sim...

— Ouvi alguma coisa?

— Mas não estamos aqui para...

— Vou ajudá-lo: “De agora em diante”... Consegue continuar?

— ...

— “De agora em diante, responderemos com bomba.” Anote isso, talvez um dia perguntem outra vez ao senhor sobre as grandes frases da História. Mas talvez o senhor seja melhor na parte prática. O senhor dispõe de um milhão e quatrocentos mil homens e trinta dias para conquistar um país inteiro. Trinta dias e nada mais, pois no Ocidente, franceses e ingleses febris estão se

armando. Por onde começará? Quantos grupos do exército o senhor formará? Quantas divisões o inimigo tem? Onde espera a maior resistência? E o que o senhor fará para que os romenos não interfiram?

— Os romenos?

— Perdoe-me, estimado senhor. Tem razão, é claro: quem se interessa pelos romenos? O senhor general aqui marcha tranquilo para Varsóvia, para Cracóvia, a qualquer momento, não olha para a esquerda, não olha para a direita, e por que deveria, visto que os poloneses são um adversário fácil, o clima está ótimo, as tropas são fantásticas, mas, nossa!, o que aconteceu? Nosso exército tem furinhos no meio das costas e desses furos escorre o sangue nobre dos heróis alemães, porque, de repente, milhões de balas de metralhadoras romenas foram enfiadas nas costas de centenas de milhares de soldados alemães. Mas como isso aconteceu? Mas como é que pode? Nosso jovem senhor general aqui provavelmente se esqueceu da aliança militar polaco-romena? Por acaso, o senhor esteve na *Wehrmacht*? Não consigo imaginá-lo de uniforme, mesmo com a maior boa vontade. O senhor não encontraria o caminho da Polônia para nenhum exército do mundo, não encontraria nem mesmo seu próprio uniforme! Eu, ao contrário, posso lhe dizer a qualquer momento onde está meu uniforme. — E, com isso, tirei do bolso da minha camisa o tíquete de retirada na lavanderia e bati o papel na mesa com mão espolmada. — Na lavanderia!

Então, o senhor mais velho, Sensenbrink, fez um ruído estranho, e das narinas dele voaram dois esguichos de café na minha camisa emprestada, na do jornaleiro e na dele próprio. O mais jovem o observava ao seu lado, confuso, enquanto o mais velho começou a tossir.

— Isso é jogar sujo. — Ele arfou, encurvado na mesa, buscando ar. Depois enfiou a mão no bolso da calça, tirou um lenço e liberou as vias aéreas com esforço. — Eu pensei — rouquejou ele —, eu pensei primeiro que fosse um número militar, um pouco como aquele comediante, o treinador Schmidt. Mas o senhor acabou comigo ao falar da lavanderia.

— Eu não disse?! — O jornaleiro festejou. — Eu não disse para os senhores?! O homem é genial. E ele é mesmo!

Eu não sabia exatamente como deveria interpretar o jorro de café e os comentários. Para mim, nenhum desses dois homens da radiodifusão eram simpáticos ou agradáveis na República de Weimar. Era necessário suportar, em medida certa e inevitável, esses fracotes das rádios. Além disso, até aquele momento eu não havia dito nada, ou melhor, nada daquilo que tinha para falar ou que pensei em falar. Ainda assim, pude sentir um reconhecimento considerável.

— O senhor é bom! — Sensenbrink perdeu o fôlego. — De verdade. Só colocar uma boa base e pronto! Fica perfeito. Muito bom. E parece tão espontâneo! Mas é claro que preparou o número, não foi?

— Que número?

— O número da Polônia! Ou vai me dizer que tirou da manga?

Sensenbrink parecia, de fato, entender um pouco mais sobre a questão. Mesmo em um ataque relâmpago não se tira nada da manga. Talvez ele já tivesse lido as teorias militares do teórico Guderian.

— Claro que não. — Assenti para ele. — O número da Polônia estava pronto desde junho.

— E aí? — continuou ele, enquanto olhava para a própria camisa meio arrependido, meio divertido. — O senhor tem mais alguma coisa como essa preparada?

— Como... mais?

— Ah, um programa — disse ele — ou outros textos.

— Claro! Escrevi dois livros!

— Inacreditável! — exclamou ele, surpreso. — O senhor não poderia ter chegado em hora melhor. Quantos anos tem?

— Cinquenta e seis — respondi, sem hesitar.

— Óbvio, não é? — Ele riu. — O senhor mesmo faz a maquiagem? Ou tem um maquiador?

— Normalmente não, apenas em filmagens.

— Apenas em filmagens. — Ele riu novamente. — Muito bom. Olhe só, quero apresentar o senhor para algumas pessoas da produtora. Onde posso encontrá-lo?

— Aqui — respondi com firmeza.

Nesse momento, o jornalista me interrompeu e acrescentou:

— Expliquei para os senhores que a situação pessoal dele no momento ainda está um pouco... confusa.

— Ah, sim, claro — disse Sensenbrink. — O senhor é, como posso dizer, um sem-teto...?

— No momento, não tenho um teto — admiti —, mas meu lar é a Alemanha!

— Entendo — disse Sensenbrink, virando-se para Sawatzki, mostrando ser o mais experiente. — Bem, assim não vai dar. Arranje alguma coisa para ele. O homem precisa se preparar. Pode ser muito bom, mas se ele se apresentar assim para a Sra. Bellini, ela vai mandá-lo embora antes que a gente perceba. Não precisa ser o hotel Adlon, não é?

— Uma morada humilde basta para mim — falei, concordando —, pois o bunker do *Führer* não era nenhum palácio de Versalhes.

— Ótimo — confirmou Sensenbrink. — O senhor não tem mesmo um empresário?

— Um o quê?

— Não importa. — Ele se esquivou. — Então estamos de acordo. Quero que essa questão seja decidida o mais rápido possível; devemos apresentá-lo ainda esta semana. Então, quando o senhor vai pegar seu uniforme de volta?

— Talvez hoje à noite. — Eu o tranquilizei. — Será, pelo visto, uma limpeza relâmpago.

Ao ouvir essas palavras, ele teve um ataque de riso.

A primeira manhã na minha nova morada, apesar dos acontecimentos perturbadores até então, transformou-se na mais difícil da minha vida. A grande conferência na produtora foi postergada, o que veio a calhar para mim. Não seria tão presunçoso de acreditar que não era necessário ter conhecimentos consideráveis sobre o presente. Contudo, uma coincidência me abriu uma nova fonte para essas informações: o aparelho de televisão.

O formato do aparelho havia mudado tanto desde os primeiros modelos de 1936, que eu não o reconheci de imediato. No início pensei que aquela placa lisa e escura no meu aposento fosse uma espécie de obra de arte curiosa. Em seguida, supus, com base no formato plano, que ela serviria para manter minha camisa sem vincos durante a noite, e, como muitas coisas nessa nova época, demandava tempo para se acostumar com elas, fosse pelos novos conhecimentos ou pela paixão por formas peculiares. Assim, nesse meio-tempo, considerava-se adequado instalar, em vez de um banheiro, uma espécie de pia cara no quarto. Não havia mais banheira; para isso, fora instalado um chuveiro na cabine de vidro mais ou menos dentro do aposento. Por muitas semanas ainda considerei aquele um sinal de humildade, até mesmo de pobreza do meu alojamento, até eu aprender que, nos círculos de arquitetura de hoje, aquilo era visto como inventivo e especialmente avançado. Assim, foi necessária uma coincidência para que eu notasse o aparelho televisivo.

Eu havia me esquecido de pendurar a placa de “não perturbe” na porta do meu quarto, por isso, uma camareira entrou enquanto eu ajeitava o meu bigode na frente do varal. Ao me virar, surpreso, ela se desculpou, disse que voltaria mais tarde e, ao sair, seu olhar voltou-se para o aparelho onde estava pendurada a minha camisa.

— A televisão não está funcionando direito? — perguntou ela e, antes que eu pudesse responder, agarrou uma caixinha e ligou o aparelho. No mesmo

instante, surgiu uma imagem nele, a qual ela mudou várias vezes ao apertar os botões da caixinha. — Funciona — afirmou ela, satisfeita. — Eu pensei que...

Então desapareceu e me deixou lá.

Com cuidado, retirei a camisa do aparelho. E peguei a caixinha.

Então, aquilo era um aparelho de televisão moderno. Era preto, não tinha interruptores, botões, nada. Segurei a caixinha na mão, apertei aleatoriamente o botão de número um, e o aparelho funcionou. O resultado foi decepcionante.

Vi um cozinheiro picando legumes. Inacreditável! Havia desenvolvido uma tecnologia tão avançada e a utilizavam para supervisionar um cozinheiro ridículo? Bem, não era possível realizar Jogos Olímpicos todos os anos, nem em todos os horários, mas devia estar acontecendo algo mais importante do que esse cozinheiro em algum lugar da Alemanha ou até mesmo do mundo! Pouco depois entrou em cena uma mulher que conversava alegremente com o cozinheiro sobre os legumes picadinhos. Fiquei boquiaberto. Havia ali uma possibilidade maravilhosa, grandiosa, de propaganda à disposição do povo alemão, e ela era simplesmente desperdiçada com a preparação de anéis de alho-poró? Fiquei tão furioso que, num primeiro momento, poderia ter atirado o aparelho pela janela, mas, então, percebi que a caixinha continha muitos outros botões que podiam ser apertados. Assim, pressionei o número dois e o cozinheiro desapareceu de imediato para dar lugar a outro cozinheiro, que explicava, com grande orgulho, a diferença entre dois tipos de nabos. Uma dama no mínimo notável, como aquela ao lado do primeiro cozinheiro, também estava ao lado do segundo, admirada com as sabedorias desse “Abominável Homem dos Nabos”. Nervoso, apertei o número três. Nunca imaginei que o moderno seria desse jeito.

O abominável desapareceu, e surgiu uma mulher gorda, também diante de um forno. Porém, a preparação da receita nesse caso ficava em segundo plano, pois a mulher também disse o que havia para comer hoje; em vez disso, afirmava que o dinheiro estava muito curto. No fim das contas, aquela era uma boa notícia para um político — a questão social não fora resolvida nos

últimos sessenta e seis anos. Não se podia esperar nada diferente desses falastrões democratas.

Porém, era surpreendente que a televisão tratasse desses assuntos de forma desbragada — comparada à reta final de uma corrida de cem metros, a gorda lamuriosa era muito tranquila. Por outro lado, fiquei bastante feliz por finalmente não se dar importância maior ao processo culinário, muito menos à gorda. A preocupação dela concentrava-se numa figura jovem e desmazelada, que se aproximou pela lateral, disse algo que soou como “grmmmschl”, e que foi apresentada por um narrador como Menndi. Esta, conforme foi explicado, seria a filha da gorda, e ela acabara de perder um emprego como estagiária. Eu fiquei surpreso por alguém ter dado àquela Menndi um trabalho, ouvi como ela recusava de chofre qualquer alimento da panela, dizendo ser uma “porcaria”. Por mais desagradável que aquela jovem desalinhada pudesse ser, sua ausência de apetite não causava surpresa alguma pela indiferença com a qual a mãe gorda abria uma caixinha de papelão e jogava o conteúdo de forma negligente na panela. E o mais surpreendente não foi a mãe ter jogado a caixinha também. Balançando a cabeça, apertei novamente o botão, e agora o terceiro cozinheiro cortava a carne em cubinhos e falava sem parar sobre a forma como ele segurava a faca e por quê. Ao lado dele, também havia uma funcionária jovem loura, que assentia, impressionada. Exasperado, desliguei o aparelho e tomei a decisão de nunca mais assistir àquilo. Em vez disso, faria mais uma tentativa com o rádio, quando confirmei, após examinar com cuidado o aposento, que não havia rádio ali.

Se até naquele alojamento humilde não havia rádio, e só um aparelho de televisão, então era inevitável concluir que o aparelho de televisão tornou-se o mais importante dos dois meios de comunicação.

Sentei-me na cama, consternado.

Admito que no passado eu sentira orgulho de ter precisado de um longo estudo independente para desmascarar as mentiras judaicas distorcidas da imprensa com clareza lampejante. Porém, minha capacidade não me ajudava naquela situação. Aqui havia apenas a barafunda do rádio e a culinária televisiva. Que verdade deveria estar escondida ali?

Eram nabos de mentira?

Eram alhos-porós de mentira?

Como aquele era o meio de comunicação da época — e não havia dúvida quanto a isso —, então não me restava escolha. Eu precisava começar a entender aquele aparelho de televisão, precisava absorvê-lo, mesmo que ele fosse tão mentalmente deficiente e detestável como a comida de caixinha da gorda. Eu me levantei decidido, enchi uma jarra de água na pia, peguei um copo, bebi um gole e sentei-me armado dessa forma diante do aparelho.

Liguei-o novamente.

No primeiro canal, o cozinheiro do alho-poró havia terminado sua preparação, e, em vez dele, um jardineiro falava sobre caramujos e a melhor maneira de combatê-los, para a admiração de uma funcionária da televisão, que assentia com a cabeça. Era algo obviamente de suma importância para a alimentação do povo, mas como conteúdo de um programa de televisão? Talvez me parecesse tão supérfluo porque, segundos depois, quase com as mesmas palavras, outro jardineiro comentava o mesmo no lugar do cozinheiro dos nabos. Por isso, cresceu em mim certa curiosidade se, nesse meio-tempo, seria possível que a mulher gorda também tivesse sido mandada para um jardim para combater, em vez da própria filha, caramujos. Mas não foi isso que aconteceu.

O aparelho obviamente entendera que eu tinha visto outros programas, pois um narrador resumiu para mim o que acontecera. Menndi, assim descreveu o narrador, perdera sua vaga de estagiária e não quis comer o que a mãe preparara. A mãe estava infeliz. Além disso, exibiram outra vez aquelas cenas que eu tinha visto quinze minutos atrás.

— Está bem, está bem! — falei em voz alta para o aparelho entender também. — Mas não precisa contar em tantos detalhes, não estou senil.

Apertei o próximo botão. E encontrei algo novo. O cozinheiro com as carnes desapareceu, também não havia jardineiros dando palestra; em vez disso, estavam sendo exibidas as aventuras de um advogado, claramente uma espécie de sequência em episódios. O advogado tinha uma barba de Buffalo Bill, e todos os atores falavam e se movimentavam como se a era do filme mudo tivesse acabado no dia anterior. De modo geral, era um trabalho muito

amador, durante o qual acabei rindo alto várias vezes, mesmo que depois não tivesse ficado claro para mim por que — talvez fosse apenas pelo alívio de que ninguém cozinhava ou cuidava da proteção de pés de alface.

Apertei outro botão, quase de forma rotineira, mudando para outros programas. Pareciam ser mais antigos, a qualidade da imagem oscilava muito, e mostravam a vida na fazenda, médicos, detetives. Mas em nenhuma dessas apresentações os atores alcançaram a qualidade bizarra do advogado Buffalo Bill. O objetivo parecia ser, em geral, apresentar uma diversão simplória durante o dia. O que me surpreendeu. Claro que no passado também observei com alegria que, mesmo no difícil ano de guerra de 1944, o público festejou e também se distraiu com o filme *Die Feuerzangenbowle*, mas na maioria dos casos assistiam à atração com o astro Heinz Rühmann à noite. A situação hoje deve estar mesmo muito ruim para o povo assistir no meio da tarde a um entretenimento tão leve quanto o ar. Perplexo, continuei minha busca no aparelho e parei, surpreso.

De fato, um homem estava sentado diante de mim, lendo um texto que parecia conter notícias; porém, era difícil dizer com absoluta certeza. Pois enquanto ele estava sentado a uma escrivaninha lendo as notícias, o tempo todo corriam faixas com dizeres pela tela, muitas com números, outras com textos, como se aquilo que o narrador apresentava fosse tão desimportante que, enquanto isso, era possível acompanhar bem as faixas com dizeres ou vice-versa. Se alguém quisesse acompanhar tudo, com certeza um derrame cerebral seria inevitável. Com os olhos ardendo, continuei mudando de canal, e cheguei a um que fazia o mesmo, embora as cores das faixas com texto fossem diferentes e fosse outro apresentador. Mobilizando todas as minhas forças, tentei por um minuto assimilar o que estava acontecendo. Parecia haver certa importância no fim das contas: a atual chanceler alemã estava anunciando algo, só que era impossível entender o que estava sendo dito. Eu me ajoelhei diante do aparelho, tentei, quase desesperado, cobrir com as mãos a barafunda indigna de palavras e me concentrar no que ela falava, contudo, sempre aparecia uma nova bobagem passando por quase todos os pontos possíveis da tela. Hora, índices da bolsa de valores, cotação do dólar, temperatura do canto mais recôndito da Terra, enquanto da boca do

apresentador saíam aspectos impassíveis dos acontecimentos mundiais. Era como se tirassem essas informações de um hospício.

E como se não bastasse o insensato jogo maluco, um reclame surgia de forma tão frequente quanto repentina, de uma empresa da qual era possível adquirir as viagens de férias mais em conta, uma afirmação que inúmeras outras empresas anunciavam de forma idêntica. Era impossível para um ser humano não ficar com aquilo na cabeça, mas todos pertenciam a um grupo chamado WWW. Eu só podia esperar que, no fim das contas, por trás do nome moderno estivesse a organização *Kraft durch Freude*, “Força pela Alegria”. Por outro lado, era totalmente inimaginável que uma mente tão esperta quanto a de Robert Ley tivesse inventado algo assim, que soava como um trava-língua balbuciado dentro de uma piscina.

Não sei mais como pude reunir forças para formar um pensamento próprio naquela situação, porém, uma ideia passou pela minha cabeça: aquela loucura organizada era um truque propagandístico refinado. Evidentemente, o povo não devia perder a coragem diante das notícias mais terríveis, porque as legendas constantes sinalizavam, tranquilizadoras, que o que era anunciado pelo apresentador não seria tão importante a ponto de não ser possível se concentrar também nas notícias esportivas que passavam embaixo. Assenti, concordando. Com essa técnica, no meu tempo, teria sido possível informar muitas coisas ao povo de forma aleatória. Talvez não necessariamente Stalingrado, mas, digamos, a aterrissagem das tropas aliadas na Sicília. E então tirariam, ao contrário, as faixas com texto e no silêncio se diria: “Hoje, as heroicas tropas alemãs devolveram a liberdade ao *duce*”!

Imagine o impacto que *isso* teria causado!

Para me recuperar, voltei para as programações mais silenciosas e, por curiosidade, ao canal com a mulher gorda. Será que ela teria mandado a filha degenerada para uma instituição de custódia? Como seria a aparência do marido dessa mulher? Seria um desses camaradas indiferentes que preferiam se esconder nas tropas de motoristas do nacional-socialismo?

O canal reconheceu de pronto meu retorno e voltou, mais que depressa, a resumir para mim os acontecimentos. A adolescente Menndi, de dezesseis anos, assim dizia a voz do narrador de antes, num tom de grande importância

e urgência, perdera a vaga de estágio, e após voltar para casa não quis desfrutar da comida preparada com tanto amor pela mãe. A mãe, por sua vez, estava infeliz e procurou ajuda com uma vizinha.

— Mas o senhor não avançou nada — informei ao narrador num tom de censura, mas prometi a ele dar uma outra olhada depois se algo mais acontecesse.

Ao voltar para o canal de notícias, passei de novo e rapidamente pelo tributo de cinema mudo a Buffalo Bill. Ali também fui cumprimentado por um narrador, e ele me explicou o que acontecera ao suposto “advogado” no decorrer do programa até o momento. Aparentemente, no emprego de estagiária de uma certa Sinndi, que tinha dezesseis anos, aconteceram algumas impropriedades morais. Procurava-se o criminoso, um supervisor de estágio, entre o despejo incessante de uma lenga-lenga inacreditável. Ri à beça de novo, pois uma porcaria dessas era o cúmulo do absurdo. Para dar uma verossimilhança parcial para a história costurada aleatoriamente, seria necessário um judeu seboso. Mas de onde eles viriam agora? Será que Himmler foi eficiente ao menos nesse sentido?

Voltei para o caos das notícias e, de lá, fui em frente. Então vi apenas senhores em um jogo de bilhar, que havia sido elevado à categoria de esporte nos últimos anos. Era possível confirmar, como eu já havia percebido, o nome do canal, fixado no canto superior do aparelho. Outro canal também apresentava esportes, porém a câmera acompanhava um jogo de cartas. Se isso era considerado esporte hoje em dia, era de se temer a capacidade de defesa. Por um momento, pensei se do acontecimento obtuso que ocorria ali, diante de meus olhos, uma cineasta como Leni Riefenstahl poderia ter feito um milagre. No entanto, mesmo para os maiores gênios da história, há limites para a arte.

Por outro lado, a maneira de se fazer filmes também mudara. Na minha busca, passei por alguns canais que exibiam algo que me fez lembrar superficialmente dos filmes de animação do passado. As aventuras animadas de Mickey Mouse, por exemplo, continuavam presentes nas minhas melhores lembranças. Contudo, o que passavam ali era mais adequado para causar cegueira imediata. Uma sequência de fragmentos de conversa das mais loucas

era interrompida por uma confusão ainda mais frequente de explosões violentas.

Era verdade que os outros canais ficavam cada vez mais estranhos. Havia aquele que exibia apenas explosões sem animações, e cresceu em mim até mesmo a desconfiança de que podia ser algo relacionado a música, antes que eu chegasse à conclusão de que, em princípio, o objetivo de tudo aquilo era apenas vender um produto totalmente desmiolado que chamavam de *ringtone*. Era um mistério para mim por que alguém precisaria daquele ruído. Como se todas as pessoas trabalhassem como contrarregras em filmes falados.

Vendo isso, percebi que a venda através do aparelho de televisão não era incomum. Dois ou três outros canais apresentavam, em ato contínuo, discursos de caixeiros-viajantes, iguais aos que podemos encontrar em qualquer feira de exposição. Da mesma forma frívola, a enxurrada de textos escritos ali também cobria cada canto do aparelho. Os próprios vendedores quebravam continuamente qualquer regra básica de apresentação séria, ao não se esforçarem nem um pouco para ter uma aparência confiável e usarem, mesmo em idade avançada, brincos de argola horríveis como os últimos ciganos. A distribuição de papéis seguia de forma reconhecível as tradições da pior das trapaças: sempre havia um que mentia com todas as forças. O outro, ao contrário, tinha de ficar ao lado dele e não fechar mais a boca de espanto, lançar um “uau” e um “não!” ou também um “isso é inacreditável!”. Era uma comédia canastrona completa, e o tempo todo era de se desejar botar essa gentalha toda na frente de um canhão de oitenta e oito milímetros para que pudessem cuspir suas mentiras apenas pelos intestinos.

Da minha parte, a ira também está enraizada no fato de que eu temo ficar cada vez mais confuso em face a essa loucura toda. De alguma forma, pareceu quase uma fuga quando tentei voltar à mulher gorda. No meio do caminho, contudo, fiquei preso no canal em que o advogado incompetente com cara de Buffalo Bill operava sua detestável desordem. Nesse meio-tempo, exibia-se ali um drama de tribunal, cuja protagonista confundi de imediato com a chanceler das notícias mas que, pouco tempo depois, revelou-se uma matrona de tribunal muito parecida com a primeira-ministra. Procediam com o caso

de uma certa Senndi, que era processada por diversas irregularidades em seu emprego como estagiária.

Contudo, a senhorita de dezesseis anos havia cometido tais crimes por causa de sua afeição a um jovem chamado Enndi, que mantinha, ao mesmo tempo, um relacionamento com outras três senhoritas estagiárias, sendo que uma delas era ou queria ser atriz. Por circunstâncias incompreensíveis, porém, a jovem trocara a carreira artística por uma ocupação secundária no ambiente criminoso e fazia parte de um escritório de apostas. Mais bobagens ultrajantes similares foram anunciadas, e, enquanto isso, a juíza matrona assentia, com frieza, com uma expressão totalmente séria, como se aquelas histórias absurdas fossem a coisa mais normal do mundo e acontecessem, de fato, todos os dias. Simplesmente, não consegui entender.

Quem assistiria a esse tipo de coisa espontaneamente? Claro, talvez sub-humanos que mal conseguem ler e escrever, mas e o restante do povo? Quase entorpecido, voltei à mulher gorda. Desde a minha última visita, sua vida de aventuras havia sido interrompida por um comercial, a cujo final eu consegui assistir. De qualquer forma, o narrador não deu a entender que contaria outra vez a história da pobre mulher que perdera qualquer controle sobre a filha imbecil e não avançara nada na última meia hora ao narrar em detalhes a demissão daquela jovem idiota para uma vizinha que fumava o tempo todo. No fim das contas, informei em voz alta para o aparelho que esse circo inteiro de existências desgraçadas devia estar num campo de concentração, a casa deveria ser reformada ou, melhor ainda, a casa inteira deveria ser derrubada e o terreno, aplainado para virar uma área de concentração de soldados. Com isso, a lembrança do acontecimento desastroso seria obliterado de uma vez por todas da saudável opinião pública. Irritado, joguei a caixinha controladora na lixeira.

Que tarefa sobre-humana me impus!

Para, ao menos, tomar as rédeas da minha ira, decidi sair um pouco. Sem ir para muito longe, claro. Não tinha a intenção de me afastar demais do aparelho telefônico, mas, queria, pelo menos, passar na lavanderia relâmpago e buscar o uniforme. Entrei na loja bufando, deixei que me chamassem de “Sr. Stromberg”, peguei meu casaco incrivelmente limpo e corri de volta para

casa. Mal podia esperar para usar novamente as vestes mais confiáveis do mundo. Mas, obviamente, quando retornei, a primeira coisa que recebi foi o recado da recepcionista dizendo que tinham me ligado.

— A-há — falei —, claro. Bem agora. E quem era?

— Não faço ideia — respondeu ela, olhando, distraída, para o aparelho de televisão.

— E a senhorita anotou o recado? — vociferei, impaciente.

— Eles disseram que ligariam outra vez. — Ela tentou se desculpar pelo erro. — Era importante?

— É sobre o futuro da Alemanha! — retruquei, indignado.

— Enfim — disse ela, voltando a olhar para a televisão. — E o senhor não tem celular?

— Não sei o que é isso! — esbravejei, marchando irritado para o meu quarto para continuar meus estudos televisivos. — Provavelmente essa aí será mais uma processada por ter perdido o estágio!

Era impressionante como minha roupa costumeira facilitava o reconhecimento das pessoas. Assim que entrei no carro, o chofer me cumprimentou com mau humor, mas com total familiaridade.

— Bom dia, mestre! O senhor voltou, foi?

— De fato! — Assenti para ele e disse o endereço.

— Está certo!

Eu me recostei no banco. Não tinha pedido nenhum carro em especial, mas este era um modelo mediano.

— Que carro é este? — perguntei casualmente.

— Um Mercedão!

Uma onda de sentimentos nostálgicos me invadiu de repente, uma sensação repentina de maravilhosa segurança. Pensei em Nuremberg, nos brilhantes discursos do *Reich*, no passeio pela bela cidade antiga, no vento de fim de verão e de outono prematuro, que roçava o topo no meu quepe como um lobo.

— Eu também já tive um desses — falei, pensativo. — Mas era um conversível.

— E aí? — perguntou o chofer. — Bom de dirigir?

— Não tenho carteira de motorista — respondi distraído —, mas Kempka nunca reclamou.

— Então o senhor dirige a nação, mas não tem carteira? — O chofer riu bem alto. — Boa piada!

— E velha.

Uma pequena pausa na conversa. Então, o chofer retomou o assunto.

— E aí? O senhor ainda tem o carro? Ou já vendeu?

— Para ser sincero, não sei o que aconteceu com ele — respondi.

— Que pena — comentou o chofer. — E aí? Tá fazendo o que em Berlim? Indo para Wintergatan? Wühlmäuse?

— Wühlmäuse?

— Sim, qual teatro? Onde o senhor vai se apresentar?

— Devo falar numa emissora de televisão.

— Foi o que pensei — disse o chofer, com um sorrisinho que para mim pareceu ser de satisfação. — Grandes planos de novo, não é?

— O destino é que forja nossos planos — falei com firmeza. — Eu faço apenas o que deve ser feito para a preservação da nação nos tempos atuais e futuros.

— O senhor é bom mesmo!

— Eu sei.

— Gostaria de dar uma voltinha nos seus antigos domínios?

— Mais tarde, talvez. Não quero me atrasar.

Por fim, esta também foi a razão de ter pedido um carro de aluguel. Eu havia me oferecido, com meus poucos recursos financeiros, a ir até o prédio da empresa a pé ou de bonde, mas Sensenbrink insistiu, em face das incertezas e dos possíveis congestionamentos das vias, em me enviar um carro.

Olhei pela janela para ver se eu reconhecia partes da capital do *Reich*. Não foi fácil porque o chofer evitou as vias principais para avançar com mais rapidez. Quase não se viam mais os prédios antigos, mas quando eu os avistava, assentia com a cabeça, satisfeito. Era evidente que não tinham deixado sobrar quase nada para o inimigo. Como era possível que, naquele lugar, após quase setenta anos, ainda houvesse tanta cidade? Roma não havia espalhado sal na terra da Cartago conquistada? Eu teria formado carreiras de sal do tamanho de linhas de trem em Moscou. Ou em Stalingrado! Por outro lado, Berlim não era, de forma alguma, uma horta. O homem criativo consegue construir, inclusive em solo salgado, um Coliseu, puramente a partir da engenharia e da análise estrutural. Claro que uma quantidade de sal espalhada na terra é mesmo irrelevante. Também era muito provável que o inimigo tivesse se impressionado diante das ruínas de Berlim como os ávares diante dos escombros atenienses. E a cidade foi reconstruída num esforço desesperado de preservar a civilização, da melhor forma possível, para raças de segunda e terceira categorias. Pois, para olhos treinados, não resta dúvidas de

que construíram aqui uma quantidade apavorante de prédios inferiores. Uma confusão terrível, que só piora quando reparamos que há as mesmas lojas em todos os lugares. Primeiro, pensei que estávamos andando em círculos, até me dar conta de que o Sr. Starbucks era dono de dúzias de cafeterias. A multiplicidade de padeiros desaparecera. Em todo lugar, havia cadeias de açougue, e encontrei até mesmo diversas unidades de “Yilmaz — Serviço de Limpeza Relâmpago”. Os edifícios também tinham esse formato sem imaginação.

O prédio da produtora não era uma exceção. Era difícil imaginar que em quinhentos ou mil anos as pessoas parariam diante desses blocos, ou melhor, bloquinhos sem criatividade, para admirá-los. Fiquei extremamente decepcionado. O edifício parecia uma antiga fábrica, não devia quase nada àquela “empresa de produção” que fazia tudo.

Uma jovem loura, um pouco maquiada demais, recebeu-me na entrada e me levou até a sala de reunião. Nem precisei imaginar muito como ela seria. Mesmo ali as paredes eram livres, revestidas com concreto puro, às vezes rompido por tijolos vermelhos à mostra. Quase não havia portas; aqui e ali a visão se abria para grandes salas, nas quais muitas pessoas trabalhavam debaixo de tubos luminosos diante de telas de televisão. No mais, parecia que as últimas funcionárias da fábrica de munição haviam deixado as salas apenas cinco minutos antes. Os telefones tocavam o tempo todo — de repente, entendi o motivo pelo qual o povo era obrigado a gastar uma fortuna com um toque de telefone. Com isso, ao menos era possível saber, naquele campo de concentração, quando seu próprio aparelho toca.

— Suponho que tudo isso aqui seja por causa dos russos — conjecturei.

— Como quiser — disse a jovem dama, sorrindo. — Mas com certeza o senhor já ficou sabendo que infelizmente eles não fecharam o negócio. Agora temos as pragas dos americanos-iraquianos.

Suspirei. Sempre temi isso. Nenhum local, nenhum solo que alimenta o povo com pão, e os culpados são claros: as pragas comem como o último negrinho. Olhei, emocionado, para a juvenzinha que andava ao meu lado, perseverante, ereta. Pigarreei, mas temi que alguém ouvisse um pouco da minha emoção quando disse a ela:

— A senhorita é muito corajosa.

— Mas é claro. — Ela abriu um grande sorriso. — Não quero ser assistente para sempre.

Claro. Uma “assistente”. Deveria ajudar os russos. Naquele momento, não consegui explicar para mim mesmo como as coisas chegaram a esse ponto neste mundo novo, mas isso lembrava aquele verme da humanidade. Não gostaria de imaginar no que poderiam consistir essas “atividades” sob o jugo bolchevista. Parei abruptamente e segurei-a pelo braço.

— Olhe para mim! — pedi e, quando ela se virou, um pouco surpresa, olhei com firmeza nos olhos dela e disse, solene: — Prometo neste instante: a senhorita terá o futuro que corresponde a suas origens! Eu mesmo empenharei todas as forças para que a senhorita e todas as mulheres alemãs não sirvam mais esses sub-humanos! Tem a minha palavra, senhorita...

— ... Özlem — emendou ela.

Ainda me lembro desse momento como tendo sido levemente incômodo. Por uma fração de segundo busquei em meu cérebro explicações de como uma garota alemã séria poderia ter recebido o sobrenome Özlem, tipicamente turco, mas não encontrei nenhuma, é claro. Tirei a mão do braço dela e me virei de repente para seguir meu caminho. Eu preferiria simplesmente ter deixado aquela pessoa falsa para trás de tão decepcionado que estava, de tão traído que me senti. Infelizmente, eu não sabia aonde ir. Portanto, segui-a em silêncio, mas decidi tomar mais cuidado nesses novos tempos. Esses turcos não estavam apenas no setor de limpeza, mas em todos os lugares, estranhamente onipresentes.

Quando entramos na sala de reunião, Sensenbrink levantou-se, veio até mim e me fez entrar na sala, onde um grupo estava sentado a uma mesa relativamente comprida, composta por várias outras menores. Reconheci também o reservador de hotéis, Sawatzki; além dele havia mais ou menos meia dúzia de homens mais jovens, de terno, e uma mulher, que só podia ser a tal “Bellini”. Ela devia ter uns quarenta anos, cabelo escuro, possivelmente tinha vindo do sul do Tirol, e logo ao entrar na sala senti que esta mulher era mais homem do que todos os outros idiotas ali reunidos. Sensenbrink tentou me conduzir pelo braço até a outra ponta da mesa, onde haviam improvisado,

como vi de soslaio, uma espécie de palco ou púlpito. Virando-me de leve, deixei-o empurrando o ar e segui com passo firme até a dama. Depois tirei o quepe e o preendi embaixo do braço.

— Esta é... a Sra. Bellini — disse Sensenbrink, totalmente dispensável. — Vice-presidente executiva da Flashlight. Sra. Bellini, está é nossa descoberta promissora. Senhor... hum...

— Hitler — completei o balbuciar indigno. — Adolf Hitler, chanceler do Grande *Reich* Alemão. — Ela estendeu a mão para mim, que tomei com uma medida não muito curvada para o beijo insinuado. Então, voltei a me erguer. — Prezada senhora, para mim é uma satisfação conhecê-la. Juntos vamos mudar a Alemanha!

Ela sorriu, parecendo um pouco insegura, mas eu já conhecia minha influência certa sobre as mulheres. É praticamente impossível que uma mulher não sinta nada quando o comandante do exército mais poderoso do mundo para ao lado dela. Não querendo lhe causar um constrangimento desnecessário, voltei-me para os outros dizendo “Meus senhores!” e, por fim, me virei para Sensenbrink.

— Muito bem, caro Sensenbrink, qual lugar o senhor reservou para mim?

Ele apontou para uma cadeira na outra ponta da mesa. Eu já contava com aquilo. Não era a primeira vez que alguns senhores de tal setor resolviam reconsiderar o peso do futuro *Führer*, o líder da Alemanha. Bem, eu queria mostrar a eles o verdadeiro peso. Contudo, era questionável se eles conseguiriam suportá-lo.

Na mesa havia café, xícaras, pequenas garrafas com sucos e água gasosa, além de uma jarra com água sem gás, a qual escolhi. Então, ficamos sentados ali, por um minuto, calados.

— Bem — disse Sensenbrink —, o que o senhor trouxe para nós hoje?

— Eu mesmo — respondi.

— Não, quero dizer: o que o senhor apresentará para nós hoje?

— Prometo não falar mais sobre a Polônia! — exclamou Sawatzki, sorrindo.

— Ótimo — retruquei —, com isso todos nós poderemos avançar. Acho que a pergunta está clara: como os senhores podem me ajudar a ajudar a

Alemanha?

— Como o senhor pretende ajudar a Alemanha? — perguntou a Sra. Bellini, piscando de forma estranha para mim e para os outros ali presentes.

— Acredito que os senhores aqui sabem, no fundo do coração, do que este país precisa. No caminho até aqui vi as salas onde os senhores são obrigados a trabalhar. Esses salões de campo de concentração nos quais os senhores e seus compatriotas precisam prestar serviços forçados. Speer também não hesitou quando tivemos que empregar trabalhadores estrangeiros, mas essa quantidade...

— É um escritório aberto — disse um dos senhores —, temos isso em todo canto.

— O senhor está afirmando que teria sido sua ideia? — questionei.

— O que o senhor insinua ser “minha ideia” — retrucou ele, olhando ao redor, sorrindo —, eu digo que fomos todos nós aqui que decidimos...

— Estão vendo — falei ao me levantar e me dirigir à Sra. Bellini —, é disso que estou falando. Falo de responsabilidade. Falo de decisões. Quem montou essa gaiola apertada? Foi ele? — E aponte para o senhor que não teve a ideia. — Ou ele? — Neste momento, encarei os olhos do homem ao lado Sensenbrink. — Ou o Sr. Sawatzki... Quanto a isso tenho sérias dúvidas. Não sei. Melhor ainda: os senhores mesmos não sabem. E o que seus trabalhadores devem fazer quando não entenderem as próprias palavras no local de trabalho? Quando precisam gastar uma fortuna com toques de telefone apenas para que consigam diferenciar o próprio aparelho do da outra pessoa? Quem é o responsável? Quem ajuda o trabalhador alemão em tempos difíceis? A quem devem recorrer? O chefe ajuda? Não, pois cada hora ele manda o trabalhador para um lado! E esse é um caso isolado? Não, não é um caso isolado, e sim uma doença insidiosa em toda a Alemanha! Quando os senhores compram hoje uma xícara de café, sabem quem é responsável por ela? Quem passou o café? O senhor aqui — e, então, aponte novamente para o homem que não tivera a ideia —, este senhor aqui acredita, claro, que foi o Sr. Starbucks. Mas a Sra. Bellini e eu, nós dois sabemos que esse tal de Starbucks não pode passar café em todos os lugares ao mesmo tempo. Ninguém sabe de quem vem o café, mas todos sabemos que não foi o Sr.

Starbucks. E se os senhores forem a uma lavanderia, saberão quem lavou seu uniforme? Quem é esse suposto Yilmaz? Estão vendo? Por isso precisamos de uma transformação na Alemanha. De uma revolução. Precisamos de responsabilidade e força. De uma liderança no país, que tome decisões e se responsabilize por elas, com corpo, alma, tudo. Pois quando os senhores quiserem atacar a Rússia, não poderão dizer: ah, todos nós aqui decidimos isso, assim como o outro colega ali teria dito. Se cercarmos Moscou agora, nós nos sentaremos lá todos juntos e votaremos levantando as mãos! Isso também é maravilhosamente confortável e, se der errado, então também fomos todos nós que decidimos ou, melhor ainda: foi o próprio povo, porque ele nos elegeu. Não, a Alemanha precisa relembrar a Rússia. A questão da Rússia não foi o oficial do exército Brauchitsch, não foi Guderian, não foi Göring: fui eu. As autopistas não foram feitas por um palhaço qualquer, e sim pelo *Führer*! E tem que voltar a ser assim no país inteiro! Quando alguém, pela manhã, comer um pãozinho, deverá saber quem foi o padeiro. Quando os senhores quiserem invadir amanhã o restante da Tchêquia, saberão que foi o *Führer*.

Com isso, sentei-me novamente.

Ao meu redor predominou o silêncio.

— Isso... não foi engraçado — disse, por fim, o homem que estava ao lado de Sensenbrink.

— Assustador — comentou o senhor que não teve a ideia.

— Falei que ele é bom — confessou Sensenbrink, orgulhoso.

— Muito louco... — emendou Sawatzki, o reservador de hotéis, mas não ficou claro o que ele quis dizer com aquilo.

— Impossível — disse, decidido, o homem ao lado de Sensenbrink.

A Sra. Bellini se levantou. No mesmo instante, as cabeças viraram-se para ela.

— O problema — começou ela — é que vocês estão vidrados no humor *stand-up comedy* de Mario Barth. — Ela não deixou sua observação sucumbir desajeitadamente, então tomou novamente a palavra, que ninguém além dela ousou tomar no momento. — Vocês só acham que um bom conteúdo é aquele que faz o cara lá em cima do palco rir mais que o público. Vejam o

nosso atual cenário de comédia: ninguém mais consegue fazer uma piada sem que o próprio contador morra de rir para que todos percebam onde está a graça. E quando um deles mantém um pouco a compostura, então temos que acionar a claque de risadas ao fundo.

— Mas é o que faz sucesso — disse um homem que até agora não pronunciara uma única palavra.

— Pode ser — disse a dama, começando a ficar impressionada comigo —, mas o que vem em seguida? Acho que chegamos a um ponto no qual o público considera esse tipo de coisa natural. E o primeiro que tiver um novo sotaque decisivo se destacará da concorrência. Hum, Sr... Hitler?

— O que é decisivo é a propaganda — declarei. — Os senhores precisam enviar uma mensagem diferente daquela dos outros partidos.

— Diga uma coisa. O senhor não preparou tudo isso, não foi? — quis saber ela.

— Por que faria isso? — devolvi a pergunta. — Construí há tempo suficiente o fundamento sólido da minha visão de mundo. O que me coloca na condição de confrontar qualquer aspecto das relações do mundo com o meu conhecimento e daí tirar as conclusões corretas. A senhora acredita que há como se aprender a liderar em suas universidades?

Ela bateu com a mão espalmada na mesa.

— Ele improvisa. — Ela abriu um largo sorriso. — Ele simplesmente despeja o que vem à sua cabeça! E não contorce o rosto uma vez sequer! Os senhores sabem o que isso significa? Significa que, depois de dois programas, ele simplesmente não saberá mais o que dizer. Então começará a gritar pedindo mais autores... ou estou errada, Sr. Hitler?

— Não deixaria de bom grado esses tais autores interferirem no meu trabalho — falei. — Enquanto escrevia *Minha luta*, Stolzing-Cerny tentou várias vezes...

— Estou começando a entender o que você quer dizer, Carmen — disse o homem que não tivera a ideia e riu.

— ... e o colocamos como contraponto — disse a Sra. Bellini —, lá, onde ele chamará mais atenção. Ele conseguiria um quadro permanente no programa do Ali Wizgür!

— Wizgür vai agradecer — disse Sawatzki.

— Ele vai querer verificar as ações dele — disse a Sra. Bellini —, onde estão agora, onde estavam há dois anos... e onde estarão em seguida.

— O canal ZDF certamente vai receber de braços abertos! — completou Sensenbrink.

— Só há mais um ponto que precisa ficar claro entre nós — esclareceu a Sra. Bellini, lançando de repente um olhar sério para mim.

— O que seria?

— Temos que ter em mente que o tema “judeus” não tem graça alguma.

— A senhora tem absoluta razão — concordei com ela, quase aliviado.

Ali estava alguém que finalmente sabia do que estava falando.

Não há nada mais perigoso para um movimento jovem do que o sucesso veloz. Alguém dá os primeiros passos, conquista alguns seguidores, faz um discurso ali, talvez até proceda com a anexação da Áustria, ou da Região dos Sudetos, e certamente já se considera em uma espécie de etapa intermediária, a partir da qual se poderia chegar com muito mais facilidade à vitória final. E, de fato, alcancei algumas coisas impressionantes em pouquíssimo tempo que confirmaram a escolha do destino. O que ainda precisei lutar em 1919, 1920, batalhar, o sopro da tempestade da imprensa no meu rosto, a adulação dos partidos burgueses, como destruí, parte por parte, a teia de mentiras judaica, apenas para me ver, depois disso, ainda mais enredado nos palpos daquele monstro, enquanto o inimigo, cem, mil vezes superior, esguicha seu veneno cada vez mais renovador e repulsivo — e aqui, nesses novos tempos, consegui acesso, após alguns dias, a uma emissora que, além de tudo, foi totalmente negligenciada pelo inimigo político. Era bom demais para ser verdade! Nos últimos sessenta anos, o inimigo não aprendeu absolutamente nada sobre a arte de se comunicar com o povo.

E os filmes que eu teria rodado naquele local! Romances em terras distantes a bordo do grande navio da *Kraft durch Freude*, que singraria os mares do sul ou passaria pelos imensos fiordes noruegueses, histórias de jovens soldados da *Wehrmacht*, que com coragem fariam a primeira escalada nas imensas formações rochosas para morrer aos pés de um paredão, nos braços do seu grande amor, uma líder do esquadrão da *Bund Deutscher Mädel*, a Liga de Garotas Alemãs, que, com medo, mas fortalecida, dedicaria sua vida à política feminina do nacional-socialismo. Ela já carrega no ventre a semente corajosa do amado morto, pois deve-se deixar que algo assim, como uma relação fora do casamento, aconteça, pois onde a voz do sangue puro se eleva, até mesmo Himmler tem que se calar. De qualquer forma, as palavras dele não saem da mente da moça enquanto ela caminha no vale sob o crepúsculo;

algumas vacas leiteiras a veem passar, impressionadas, o céu aos poucos se dissipa, dando lugar a uma poderosa bandeira com a suástica. Seriam filmes, eu juro, que esgotariam os formulários de admissão no dia seguinte em toda sede da Liga das Mulheres.

Ela se chamaria Hedda.

De qualquer forma, no âmbito político, esse meio de comunicação mostrava-se totalmente improdutivo. Quando se olhava para o aparelho de televisão, tinha-se a impressão de que a única coisa que esse governo fez pelo povo foi uma medida chamada “Harzvier”, algo relacionado à redução do tempo do seguro-desemprego, e que ninguém suportava. O nome daquela medida, em princípio, era falado em um tom ofensivo, e eu podia apenas esperar que essas pessoas não constituíssem grande parte da sociedade. Não conseguia pensar, mesmo com a ajuda de muita imaginação, numa cerimônia à bandeira no Campo Zeppelin, de Nuremberg, com centenas de milhares de criaturas miseráveis reclamando.

Também poderia registrar as tratativas com a Sra. Bellini como um sucesso. Desde o início, não deixei dúvidas de que, além de dinheiro, também precisava de um aparelho para o partido, um escritório partidário. Bellini mostrou-se, de início, um pouco surpresa, mas logo garantiu apoio irrestrito, um escritório e também uma copista. Havia um subsídio de despesas considerável para roupas e viagens de propaganda, para materiais de pesquisa que deveriam me levar até o conhecimento que tinha no momento e a muitos outros. Os recursos financeiros não pareciam ser um problema, nem mesmo o reconhecimento das necessidades representativas de um líder de partido. Assim, foram encomendados diversos ternos “historicamente fiéis” a um alfaiate exclusivo, bem como meu chapéu adorado que eu gostava tanto de usar em Obersalzberg e nas montanhas. Um Mercedes aberto com chofer, ao contrário, foi simplesmente vetado com a explicação de que não pareceria algo sério. Aquiesci, irritado, mas apenas para manter a aparência, pois já havia conseguido muito mais do que poderia esperar. Nesse sentido, aquele era certamente o momento, visto em retrospectiva, mais perigoso da minha nova carreira. Enquanto outra pessoa teria se acomodado aqui e fracassado de vez,

eu submetia permanentemente os acontecimentos, talvez também pela minha maturidade, a uma análise das mais frias e impiedosas.

Assim, por exemplo, o número de meus seguidores nunca foi tão pequeno. E Deus sabe como eu pude testemunhar pequenos números de seguidores no meu passado: eu me lembro muito bem, em 1919, na minha primeira visita ao que ainda se chamava Partido dos Trabalhadores Alemães, de ter encontrado umas sete pessoas ali. Hoje, contudo, poderia contar apenas comigo mesmo, de certa forma talvez também com a Sra. Bellini ou com aquele jornaleiro, mas era de se duvidar que os dois já estivessem maduros o bastante para se filiarem ao partido, sem falar na disposição que precisavam ter para pagar as contribuições partidárias ou também assumir a proteção do salão usando apenas uma perna de cadeira na mão. O jornaleiro, em particular, me parece, a princípio, liberal ou de esquerda, mesmo que tenha um coração alemão verdadeiro. Por ora, eu continuaria a me dedicar de forma disciplinada ao meu resolutivo cronograma diário. Levantava por volta das onze da manhã, pedia aos funcionários do hotel para me trazerem um ou dois pedaços de bolo e trabalhava incansavelmente até tarde da noite.

Ou melhor, eu levantaria às onze da manhã se o telefone não tocasse no nascer do dia, por volta das nove horas, e uma senhora com um nome eslavo impronunciável não estivesse na linha a essa hora. O general Alfred Jodl nunca teria permitido tal coisa, mas Jodl infelizmente fazia parte da história alemã. Procurei, ainda entorpecido pelo sono, o fone do aparelho.

— Humpf?

— Bom dia, aqui é a Sra. Krwtschzyk — soou uma voz com uma felicidade inclemente. — Da Flashlight!

O que mais me irrita nessas pessoas matutinas é o maldito bom humor, como se elas já estivessem acordadas há três horas e tivessem conquistado a França nesse meio-tempo. Além disso, a maioria, apesar da mania pavorosa de acordar cedo, faz todas as coisas como proezas. Mesmo em Berlim, sempre encontrei pessoas que não guardavam segredo sobre levantarem o mais cedo possível apenas para poder sair ainda mais cedo do trabalho. Eu já havia recomendado a muitos desses defensores das oito horas que deveriam começar a trabalhar por volta das dez da noite, então poderiam voltar para

casa às seis da manhã e chegariam lá talvez até antes da hora de acordar. Muitos realmente consideraram a proposta. De minha parte, sou da opinião de que apenas os padeiros deveriam trabalhar de manhãzinha.

E a Gestapo, claro, é mais do que óbvio. Ao menos para tirar a plebe bolchevique da cama, desde que não sejam os padeiros bolcheviques. Claro que já estarão acordados, por isso a Gestapo precisa acordar ainda mais cedo, e assim por diante.

— O que a senhora deseja? — perguntei.

— Sou do departamento de contratos. — Alegrou-se a voz. — Estou preparando seus documentos, mas tenho algumas perguntas. Agora não sei se deveríamos fazer por telefone...? Ou o senhor prefere vir até aqui?

— Quais perguntas?

— Ah, perguntas bem gerais. Número da previdência, dados bancários, essas coisas. Por exemplo, em nome de quem devo preparar os documentos?

— Em nome de quem?

— Quero dizer, não sei como o senhor se chama.

— Adolf — grunhi — Hitler.

— Claro. — Ela riu com sua animação matutina horripilante. — Mas eu preciso do seu nome verdadeiro.

— Adolf Hitler! — repeti, um tanto impaciente.

Ela permaneceu em silêncio por um momento.

— De verdade?

— Ora, é óbvio!

— Bem, isso é... bem, é mesmo uma coincidência...

— Por que coincidência?

— Bem, o senhor ter esse nome...

— Macacos me mordam, a senhora também tem um nome! E eu não fico aqui sentado, arregalando os olhos e dizendo “Aaaaah, que coincidência”!

— Sim... mas o senhor também se parece. Digo, com o seu nome.

— E daí? A senhora tem uma aparência muito diferente do seu nome?

— Não, mas...

— Então, pronto! Apronte logo esses malditos papéis, pelo amor de Deus!

— Depois disso bati o fone no gancho do aparelho.

Passaram-se sete minutos até o telefone tocar novamente.

— O que foi agora?

— Oi, aqui é a Sra.... — e então seguiu-se novamente aquele nome estranho do Leste Europeu que parecia alguém amassando um relatório da *Wehrmacht* — mais uma vez. Eu... eu acho que não...

— Não o *quê*?

— Olhe, senhor, não quero ser desagradável, mas... isso nunca vai passar no departamento jurídico, mas posso... bem, quando eles virem o contrato com o nome “Adolf Hitler”...

— Mas o que a senhora quer escrever aí, então?

— Olhe, me desculpe por perguntar de novo, mas esse é mesmo o seu nome?

— Não — falei, desesperado —, esse não é o meu nome verdadeiro. Na verdade eu me chamo Schmul Rosenzweig.

— Eu sabia! — disse ela, audivelmente aliviada. — Como se escreve Schmul? Com “h”?

— Foi uma piada! — gritei.

— Ah, sim. Ops, desculpe.

Ouvi ela riscar algo várias vezes num papel. Então, disse:

— Eu... Olhe, acho que seria melhor o senhor, talvez, passar aqui, não? Preciso de um documento, um passaporte. E dos seus dados bancários.

— Peça ao Bormann — falei ríspido.

Então me levantei, mas logo em seguida me sentei de volta. Era mesmo irritante. E difícil. Condoídos, quase aflitos, meus pensamentos alcançaram o meu fiel Bormann. Bormann, que sempre organizava uma sessão noturna de cinema para que eu, após um dia tenso liderando uma guerra, também pudesse relaxar um pouco. Bormann, que ajeitou as coisas de maneira perfeita com os moradores de Obersalzberg. Bormann, que cuidou de forma conveniente das receitas das vendas de livros. Bormann, o mais fiel de todos. Com ele eu sabia que a maioria das coisas estava nas melhores mãos. Bormann, sem dúvida alguma, também teria cuidado desses contratos sem maiores problemas.

— É meu último aviso, Sra. Kritchitchéviski — prossegui. — Faça o favor de providenciar esses documentos contratuais de uma vez, ou a senhora e toda a sua família irão para o campo de concentração de Dachau. E a senhora já deve saber quantas pessoas voltam de lá.

Na época, isso foi subestimado, essa empatia de Bormann, o modo como o homem conseguia lidar com as pessoas. Teria conseguido para mim uma casa num estalo de dedos, documentos pessoais impecáveis, contas bancárias, tudo. Ou, observando com um olhar mais apurado, tive antes a suspeita de que ele teria providenciado para que ninguém pedisse essas bobagens burocráticas mais de uma vez. Mas as coisas vão ter que funcionar sem ele. E, de alguma forma, a questão dos documentos também precisa ser resolvida. Como eu havia lidado com isso em trinta anos continuava sendo uma incógnita, mas, primeiro, bem ou mal precisava seguir os costumes dos novos tempos. Comecei a especular.

Eu precisaria me inscrever num departamento de registro de moradia. Porém, não tinha um endereço residencial nem uma certidão de nascimento. Minha existência justificava-se essencialmente pela minha residência no hotel e o meu reconhecimento na produtora, mas eu não tinha nenhum documento para apresentar. Furioso, cerrei o punho e bradei para o teto do quarto. O documento, a burocracia cartorial civil alemã com suas regras tacanhas e inflexíveis, o eterno peso do povo alemão me lançando novamente em palpos de aranha. Minha situação parecia não ter solução, quando o telefone tocou mais uma vez, despertando em mim a determinação resoluta, a presença de espírito e a obstinação do antigo soldado do front. Atendi determinado a encontrar uma solução, mas sem saber muito bem como.

— Aqui é a Sra. Krwtschzyk, da Flashlight, de novo.

E então foi fácil.

— Sabe de uma coisa, senhora — respondi —, passe, por favor, para Sensenbrink.

É um erro bastante difundido que uma personalidade de liderança deva saber tudo. Ela não precisa saber tudo. Ela não tem que saber da maioria das coisas, pode até mesmo chegar ao ponto de não precisar saber de absolutamente nada. Pode ser até mesmo o mais desinformado de todos. E também cego e surdo aos bombardeios do inimigo. Com uma perna de pau. Ou até mesmo sem braços e pernas, de forma que, na cerimônia à bandeira, a Saudação Alemã seja algo totalmente impossível, e ao cantar o hino alemão apenas uma lágrima amarga escorra dos olhos sem brilho. Eu ousou dizer até que uma personalidade de liderança pode ser desmemoriada. Totalmente amnésica. Pois o dom especial de um *Führer* não é o acúmulo de puros fatos — seu dom especial é a capacidade de decidir rapidamente e assumir a responsabilidade pela decisão. As pequenas coisas, de preferência, são ignoradas, como a antiga anedota daquele que — dizemos isso por ocasião de uma mudança de casa — não carrega nenhuma caixa, mas sim “a responsabilidade”. Mas, no Estado ideal, o *Führer* faz com que cada homem aja no lugar certo. Bormann não era um líder, e sim um mestre do pensamento e da memória. Ele sabia tudo. Pelas costas, muitos o chamavam de “o arquivo do *Führer*”, e eu sempre ficava muito tocado, não poderia querer uma constatação melhor da minha política. De qualquer forma, era um elogio muito melhor do que aquele que ouvi sobre Göring: “o balão cativo do *Führer*”.

No fim das contas, foi aquele conhecimento, aquela capacidade de separar o útil do fútil, que me possibilitou perceber, apesar da perda de Bormann, as novas possibilidades que aquela produtora poderia me oferecer. Era inútil tentar resolver sozinho o problema de um registro oficial, então transferei a regularização da minha precária situação documental para alguém que provavelmente tinha maior facilidade em lidar com as autoridades locais — Sensenbrink, que disse de pronto:

— Claro que podemos resolver isso para o senhor. Está preocupado com o seu programa, pode deixar que resolvemos todo o resto. Do que precisa?

— Pergunte a Sra. Krytsch-sei-lá-o-quê. Acho que preciso de uma identidade. E não só isso.

— O senhor não tem passaporte? Carteira de identidade? Como é possível?

— Nunca precisei de nada disso.

— O senhor nunca foi para o exterior?

— Claro que sim. Polônia, França, Hungria...

— Ah, sim, dentro da União Europeia...

— E para a União Soviética.

— O senhor entrou lá sem passaporte?

Refleti por um instante.

— Não consigo lembrar se alguém me pediu um passaporte — respondi com cuidado.

— Estranho. Mas e os Estados Unidos? Quero dizer, o senhor tem cinquenta e seis anos... Nunca esteve nos Estados Unidos?

— Eu planejava ir, de verdade — retruquei, indignado —, mas infelizmente fui impedido.

— Muito bem, precisamos apenas dos seus documentos, então alguém da equipe poderá ajeitar tudo com as autoridades e com a previdência.

— Este é o problema. Não tenho documentos.

— Nenhum documento? Nenhunzinho? Nem com a sua namorada? Em casa, talvez?

— Meu último lar — falei, triste — foi engolido pelas chamas.

— Hum, ah, isso é verdade?

— O senhor viu como ficou a chancelaria do *Reich*?

Ele riu.

— Tão ruim assim?

— Não sei por que o senhor está rindo — retruquei —, foi terrível.

— Está bem — disse Sensenbrink —, não sou nenhum especialista, mas vamos precisar de algum documento. Onde o senhor estava registrado antes? Ou inscrito na previdência?

— Sempre tive certa aversão a burocracias — respondi. — Preferia fazer minhas próprias leis.

— Hum — murmurou Sensenbrink. — Nunca vi um caso desses. Mas vamos ver o que conseguimos aqui. Porém, é claro, de qualquer forma precisamos do seu nome verdadeiro.

— Adolf Hitler — falei.

— Olhe só, eu compreendo muito bem a sua situação, não me entenda mal. Aquele comediante, Atze Schröder, faz exatamente isso, esconde a identidade, pois quer ter uma vida tranquila fora dos palcos, e com este tema delicado é ainda mais óbvio que o senhor é muito cuidadoso como artista. Mas será que as autoridades vão ver desse jeito?

— Os detalhes não me interessam...

— Sei... — Sensenbrink riu, um tanto arrogante demais na minha opinião. — Para mim, o senhor é o verdadeiro artista. Mas provavelmente seria muito mais fácil. Olhe, no aspecto tributário não há problema algum. A receita federal é o único órgão que não está ligando muito, pois, se necessário, eles cobram imposto até dos imigrantes ilegais. Com eles o senhor poderá de alguma forma acordar pagamentos em dinheiro. E com relação às transações de pagamento, podemos auxiliá-lo com a contabilidade, se o senhor não se importar. Num primeiro momento, essas questões do banco não importam também. Mas com as autoridades de registro de moradia ou previdência social, não sei mesmo se conseguiremos algo.

Senti que naquele momento o homem precisava de apoio moral. Não se deve exigir demais da tropa. No fim das contas, o chanceler do *Reich*, há muito dado como morto, surgir caminhando novo em folha pelo país não é algo que acontece todo dia.

— Deve ser difícil para o senhor — falei suavemente.

— O quê?

— Bem, o senhor não deve encontrar pessoas como eu com frequência.

Sensenbrink riu, indiferente.

— Mas é claro. De qualquer forma, é o nosso trabalho.

Sua calma era tão surpreendente que tive que fazer mais perguntas:

— Tem mais pessoas como eu?

— Bem, o senhor sabe melhor do que eu que há todo tipo de gente na sua área... — disse Sensenbrink

— E o senhor leva todos para a emissora?

— Teríamos uma trabalhadora danada! Não, fechamos contrato apenas em quem apostamos.

— Muito bom. — Eu o encorajei. — É necessário lutar pela questão com uma fé quase fanática. O senhor também trouxe Antonescu? Ou o *duce*?

— Quem?

— O senhor sabe: Mussolini.

— Não! — disse Sensenbrink, tão decidido que fui capaz de vê-lo do outro lado da linha balançando a cabeça. — O que faríamos com um Antonini? Ninguém o conhece.

— Ou Churchill? Eisenhower? Chamberlain?

— Ah, agora entendi aonde o senhor quer chegar — gritou Sensenbrink ao telefone. — Não, onde estaria a graça? Não ia vender de jeito nenhum, não, não, o senhor está indo no caminho certo. Vamos ficar com um personagem, vamos ficar com o nosso Hitler!

— Muito bem! — elogiei e continuei a instigar: — E se Stalin chegar amanhã?

— Esqueça Stalin — retrucou ele, sendo leal a mim —, não somos o *History Channel*.

Esse era o Sensenbrink que eu queria ouvir! O fanático Sensenbrink, despertado pelo *Führer*. E naquela conjuntura eu não poderia enfatizar o suficiente como é importante essa disposição fanática.

O curso nem sempre tranquilo da última Guerra Mundial comprovou esse fato de forma muito óbvia. Claro que várias pessoas naquele momento disseram: “Sim, foi exclusivamente pela disposição fanática que a Primeira e também a guerra seguinte terminaram de modo desfavorável? Será que talvez houvesse outros motivos ou talvez a oferta de material humano não fosse suficiente? Tudo isso é concebível, quem sabe até mesmo correto, mas ao mesmo tempo também é o sintoma de uma antiga doença alemã, a saber, aquela de buscar o erro sempre nos menores detalhes, simplesmente ignorando as grandes e óbvias relações.”

Então, certamente não se deve negar a inferioridade da tropa na última Guerra Mundial. No entanto, essa inferioridade não foi de forma alguma crucial, ao contrário, o povo alemão teria lidado com uma superioridade inimiga muito maior. Sim, eu lamentei várias vezes a falta de maiores contingentes inimigos no início dos anos de 1940 e até me envergonhei um pouco por eles. Digo, veja só que inferioridade tinha Frederico, o Grande! Para cada granadeiro prussiano havia doze inimigos! E na Rússia, cada soldado raso não tinha mais que três ou quatro.

Bem, após Stalingrado, a superioridade inimiga era muito mais adequada à honra da *Wehrmacht*. No dia do desembarque dos aliados na Normandia, por exemplo, o inimigo avançou com dois mil e seiscentos bombardeiros e seiscentos e cinquenta aviões de caça, e a *Luftwaffe* mantinha-se — se eu não tiver errado na conta — com dois caças; dessa forma, podemos considerar totalmente honrada a relação de força. E, ainda assim, a situação não era desesperadora! Nessas ocasiões, eu concordava de todo o coração com as palavras do ministro do *Reich*, Dr. Goebbels. Ele exigia que um povo como o alemão corrigisse essa limitação, que não se deixava corrigir, de outra forma, fosse por meio de armas melhores, por generais mais inteligentes ou mesmo, como nesse caso, pela vantagem de um moral superior. Pode parecer, à primeira vista, obviamente difícil ao simples piloto de caça, com tiros de metralhadora, derrubar três bombardeiros do céu, mas com o moral superior, com um espírito fanático indômito, nada é impossível!

Isso é válido tanto hoje como no passado. E agora encontrei um exemplo que eu não consideraria possível. Mas é a mais pura verdade. Trata-se de um homem, suponho que seja um funcionário do meu hotel, que pude observar diversas vezes em uma atividade nova e interessante. Embora eu não tenha certeza de que seja uma atividade nova, eu me lembro dela de forma diferente, de fato com uma vassoura ou um rastelo de folhas. Esse homem, ao contrário, estava com um aparelho totalmente novo e portátil de soprar folhas. Um dispositivo fascinante com força de sopro imensa, que com certeza era necessário, pois a evolução nesse meio-tempo criou uma forma mais resistente de folhas.

Nesse exemplo, pode-se também observar, de forma extraordinária, que o conflito racial não acabou desde aquela época, que ele também se estendeu fortalecido para a natureza, e isso a atual imprensa burguesa-liberal não nega. Lê-se sempre sobre os tão amados esquilos alemães de pelagem marrom-clara ameaçados pelos esquilos pretos americanos, pelas tribos de formigas africanas que migram para a Espanha, pelas não-me-toques indogermânicas que se espalham por aqui. Este último evento é claramente exemplar, as plantas arianas exigem, com toda a razão, a área de colonização a que têm direito. Não encontrei ainda essa folhagem nova, e, mais resistentes, as folhas do estacionamento do hotel me parecem totalmente normais, mas o aparelho de sopro também pode ser usado tranquilamente com a folhagem tradicional. Combate-se um tanque tigre-de-bengala não apenas com um T-34, mas em caso de necessidade também com um antigo BT-7.

Quando observei o homem pela primeira vez, fiquei extremamente indignado. Havia acordado pela manhã, deviam ser mais ou menos nove horas, com o barulho infernal, como se deitasse com o travesseiro ao lado de um lançador de foguetes, o Órgão de Stalin. Eu me levantei ardendo de ódio, corri até a janela, olhei para fora e avistei aquele homem que lidava com o aparelho soprador. Em seguida, fiquei ainda mais iracundo, pois uma olhada nas árvores ao redor denunciou que o dia estava absolutamente ventoso. Como era possível reconhecer com clareza, era uma completa insanidade querer soprar folhas de qualquer lugar para outro. Num primeiro momento, pensei em irromper lá para fora e lhe passar uma descompostura enraivecida, mas então me veio algo melhor à cabeça. Pois eu estava equivocado.

O homem recebera uma ordem, a qual dizia: sopra as folhas. E ele estava executando aquela ordem. Com uma fidelidade fanática que teria agradado o general Zeitzler. Um homem que seguia uma ordem, simples assim. E eu estava reclamando daquilo? Berrava que a tarefa não tinha sentido com todo aquele vento? Não, ele cumprira brava, estoica e ruidosamente sua obrigação. Como os homens fiéis da SS. Assim, milhares cumpriram suas tarefas sem considerar a própria responsabilidade, embora alguém pudesse ter reclamado: “O que faremos com tantos judeus? Não faz mais sentido nenhum, eles

chegam mais rápido do que conseguimos empurrá-los para as câmaras de gás!”

Fiquei tão tocado que me vesti depressa, saí, fui até ele, pousei a mão em seu ombro e lhe disse:

— Meu caro, quero lhe agradecer. É por pessoas como o senhor que continuo a minha luta. Pois eu sei que deste aparelho de soprar folhas, sim, de cada aparelho de soprar folhas vem o fôlego incandescente do nacional-socialismo.

Essa é exatamente a disposição fanática da qual esse país precisa. E esperava ter despertado um pouco dela também em Sensenbrink.

Pela manhã, quando cheguei ao escritório que me cederam, tomei novamente consciência de que o caminho que eu precisaria percorrer ainda era grande. Entrei na sala, talvez de cinco por sete metros, pé-direito de dois metros e meio, se tanto. Preocupado, pensei na minha chancelaria do *Reich*. Quando se entrava naquelas salas, sentia-se na mesma hora certa insignificância, tremia-se diante de tamanha força e cultura. Não pelo luxo, deve-se ressaltar, nunca tive dessas coisas, essa ostentação, mas na chancelaria do *Reich*, quando alguém era recebido, via-se de pronto que a pessoa sentia a superioridade do Reino Alemão, também no aspecto físico. Speer acertou admiravelmente em cheio: sozinho no Grande Salão de Recepção, aquele candelabro — acho que pesava uma tonelada. Se ele caísse, o homem que estivesse embaixo viraria uma mousse, um caldo, uma sopa pastosa de ossos, sangue e carne dilacerada, e talvez ainda desse para ver cabelo ao lado. Por isso, eu mesmo tinha um pouco de medo de ficar embaixo dele. Mas claro que não deixava isso transparecer e passava embaixo daquele candelabro como se não fosse nada; esta também é uma questão de costume.

E tem que ser exatamente assim!

Não é possível que se erga uma chancelaria do *Reich* por milhões e mais milhões e, então, alguém entre e pense: “Ah, eu imaginava muito maior.” Não pode acontecer de alguém pensar isso, deve ser sentido fisicamente, de imediato. Uma pessoa por si só não é nada, mas o povo alemão é tudo! Uma raça superior! Da qual deve emanar uma aura, como a do papa, mas naturalmente como a de um papa que golpeie com fogo e espada ao menor sinal de contrariedade, como o próprio Deus. Então, aquelas imensas portas duplas devem se abrir, e de lá sair o *Führer* do *Reich* Alemão, e os convidados estrangeiros, que devem se sentir como Ulisses diante de Polifemo, mas este Polifemo tem dois olhos! A ele ninguém engana!

E ele também tem uma porta, não uma grande rocha.

E escadas rolantes, fazendo as pessoas se sentirem como na galeria Kaufhof, em Colônia. Considerei isso logo depois da arianização. Era necessário dar o braço a torcer ao tal Tietz, pois construir armazéns é algo que os judeus sabiam fazer. Mas novamente há aqui uma diferença: lá, o cliente deveria acreditar que ele era o rei, mas quando entrava na chancelaria do *Reich*, o cliente saberia que precisava se curvar a algo maior ao menos em espírito. Nunca quis que todos os visitantes rastejassem, não literalmente.

O assoalho do escritório cedido para mim era feito de um conglomerado de tecido, uma espécie de revestimento felpudo, esfarrapado, com o qual não se faria nem um uniforme de inverno para os soldados alemães. Vi esse tipo de coisa aqui muitas vezes; era bastante comum. Pelo menos isso não significava nenhuma degradação da minha pessoa. Era claramente uma característica daquele tempo de pobreza. No futuro, prometi a mim mesmo, haveria outros assoalhos para o trabalhador alemão, para a família alemã.

E outras paredes.

As paredes ali eram finas como papel, provavelmente pela falta de matéria-prima. Havia duas escrivaninhas, obviamente de segunda mão, uma para mim e outra que seria a da copista que me prometeram. Respirei fundo e olhei pela janela, que dava para um estacionamento com lixeiras, as quais estavam ali para que o lixo fosse cuidadosamente separado, também por conta da falta de matéria-prima. Não queria nem imaginar o conteúdo de qual dessas latas foi usado, no fim das contas, para fazer o patético revestimento do assoalho. Então, ri em silêncio por causa da ironia amarga do destino. Se, no passado, esse povo tivesse se esforçado mais no momento certo, hoje esse tipo de coleta seletiva não seria necessária, pois teríamos à disposição a matéria-prima de todo o Leste. Seria possível jogar, sem pestanejar, lixo de todo tipo em apenas duas latas ou até mesmo em uma única. Balancei a cabeça, sem entender.

Espalhadas, as ratazanas percorriam o pátio, alternando-se com grupos de fumantes. Ratazanas, fumantes, ratazanas, fumantes, assim sucessivamente. Olhei outra vez para minha escrivaninha humilde, pobre até, e para a parede barata, relativamente branca, atrás dela. Podia-se pendurar ali o que quer que fosse, mesmo uma águia de bronze do *Reich*, que seu aspecto não melhoraria.

Seria até mesmo motivo de comemoração se a parede não desabasse com o peso. No passado, tive um gabinete de quatrocentos metros quadrados, e agora o *Führer* do Grande *Reich* Alemão estava numa caixa de sapatos. O que tinha acontecido com aquele mundo?

E para onde teria ido a minha copista?

Olhei para o relógio. Era quase uma da tarde.

Abri a porta e olhei para fora. Não se via ninguém além de uma senhora de meia-idade de uniforme. Ela riu ao olhar para mim.

— Ah, o senhor está aí! Já está ensaiando? Estamos todos muito empolgados!

— Onde está minha copista?

Ela parou por um momento para refletir. Então disse:

— É uma funcionária de quatrocentos euros, não é? É provável que trabalhe apenas meio expediente e venha só à tarde. Por volta das duas.

— Ah, sim — falei, desconcertado —, e o que eu faço até lá?

— Não sei — respondeu ela e virou-se, rindo, para seguir seu caminho —, talvez uma pequena guerra-relâmpago?

— Vou tomar nota disso! — retruquei com frieza.

— Sério? — Ela parou e virou-se para mim novamente. — Que ótimo. Fico feliz que o senhor possa usar isso no seu programa! Aqui na empresa, estamos todos juntos!

Voltei para o escritório e fechei a porta.

Em cada uma das escrivaninhas havia uma máquina de escrever sem rolo diante de um aparelho de televisão provavelmente instalado ali por engano. Decidi continuar meu treinamento em matéria televisiva, mas não encontrei a caixinha de controle. Era muito irritante. Enraivecido, agarrei o telefone para, em seguida, mais uma vez deixar o fone cair no gancho. Não sabia com quem eu deveria pedir para falar na central. Aquele ambiente, com toda sua infraestrutura técnica moderna não me ajudava em absolutamente nada. Suspirei, e no meu coração palpitou um momento de desespero ansioso. Mas apenas por um instante: deixei o apelo da fraqueza decisivamente de lado. Um político faz o melhor com o que há disponível. Às vezes, com o não

disponível também, como nesse caso. Pois eu poderia muito bem ir lá fora e, nesse ínterim, observar o novo povo alemão.

Saí pelas portas principais e olhei ao redor. Mais adiante havia uma pequena área verde, cujas árvores folhosas já carregavam as cores outonais com mais intensidade. À esquerda e à direita havia outros edifícios. Meu olhar parou em uma mulher maluca, que, às margens daquela área verde, levava um cachorro por uma corda e estava prestes a recolher o que o animal havia depositado ali. Perguntei-me por um instante se aquilo já tinha sido esterilizado, mas cheguei à conclusão de que, de um jeito ou de outro, era pouco representativo para a Alemanha, então, virei-me para outra direção e percorri aleatoriamente o lado esquerdo.

Pendurada na parede havia uma máquina de venda de cigarros, da qual provavelmente os fumantes que partilhavam do estacionamento com as ratazanas se abasteciam. Passei por ela e por diversos transeuntes. Claramente, meu uniforme não era um incômodo, quanto a isso eu poderia ficar tranquilo, pois ali não parecia ser algo incomum. Encontrei dois homens com imitações baratas do uniforme da *Wehrmacht*, uma enfermeira e dois médicos.

Desde que, no passado, eu havia saído da prisão, era seguido de perto por partidários, e a atenção que eles me dispensavam nem sempre era bem-vinda. Eu precisava constantemente enganá-los com pequenas manobras, no sentido mais estrito da palavra, a fim de conseguir um pequeno descanso dos fotógrafos. Nesse ambiente especial de agora, porém, eu era de certa forma eu mesmo e, portanto, seguia incógnito, o que era ideal para o estudo da população. Porque muitas pessoas não se comportam com naturalidade na presença do *Führer*. Nesses casos, eu sempre digo: “Os senhores não precisam se preocupar!”, mas justo os mais simples não dão a mínima. Nos meus tempos em Munique, as pessoas mais simples penduravam-se em mim como loucas. Agora eu estava livre daquilo. Poderia observar o alemão verdadeiro, genuíno: o berlinense.

Alguns minutos depois, passei por um canteiro de obras. Homens com capacete caminhavam arrastando os pés, o que me lembrou o que vivi nos meus tempos de dificuldades amargas em Viena, quando eu também trabalhava em canteiros de obras para ganhar o pão de cada dia. Olhei,

curioso, por cima da cerca. Esperava deparar com casas sendo erguidas, mas era óbvio que a arquitetura ali não havia feito muitos progressos. No andar de cima, um capataz passava uma descompostura em um jovenzinho, podia ser um jovem aprendiz, um futuro arquiteto, um jovem cheio de esperanças como fui no passado. Ele também precisava se submeter à violência pura do operário. O mundo impiedoso do canteiro de obras ainda era o mesmo de antes. O jovem podia ter adquirido conhecimentos em ciências filológicas e filosofia natural, mas isso não adiantava nada naquele universo de cimento e aço. Por outro lado, significava também o seguinte: ainda havia a massa brutal, simplória, e eu precisava apenas despertá-la. Além disso, a qualidade do sangue parecia completamente aceitável.

Enquanto caminhava, observei os rostos que passavam por mim. Quase nada parecia ter mudado. As medidas tomadas no meu tempo de governo claramente haviam compensado, ainda que não tivessem avançado muito. Acima de tudo, quase não era possível reconhecer os mestiços. Viam-se influências orientais relativamente fortes, muitos elementos eslavos nos rostos, mas sempre tinha sido assim em Berlim. Por sua vez, a novidade era o elemento turco-árabe considerável na paisagem urbana. As mulheres com lenços na cabeça, turcos idosos de colete e boina. No entanto, segundo as aparências, não se chegou a uma mistura sanguínea. Os turcos que eu vi pareciam turcos, não era possível constatar uma melhoria pelo sangue ariano, embora os turcos certamente tivessem um grande interesse nisso. Para mim, ainda era um mistério que houvesse uma quantidade tão grande de turcos nas ruas. Principalmente naquele horário. De qualquer forma, não pareciam ser serviçais importados, aqueles turcos não pareciam apressados. Era possível até mesmo conjecturar, pelo jeito como caminhavam, certa indolência.

Uma campainha me arrancou de meus pensamentos. Um barulho que anunciava o fim de uma aula ou de um período. Olhei para cima e notei que de fato havia um edifício escolar ali perto. Apressei meus passos e me sentei num banco livre diante do prédio. Talvez fosse a hora do intervalo, o que seria uma oportunidade de observar a juventude em grande escala. E, de fato, uma quantidade considerável de jovens correu para fora do prédio naquele momento, mas uma identificação mais próxima das turmas era totalmente

impossível. Pude ver vários garotos, só que não parecia haver nenhuma garota da mesma idade. As que saíram do prédio pareciam mais professoras que alunas, ou, pelo menos, já estavam na idade de ter filhos. Talvez a ciência tivesse descoberto uma maneira de evitar aqueles anos confusos da puberdade e, acima de tudo, catapultar de imediato as jovens mulheres para a idade fértil. O pensamento era, a princípio, óbvio, pois um amadurecimento lento é razoável apenas para o homem. Os espartanos da Grécia clássica não teriam pensado diferente. Tal observação se confirmava também no fato de que as mulheres vestiam-se com roupas muito justas, o que sinalizava claramente que estavam se esforçando para escolher um parceiro para a constituição familiar. Contudo, o que mais uma vez era incrível, poucas delas eram alemãs. Parecia mais ser uma escola para alunos turcos estrangeiros. Depois de poucos fragmentos de conversas, formou-se uma imagem surpreendente, quase agradável.

De fato, consegui observar, naqueles estudantes turcos, que meus princípios haviam sido corretamente difundidos e convertidos em diretrizes. Foram ensinados aos jovens turcos apenas os conhecimentos linguísticos mais elementares. Quase não era possível identificar uma construção frasal correta; aquilo parecia mais uma barricada linguística, cercada pelo arame farpado intelectual, coalhada de granadas mentais como os campos da Batalha do Somme. O que diziam podia bastar para a compreensão escassa, mas não para uma resistência organizada. Na ausência de um vocabulário suficiente, a maioria das frases era completada com gestos amplos, uma verdadeira linguagem de sinais, aplicada segundo as minhas ideias, da forma que eu próprio desenvolvi e quis. Um uso pensado para a Ucrânia, para a região russa conquistada, mas que também era válido para qualquer outro povo dominado. Além disso, outra medida técnica parecia ter sido alcançada, algo que obviamente eu não poderia ter previsto: aqueles estudantes turcos precisavam claramente carregar pequenos tampões de ouvido, que provavelmente serviam para impedir a recepção de informações adicionais desnecessárias ou conhecimento. O princípio era simples e parecia funcionar quase bem demais — algumas daquelas jovens figuras studentis lançavam olhares de uma parcimônia intelectual tamanha que ficava quase impossível

imaginar que atividade útil eles poderiam um dia realizar para a sociedade. De qualquer forma, como pude confirmar com uma verificação rápida, nem eles nem ninguém varria as calçadas.

Quando entrei no campo de visão dos alunos das duas raças, em alguns rostos surgiu um reconhecimento alegre. Ficou muito claro que os alunos de origem alemã me conheciam das aulas de história, os de origem turca, das telas da televisão. Então aconteceu o inevitável: fui novamente identificado, de forma errônea, como o “outro Sr. Stromberger da Switch”, tive de dar alguns autógrafos e tirar fotos com diversos estudantes. A confusão não foi exagerada, mas foi tão considerável que por um momento perdi a visão geral e quase tive a impressão absurda de que os estudantes alemães também falavam aquela mesma salada linguística dilacerada. Quando, de soslaio, vi outra mulher maluca que recolhia meticulosamente naquele instante partes do excremento de seu cachorro, considerei que havia chegado o momento certo de voltar à paz e ao isolamento do meu escritório.

Fiquei sentado por quase dez minutos atrás da minha escrivaninha e observei a nova mudança de turno entre fumantes e ratazanas, quando as portas se abriram e entrou uma pessoa que possivelmente saíra havia pouco tempo daquele grupo de colegiais de idade indeterminada. Esta, contudo, trajava roupas notavelmente pretas combinando com seu longo cabelo escuro penteado para o lado. E quem teria uma predileção pelo preto, sim, quem saberia avaliar melhor essa cor do que eu? Especialmente na SS, o preto sempre me pareceu algo bastante arrojado. Porém, ao contrário dos meus homens da SS, a aparência da jovem era pálida, intranquila, porque escolhera um batom muito escuro, quase azulado.

— Pelo amor de Deus — falei, pulando da cadeira —, a senhorita está bem? Está com frio? Sente-se, depressa!

Ela me olhou impassível, mascarando um chiclete, e então tirou dois plugues com fios das orelhas e disse:

— Oi?

Comecei a duvidar da minha teoria dos plugues de ouvido turcos. A jovem não irradiava nada de asiático. Então era preciso que eu investigasse outra vez a questão a fundo. E ela também não parecia estar com frio. De qualquer

forma, deixou uma mochila preta deslizar do ombro e tirou o casaco preto de outono. Embaixo dele, vestia trajes normais com a limitação de que estes também eram totalmente pretos.

— Então — começou ela, sem demonstrar mais interesse pela minha pergunta —, o senhor é o mesmo o Sr. Hitler! — Ela me estendeu a mão.

Apertei sua mão, voltei a me sentar e perguntei em poucas palavras:

— E quem é a senhorita?

— Vera Krömeier — respondeu ela. — Isso é muuuito legal. Será que posso perguntar uma coisa? Isso é o método Stanislavski?

— Perdão?

— Ai, aquilo que o De Niro também faz. E o Al Pacino. Método Stanislavski. Aquele que faz os caras entrarem mesmo no personagem.

— Veja bem, Srta. Krömeier — comecei, determinado, e me levantei —, não sei exatamente do que está falando, mas com certeza o mais importante é que a senhorita saiba o que *eu* estou dizendo, então...

— O senhor está certo — disse a Srta. Krömeier e, com dois dedos, tirou o chiclete da boca. — Tem uma lixeira por aqui? Normalmente esquecem de botar, né?

Ela olhou ao redor, sem encontrar uma lixeira, e se levantou falando: “Um momentinho”, enfiou novamente o chiclete na boca e desapareceu. Fiquei ali, em pé, no meio da sala, sentindo-me um pouco inútil. Então, sentei-me novamente. Pouco tempo depois, ela voltou com uma lixeira vazia na mão. Deixou-a no chão, tirou de novo o chiclete da boca e, satisfeita, jogou-o na lixeira.

— Então — disse ela —, melhor assim. — Em seguida, voltou-se para mim. — Do que o senhor precisa, chefe?

Suspirei. Ela também. Tive que começar tudo de novo.

— Em primeiro lugar — falei —, não é “chefe”, e sim “*Führer*”. Melhor, “meu *Führer*”, se a senhorita preferir. E eu gostaria de que me cumprimentasse com decência quando entrasse no gabinete.

— Cumprimentar?

— Com a Saudação Alemã, claro! Erguendo o braço direito.

Como se entendesse, o rosto dela se iluminou, então ficou em pé com um pulo:

— Eu sabia. É exatamente isso! Método Stanislavski! Tenho que fazer igual?

Assenti com a cabeça. Ela saiu pela porta, fechou-a, bateu e, quando eu disse “Entre”, ela entrou, esticou o braço para a frente e para o alto e gritou:

— BOOOOM DIA, *MEU FÚRRA!* — E então perguntou: — Precisa gritar assim, não é? Vi isso num filme uma vez. — Em seguida, fez uma pausa, assustada, e berrou: — OU PRECISO GRITAR SEMPRE? COM O HITLER ERA SEMPRE PRECISO GRITAR TUDO, NÃO ERA? — Ela observou meu rosto e disse, novamente, num tom de voz normal: — Fiz errado de novo, não é? Desculpe aí! O senhor vai me mandar embora?

— Não — falei, tranquilizando-a —, está tudo certo. Não espero perfeição de um camarada alemão. Espero apenas que ele dê o seu melhor, cada um no seu posto. E, para mim, a senhorita parece estar num excelente caminho. Mas, por favor, faça a gentileza de não gritar mais!

— Certo, meu *Fúrra!* — disse ela e completou: — Assim está bom?

— Está ótimo — elogiei. — Só a mão que deveria ficar um pouco mais para a frente. Não está pedindo atenção numa escola do interior!

— Tudo bem, meu *Fúrra.* E o que fazemos agora?

— Para começar — falei —, mostre-me como operar este aparelho de televisão. Depois, tire o aparelho da sua mesa, afinal a senhorita não é paga para ver televisão. Então, precisaremos encontrar uma máquina de escrever decente para a senhorita. Não pode ser uma máquina qualquer, precisamos da fonte Antiqua 4 mm, e tudo o que a senhorita escrever para mim, use um centímetro no espaçamento de linha. Do contrário, só conseguirei ler com óculos.

— Não sei bater à máquina, não — respondeu ela —, só no PC. E se o senhor tirar meu computador, não conseguirei fazer nada. Mas com o computador a gente consegue qualquer tamanho de fonte que o senhor quiser. E eu posso ligá-lo para o senhor.

E, então, ela me apresentou a uma das invenções mais surpreendentes da história da humanidade: o computador.

Sempre me surpreendo, pois o elemento criador no ariano não deve ser subestimado. Mesmo a mim, que já reconheci tal princípio há muito tempo, surpreende a precisão quase infalível dele, mesmo sob as circunstâncias mais precárias, com o novo.

Desde que, claro, o clima seja propício.

No passado, já existiam discussões genuinamente ridículas que precisei conduzir sobre os germânicos da pré-história na floresta e eu nunca neguei que, quando está frio, o germânico não faz nada. Exceto, talvez, produzir fogo para se aquecer. É o que se vê no norueguês e no sueco. Também não me surpreendeu quando soube o sucesso atual que os suecos festejam com seus móveis. O sueco, em seu estado preguiçoso, está o tempo todo em busca de lenha; por isso, não causa espanto que daí também surja uma cadeira, ou até uma mesa. Ou um tal sistema social, que fornece a milhões de parasitas o aquecimento sem custo em suas cabanas de madeira, o que leva apenas a mais enfraquecimento e indolência contínua. Não, os suecos expõem, além dos suíços, o pior dos germânicos, mas — e isso não se deve perder de vista nunca — por um simples motivo: por conta do clima. Por sua vez, assim que o germânico chega ao Sul, infalivelmente desperta nele a criatividade, o desejo criador, e então constrói a Acrópole em Atenas, a Alhambra na Espanha, as pirâmides no Egito, disso tudo já se sabe, apenas se ignora de forma quase leviana em seu convencimento, pois muitos não veem o ariano diante das imensas construções. E na América vale o mesmo: sem os imigrantes alemães, o americano não seria nada. Eu sempre me preocupei, naquela época, com o fato de não poder oferecer a todos os alemães um solo próprio, e no início do século XX perdemos centenas de milhares de imigrantes aos americanos. O que é estranho, pois como eu gostaria de destacar, poucos se dedicaram ao campo e, de fato, poderiam muito bem ter ficado por aqui. Mas a maioria pensou que lá o campo era maior, e que uma

hora também receberiam sua própria fazendola, e nesse meio-tempo só precisariam ganhar o pão de outra forma. Então, essas pessoas procuraram empregos, pequenas atividades manuais, como, digamos, sapateiros, marceneiros ou algo na física atômica, o que era oferecido por lá. E há a história de Douglas Engelbart. Seu pai já havia imigrado para Washington, que já é mais meridional do que se acredita ser, mas o jovem Engelbart segue para a Califórnia, que é *ainda* mais ao sul, e seu sangue germânico borbulha no calor e ele cria, de pronto, esse aparelhinho, o mouse.

Ou seja: fantástico.

Preciso dizer que no início não me dei muito bem com esse tal de computador. Entendi *grosso modo* o que o Zuse havia montado, acredito que tenha sido patrocinado por algum ministério, mas no fim das contas era mais uma coisa para professores de óculos. Além de ser impossível de levar para o front. Eu não teria gostado de ver esse Zuse afundar no pântano de Pripyat com seu cérebro eletrônico do tamanho de um armário. Ou na missão de paraquedistas militares em Creta, pois o homem despencaria como uma pedra e teriam que dar um planador de carga só para ele, e para que tudo isso? No fundo, era melhor calcular tudo de cabeça, pode-se dizer o que quiser contra o banqueiro Schacht, mas o que esse aparelho de Zuse fazia, o Schacht teria calculado após setenta e duas horas na linha de tiro inimiga com um olho fechado, enquanto recheava um pãozinho da ração militar. Nesse momento eu também fiquei furioso, porque a Srta. Krömeier me puxava para a frente da tela.

— Não preciso conhecer este aparelho — retruquei. — A secretária aqui é a senhorita!

— Por isso o senhor tem que se sentar aí, meu *Fúrra* — retrucou a Srta. Krömeier. Eu me lembro desse momento como se tivesse sido ontem. — Porque senão, depois, vai ser um tal de “Me ajude aqui” e “Me ajude com esse outro!”, e o meu trabalho mesmo não vou conseguir fazer.

Na verdade, nem gostei daquele tom, mas a maneira quase grosseira me lembrou muito de como Adolf Müller me ensinou a dirigir no passado. Foi pouco depois de uma roda se desprender do carro em movimento com um dos meus choferes. Devo dizer que Müller me deu uma bela reprimenda,

embora para ele fosse muito menos uma questão nacional, pois temia que eu pudesse quebrar o pescoço. Se isso acontecesse, ele perderia a impressão do *Völkische Beobachter*. Müller não era instrutor de condução, acima de tudo era um empresário. Embora, talvez, eu esteja sendo injusto com ele, como percebi agora; ele deu um tiro em si mesmo pouco depois do final da guerra, e com um suicídio não se ganha nada, no fim das contas. De qualquer forma, ele me levou em seu carro para que eu visse como se deveria dirigir, ou no meu caso, no que se deveria prestar atenção num chofer. Foi uma aula imensamente valorosa, pois aprendi com esse Müller o que não aprendi com vários professores em anos. Quero enfatizar aqui que gosto mesmo de ouvir as outras pessoas também, desde que não sejam aqueles cretinos tradicionais do estado-maior. Certamente, muitas pessoas dirigem melhor do que eu, mas se alguém corrige um front ou quanto tempo se resiste em um bolsão, isso ainda decido eu e não um Sr. Paulus qualquer, que sempre acaba se acovardando.

Quando eu penso nisso...!

Bem. Fica para a próxima.

De qualquer forma, concordei, com base em diversas reminiscências, em seguir as explicações da Srta. Krömeier, e preciso confessar: valeu a pena.

Quanto a mim, essas máquinas de escrever sempre me apavoraram. Nunca quis ser guarda-livros ou um burro de carga cartorial e, inclusive, sempre ditei meus livros. Era o que me faltava, ficar datilografando como um jornalista de sensacionalismo qualquer em um jornaleco local, mas então veio essa maravilha tecnológica do espírito criador alemão; então veio o mouse.

Eram raras as invenções tão geniais assim.

Move-se o aparelhinho na mesa e, exatamente no mesmo instante em que fazemos isso, uma mãozinha se movimenta na tela. E caso queira tocar em um ponto no monitor, é só apertar o tal do mouse, e logo a mãozinha toca o ponto escolhido na tela. É tão fácil que logo fiquei encantado. Ainda assim, seria apenas uma bobagem divertida se servisse simplesmente para facilitar quaisquer atividades de escritório. Contudo, provou-se que aquele aparelho era um híbrido impressionante. Podia-se escrever com ele, mas também era possível, por meio de uma rede de fios, entrar em contato com todas as

pessoas e instituições que também estivessem de acordo. Além disso — diferente do aparelho telefônico —, muitos participantes nem mesmo precisavam sentar-se diante do computador, apenas deixavam lá coisas para outras pessoas terem acesso na sua ausência, o que todos os comerciantes faziam.

Contudo, o que me deixou especialmente satisfeito foi que jornais, revistas e todos os meios de informação eram acessíveis ali. Era como uma imensa biblioteca com horário de funcionamento ilimitado. Como me faltava isso! Quantas vezes quis ler um pouco às duas da manhã, após um dia difícil cheio de complexas decisões militares a tomar. E, claro que o bom Bormann fazia o possível, mas quantos livros um simples diretor de chancelaria do *Reich* poderia fornecer? Além disso, no quartel-general da Toca do Lobo não havia espaço infinito. Essa tecnologia maravilhosa chamada “inter-rede”, ao contrário, oferecia simplesmente tudo a qualquer momento do dia e da noite. Tudo que tínhamos que fazer era buscar num dispositivo chamado “Google” e apertar o resultado com aquele aparelhinho fantástico: o mouse. E não demorei muito a perceber que, de qualquer forma, eu sempre caía no mesmo endereço: uma obra de consulta protogermânica chamada “Wikipédia”, fácil de reconhecer como um neologismo que mistura enciclopédia e o velho sangue explorador germânico dos vikings.

Um projeto que quase me levou às lágrimas.

O fato era que aqui ninguém pensava em si mesmo. Com altruísmo e abnegação verdadeiros, inúmeras pessoas reuniam todo tipo de informação a favor da nação alemã sem ganhar um fênigue por isso. Era uma espécie de trabalho solidário às vítimas do inverno do conhecimento, mostrando que, mesmo na ausência de um partido nacional-socialista, o povo alemão instintivamente se apoia. É preciso, obviamente, ter certas reservas no que diz respeito à especialização desses compatriotas nada egoístas.

Então, com alegria, tomei ciência, apenas para dar um exemplo, de que meu vice-chanceler Franz von Papen afirmou, em 1932, que, dois meses após eu ter conquistado o poder, já teriam me pressionado tanto contra a parede que eu acabaria gritando. Nessa inter-rede também pude ler que Franz von Papen não em dois, mas em três meses pensou em fazer isso, ou até em seis semanas.

Com frequência ele não pensava em me colocar contra a parede, mas, sim, me imprensar num canto. Ou mesmo num beco sem saída. Possivelmente eu também não deveria ser pressionado, mas esmagado, e o objetivo imaginado não era um grito, mas um gemido. Na verdade, no fim das contas, o leitor inexperiente iria supor que Franz von Papen, num período entre seis e doze semanas, pensou em me pressionar de alguma forma até que eu deixasse escapar um som agudo. O que se aproximava de forma ainda mais surpreendente das intenções reais deste que na época se autodenominava estrategista.

— O senhor já tem um endereço? — perguntou a Srta. Krömeier.

— Eu moro num hotel — respondi.

— De e-mail. Para mensagens eletrônicas.

— A senhorita também pode mandar para o hotel!

— Ou seja, não tem — disse ela, datilografando algo no computador.

— Com que nome o senhor quer se registrar?

Olhei para ela, sério, com a testa franzida.

— Com que nome, meu *Fúrra*?

— Com o meu — falei —, é óbvio!

— Ai, vai ser difícil — comentou ela e datilografou de novo.

— O que vai ser difícil? — perguntei. — Com qual nome a senhorita recebe sua correspondência?

— Com vulcania17-arroba-web-ponto-com — disse ela. — Olhe só: o nome do senhor não pode mais.

— Perdão?

— Posso tentar até em outros servidores, mas não vai fazer muita diferença. E se não for proibido, então já vai ter sido registrado por algum maluco.

— O que significa ter sido registrado? — perguntei, nervoso. — Claro que mais pessoas se chamam Adolf Hitler. Também mais pessoas se chamam Hans Müller. O correio não diz também que pode haver apenas um Hans Müller. Não é possível se apropriarem de um nome!

Ela me encarou, levemente irritada, um pouco como eu olhava várias vezes para o presidente ancião do *Reich*, Hindenburg.

— Só existe um endereço de cada — disse ela com firmeza, mas muito devagar, como se temesse que eu não conseguiria seguir suas instruções se não fosse dessa forma. Então, continuou datilografando. — O que já existe: Adolf-ponto-Hitler já era — avisou ela. — Adolffhitler junto e Adolf-*underline*-Hitler também.

— Por que *underline*? Como assim, *underline*? — Tentei descobrir. — Se for para ser isso, que seja supertraço! — Mas a Srta. Krömeier continuou datilografando.

— O mesmo para AHitler e A-ponto-Hitler — informou ela, datilografando. — Só Hitler e apenas Adolf também já foram usados.

— Então é preciso pegar de volta — falei, determinado.

— Não dá para pegar de volta — respondeu ela, exasperada.

— Bormann teria dado um jeito! Do contrário, nunca teríamos conseguido todas aquelas casas em Obersalzberg. A senhorita acha que estavam totalmente desocupadas antes? Claro que tinha gente morando, mas Bormann tinha lá seus métodos...

— Por acaso prefere que o Sr. Bormann cuide do seu endereço de e-mail? — perguntou a Srta. Krömeier, preocupada e também um tanto ofendida.

— Bormann não está disponível no momento — confessei e, para não desanimar a tropa, completei: — Tenho certeza de que a senhorita está fazendo o seu melhor.

— Então, vou continuar, se para o senhor estiver tudo bem — disse ela. — Quando o senhor nasceu?

— Em 20 de abril de 1889.

— Hitler89 também já era, Hitler204... não, com seu nome não dá para continuar.

— Que insolência! — exclamei.

— E se o senhor escolhesse outro nome? Eu também não me chamo Vulcania17.

— Mas isso é ultrajante! Não sou um zé-ninguém!

— É assim mesmo na internet. Quem chega primeiro, pega. O senhor pode escolher algo simbólico!

— Um pseudônimo?

— É, tipo isso.

— Então... use Lobo — decidi, contrariado.

— Só Lobo? Com certeza já tem. É simples demais.

— Então, em nome de Deus, use... Toca do Lobo!

— Também já tem. O senhor pode ser Toca do Lobo 6.

— Não serei Toca do Lobo 6!

— Espere aí, o que o senhor disse antes... Como chama aquela coisa? Obasalzbach?

— Berg! Obsersalzberg!

Ela datilografou e, em seguida, disse:

— Ops. O senhor também não vai querer Obsersalzberg 6, não é? — E sem esperar resposta, continuou: — Tentei Chancelaria *Reich*. É alguma coisa para o senhor. E... tem ChancelariaReich1.

— Chancelaria *Reich*, não — falei —, tente “Nova Chancelaria do *Reich*”. Ao menos desse edifício eu gosto.

Ela datilografou de novo.

— Consegui — disse ela. — Agora, sim.

Em seguida, olhou para mim.

Naquele breve momento, devo ter demonstrado certa frustração. De qualquer forma, ela se sentiu na obrigação de dizer num tom reconfortante, quase maternal:

— Não fique assim! O senhor vai receber seus e-mails em Nova Chancelaria do *Reich*. Parece muito bom, não é? — Ela fez uma pausa, balançou a cabeça, e acrescentou: — Se é que posso comentar... O senhor é mesmo fantástico! Incrivelmente convincente! Preciso tomar cuidado para não pensar que o senhor realmente morou lá...

Por um instante, nenhum de nós disse uma palavra sequer, enquanto ela datilografava mais coisas no computador.

— Quem é o responsável por tudo isso? — perguntei em seguida. — Não há mais ministério da propaganda do *Reich*.

— Ninguém — respondeu ela. Então, cuidadosamente, recapitulou o assunto: — Mas... disso o senhor sabia, certo? Faz parte do show, não é?

Quero dizer... Tenho que explicar tudo como se o senhor tivesse caído aqui ontem?

— Não tenho que dar satisfação alguma à senhorita — falei, um pouco grosseiro, como havia planejado. — Responda à minha pergunta!

— Bem — disse ela, suspirando —, tudo está meio fora do controle, meu *Fúrra*. Não estamos na China. É lá que eles têm censura!

— Bom saber disso — respondi.

Fiquei aliviado por não ter estado lá quando as forças vitoriosas dividiram o *Reich* depois da guerra. Se eu estivesse presente, a visão teria simplesmente partido meu coração. Por outro lado, é preciso dizer também que diante do estado no qual o país estava na época, isso não teria feito a menor diferença. Além disso, como pude extrair de documentos que foram distorcidos pelas propagandas, os cereais estavam disponíveis apenas em porções restritas, portanto, o inverno de 1946 deve ter sido especialmente desagradável. Numa observação mais precisa, não consigo ver nada de ruim nisto: de acordo com o antigo ideal de educação espartano, a dificuldade inexorável culmina em crianças e povos ainda mais fortes, e um inverno de fome, queimando impiedosamente na memória de uma nação, fará de forma muito mais duradoura que no futuro ela se preocupe antes de perder outra guerra mundial.

Se eu puder confiar nos historiógrafos democráticos, após eu ter parado de participar ativamente da política, no final de abril de 1945, os embates continuaram por uma semana patética. Isso é indiscutível. A resistência dos *Werwölfe* foi descartada por Dönitz e as instalações de bunker, compradas por Bormann a altos preços, não foram usadas de forma correta. Bem, já era possível imaginar que os russos despejariam suas enxurradas de povos em Berlim, sem se importar com quantas vidas humanas isso custaria. Mas preciso confessar que pesquisei os documentos com certo prazer ansioso, pelas belas surpresas que esperavam esses americanos pretensivos. Porém, tive de verificar, para minha mais profunda decepção, que não houve nenhuma.

Uma tragédia.

Assim, fica provado, mais uma vez, que o que eu escrevi em 1924 é verdade: no fim da guerra os elementos mais valiosos do povo caem no front com abnegação e sobra apenas o resto mediano ou até mesmo inferior, que se sente bom demais ou, por mais paradoxal que seja, refinado demais para

preparar para os americanos, vindos direto do submundo, um banho de sangue decente.

E também confesso que nesse ponto das minhas reflexões fiz uma observação para mim mesmo. Já é interessante, até mesmo possível, observar as coisas com certa distância, de maneira totalmente nova. Depois de eu mesmo ter ressaltado a morte prematura dos melhores elementos do povo, foi surpreendente como pude partir do princípio de que nessa guerra tudo seria diferente. Anotei para mim mesmo de forma escrupulosa: “Próxima guerra: os inferiores primeiro!” Então, quando me passou pela cabeça que uma ofensiva inicial dos inferiores possivelmente não traria o resultado desejado, corriji a anotação para “Medianos primeiro”, depois para “Os melhores primeiro, mas seguidos logo pelos medianos e, finalmente, pelos inferiores”, acrescentando: “Também misturar os suficientemente bons até os muitos bons.” No fim das contas, risquei tudo e escrevi: “Dividir melhor os bons, medianos e inferiores!” e posterguei a solução do problema. Ao contrário do que muitos podem presumir, o *Führer* não precisa conhecer imediatamente a resposta correta — só precisa tê-la preparada na hora certa, a qual nesse caso, digamos, seria a próxima eclosão de guerra.

O decorrer das coisas após a capitulação deplorável daquele incapaz do Dönitz me surpreendeu apenas em certa medida. De fato, os aliados brigaram pelo espólio, como eu previ — contudo, infelizmente, não esqueceram a partilha dele. Os russos mantiveram sua parte da Polônia e, por isso, presentearam de forma generosa os poloneses com a Silésia. A Áustria manteve-se neutra sob a liderança de alguns sociais-democratas. No restante da Alemanha, instalou-se em menor ou maior grau, sob pretensos processos eleitorais, um regime marionete camuflado, sob a liderança de figuras como os ex-prisioneiros Adenauer e Honecker, o gordo profeta econômico Erhard ou — também nada surpreendente — Kiesinger, uma daquelas centenas de milhares de camaradas medíocres que, em 1933, entraram depressa no partido. Gostaria de dizer que senti certa satisfação ao ler que essa bandeirola no vento da opinião transformou aquela entrada no partido, no último segundo, em desgraça.

Claro que as forças vencedoras levaram a cabo seu antigo plano de inculcar no povo um federalismo totalmente exagerado para garantir a discórdia duradoura da nação. Havia inúmeros dos chamados estados federais, que, óbvio, interferem de pronto e mutuamente em todas as questões e despedaçam tudo o que esse parlamento federal incapaz decide. Inclusive, na minha querida Baviera, essa medida deixou até mesmo a mais estúpida e duradoura impressão. Aqui, onde certa vez deitei a pedra fundamental do meu movimento, o povo admirava os brutamontes mais idiotas, que buscam esconder sua religiosidade de fachada e sua corruptibilidade ininterrupta esvaziando e balançando grandes canecos de cerveja. Para esses sujeitos, o mais honrado a se fazer ainda era visitar bordéis ocasionalmente.

Enquanto isso, ao norte do país, espalhou-se a social-democracia, que expandiu seu domínio a um imenso clubinho de romantismo social e, por isso, a riqueza nacional foi desperdiçada a bel-prazer. Todas as figuras restantes dessa república eram também, assim me pareceu, pouco dignas de menção; tratava-se dos costumeiros representantes políticos parlamentares insossos, cujas piores figuras foram nomeadas chanceleres com grande urgência, como logo após a Primeira Guerra Mundial. Deve ter sido mesmo uma “graça” especial do destino que ele tenha escolhido justamente Helmut Kohl, o mais retardado e molenga entre esses micróbios intelectuais, para catapultar a assim chamada reunificação no seu colo amplo.

Essa suposta “reunificação” é uma das poucas mentiras propagandistas declaradas de primeira linha dessa república, pois faltam algumas partes nada desprezíveis para uma reunificação verdadeira, como a Silésia, concedida à Polônia, e também a Alsácia-Lorena ou a Áustria. Apenas assim pode-se mensurar também a falta de jeito daqueles representantes do governo em ação, pois eles estavam na situação perfeita para arrancar dos russos, naquela época enfraquecidos, alguns quilômetros quadrados que foram totalmente arruinados, em vez de retirar do inimigo hereditário francês uma região próspera que teria mesmo levado o país para a frente.

Contudo, quanto maior a mentira, mais prontamente se acredita nela. E é graças a seu heroico ato de “reunificação” que aqueles substitutos do chanceler seguem “governando” o país há sessenta anos, quatro a mais do que

a minha idade. Incrível. E ainda assim aquele homem agiu como Göring após tomar um quinto de barbitúrico. Só sua aparência já era algo paralisante. Por quinze anos trabalhei para construir a aparência de um partido forte e agora sou obrigado a ler que seria muito bem possível administrar esse país de suéter. Só fico feliz por Goebbels não ter visto tudo isso acontecer. O pobre homem se revolveria no túmulo com tanta força que conseguiria até atravessar o solo pátrio alemão.

Nesse meio-tempo, o antigo inimigo francês virou nosso amigo mais íntimo. Em qualquer ocasião, aqueles palhaços governantes pulavam no pescoço uns dos outros e prometiam que nunca mais iam brigar com homens de verdade. Essa vontade firme foi sacramentada em uma aliança europeia, como uma banda que os garotos às vezes formam. Essa banda precisava de mais tempo para discutir quem deveria ser o chefe e quem precisava trazer mais guloseimas. A parte oriental do continente tentou, nessa época, equiparar-se ao Ocidente em idiotice, mas com uma diferença: aqui as alterações acontecem porque se trata única e exclusivamente de repetir bobagens aos ditadores bolcheviques. Enquanto lia, fiquei tão enjoado que várias vezes pensei que iria vomitar.

Havia um motivo para o Ocidente conseguir se dedicar a brigas em grande parte infantis: o judaísmo financeiro americano, que lá dominou sem interrupções, cuidava das coisas mais importantes. O que garantiu para si, a partir da massa remanescente alemã, os serviços do fracote major Wernher von Braun, um oportunista do qual sempre suspeitei que, como se esperava, estava pronto para vender, durante a produção do nosso foguete V2, os conhecimentos adquiridos àqueles que oferecessem mais. Esses foguetes garantiram o transporte das armas de destruição mundial americanas e, com isso, a dominação do mundo, o que estranhamente levou, em pouco mais de quarenta e cinco anos, à falência do modelo judeu-bolchevista no Oriente. E não posso negar que isso me deixou perplexo num primeiro momento.

Que truque de prestidigitação poderia estar escondido atrás disso tudo?

Desde quando um judeu arruinava outro judeu?

O enigma não se resolveria por ora. Indiscutível era que, na sequência da derrubada dos sistemas tiranos bolchevistas, entregou-se ao regime-marionete

alemão um acordo de paz e a independência. Não se pode falar de independência genuína, é claro, sem os próprios foguetes em mãos. Ao contrário, os mais diferentes governos não se esforçam por um armamento sólido, mas por um emaranhamento mais profundo no comércio europeu, o que a política externa facilita tremendamente. A princípio, dezenas de considerações revelavam o que fazer: daria no mesmo entregar o cargo a uma criança de cinco anos.

A única ideologia dominante consistia em uma expansão totalmente desenfreada da aliança infantil, o que teve como consequência o franqueamento da entrada a qualquer um, mesmo aos colonizadores mais subdesenvolvidos das regiões marginais da Europa. Se qualquer pessoa pode entrar na aliança, ser sócio dela não é nada especial. Quem quiser amealhar vantagens por meio de uma associação precisa fundar uma nova associação dentro daquela. Esses mesmos esforços aconteceram aqui, como era de se esperar. Os mais fortes já refletiam sobre como reunir um clube próprio ou expulsar os mais fracos, o que obviamente transformava o clube original em um total absurdo.

No entanto, o presente alemão mostrava-se verdadeiramente apavorante. À frente do país, estava uma mulher gorducha cujo carisma era tão confiável quanto o de um salgueiro-chorão. Ela se desacreditava por ter feito parte, durante trinta e seis anos, do fantasma oriental bolchevista sem que se possa verificar ao seu entorno qualquer mal-estar. Unira-se aos bêbados sentimentalistas bávaros, que eram, a meu ver, uma cópia pobre do nacional-socialismo, que se revestiam de elementos meio crus, com aparência social, não com a ideologia nacional, e sim com a velha e conhecida servidão ultramontana ao Vaticano dos elementos do partido católico dos velhos tempos, o *Zentrum*. Outras lacunas no programa foram preenchidas com associações montanhesas de caçadores e bandinhas de música. Isso era tão mesquinho que a vontade era apenas varrer do mapa aquelas fileiras de gentinha mentirosa.

Como se isso ainda não bastasse para a atividade governamental, a mulher do Leste escolheu outro agrupamento, composto por juvenzinhos sem aconselhamento nem orientação, que mantinham como mascote um ministro

de relações exteriores imprestável em todos os sentidos. O que unia esses membros do partido dos juvenzinhos eram a insegurança e a inexperiência que brotavam de seus poros a cada movimento. Nenhum ser humano do mundo confiaria àquelas figuras amedrontadas nem uma caixa de tachinhas, se houvesse o menor indício de alternativa. Porém, não havia.

Diante da social-democracia, surgiram lágrimas nos meus olhos quando eu pensava, por exemplo, em um Otto Wels, em um Paul Löbe. Claro que esses foram camaradas sem pátria, mandriões, sem dúvida, mas ainda assim mandriões como manda o figurino. Hoje, a social-democracia alemã era conduzida por um pudim trêmulo inoportuno e uma franga simplória. Quem buscasse esperança mais à esquerda se sentiria totalmente traído. Lá não havia quem soubesse como estilhaçar o crânio do adversário político com uma caneca de cerveja. O chefe daquele chiqueiro temia mais pela pintura do próprio carro do que pelas urgências de seus partidários.

A única luz em todo o monstro democrático era um partido maravilhoso, que se chamava *Die Grünen*, o Partido Verde. Claro que também havia idiotas pacifistas totalmente ingênuos, mas até mesmo o nosso movimento precisou se livrar, em 1934, de sua SA. Isso foi um problema terrível, apesar de necessário, com o qual não abraçamos a glória, mas de qualquer forma derrubamos o “glorioso” Röhm.

Não, o que me parecia de alguma forma belo nesses “Verdes” era que dispunham de um fundamento, cuja existência o NSDAP não teria como saber. Mas apesar disso eu os considerava admiráveis. Após a guerra, infligiram-se danos consideráveis ao país, ao ar, à terra e ao povo pela violenta industrialização e motorização. Esses “Verdes” se comprometeram com a proteção do meio ambiente alemão, inclusive, por exemplo, com a proteção dos alpes bávaros, que me são tão caros e cujas florestas sofreram tanto. Uma estupidez evidente era a recusa da energia atômica, que possibilitava feitos milagrosos. Duas vezes mais deplorável foi que, por causa de alguns incidentes no Japão, quase todos os partidos decidiram renunciar a ela — e com isso também perderam o acesso ao material fissionável e possivelmente armamentista. Porém, essa república foi totalmente negligenciada no âmbito militar.

Todos aqueles fracassados políticos deixaram dilapidar e desperdiçar durante décadas o melhor exército do mundo de modo tão drástico que seria possível mandar todos eles ao paredão. É óbvio que eu mesmo recomendei e reafirmei que não se podia nunca arrasar com o Leste, que seria necessário sempre manter um certo conflito, pois um povo saudável precisa de uma guerra a cada vinte e cinco anos para renovar o sangue. No entanto, o que acontecia nesse Afeganistão não era um conflito duradouro que fortalecia a tropa, e sim uma piada pronta. Esses números impecáveis sobre as vítimas não tinham relação — como eu antes supus — com a monstruosa superioridade técnica, pois o que fizeram foi enviar para lá apenas um punhado de homens. Ficava claro à primeira vista que, militarmente, todo o empreendimento era questionável: a quantidade de tropas enviadas não bastava para alcançar o objetivo pretendido, mas tinha como propósito, no melhor estilo parlamentar, não causar ressentimento na população nem nos “aliados”. Como era de se esperar, nem um nem outro foi alcançado. O único resultado foi que a morte do herói, o fim mais distinto da vida do soldado, praticamente não ocorria mais. Funerais eram realizados no lugar dos festejos. Agora o povo alemão considerava normal os soldados voltarem do front, se possível são e salvos!

Só uma coisa era satisfatória: o judeu alemão, mesmo após sessenta anos, continuava extinto. Contavam-se cerca de cem mil, um quinto do que existia em 1933 — a preocupação com isso continuava nos limites, o que parecia lógico, mas não era previsível. Por causa dos levantes, por exemplo, que a redução das florestas alemãs causou, podia-se também considerar possível uma espécie de “reflorestamento” semita. Contudo, novas colônias e o restabelecimento do estado anterior, sentimentalismo generalizado principalmente pelos prédios tão queridos (a *Frauenkirche* de Dresden, a Ópera Semper, entre outros), segundo meu conhecimento, não aconteciam.

Sem dúvida, a criação de um Estado de Israel propiciou certo alívio. Pautando-se na lógica, erigiram o Estado no meio do povo árabe para que todos os envolvidos se ocupassem sem cessar, por décadas e séculos a fio, uns com os outros. A consequência — sem dúvida, não planejada — do desaparecimento judaico foi também certo milagre econômico. A historiografia democrática o atribuiu, naturalmente, ao obeso Erhard e aos

seus aliados anglo-americanos, mas qualquer pessoa normal podia perceber que esse bem-estar caminhava lado a lado com o desaparecimento dos parasitas judeus. Quem não conseguisse acreditar, ainda, só precisaria olhar o lado oriental do país, que importou por décadas — no auge da idiotice — especificamente bolchevistas e suas doutrinas judaicas.

A tal da reunificação não melhorou em nada a situação e dava a impressão de terem trocado aqueles idiotas por outros. Havia um exército de milhões de desempregados e uma raiva muda na população, uma insatisfação com aquela conjuntura que me lembrava os anos 1930, exceto que na época não havia essa expressão certa: “descrença política” — isso demonstrou que não se pode cegar de forma irrestrita um povo como o alemão.

Resumindo de outra forma: no geral, a situação era excelente para mim. Tão excelente que decidi no mesmo instante verificar a situação no exterior com mais precisão. Infelizmente, fui desencorajado por uma mensagem urgente. Alguém se dirigiu a mim com um problema militar, e, como neste momento eu não tinha um Estado para dirigir, decidi ajudar de última hora aqueles camaradas alemães. Por isso, passei as três horas e meia seguintes no computador com um simulador de rastreamento de minas chamado *Campo minado*.

Claro que neste momento ouvi o coro elevado dos defensores do *Reich*, que gritam: como o *Führer* do movimento nacional-socialista pode participar de uma transmissão televisiva de um tal de Ali Wizgür? E posso entender a pergunta, se ela, digamos, for feita a partir de um ponto de vista artístico, porque é óbvio que não se pode deformar a grande arte com política. Afinal, não se completa a *Mona Lisa* com uma suástica. Mas é natural que o tagarelar de um apresentador qualquer — e, no fim das contas, o tal Wizgür é um qualquer desses — nunca seja contado como forma de alta cultura, muito pelo contrário. Porém, se a preocupação se origina numa linha que teme que a questão nacional sofra com a apresentação em um contexto desses, a olhos vistos de baixo nível, então preciso responder que existem coisas que a maioria das pessoas não consegue perceber nem julgar puramente a partir da razão. Esta é uma questão na qual só é necessário confiar na genialidade do *Führer*.

Para ser sincero, preciso confessar neste ponto que me ocorreu, naquele momento, uma espécie de mal-entendido. Eu acreditava naquela época que a Sra. Bellini e eu trabalharíamos juntos na implementação do meu programa pelo bem-estar da Alemanha. No entanto, o tempo todo, a Sra. Bellini não falava de outra coisa que não fosse meu suposto programa de auditório. Pelo mesmo motivo, porém, pode-se reconhecer que o talento puro, nato, o instinto do *Führer*, é infinitamente maior do que o conhecimento adquirido. Enquanto o cientista se esfalfa em seus cálculos, o político parlamentar extremamente esforçado se deixa distrair fácil por questões superficiais, o verdadeiro escolhido sente subliminarmente o chamado do destino, mesmo quando um nome como Ali Wizgür pareça totalmente contrário a ele. De fato, acredito que aqui a providência interveio nesse caso como no passado, em 1941, quando um início de inverno prematuro e extremamente severo

freou a ofensiva à Rússia, antes que avançássemos demais — e assim nos presenteou com a vitória.

Ou teria presenteado, se um de meus generais incompetentes...

Mas isso já não me deixa mais irritado.

Da próxima vez, minha abordagem será outra, com um estado-maior dedicado, culto e criado a partir das fileiras da minha SS; então, tudo acontecerá num estalar de dedos.

Contudo, no caso de Wizgür, o destino cometeu um mal-entendido para acelerar minha decisão. Pois eu iria — quero reforçar para aqueles que se preocupam com pequenezas podem observar —, eu *também* iria ao programa se soubesse de que produto se tratava, mas depois de um longo período de reflexão, que talvez tivesse me custado a oportunidade. No início já tinha esclarecido para Goebbels que, caso necessário, eu também estaria pronto para fazer papel de Hans Chucrute, desde que eu chamasse a atenção das pessoas. Pois não é possível conquistar alguém que não ouça. E o tal Wizgür me trouxe centenas de milhares de ouvintes.

Observando-o pelo prisma correto, o tal Wizgür era um daqueles “artistas”, que só podiam surgir numa democracia burguesa. Pela mistura genética, combinava uma aparência estrangeira, asiática, talvez, com um alemão impecável, mesmo que tingido por um sotaque quase insuportável. Era justamente essa mistura que possibilitava a função de Wizgür, que correspondia de certa forma àquela dos atores brancos que se pintavam de preto nos EUA para conseguir papéis de negros. O paralelo era muito visível, apenas não se tratava, neste caso, do consumo de piadas de negros, mas de gozações com estrangeiros. Pareciam dominar uma necessidade desse tipo de gracejo, de forma que havia vários desses comediantes raciais. Era um fenômeno que fugia ao meu entendimento. A meu ver, a piada racial ou de estrangeiros é uma contradição em si. Para esclarecer, permita-me inserir aqui uma breve anedota contada por um camarada meu em 1922.

Dois veteranos se encontram.

— Onde o senhor foi ferido? — pergunta um deles.

— Nos Dardanelos — disse o outro.

O primeiro responde:

— E dizem que dói muito aí!

Um mal-entendido engraçado, que qualquer soldado consegue contar sem maiores dificuldades. Substituindo os personagens é possível alterar o efeito engraçado e até mesmo o edificante. Ele aumenta, quando, por exemplo, o papel de quem pergunta é trocado por um notório sabe-tudo, digamos, Roosevelt ou Bethmann-Hollweg, ex-chanceler do *Reich*. Porém, se alguém supuser que o bobo que pergunta tinha a inteligência de uma ameba, não fica mais divertido, porque qualquer ouvinte pensará: como um idiota desses saberia onde os Dardanelos ficam?

Um bobo que faz bobagens não é engraçado.

Uma boa piada precisa de surpresa para que ela possa desenvolver seu efeito edificante ao máximo possível. E, claro, não há surpresa no fato de o turco ser um idiota. Porém, temos que admitir que se o turco sempre assumir o papel do cientista genial na piada, logo se tornaria um sucesso hilário garantido por conta do absurdo. Esse tipo de piada não era contada pelo Sr. Wizgür nem por algum dos seus colegas. Eram correntes nesse *métier* as farsas e as anedotas em torno de estrangeiros com pouca ou sem cultura que, num dialeto patético, gaguejavam apenas coisas difíceis de compreender. Enquanto isso, a contumaz falsidade democrática desta sociedade “liberal” ficava exposta: enquanto era considerado reprovável nivelar todos os estrangeiros com a mesma régua e, por isso, os humoristas alemães tinham de realizar quase o tempo todo uma separação por tipos, Wizgür e seus camaradas duvidosos jogavam no mesmo saco indianos, árabes, turcos, poloneses, gregos, italianos, a qualquer momento, a seu bel-prazer, como se fossem todos iguais.

Essa forma de proceder podia ser bastante justa para mim, até mesmo em dobro. O grande público do Sr. Wizgür me garantia também uma grande audiência. Além disso, eu podia ficar tranquilo, pois, pela natureza daquelas piadas, o público era composto em grande parte pelo povo alemão. Não que os espectadores alemães tivessem uma consciência nacional especial, infelizmente, mas porque os turcos são um povo simples, orgulhoso, que gosta de observar a farsa autêntica, interpretada por todo tipo de palhaço, mas não gostam de ser doutrinados ou escarnecidos por seus antigos compatriotas emigrados. Para os turcos é essencial ter a todo momento a atenção e o

respeito daqueles ao seu redor — o que, é claro, é incompatível com o papel de idiota.

Portanto, considero essa forma de humor tão superficial quanto patética. Quem tem ratazanas em casa não precisa de palhaços, mas de desinfestação. Porém, se isso parecia necessário, era preciso mostrar desde a primeira apresentação que um alemão autêntico não precisava da ajuda de assistentes estrangeiros para contar piadas sobre indivíduos de raças inferiores.

Uma jovem me recebeu quando entrei no estúdio. Ela tinha uma compleição esportiva, poderia ser confundida com uma ajudante da *Wehrmacht*, mas pela minha experiência com aquela Özlem, decidi ser um pouco mais cuidadoso. A jovem estava toda cabeada, trazia uma espécie de microfone ao lado da boca e dava a impressão de que tinha acabado de chegar da central de controle de aviação.

— Olá — cumprimentou ela, estendendo-me a mão —, sou Jenny. E você deve ser... — Ela hesitou um pouco nesse momento. — Adolf...?

Por um momento refleti como reagir àquela intimidade tão direta, até mesmo deselegante. No entanto, aquilo não parecia incomodar ninguém. Na verdade, aquele era meu primeiro contato com o jargão dos negócios televisivos. Aqui, acreditavam, como se confirmaria mais tarde, que a vivência na emissora teria algo de associativo, bem semelhante à luta conjunta nas trincheiras, e, a partir de então, ingressava-se numa associação de combatentes, cujos membros juravam lealdade, bem como “informalidade no trato” até a morte ou ao menos até o término do respectivo programa. Essa abordagem me pareceu inadequada no início, contudo, é preciso olhar de forma amena para a geração daquela tal de Jenny, que não poderia ter reunido alguma experiência de front ainda. Pensei em mudar aquilo, mas decidi nesse ínterim pagar intimidade com intimidade, e falei, tranquilizador, para a juvenzinha:

— Pode me chamar de tio Lobo.

Ela franziu a testa e disse em seguida:

— Bem, senhor, hum... tio... O senhor pode me acompanhar até a maquiagem?

— Claro — respondi e a segui pelas catacumbas da emissora, enquanto ela pressionava a hastezinha do microfone ao lado da boca e falava “Elke, estamos a caminho”.

Em silêncio, percorríamos os corredores.

— Já apareceu na televisão, Sr. Hitler? — perguntou ela, um tempo depois. Percebi que o tratamento informal havia desaparecido. Provavelmente, a aura do *Führer* a intimidou.

— Várias vezes — respondi —, mas isso já faz muito tempo.

— Ah — disse ela —, será que já vi o senhor em algum lugar?

— Acho que não — considerei —, foi aqui em Berlim também, no Estádio Olímpico...

— O senhor abria o show do Mario Barth?

— O quê? — perguntei, mas ela não estava me ouvindo mais.

— O senhor me chamou a atenção logo de cara, era demais o que o senhor fazia. Fico feliz que também tenha chegado lá. Mas está fazendo algo diferente agora, não é?

— Algo... bem diferente — confirmei, hesitante —, os Jogos terminaram faz bastante tempo...

— Chegamos — disse a Srta. Jenny, abrindo uma porta, atrás da qual havia uma penteadeira. — Vou deixá-lo aqui com Elke. Elke... este aqui é... ahn... o tio Lauro.

— Lobo — corrigi. — Tio Lobo.

Elke, uma mulher de aparência ordeira com seus quarenta anos, franziu a testa e olhou para mim, depois, para uma folha ao lado dos artigos de maquiagem.

— Não estou sabendo de nenhum Lobo. Na minha lista está escrito Hitler — disse ela. E estendeu a mão para mim, dizendo: — Meu nome é Elke. Você é...?

Havia voltado para a trincheira da informalidade; contudo, a Sra. Elke estava numa idade um pouco avançada demais para me chamar de tio Lobo.

— Sr. Hitler — decidi.

— Muito bem, Sr. Hitler — disse a Sra. Elke —, sente-se um pouco aqui. Quer alguma coisa especial? Ou posso fazer o de costume?

— Tenho confiança total e irrestrita na senhora — falei, ao me sentar.
— Não posso mesmo cuidar de tudo.

— Então está ótimo — disse a Sra. Elke, me entregando um avental para proteger o uniforme. Então, observou meu rosto. — O senhor tem uma pele maravilhosa. — Após o elogio, ela pegou o pó de arroz — Muitas pessoas na sua idade bebem pouca água. O senhor precisa ver o rosto do Balder...

— Bebo principalmente água da fonte — confirmei. — É irresponsável causar danos ao corpo do povo.

A Sra. Elke bufou e mergulhou aquele recinto e a nós dois em uma imensa nuvem de pó.

— Desculpe — disse ela —, vou dar um jeito nisso já.

Então, começou a aspirar a nuvem e a limpar o uniforme com um pequeno aspirador, passando depois na minha calça. Quando ela estava a ponto de aspirar grande parte do meu penteado, a porta se abriu. Pelo espelho, vi Ali Wizgür entrar. Ele tossiu.

— A máquina de fumaça faz parte do programa? — perguntou ele.

— Não — respondi.

— Foi culpa minha — disse a Sra. Elke —, mas vamos arrumá-lo já.

Gostei daquilo. Sem subterfúgios falsos, sem desculpas, em vez disso ela admitia com firmeza os erros e tomava para si a responsabilidade de consertá-los. Também sempre ficava feliz por nas décadas passadas o patrimônio racial alemão não ter afundado totalmente no pântano herdado da democracia.

— Ótimo — disse Wizgür, me estendendo a mão. — A Sra. Bellini me disse que você é o fenômeno que já chegou causando furor. Sou Ali.

Tirei a mão limpa de baixo do avental de cabeleireiro e apertei a dele. Pequenas avalanches de pó despencaram do meu cabelo.

— Muito prazer. Hitler.

— E então, tudo bem? Está tudo certo?

— Acho que sim. Não é, Sra. Elke?

— Estou quase terminando — avisou ela.

— Belo uniforme — disse Wizgür. — Nossa! Parece original! Onde conseguiu um desses?

— Veja bem, não é muito fácil — pensei em voz alta —, meu último foi feito com Josef Landolt, em Munique...

— Landolt — murmurou Wizgür —, nunca ouvi falar. Mas Munique... Então é para o Pro Sieben? Eles têm figurinistas fantásticos lá.

— Hoje ele já deve estar aposentado — supus.

— Já estou vendo, vai funcionar lindamente, você, com a parte nazista, e eu. Mesmo que um número nazista não seja mais uma novidade.

— Sim, e daí? — perguntei, indignado.

— Não tem problema, sempre fica bom — disse ele. — Não é mais tão trágico. Tudo aquilo já ficou para trás... Eu acompanhei a marcha dos exilados em Nova York, estava na moda nos anos 1990. De onde você tirou essa coisa de *Führer*?

— Dos germânicos, no fim das contas — respondi.

Wizgür riu.

— Bellini tem razão, você leva mesmo seu papel a sério. Tudo bem, nos vemos mais tarde. Você precisa de alguma coisa? Ou posso apresentar qualquer assunto antes de anunciar sua entrada?

— Não é necessário — respondi.

— Nunca vi isso — disse Wizgür —, sem texto algum. Eu ficaria travado. Mas também nunca tive muito dessa coisa de teatro de improvisação... Enfim, mãos à obra, meu velho! Nos vemos daqui a pouco. — Com isso, ele saiu da sala.

Na verdade, eu esperava mais instruções.

— E agora? — perguntei à Sra. Elke.

— Bem, quem diria? — Ela riu. — O *Führer*, aquele que comanda, não sabe o que vem em seguida?

— Não há razão para tanta arrogância — repreendi —, o *Führer* conduz o Estado, mas não conduz visitas guiadas à televisão.

A Sra. Elke bufou enquanto ria, tirando o pé de sua zona de respiração.

— Desta vez não caio na sua, Sr. Hitler — disse ela, passando finalmente a me tratar de modo formal. Apontou para o canto da sala. — Está vendo ali? O senhor pode acompanhar a programação por aquela tela. Há mais dessas

telas no figurino e também junto ao bufê. Então, Jenny vai buscá-lo e providenciar para que o senhor entre em cena na hora certa.

A programação coincidia com tudo o que até aquele momento eu tinha ouvido e visto. Wizgür anunciava alguns fragmentos de programas, então eram exibidos pequenos filmes nos quais ele se alternava como polonês ou turco e, de diversas formas, transformava suas incapacidades em pequenas anedotas cênicas. No fim das contas, não era mesmo um Chaplin, mas, por outro lado, era bem engraçado. O público acolhia bem sua representação, e quando o conceito se ampliava o bastante, tinha como base, ao menos parcialmente, uma consciência política, de forma que minha mensagem aqui sem dúvida tinha condições de cair em solo fértil.

A deixa deveria acontecer com uma frase firme, que Wizgür recitou sem hesitar:

— E agora quem fará o comentário do dia será Adolf Hitler.

Então, saí pela primeira vez dos bastidores para ficar diante da luz ofuscante dos refletores.

Foi como se eu voltasse, após anos inteiros de privações no exterior, para casa, para o palco nazista, o Palácio Esportivo de Berlim. O calor das luzes queimava meu rosto, quando percebi a face do público jovem. Deviam ser algumas centenas de rostos, que representavam as dezenas de milhares, centenas de milhares diante dos aparelhos de televisão. Eles eram justamente o futuro do país, eram as pessoas sobre as quais pensei construir a minha Alemanha. Senti a tensão e a felicidade dentro de mim. Se eu tinha dúvidas, elas desapareceram no frenesi da preparação. Eu estava acostumado a falar por horas, mas agora cinco minutos deveriam bastar.

Aproximei-me do púlpito em silêncio.

Meu olhar percorreu o estúdio de filmagens. Escutei com atenção o silêncio, ávido por saber se as décadas de democracia, conforme eu esperava, tinham deixado apenas os mínimos vestígios nas cabeças dos jovens. Com a menção do meu nome, o público soltou uma gargalhada que logo se dissipou. Confrontado com a minha pessoa, o silêncio voltou a pairar no auditório em semicírculo. Consegui perceber nos rostos deles como tentavam comparar minhas feições com as dos conhecidos atores profissionais que me

interpretavam, e vi a incerteza que eu, com um simples contato visual, podia transformar em silêncio atônito. Se eu contava ainda com interrupções, essa era uma preocupação infundada — em qualquer reunião no restaurante Hofbräukeller, a barafunda seria muito maior.

Dei um passo à frente, fiz menção que começaria a falar, mas apenas cruzei os braços — enquanto isso, o nível de ruído baixou até uma centésima, ou mesmo uma milésima parte do anterior. De soslaio vi que, como aparentemente nada acontecia, o diletante Wizgür começou a suar. Logo percebi que ele não conhecia o poder do silêncio, e que, na verdade, o temia. Suas sobrancelhas retorciam-se numa careta, como se eu tivesse esquecido o texto. Uma assistente tentou fazer sinais para mim e, nervosa, batia no relógio de pulso. Prolonguei ainda mais o silêncio, baixando lentamente a cabeça. Senti a tensão no estúdio, a insegurança de Wizgür. Eu a desfrutava. Deixei o ar entrar em meus pulmões, empertiguei-me por completo e dei som ao silêncio. Bastaria um alfinete cair quando todos estão esperando o retumbar de canhões.

— Companheiros e companheiras arianos!

O que eu,

o que nós

acabamos de ver

é a verdade em

suas diversas

variações.

É verdade

que o turco não é criativo culturalmente

e também

que ele

nunca o será.

Que ele é uma alma mercenária

cujas capacidades intelectuais

não são muito superiores

às de um escravo.

Que o indiano

tem
uma natureza distorcida
pela religião.
Que a relação do polonês com a propriedade
está deturpada
de modo permanente!
Todas essas
são
verdades de um modo geral
que iluminam
sem mais delongas
cada companheiro ariano e
cada companheira ariana.
Contudo, é uma
vergonha nacional que aqui, na Alemanha,
haja apenas um partidário — e turco! —
do nosso movimento que ouse dizer
isso a plenos pulmões.
Companheiros e companheiras arianos:
Quando vi a atual Alemanha,
não fiquei surpreso!
A atual Alemanha
separa seus dejetos com mais empenho
do que suas raças,
com uma única exceção:
o terreno do humor.
Aqui — e apenas
aqui! —,
o alemão faz piadas sobre os alemães,
o turco faz piadas sobre os turcos.
O rato doméstico faz piadas sobre o rato doméstico
e o rato campestre, sobre o rato campestre.
Isso precisa mudar

e isso *mudará*.

A partir de hoje, às 22h45, o rato doméstico
contará anedotas sobre o rato do campo,
o texugo, sobre o cabrito montês
e o alemão, sobre os turcos.
Por isso, estou de acordo com
a totalidade do conteúdo
da crítica ao estrangeiro do
orador anterior.

Dito isso, me retirei.

O silêncio era surpreendente. Com passos firmes, segui para os bastidores. Não se ouvia nenhum ruído do público. A Sra. Bellini sussurrava algo no ouvido de um colega. Parei ao lado dela e observei o público mais uma vez. O olhar das pessoas estava confuso, elas buscavam apoio no cenário e depois voltavam a olhar para a mesa do moderador. Lá estava sentado Wizgür, que abria e fechava a boca, perplexo, buscando uma despedida bem-humorada. Claro que aquele desconcerto insuperável fez o público irromper em um verdadeiro ataque de risos. Satisfeito, observei a completa incapacidade dele, que se deu por vencido com um “Até o próximo programa, espero vocês”. Bellini pigarreou. Por um momento, ela pareceu insegura, então, decidi insuflar um pouco seu ânimo.

— Sei o que a senhora está pensando agora — falei.

— Ah, é? — disse ela. — Sabe mesmo?

— Claro — respondi. — Também senti a mesma coisa uma vez. Tínhamos alugado pela primeira vez o edifício do Circus Krone, eu não tinha certeza de que...

— Desculpe — disse Bellini. — Preciso atender essa ligação.

Ela se retirou para um canto dos bastidores e levou o aparelho telefônico até a orelha. O que ela ouviu não pareceu agradá-la. Tentei identificar suas feições, quando senti uma mão tocar meu uniforme. Era o tal Wizgür, me segurando pela gola do casaco. Sua expressão não tinha nada de alegre.

Novamente senti aquela falta dolorosa da minha SS quando ele me encurralou nas bambolinas e chiou entredentes:

— Seu filho da puta, aqui você não vai concordar com orador anterior nenhum!

Pelo canto do olho, vi que passavam alguns arrumadores. Wizgür me empurrou outra vez na parede, mas logo me soltou. Seu rosto tinha um tom vermelho-escuro. Então, ele se virou e gritou:

— Que merda foi essa que aconteceu aqui? Eu pensei que esse merda iria fazer o número nazista! — Sem baixar o tom, ele se virou para o reservador de hotel Sawatzki, que estava ao nosso lado: — Cadê a Carmen? Cadê? A? Carmen?

Pálida, mas tensa e enérgica, a Sra. Bellini apressou-se até nós. Pensei até que ponto eu podia contar com sua total fidelidade na aliança, mas não cheguei a nenhuma conclusão. Ela fazia movimentos tranquilizadores com a mão, abria a boca para falar, mas nada saía de lá.

— Carmen! Finalmente! Esse cara é um grande merda? Você viu? Você viu *aquilo*? Que completo idiota! Você me disse que eu faria o número dos estrangeiros e ele, a porcaria nazista. Disse que ele me contestaria! Que ficaria escandalizado com turcos na televisão, sei lá! E agora isso?! O que significa “partidário do movimento”? Que movimento? Por que partidário? Como eu fico agora, hein?

— Eu também falei que ele era diferente — disse a Sra. Bellini, tomando as rédeas da situação numa rapidez extraordinária.

— Não ligo a mínima! — O tal Wizgür espumava. — Estou dizendo aqui e agora: não quero mais esse desgraçado no meu programa. Ele não cumpre nenhum combinado! Não vou deixar que um idiota desses arruíne meu show.

— Calma — disse a Sra. Bellini, agora com uma curiosa mistura de calma e firmeza na voz. — Não foi tão ruim assim.

— Está tudo bem? — perguntou um dos arrumadores.

— Tudo bem — respondeu a Sra. Bellini, tranquilizadora —, já está tudo sob controle. Acalme-se, Ali.

— Eu não vou me acalmar coisa nenhuma — gritou Wizgür, então me cutucou com o dedo indicador bem embaixo da bandoleira. — Você não vai acabar comigo aqui, cara. — E, em seguida, bateu várias vezes com o indicador no meu peito, como um pica-pau. — Você acha que vai vir aqui com seu uniforme ridículo de Hitler e com essa máscara, nossa, tão impenetrável, mas eu vou lhe dizer uma coisa: você não está falando com um novato, aqui é macaco velho. Você é um amador. O que acha que está fazendo aqui? Mal chegou e já vai dominando tudo? Pois pode esquecer, meu amigo, pois isso não vai acontecer! Se alguém tem partidários aqui, esse alguém sou eu! Aquele é o *meu* público, são os *meus* fãs, fique fora disso! Você é um amadorzinho miserável, e seu uniforme e o número todo são uma grande merda. Pode levar essa bobagem para uma feira qualquer de cerveja ou para um clube de tiro. Mas vou avisando: mais do que isso você não vai conseguir!

— Não preciso conseguir nada — falei, calmo —, atrás de mim estão milhões de companheiros alemães que...

— Cale a boca, seu desgraçado — bradou Wizgür —, você não está no ar agora! Acha que pode me provocar? Pois não vai me provocar! A mim!! Não!!!

— Acalmem-se, por favor — disse a Sra. Bellini, agora em voz alta —, os dois. Claro que precisamos melhorar um pouco. Precisamos acertar os ponteiros direitinho. Mas não foi tão ruim assim. Na verdade foi algo novo. Agora, vamos nos acalmar e ver o que a crítica vai dizer...

E se alguma vez, desde que vim parar neste presente, eu tive certeza absoluta da minha vocação, foi exatamente naquele momento.

São os momentos de crise que revelam o verdadeiro *Führer*. Nos quais ele demonstra ter nervos fortes, perseverança, persistência absoluta, mesmo que o mundo fique contra ele. Se a Alemanha não tivesse a mim, ninguém teria invadido a Renânia em 1936. Todos teriam tremido nas bases, não teríamos conseguido fazer nada se o inimigo tivesse decidido atacar, dispúnhamos de não mais que cinco divisões a postos, apenas os franceses possuíam seis vezes mais, e ainda assim resolvi correr riscos. Além de mim, ninguém teria feito aquilo, e na época observei precisamente quem ficou ao meu lado, com pernas e coração, espada empunhada, lado a lado.

É em momentos de crise como esse que o destino também revela quem é verdadeiramente leal. É nos tempos de dúvida que o sucesso surge da ousadia, quando — e somente quando — a crença fanática é inquebrantável. Nessas situações se reconhece aqueles que não têm essa fé, e que apenas seguem na espera angustiada de um lado para se lançar. Um *Führer*, um líder nato, precisa ficar de olho nessas pessoas. É possível usá-las. Contudo, não se pode deixar que o sucesso do movimento dependa delas. Sensenbrink era um desses.

Sensenbrink envergava aquilo que atualmente se considera um terno de primeira classe. Ele tentava agir com naturalidade, mas percebi facilmente que estava pálido, a palidez do jogador que sabe que não conseguiria suportar a perda, ou pior ainda, que não poderia aguentar o momento no qual ficaria claro que a perda era inevitável. Esse tipo de gente nunca tem um objetivo próprio diante dos olhos, escolhem sempre o objetivo que promete o próximo sucesso, e por isso não reconhecem que esse sucesso nunca será o seu próprio. Essas pessoas esperam ser bem-sucedidas, mas são apenas acompanhantes do sucesso e, como preveem essa verdade, temem o momento do fracasso, aquele no qual salte aos olhos que o sucesso não apenas não é seu, como nem sequer depende da sua presença. Sensenbrink

teme pela própria reputação e não pelos problemas nacionais. Era mais do que certo que ele nunca sangraria pela Alemanha nem por mim diante do monumento *Feldherrnhalle*, sob uma chuva de balas. Ao contrário: como se por acaso, postou-se mais próximo da Sra. Bellini, e quem não fosse totalmente cego poderia ver que, apesar de toda a sua autoconfiança pomposa, era ele, no fim das contas, que esperava dela apoio moral. Isso não me surpreendeu.

Conheci quatro mulheres extraordinárias em minha vida. Mulheres com quem obviamente seria impensável formar um casal. Imagine que Mussolini venha me visitar, ou Antonescu, e que um deles diga para uma mulher que ela pode ir para o quarto contíguo e que não deve sair de lá para perturbar alguém, a não ser que peçam para ela fazer isso. Sendo assim, é preciso ter certeza de que tal coisa acontecerá. Eva fazia isso, ao contrário dessas quatro, a quem eu nunca poderia fazer um pedido desses. Leni Riefenstahl, a cineasta, por exemplo, está entre elas, uma mulher maravilhosa, mas numa imposição dessas ela teria jogado a câmera na minha cabeça! E assim também era a Sra. Bellini, do mesmo calibre deste quarteto admirável.

Não creio que outra pessoa além de mim percebeu que ela sabia o significado dessas horas, desses minutos, mas era impressionante como aquela mulher fantástica mantinha o controle! Talvez houvesse um pequeno indício na tragada que dava no cigarro, um pouco mais forte do que a habitual, mas era só isso. Seu corpo esbelto, tenso, mantinha-se ereto, ela era atenta e estava sempre pronta para instruções úteis, reações rápidas e certeiras, como uma loba furtiva. E não tinha fio de cabelo grisalho algum, talvez até fosse mais jovem do que eu estimava, com quase quarenta anos, uma fêmea magnífica! Também notava-se claramente que não lhe agradava a proximidade de Sensenbrink, não porque ela o considerava importuno, mas sim porque ela detestava sua fraqueza, porque sentia que ele não colocava sua força à disposição dela; em vez disso, ficava muito mais preso à energia dela. Tive muita vontade de lhe perguntar como ela passava os finais de tarde. Pensei, de repente, com certa melancolia, nos finais de tarde que passei em Obersalzberg. Nós nos sentávamos em grupos de três, quatro, cinco pessoas durante horas, à vontade. Às vezes, eu contava alguma coisa, outras vezes não.

Em certos momentos, ficávamos em silêncio por horas, interrompido por uma tosse eventual, ou eu acariciava também algum cachorro. Sempre achei que aquelas reuniões eram muito tranquilas. As coisas nem sempre são fáceis, pois o *Führer* é das poucas pessoas no Estado que precisam renunciar à alegria simples de uma vida familiar normal.

E viver num hotel, como eu, é sempre bastante solitário. Isso foi uma das coisas que menos mudaram nos últimos sessenta anos. Então percebi que, na minha situação, eu deveria seguramente convidar a Sra. Bellini para sair, mas isso, por sua vez, era de uma intimidade inadequada, pois nos conhecíamos havia pouco tempo. Decidi adiar essa ideia. Por outro lado, achei que seria apropriado festejar um pouco a minha volta à vida pública. Com uma taça de espumante ou algo parecido, não para mim, é óbvio, mas sempre gostava de estar por perto quando outros erguiam animados suas taças. Nesse momento, meu olhar pairava sobre o reservador de hotel Sawatzki.

Ele me encarava com olhos reluzentes, sem dúvida, repletos de uma admiração inconfundível. Eu conhecia aquele olhar, o qual não interpretava erroneamente. Sawatzki não pertencia ao tipo de homem com camisa da SA que alguém arrancava da cama de Ernst Röhm à noite e, nauseado, enchia de bala o corpo nojento, deixando o tiro de misericórdia para o final. Não, Sawatzki me olhava com uma espécie de veneração silenciosa, que vi pela última vez em Nuremberg, nas centenas de milhares de pessoas em quem insuflei a esperança; pessoas estas que haviam crescido em um mundo marcado pela humilhação e pelo medo do futuro, por charlatães defasados e perdedores da guerra, e que viram em mim a mão firme que as conduziria, que estavam prontas para me seguir.

— Bem — falei, abordando-o —, o senhor gostou?

— Incrível — disse Sawatzki —, impressionante. Eu vi o comediante Ingo Appelt, mas ele não é nada quando comparado ao senhor. O senhor tem coragem. Está pouco se lixando para o que os outros pensarão do senhor, não é?

— Pelo contrário — respondi —, quero dizer a verdade. E eles precisam achar que sou alguém que diz a verdade.

— É mesmo? Acredita que estão achando isso agora?

— Não. Mas as pessoas não acham mais a mesma coisas de antes. E isso é tudo o que se pode alcançar. O restante é feito pela repetição contínua.

— Olhe — disse Sawatzki —, domingo pela manhã, às onze, não sei se adianta muito.

Olhei para ele sem entender. Sawatzki pigarreou.

— Venha — disse ele —, preparamos uns petiscos.

Fomos para os fundos, onde alguns funcionários estavam parados, entediados. Um camarada desarrumado virou-se sorrindo para mim com a boca cheia, pigarreou e fez uma Saudação Alemã bem aceitável enquanto eu passava por ele. Estiquei o braço, respondendo à saudação, e deixei Sawatzki me conduzir até aquela área do bufê, no qual havia champanhe, um produto para gostos extremamente exigentes, a julgar pela reação de Sawatzki, que pediu a um ajudante do bufê duas taças e comentou, ao mesmo tempo, que não tinham aquele espumante todos os dias.

— Nem mesmo o Wizgür consegue um desses todos os dias — disse o ajudante.

Sawatzki riu e estendeu minha taça para mim, ergueu a dele e disse:

— Ao senhor!

— À Alemanha — retruquei e depois brindamos e bebemos.

— O que foi? — perguntou Sawatzki, preocupado. — Não está gostando?

— Nas raras vezes em que tomo vinho, em geral, vem de uma colheita de uvas selecionadas — expliquei. — Sei que essa nota áspera faz parte, claro, aqui ela é uma vantagem, mas é muito ácido para mim.

— Posso trazer outra coisa para o senhor...

— Não, não, já estou acostumado.

— Mas eu poderia trazer um Bellini para o senhor.

— Bellini? Que nem a senhora?

— Sim, claro. Talvez o senhor goste mais. Espere aqui!

Enquanto Sawatzki corria, fiquei ali, hesitante, e por um momento me lembrei de todos aqueles momentos terríveis nos anos em que iniciei na política, no começo da guerra, quando ainda não havia sido apresentado à sociedade e não raro me sentia um pouco perdido. Contudo, essa lembrança

péssima durou mesmo só uma fração de segundo, pois mal desviei o olhar de Sawatzki, a jovem dama morena veio até mim e disse:

— Aquilo foi excelente! Como o senhor chegou ao rato doméstico e ao rato do campo?

— A senhora também pode — falei, confiante. — A senhora só precisa abrir os olhos quando estiver na natureza. Mas, infelizmente, muitos alemães hoje desaprenderam a ver as coisas simples. Poderia me dizer o que estudou...?

— Sou estudante ainda — disse ela. — Estudo sinologia, artes cênicas e...

— Meu Deus! — Eu ri. — Pode parar! Uma moça tão bonita como a senhorita já está incorporando o fracasso?! Seria melhor procurar um jovem corajoso e fazer alguma coisa para manter o sangue alemão!

Ela riu com grande beleza.

— Isso é método Stanislavski, não é?

— Aí está ele! — gritou a Sra. Bellini atrás de mim. Sensenbrink e aquele ridículo do Wizgür chegaram se arrastando para se unirem a nós.

— Vamos brindar! Somos todos profissionais aqui. E, num nível estritamente profissional, é preciso reconhecer: foi um superprograma! Nunca tivemos algo assim. É uma combinação de sucesso!

Sensenbrink distribuiu friamente taças de espumante, enquanto Sawatzki voltou e me entregou uma taça com algo cor de pêssego.

— O que é isso?

— Prove — disse ele, erguendo a taça. — Meus senhores: ao *Führer!*

— Ao *Führer!*

Ouvi uma gargalhada geral, feliz, satisfeita, mas não consegui pedir para que deixassem as felicitações de lado.

— Por favor, meus senhores, ainda temos muito trabalho pela frente!

Dei um gole cuidadoso na bebida e assenti ao Sr. Sawatzki. Aquilo tinha um gosto muito frutado, acariciava a gengiva, mas não era muito dispendioso, parecia se tratar de um suco de fruta espremido no estilo camponês, que, provavelmente pela adição de uma pequena parte de espumante, ganhava um pouco de vivacidade. Porém, numa porção mínima, de forma que não era necessário temer um arroto exagerado ou algum desconforto similar. O

significado desses detalhes não era desprezível. Na minha situação, sempre era necessário atentar a uma apresentação impecável.

A preocupação nessas reuniões informais, mas ainda assim importantes, é que não se pode simplesmente se retirar a seu bel-prazer, ao menos não aqueles que não estão conduzindo uma guerra ao mesmo tempo. Quando alguém lidera uma Operação “Corte de Foices” no norte da França, quando se ocupa a Noruega de supetão, claro que se entende completamente, assim como quando alguém se ausenta no seu gabinete após o brinde para estudar projetos de submarinos necessários para a vitória final ou para colaborar com os velozes bombardeiros decisivos para a guerra. Contudo, em períodos de paz, as pessoas ficam paradas e desperdiçam tempo bebendo suco. O jeito escandaloso de Sensenbrink me dava cada vez mais nos nervos, e o rosto de azedume de Wizgür também não tornava a noite mais agradável. Por isso, pedi licença, ao menos de passagem, para pegar algo no bufê.

Em travessas quadradas de metal aquecidas havia tipos diversos de salsicha e vários assados, bem como uma grande quantidade de massas, sendo que nada me atraía. Quis virar as costas logo, quando Sawatzki surgiu ao meu lado.

— Posso ajudá-lo?

— Não, não, está tudo em ordem...

— Ah, sim! — Sawatzki bateu com a mão espalmada na testa. — O senhor está procurando um ensopado, certo?

— Não, eu posso... eu posso pegar um desses canapés ali...

— Mas seria melhor um ensopado, não é? O *Führer* ama a cozinha simples.

— De fato, seria o que mais me agradaria agora — confessei. — Ou algo sem carne.

— Sinto muito, foi tudo tão rápido — disse ele —, eu poderia ter pensado nisso. Mas, se o senhor esperar um minuto...

Ele puxou seu aparelho telefônico portátil e digitou algo nele.

— Seu telefone também sabe cozinhar?

— Não — respondeu ele —, mas tem um lugar a dez minutos daqui que é muito conhecido pela culinária caseira e pelos cozidos. Se o senhor quiser, peço para trazerem algo de lá.

— Não precisa se incomodar. De qualquer forma, gostaria de dar uma caminhada. Posso comer meu cozido lá.

— Se o senhor não se importar — disse Sawatzki —, posso levá-lo até lá. Não é longe.

Sáimos e passeamos pela fria noite berlinense. Era muito mais agradável do que ficar em pé naquela cantina, onde todo o pessoal da televisão se incensava ininterruptamente. Às vezes, algumas folhas rodopiavam aos nossos pés.

— Posso fazer uma pergunta ao senhor? — disse Sawatzki.

— Claro.

— É coincidência? Digo, o senhor também ser vegetariano?

— Absolutamente — respondi —, é uma questão de prudência. Sou há tanto tempo que, de fato, seria apenas uma questão de tempo para que outras pessoas também se convencessem. Mas parece que os cozinheiros do bufê não estão muito inteirados do assunto.

— Não, quero dizer, o senhor sempre foi vegetariano? Ou só desde que virou Hitler?

— Sempre fui Hitler. Quem eu poderia ter sido antes disso?

— Muito bem, talvez o senhor esteja testando outros. Churchill. Ou Honecker.

— Himmler acreditava nessa bobagem esotérica, em transmigração da alma e em todo aquele misticismo. Nunca fui esse tal Honecker antes.

Sawatzki me encarou.

— E o senhor nunca achou que exagera um pouco em sua arte?

— É preciso fazer tudo com determinação firme, fanática. Senão, não se chega a lugar algum.

— Mas, por exemplo: ninguém pode dizer que o senhor é vegetariano.

— Primeiro — falei —, isso é uma questão de bem-estar. E, segundo, sem dúvida, é o que a natureza deseja. Veja, um leão corre dois, três quilômetros, então, fica extremamente exausto. Vinte minutos, sei lá, quinze. O camelo, ao contrário, leva uma semana. Por causa da alimentação.

— Um belo caso de lógica aparente...

Fiz uma pausa e o encarei.

— Que quer dizer com lógica aparente? Muito bem, então vamos considerar outro exemplo: onde está Stalin?

— Morto, eu diria.

— Arrá! E Roosevelt?

— Também.

— Pétain? Eisenhower? Antonescu? Horthy?

— Os dois primeiros estão mortos, e dos outros nunca ouvi falar.

— Bem, eles também estão mortos. E eu?

— Hum, o senhor não.

— Exato — observei, satisfeito, e retomei a caminhada. — Estou convencido de que é também porque sou vegetariano.

Sawatzki riu. Então ele apressou o passo para me alcançar.

— Isso é bom. O senhor não escreve essas coisas?

— Por quê? Eu já sei.

— Eu teria medo de esquecer — disse ele, apontando para a porta do restaurante. — É aqui.

Entramos no lugar quase vazio e fizemos os pedidos para uma atendente mais velha, que me examinou com um olhar confuso. Sawatzki deu um aceno tranquilizador para que a senhora trouxesse as bebidas sem demora.

— Bonito aqui — falei. — Lembra-me da época de luta em Munique.

— O senhor é de Munique?

— Não, de Linz. Na verdade...

— ... na verdade de Braunau — disse Sawatzki. — Estudei um pouco.

— De onde o senhor é? — foi a minha vez de perguntar. — Quantos anos o senhor tem? Não deve ter nem trinta ainda!

— Vinte e sete — respondeu Sawatzki. — Sou de Bonn, estudei em Colônia.

— Um renano — falei com alegria —, e um renano instruído!

— Germanística e História. Na verdade, eu queria ser jornalista.

— Que bom que o senhor não conseguiu — afirmei. — Todos eles são uma corja de mentirosos.

— Na televisão não melhora muito — comentou o rapaz. — É incrível as porcarias que produzem. E quando temos algo bom, as emissoras dão

preferência a mais lixo. Ou seja, o que for mais barato. Ou as duas coisas junto. — Então, acrescentou rapidamente: — Com exceção do senhor, é claro. O que o senhor faz é diferente. Pela primeira vez, tive a sensação de que não vendemos apenas bobagens. O jeito com que o senhor aborda aquilo, bem... fiquei muito entusiasmado. A coisa do vegetarianismo e tudo o mais, no caso do senhor nada é copiado. No seu caso, de alguma forma, faz parte de um conceito total.

— Prefiro o conceito “visão de mundo” — falei, mas, de forma geral, estava muito feliz com aquele entusiasmo juvenil.

— No fundo, era tudo o que eu queria fazer — disse Sawatzki. — Não vender qualquer coisa, mas algo bom. Na Flashlight vendem muita tranqueira. Sabe de uma coisa? Quando eu era criança, sempre quis trabalhar em um refúgio para animais, ajudar os pobres animais, algo assim. Ou resgatar animais. Fazer algo positivo.

A atendente pousou duas tigelas de cozido diante de nós. Fiquei muito emocionado, pois parecia estar realmente bom. E cheirava como um cozido deve cheirar. Começamos a comer. Por um bom tempo não dissemos nada um para o outro.

— Está bom? — perguntou Sawatzki.

— Muito — respondi dando mais uma colherada —, como se tivesse vindo da cozinha do acampamento.

— Sim. — Ele assentiu. — Tem algo diferente. Simples, mas saboroso.

— O senhor é casado?

Ele negou com a cabeça.

— Noivo?

— Não — comentou ele —, mas tem alguém que me interessa.

— Mas?

— Ela não sabe de nada. Eu também não sei se quer saber de mim.

— Precisa tomar coragem. Aliás, o senhor não é tímido!

— Eu sei, mas ela...

— Não hesite! Vá em frente. Os corações das mulheres são como batalhas. Não conseguirá conquistá-los se titubear. Precisa reunir todas as forças e usá-las sem medo.

— Foi assim que conheceu sua esposa?

— Bem, não posso me queixar da falta de interesse feminino. Mesmo que, em geral, tenha tido mais sucesso ao contrário.

— Ao contrário?

— Nos últimos anos, ganhei mais batalhas que mulheres.

Ele riu.

— Se o senhor não escrever essas coisas, eu vou. Se continuar assim, precisa considerar a ideia de escrever um livro. Um livro de conselhos *à la* Hitler. Por exemplo, como ter um relacionamento feliz.

— Não sei se tenho esse dom — confessei. — Meu casamento foi muito curto.

— Sei, ouvi dizer. Mas não importa. Será ainda melhor. Podemos chamá-lo de *Minha luta... com minha esposa*. Com esse título, vai vender mais que pão quente.

Tive de rir também. Olhei pensativo para Sawatzki, seu cabelo curto e descaradamente espetado, seu olhar vivo, a conversa descontraída, mas nada estúpida. E reconheci na voz dele que este homem poderia ter sido um daqueles que estiveram ao meu lado no passado. Na prisão da fortaleza, na chancelaria, no bunker do *Führer*.

— Ah, Sr. Hitler — disse o jornaleiro —, mas que bom. Achei que fosse
A mesmo reaparecer um dia.

— Mas — falei, sorrindo — por que isso?

— Bem, eu vi sua apresentação — respondeu ele —, e então pensei comigo mesmo que talvez quisesse ler o que escreveram sobre o senhor. E que provavelmente escolheria um lugar onde a variedade de revistas e jornais fosse um pouco maior! Entre, entre! Pode se sentar. Aceita um café? O que há? Está tudo bem?

Senti um pequeno desconforto por ele ter sido capaz de perceber em mim aquela fraqueza momentânea, e era mesmo uma fraqueza momentânea, como há muito não sentia. Era de manhã e eu havia acabado de acordar, por volta das onze e meia, tinha comido uma bobagem e então decidi ler os jornais, por isso o jornaleiro havia acertado na mosca. Dois dias antes, tinham entregado os ternos para que eu pudesse aparecer em trajes menos oficiais. Eu tinha escolhido um terno simples, escuro, de corte clássico, além de um chapéu escuro; fui para a rua e na mesma hora muito menos olhares se voltaram para mim do que antes. Era um dia ensolarado, brilhante e claro e, conforme esperado, ameno; naquele momento me senti livre de qualquer obrigação e andava com firmeza. O dia estava tão pacífico, quase comum, e então preferi usar áreas verdes e pequenos parques, sendo que não havia muitos também, e isso me chamou atenção além de uma mulher maluca que se curvou, com visível esforço, na direção da grama há muito abandonada para descobrir e coletar os excrementos de um cocker spaniel. Por um momento, também pensei que a causa dessa loucura podia ser uma epidemia, contudo aquilo parecia não inquietar mais ninguém. Ao contrário, na verdade, como percebi logo em seguida. Aqui e ali foi instalada uma espécie de dispensador automático no qual essas mulheres malucas podiam puxar sacolinhas. Cheguei primeiro à conclusão de que provavelmente eram

mulheres que não satisfizeram seus desejos infantis internalizados, uma forma de histeria, na qual elas incorporavam esse cuidado exagerado com todo o tipo de cachorro, que era naturalmente inevitável. E tive de confessar que dar sacolinhas a esses pobres seres era uma solução incrivelmente pragmática. A longo prazo era óbvio que as mulheres deveriam ser reintegradas às suas tarefas específicas, mas era provável que algum partido tivesse ficado contra. As coisas são assim.

Em meio a essas reflexões pouco árduas, fui até o jornaleiro imerso em pensamentos, sem perturbações, quase irreconhecível. A situação me parecia estranhamente familiar, mas só com as palavras do jornaleiro ficou claro para mim o porquê. Era aquele ambiente mágico, como eu o vivenciava quase sempre nos primórdios, em Munique — depois que saí da prisão, fiquei razoavelmente conhecido, ainda que fosse apenas um simples presidente de partido, um orador que conhecia a fundo os sentimentos do povo, e eram as pessoas simples e simplicíssimas que me concediam sua devoção de forma tocante. Ao passar pelo Viktualienmarkt, as vendedoras mais pobres acenavam amigáveis para mim. Uma vez até me deram dois ovos e meio quilo de maçãs; chegava-se em casa como um verdadeiro forrageiro e se cumprimentava a senhoria com um sorriso largo, e a alegria sincera iluminava o rosto delas de forma tão brilhante, como aconteceu naquele momento com o jornaleiro. E o sentimento daquela época me acometeu de repente, antes mesmo que eu pudesse me aperceber, tão assolador, que virei o rosto rapidamente para outra direção. Mas o jornaleiro, pela sua longa experiência nos negócios, adquiriu um conhecimento impressionante do ser humano, como apenas choferes de carros de aluguel têm.

Pigarreei, desconcertado, e disse:

— Nada de café, por favor. Uma xícara de chá seria melhor. Ou um copo d'água.

— Sem problema, sem problema — disse ele e encheu com água uma chaleira parecida com aquela que havia no meu quarto de hotel. — Separei os jornais ao lado da cadeira. Não são muitos, acho que a internet é melhor para isso.

— Sim, essa inter-rede — falei, assentindo, e me sentei. — Um invento muito bom. Também não acredito que meu sucesso dependa da boa vontade dos jornais.

— Não quero estragar a sua diversão, Sr. Hitler — disse o jornalista, ao tirar um saquinho de chá de uma gaveta —, mas não precisa ter medo... Todos aqueles que viram gostaram.

— Não estou com medo — declarei. — Do que vale a opinião de um crítico?

— Bem...

— Nada — afirmei —, nada! Não valia na década de 1930 e não vale agora. Esses críticos só dizem às pessoas o que acham que elas devem pensar. Não respeitam o senso comum e a voz do povo. Mas no fundo o povo sabe o que pensar sem nossos senhores críticos. Se o povo alemão estiver saudável, saberá muito bem o que presta e o que não presta. O camponês precisa de um crítico que lhe diga para que serve a terra na qual ele cultiva seu trigo? O camponês é quem sabe melhor isso.

— Porque ele vê sua plantação diariamente — disse o jornalista —, mas não vê o senhor todos os dias.

— Por isso verá televisão todos os dias. Terá uma boa comparação. Não, o alemão não precisa de alguém que dite opiniões, ele mesmo forma sua própria opinião.

— O senhor deve saber — disse o jornalista, franzindo o cenho, e estendeu o açúcar para mim. — É especialista em liberdade de opinião.

— O que quis dizer com isso?

— É mesmo preciso tomar cuidado com o senhor — disse o jornalista, balançando a cabeça. — Sempre acabo falando com o senhor como se fosse mesmo ele. — Uma das mãos bateu na parte de fora do balcão de venda. Ele se levantou. — Leia o que escreveram, tenho que atender o cliente. Não é muita coisa.

Olhei para a pequena pilha ao lado da cadeira. Eu não estava na primeira página nem nas manchetes, mas isso já era de se esperar. Os grandes jornais também não haviam abordado o tema. O formidável jornal *Bild* não estava na pilha. O tal Wizgür já estava há muito no programa, por isso, nenhuma

reportagem era muito interessante. No fim das contas, apenas alguns periódicos regionais de menor importância, nos quais um dos jornalistas precisava assistir à televisão diariamente para encher uma pequena coluna. Três desses jornalistas haviam ligado no programa do Wizgür, na esperança de encontrar algum entretenimento. Todos tinham a mesma opinião: meu discurso havia sido a parte mais interessante. Um deles disse que era surpreendente que justo um ator interpretando Hitler fosse direto ao ponto daquilo que, de fato, o programa de Wizgür representava o tempo todo: uma reunião de clichês sobre os estrangeiros. Os dois outros escreveram que Wizgür, com minha “contribuição maravilhosamente maligna”, havia recuperado o vigor que lhe faltava há tempos.

— E então — perguntou o jornaleiro —, satisfeito?

— Já comecei do zero no passado — falei, tomando um gole do chá em seguida —, discurssei para vinte pessoas. Um terço delas certamente estava lá por acaso. Então, não, não posso reclamar. Preciso olhar para a frente. O que o senhor achou?

— Bom — disse ele —, forte, mas bom. Só Wizgür que não pareceu muito entusiasmado.

— Ah, é verdade — falei —, mas já estou familiarizado com essa situação. Os bem-sucedidos sempre gritam quando uma ideia nova e fresca se apresenta, temendo perder a sinecura.

— Ele vai deixar o senhor voltar para o programa?

— Ele fará o que a produtora disser que deve fazer. Ele vive do sistema, portanto precisa seguir as regras do jogo.

— É difícil de acreditar que eu acolhi o senhor aqui, na minha banca, há algumas semanas — disse o jornaleiro.

— As regras são as mesmas de sessenta anos atrás — falei. — Elas não mudam. Só há menos judeus em cargos importantes. Por isso o povo alemão está melhor. A propósito: ainda não agradeci devidamente. Já...?

— Não se preocupe com isso — disse o jornaleiro. — Chegamos a um pequeno acordo. Estou bem confortável.

Então, seu telefone portátil soou. Ele levou o aparelho ao ouvido e o atendeu. Nesse meio-tempo, peguei um daqueles jornais *Bild* e o folhee. A

publicação trazia uma mistura bastante atraente de ira popular e maldade. Primeiro vinham as notícias de torpeza política, e, no fim das contas, formava-se a imagem de uma chanceler matrona tão estúpida quanto bondosa, que se arrastava desajeitadamente por uma horda de anões que atrapalhavam seus passos. Ao lado, o jornal desvelava quase todas as decisões “legitimadas” democraticamente como bobagens completas. O excelente panfleto inflamador era especialmente contra a ideia de uma Europa unida. Contudo, eu preferia um *modus operandi* mais sutil. Então, por exemplo, em uma coluna de humor, entre piadas sobre sogras e maridos cornos, intercalava-se discretamente o seguinte: um português, um grego e um espanhol vão a um bordel. Quem paga a conta? A Alemanha.

Foi muito feliz. Julius Streicher, diretor do jornal *Der Stürmer*, ainda teria encomendado um desenho, no qual esses três europeus meridionais, suarentos e com barba por fazer, apalpavam com seus dedos sujos uma jovem inocente, enquanto o honesto trabalhador alemão precisava se esfalfar. Porém, no fim das contas, a figura seria contraproducente e teria tirado da piada sua esperta discrição.

No mais, um *pot-pourri* de histórias de crimes enchia as outras páginas. Em seguida, vinha o melhor tipo de reportagem de apaziguamento já inventado: as seções de esporte e, depois, uma coletânea de fotos nas quais pessoas famosas pareciam velhas ou horríveis, uma sinfonia completa de inveja, ressentimento e perfídia. Exatamente por isso eu gostaria de ver se havia naquela seção uma pequena nota da minha apresentação. Mas o jornalista tinha toda a razão ao não colocar o jornal na pilha, pois não havia nada. Deixei o periódico cair quando o jornalista desligou o telefone.

— Era o meu filho — disse ele —, aquele dos tênis que o senhor não gostou. Ele perguntou se o senhor é o cara da minha banca. Ele o viu no celular de um amigo. Pediu para dizer que o senhor é sinistro.

Encarei o jornalista, piscando, sem entender.

— Ele acha o senhor muito bom — traduziu o jornalista. — Não quero saber que tipo de vídeo eles têm nos celulares, mas eles não armazenam nos aparelhinhos nada que não achem bom ou de alguma forma interessante.

— Os sentimentos da juventude ainda não foram manipulados — confirmei. — Neles não existe bondade nem maldade, eles pensam de acordo com a natureza. Quando uma criança é bem-criada, ela não toma decisões erradas.

— O senhor tem filhos?

— Infelizmente, não — respondi. — Quer dizer, às vezes se espalhavam rumores de que haveria alguns bastardos, como dizem de onde venho.

— A-há — disse o jornalista e, com um sorriso, acendeu um cigarro. — Era um problema de pensão alimentícia...

— Não, queriam arruinar minha reputação. Uma estupidez incomparável. Desde quando é errado ou desonroso botar uma criança no mundo?

— Diga isso aos democratas-cristãos da Baviera.

— Bem, temos de admitir que muitas vezes é necessário considerar as pessoas simples. Pode-se vir com argumentos, como quiser, sempre exageram nesse sentido. Himmler tentou isso uma vez na SS. Queria impor os mesmos direitos para filhos legítimos e ilegítimos de homens da agência, mas não deu muito certo. O que foi uma pena para as pobres crianças. Olhavam torto para um menininho, uma menininha, caçoavam deles, as outras crianças dançavam ao redor, cantavam versos escarnecedores. Isso também não é bom para o espírito solidário coletivo. Somos todos alemães, os legítimos e os ilegítimos. Sempre digo que uma criança é uma criança. E isso vale tanto no berço como na trincheira. Claro que também é preciso cuidar delas, isso é óbvio. Mas que tipo de canalha deserdaria e abandonaria uma criança?

Devolvi o jornal *Bild* ao lugar dele.

— E o que aconteceu depois?

— Nada. Eram só calúnias, claro. E não se ouviu mais nada sobre o assunto.

— Muito bem — disse o jornalista, tomando um gole de chá.

— Claro que não sei se a Gestapo cuidou desse assunto em algum momento, mas isso não seria mais necessário.

— Provavelmente não. O senhor já tinha dominado a imprensa, não é? — E, ao dizer isso, riu como se tivesse contado uma piada.

— Exatamente — assenti. Então, souu a “Cavalgada das Valquírias”.

A Srta. Krömeier tinha feito aquilo por mim. Depois de colocarmos os computadores para funcionar, ela lembrou que também tinham providenciado para mim um daqueles telefones portáteis. Aquele aparelho era uma oportunidade inacreditável com a qual também era possível acessar essa tal inter-rede, e de um jeito ainda mais fácil do que com o mouse: o controle era feito apenas com os dedos. No mesmo instante, suspeitei de que tinha nas mãos a genialidade criadora ariana, e naturalmente revelou-se com poucos movimentos manuais que a maturação dessa tecnologia se desenvolvera na extraordinária empresa Siemens. Claro que a Srta. Krömeier teve que fazer esses movimentos manuais, pois não era possível ler o que aparecia na tela sem óculos. Em seguida, encarreguei-a também do telefone; afinal de contas, o *Führer* não podia se ocupar com tamanha parafernália, e é para isso que servem as secretárias. Por outro lado, como ela bem me lembrou, não sem motivo, eu só poderia contar com seus serviços em meio período. Em silêncio, também me repreendi por ter ficado dependente demais do meu aparelho de partido. Estava começando do zero mais uma vez, ou seja, querendo ou não eu deveria manejar o tal aparelhinho.

— O senhor quer um toque diferente? — perguntou ela.

— Eu não! — retruquei, sarcástico. — Não trabalho num escritório enorme!

— Então tá, vou deixar o padrão.

Em seguida, ouvi um ruído que parecia um palhaço bêbado tocando xilofone. Sem parar.

— O que é isso? — perguntei, espantado.

— É o seu telefone — respondeu a Srta. Krömeier e completou: —, meu *Fúrra!*

— E toca *desse jeito?*

— Só quando alguém liga.

— Apague isso! Não quero que as pessoas achem que sou um idiota!

— Por isso perguntei — disse a Srta. Krömeier. — Prefere este?

Ouvi mais palhaços tocando diversos instrumentos.

— Isso é terrível! — Suspirei.

— Mas o senhor não se importa com o que as pessoas pensam, não é?

— Minha cara Srta. Krömeier — falei —, pessoalmente considero a calça curta de couro a mais máscula que existe. E se um dia eu voltar a ser chefe da *Wehrmacht*, equiparei uma divisão inteira com essas calças curtas. E com meias de lã.

Nesse momento, a Srta. Krömeier fez um ruído peculiar e começou a assoar o nariz em um lenço.

— Muito bem — continuei —, a senhorita é do sul da Alemanha, por isso não é capaz de entender. Contudo, quando essa divisão passar a existir, quando fizer parte dos desfiles militares, então vocês verão que todas essas provocações sobre calças de couro são inúteis. Mas, nesse ponto preciso enfatizar: precisei reconhecer que durante o caminho para o poder, um político vestido nessas calças não consegue ser levado a sério pelos dirigentes econômicos nem pelos estadistas. Poucas coisas lamentei tanto como essa, mas precisei abdicar dos calções tiroleses, e eu o fiz, porque servia à minha causa e à causa do povo alemão. E vou lhe dizer uma coisa: não renunciei a essas calças maravilhosas para que um aparelho telefônico arruinasse esse sacrifício e me fizesse parecer um verdadeiro débil mental! Portanto, consiga logo um som decente para esse aparelho.

— Por isso perguntei primeiro para o senhor — fungou a Srta. Krömeier, afastando o lenço do nariz. — Posso botar aí o toque de um telefone normal. Também posso instalar qualquer outro som, como frases, barulhos, música...

— Música?

— Se eu não tiver que tocá-la. Quer dizer, precisa ter sido gravada!

E foi assim que ela instalou a “Cavalgada das Valquírias” para mim.

— Não é bonito? — perguntei ao jornaleiro e levei, soberano, o aparelho ao ouvido. — Hitler falando!

Não ouvi nada além das valquírias, que continuaram cavalgando.

— Hitler! — repeti. — Aqui é Hitler! — E, como as valquírias não paravam de cavalgar, mudei para “Quartel-general do *Führer*!”, para o caso de quem ligava estar surpreso que eu mesmo tivesse atendido a ligação. Nada aconteceu, além das valquírias terem ficado mais altas. Nesse meio-tempo, meu ouvido começou a doer. — HITLER FALANDO! — gritei. — QUARTEL-GENERAL DO *FÜHRER*!

Parecia que eu estava no front ocidental, em 1915.

— Aperte o botão verde, por favor — indicou o jornaleiro, num tom queixoso —, detesto Wagner.

— Que botão verde?

— O que aparece no seu telefone — gritou ele —, o senhor precisa escorregar o dedo para a direita.

Olhei para o aparelho. De fato, havia ali um botão verde desenhado. Deslizei-o para a direita, as valquírias se calaram, e então gritei:

— HITLER FALANDO! QUARTEL-GENERAL DO *FÜHRER*!

Nada aconteceu, exceto que o jornaleiro, revirando os olhos, segurou minha mão com o aparelho e a levou à minha orelha, pressionando com suavidade.

— Sr. Hitler? — ouvi o reservador de hotel Sawatzki. — Alô? Sr. Hitler!

— Sim — falei —, aqui é Hitler!

— Estou atrás do senhor há tempos. A Sra. Bellini me encarregou de dizer ao senhor que a empresa está muito satisfeita!

— Pois bem — falei —, isso é ótimo. Mas, da minha parte, esperava mais.

— Mais? — perguntou Sawatzki, irritado. — Mais ainda?

— Meu caro Sawatzki — falei, num tom tranquilizador —, os três artigos de jornal foram até bons, mas, no fim das contas, temos outros objetivos...

— Artigos de jornal — crocitou Sawatzki —, quem está falando de artigos de jornal? O senhor foi parar no YouTube. E as visualizações não param! — Então, ele baixou a voz e falou: — Cá entre nós: logo depois do programa, algumas pessoas quiseram dispensá-lo. Não posso citar nomes. Mas agora... Veja o senhor mesmo! Os jovens o amam.

— Os sentimentos da juventude ainda não foram manipulados — retruquei.

— E por isso precisamos produzir coisas novas imediatamente — gritou Sawatzki, empolgado. — Sua participação crescerá. Estamos prevendo pequenos cliques também. Precisa vir agora mesmo para o escritório! Onde o senhor está?

— Na banca — respondi.

— Bem — disse Sawatzki —, fique aí, estou mandando um táxi!

E então desligou.

— O que houve? — perguntou o jornaleiro. — Boas notícias?

Estendi para ele meu aparelho telefônico.

— Com isso aqui o senhor consegue chegar numa coisa chamada *iútubi*?

O que aconteceu foi o seguinte: alguém registrou, por meio de um mecanismo técnico, minha apresentação no programa de Wizgür e a inseriu na inter-rede, num lugar onde qualquer um podia colocar filmes curtos. E todos podiam ver o que quisessem, sem que a imprensa marrom judaica lhes desse ordens sobre o que assistir. Óbvio que os judeus também podiam inmiscuir seus esforços pífios aqui, mas sem o paternalismo via-se também onde tudo acabava: o povo viu várias e várias vezes minha apresentação no programa do Wizgür. Era possível saber disso por um número que havia abaixo do trecho do filme.

Porém, não confio totalmente nesses números. Lidei por tempo suficiente com companheiros de partido e dirigentes econômicos para saber que existem, em todos os lugares, carreiristas e outros personagens dúbios que gostam de fazer alguns retoques quando se trata de realçar números. Eles os embelezam ou comparam com outros números que fazem os seus parecerem excelentes, enquanto omitem dúzias de outros números que serviriam para revelar uma verdade muito menos favorável. Por isso, me dei o trabalho de observar alguns números das apresentações ordinárias dos judeus. Inclusive me obriguei — não se deve ser melindroso ao assumir — a verificar, por exemplo, os números daquele filme de Chaplin, *O grande ditador*. Bem, a quantidade de visitantes ultrapassava os sete dígitos, porém era necessário, naturalmente, fazer um cálculo correto. O filme barato de Chaplin existia há quase setenta anos, o que resultava em quinze mil visitantes por ano, um número ainda considerável, mas na realidade apenas no papel. Pois, decerto, deve-se pensar em um interesse cada vez menor. Por natureza, a curiosidade do homem é substancialmente maior por acontecimentos atuais do que por velharias, possivelmente, como aqui, por se tratar de uma produção em preto e branco, pois as pessoas hoje estão acostumadas com filmes coloridos. Por isso é possível supor que esse filme foi visualizado pela maior parte dos seus

visitantes na inter-rede nos anos de 1960 e 1970. Hoje, seria possível acrescentar, se muito, algumas centenas de pessoas, provavelmente estudantes de cinema, alguns rabinos e um “público especializado”. Eu, por minha vez, ultrapassei esses números, sem esforço, milhares de vezes nos últimos três dias.

Para mim, isso era muito interessante, sobretudo sob um aspecto.

Até aquele momento, eu tivera minhas melhores experiências em oportunidades de esclarecimento do povo e propaganda com métodos muito diferentes dos atuais. Trabalhei com colunas de camisas pardas da SA, que seguiam pela cidade com as bandeiras tremulando na carroceria dos caminhões, cravavam os punhos no rosto e batiam com porretes na cabeça dos combatentes bolchevistas do front vermelho. Às vezes, tentavam botar um pouco de juízo na cabeça dos comunistas teimosos, com ajuda de suas botas de cano alto e meu total consentimento. Agora eu comprovava que uma ideia simples e atraente, um discurso, podia levar centenas de milhares à observação e ao debate intelectual. De fato, isso era muito difícil de entender. Inclusive, era simplesmente impossível. Tive uma leve suspeita, ou até mesmo um temor, e por isso liguei na mesma hora para Sensenbrink. Ele estava no seu melhor humor.

— O senhor acaba de ultrapassar setecentas mil visualizações — comemorou ele. — Que loucura! O senhor já viu?

— Sim — respondi —, mas sua alegria me parece um tanto exagerada. Não é possível que isso seja rentável para os senhores!

— Como assim? O senhor vale ouro, meu caro! É apenas o começo, vai por mim.

— Mas vai precisar pagar essa gente toda!

— Que gente?

— Fui por muito tempo chefe de propaganda e sei que para trazer setecentas mil pessoas para o nosso lado são necessários dez mil homens. Isso se eles forem fantásticos.

— Dez mil homens? Que tipo de homens?

— Dez mil da SA, teoricamente. E este é um cálculo prudente. Mas os senhores não têm uma polícia paramilitar, uma SA, têm? Ou seja, nesse caso precisariam de uns quinze mil no mínimo.

— O senhor é mesmo uma peça rara! — retumbou Sensenbrink de muito bom humor. Acho que ouvi ao fundo um tilintar de taças. — Mas veja só, um dia alguém ainda vai levá-lo a sério!

E, depois disso, desligou.

A situação parecia estar esclarecida de alguma forma. Sensenbrink, pelo visto, não tinha nada a ver com aquilo. Essa aclamação parecia vir do próprio povo. Claro que Sensenbrink poderia ser um mentiroso descarado, um impostor. Essas dúvidas permaneceriam, pois esta é a parte revoltante das pessoas que não elegeram a si mesmas. Porém, no geral, nesses assuntos ele me parecia estar sendo verdadeiro. Assim, comecei a produzir o material suplementar que agora era necessário.

Como sempre, quando falta criatividade às pessoas, elas surgem com as propostas mais questionáveis. Propuseram que eu gravasse reportagens bizarras, algo como “O *Führer* visita a Caixa Econômica” ou “O *Führer* na piscina”. Rejeitei de imediato essas completas parvoíces. Políticos praticando esportes quase sempre são uma impertinência para a população. Parei de praticá-los logo depois de ter tomado o poder. Um jogador de futebol, um dançarino, eles sabem fazer essas coisas, e as pessoas os veem todos os dias na sua perfeição, o que pode até mesmo ser considerada uma bela arte. No atletismo, por exemplo, um lançamento perfeito de dardo é algo excelente. Agora, imagine alguém como Göring ou essa chanceler matrona que, no quesito peso, são quase irmãos gêmeos? Quem quer vê-los nessa situação? Impossível que dali saiam boas imagens.

Claro que alguns dirão que a pessoa precisa mostrar ao povo que é dinâmica, além disso não há necessidade de saltar a cavalo nem de praticar ginástica rítmica, mas algo tranquilo, como golfe — assim dizem os círculos conservadores anglófilos —, seria totalmente viável. Mas quem já viu um bom golfista, não vai querer ver o bambolear de uma codorna disforme. E o que diriam os outros estadistas? De manhã, a pessoa segue com muita dificuldade os contextos complexos da política econômica, à tarde, vai para o campo de golfe arrancar tufos de grama com movimentos descoordenados. E em trajes de banho, que é, sem dúvida, a maior barbaridade. Ninguém poderia convencer Mussolini a fazer tal coisa. Nos últimos tempos, aquele

importante, mas questionável, chefe de Estado russo também fazia esse tipo de coisa. Um homem interessante, sem dúvida, mas para mim uma coisa é certa: assim que um político tira a camisa, sua política acabou. Com isso, ele não diz outra coisa que não seja: “Vejam, caros compatriotas, fiz uma descoberta surpreendente: sem camisa, minha política é melhor.”

Que declaração mais insensata é essa?

Além disso, li que há pouco um ministro da guerra alemão se deixou fotografar em uma piscina com uma prostituta. Enquanto a tropa estava no campo de batalha ou, pelo menos, pouco antes disso. Se eu estivesse no comando, o homem não ficaria nem mais um dia no cargo. Eu teria negado até mesmo um pedido de demissão, colocaria uma pistola na escrivaninha dele, uma bala engatilhada, sairia da sala e, se o desgraçado tivesse um pingão de decência, saberia o que fazer. Caso contrário, seria encontrado na manhã seguinte com a bala no crânio e a cabeça afundada nessa mesma piscina. E o restante do pessoal também ficaria sabendo o que acontece quando se vira as costas para a tropa em trajes de banho.

Não, para mim esse tipo de festinha aquática está fora de cogitação.

— Se o senhor não concorda, o que fará então?

Quem me fez essa pergunta foi um tal de Ulf Bronner, assistente de um diretor de cinema, de uns trinta e poucos anos, um homem incrivelmente malvestido. Suas roupas só não eram tão esfarrapadas quanto a dos cameramen, que — como sei pelo meu mais recente trabalho para e com a emissora — são os profissionais mais malvestidos do mundo, perdendo apenas para os fotógrafos de imprensa. Não sei por que é assim, mas, segundo minha experiência, os fotógrafos de imprensa parecem vestir com frequência os farrapos de que os cameramen de televisão pouco antes se desfizeram. O motivo é que eles acreditam que ninguém os vê, afinal, carregam as câmeras nas mãos. Eu, ao contrário, quando descubro uma foto desfavorável de alguém em uma revista, um rosto retorcido ou algo assim, sempre penso na aparência que tinha o fotógrafo naquele momento. Bronner, no lugar do diretor, estava só um pouco mais bem vestido, mas não muito.

— Trato de política da atualidade — falei — e, claro, de questões que vão além dela.

— Isso é para ser engraçado? — murmurou Bronner. — Política é sempre uma merda. Mas, fique à vontade, o programa é seu.

Com os anos, aprendi que a crença fanática em uma causa comum nem sempre é necessária. E, em muitos aspectos é, inclusive, contraproducente. Já tinha visto diretores que, por puro desejo artístico, eram incapazes de rodar um filme compreensível. Assim, eu até preferia a indiferença de Bronner, que me dava uma grande liberdade, caso eu tivesse pensado em atacar o desempenho ridículo dos representantes políticos eleitos democraticamente. E como se deve sempre simplificar as coisas o máximo possível, escolhi o tema mais próximo, literalmente. A primeira coisa que fiz pela manhã foi me postar diante do jardim de infância ao lado do colégio pouco convencional por onde já havia passado várias vezes. Observei repetidamente o comportamento irresponsável dos motoristas que passavam correndo numa velocidade considerável e arriscavam a vida e a saúde de nossas crianças sem pensar. Em um breve discurso, ataquei duramente aquela condução insana, e fizemos também algumas gravações daqueles infanticidas inconsequentes, que mais tarde poderiam ser intercaladas. No fim, conversei com várias mães que estavam por ali. As reações foram surpreendentes. A maioria perguntou:

— É câmara escondida?

Ao que eu respondia:

— Nada disso, cara senhora. A câmara está bem aqui, não está vendo?

Ao dizer isso, apontava para o dispositivo de gravação e para o cameraman, fazendo isso de modo tolerante e paciente, pois as mulheres sempre têm dificuldade em compreender os aparatos tecnológicos. Assim que lhes explicava, perguntava se aquelas senhoras sempre frequentavam a região.

— Então, é possível que esses motoristas também tenham chamado sua atenção.

— S-si-sim — diziam, arrastado. — Mas por quê...?

— A senhora concorda comigo que, diante do comportamento de muitos motoristas, devemos temer pela segurança das crianças que brincam por aqui?

— Hum, bem, de certa forma, sim, mas... me diga: aonde o senhor quer chegar?

— Fale de seus temores livremente, companheira ariana.

— Um momento! Não sou companheira ariana coisa nenhuma! Mas já que o senhor está perguntando... Às vezes, é irritante passar aqui com crianças...

— Por que esse governo, eleito democraticamente, não impõe punições mais severas a esses motoristas sem consideração?

— Não sei...

— Temos que mudar isso! Pela Alemanha. A senhora e eu! Que punições exigiria?

— Que punições *eu* exigiria...?

— A senhora acha que as sanções atuais bastam?

— Não tenho certeza...

— Ou elas não são aplicadas com rigor suficiente?

— Não, não, eu... preferia não falar sobre isso.

— Como assim? E as crianças?

— É que... as coisas estão bem assim. Como são. Estou muito satisfeita!

Isso acontecia com frequência. Era como se houvesse um clima de medo, e isso com uma forma de governo supostamente tão liberal. A mulher inocente e simplória do povo não ousava falar abertamente na minha presença assim que eu me aproximava dela com o uniforme de soldado. Fiquei estarrecido. E isso se repetiu em quase três quartos dos casos. O último quarto das pessoas entrevistadas disse:

— O senhor é o novo segurança? Finalmente alguém veio dizer alguma coisa! Isso aqui é uma pouca vergonha! Tinham que ir direto para a cadeia!

— Então, a senhora exige penitenciária?

— No mínimo!

— Pensei que não houvesse mais pena de morte...

— Infelizmente!

Segundo um princípio semelhante, eu censurava o que observava ou via nos veículos de imprensa. Alimentos envenenados, motoristas que falavam em aparelhos telefônicos móveis enquanto conduziam o veículo, o péssimo costume bárbaro das perseguições e afins. E o que espantava era o seguinte: as pessoas exigiam penas draconianas ou, o que era mais frequente, não ousavam falar sobre isso abertamente. Em uma oportunidade, isso ficou especialmente

claro, quando algumas pessoas se reuniram no centro da cidade para criticar o governo. Como parece não ocorrer a ninguém a solução mais óbvia, ou seja, tropas de choque, as pessoas deviam ao menos levantar uma barraca para recolher assinaturas que, no fim das contas, deveriam impedir o impressionante número de cem mil abortos por ano na Alemanha.

Uma matança de sangue alemão desse vulto é algo que considero inaceitável, é claro — qualquer cretino podia logo ver que, considerando cinquenta por cento de meninos neste número, perderíamos, em médio prazo, três divisões militares. Ou quatro. Contudo, na minha presença, nenhuma dessas pessoas corajosas e decentes quis reconhecer sua opinião e, pouco depois de nossa chegada, a campanha foi interrompida de vez.

— O que se pode dizer sobre isso? — perguntei a Bronner. — Essas pobres pessoas mudaram de repente. Demais para a suposta liberdade de expressão.

— Que loucura — surpreendeu-se Bronner —, funcionou melhor do que o protesto dos donos de cachorros contra a obrigação de levá-los na coleira.

— Não — falei —, o senhor entendeu errado. Os donos de cachorros não eram pessoas decentes que, de repente, viraram pó. Eram todos judeus. Não viu as estrelas? Logo perceberam com quem estavam lidando.

— Não eram judeus! — protestou Bronner. — Estava escrito “cão” e não “judeu” nas estrelas.

— Típico dos judeus — expliquei. — Judeus sempre causam confusão. E nas chamas da perplexidade cozinham sua sopa venenosa e nojenta.

— Mas é que... — bufou Bronner, e então riu. — O senhor é mesmo inacreditável!

— Eu sei — falei. — Os uniformes de seus cameramen estão prontos? Daqui em diante, o movimento tem que parecer em harmonia!

Na produtora, receberam com grande entusiasmo nosso material.

— O senhor poderia converter até mesmo um padre em ateu. — A Sra. Bellini riu quando viu o material.

— É possível dizer isso, mas eu já tentei numa escala maior — recordei. — Com muitos desses padrecos não se consegue nada, nem mesmo mandando-os para o campo de concentração.

Duas semanas depois da minha estreia no programa do tal do Wizgür, minhas contribuições foram inseridas, além do discurso inflamado que eu sempre proferia no final. E depois de mais quatro semanas, veio mais uma participação minha. No fundo, era como no início dos anos 1920. Apenas com a diferença de que naquela época eu tinha me apoderado de um partido.

Desta vez me apoderei de um programa de televisão.

No mais, provei que minha opinião sobre o tal do Wizgür estava certa. De fato, ele seguia com certo rancor; quanto mais influência e poder eu adquiria no programa, mais a natureza do *Führer* se impunha. Ainda assim, não se opôs a esse progresso. Não se adequava totalmente, protestava do jeito mais lamentável aqui e ali e resmungava detrás das coxias, enchendo os ouvidos dos responsáveis pela empresa. Eu, no lugar dele, teria apostado todas as minhas fichas, teria desde o início recusado qualquer intromissão. Em circunstâncias semelhantes, eu teria respondido à primeira apresentação pedindo minha demissão dessa emissora, mandando os contratos às favas. Mas esse Wizgür, como era de se esperar, agarrava-se, desesperado, às suas conquistas lamentáveis, à sua fama questionável, ao seu horário fixo, como se fosse uma distinção. Esse Wizgür nunca teria aceitado revezes por suas convicções, nunca teria acabado preso.

Por outro lado: que convicções ele teria? Algo que poderia mostrar além de uma origem duvidosa, de uma verbosidade pretensiosa sem sentido? Para mim era naturalmente mais fácil, pois eu apoiava o futuro da Alemanha. Sem falar na Cruz de Ferro. Ou a condecoração dos feridos de guerra, que comprovava que eu já sacrificara meu sangue pela Alemanha. Contudo, quais sacrifícios Wizgür fizera?

E, obviamente, não espero a medalha de ouro dos feridos pela pátria. Onde ele poderia conseguir uma, se não há guerra? E se isso acontecesse, por sua vez, seria questionável se ele ainda merecia um programa de entretenimento. Das pessoas que ostentam essas raras e elevadas condecorações de feridos de guerra, delas não sobraram muitas, se fizermos uma observação mais acurada. Faz parte da natureza brutal das coisas. Aqueles que foram feridos cinco vezes ou mais no front por baionetas, granadas, bombas de gás, e ficaram com olhos

de vidro ou braços artificiais, ou a boca torta na cicatrização, isso se ainda tiverem um maxilar. Temos que admitir que essa não é a maneira pela qual o destino esculpe os melhores humoristas. E, por mais compreensível que seja certa amargura na situação dessas pessoas, na qualidade de *Führer* é necessário ver também o outro lado. Ali, na plateia, estão sentadas pessoas no melhor dos humores, que se vestiram com garbo e querem se distrair após um dia difícil de trabalho na fábrica de *shrapnels* ou no hangar de manutenção de aviões, ou também após um longo bombardeio noturno. Entendo perfeitamente que o povo espera de um bom comediante algo diferente de duas pernas amputadas. Também é preciso dizer com toda a clareza que, aqui, o impacto imediato e fatal das granadas é uma solução melhor do que uma condecoração com medalha para feridos na guerra, seguida de uma apresentação de um comediante no front pátrio.

O que percebi de imediato foi que o tal Wizgür não só não tinha uma visão de mundo que pudesse rivalizar com a nacional-socialista, como não tinha visão de mundo alguma. E é claro que, sem uma visão de mundo firme, a pessoa não tem a menor chance na moderna indústria do entretenimento, muito menos uma justificativa para existir. O restante será regulado pela história.

Ou pelos índices de audiência.

O *Führer* não é nada sem seu povo. Naturalmente, isso significa que o *Führer* já é algo mesmo sem seu povo, mas ninguém vê o que ele é. Qualquer pessoa com mente sã percebe isso com facilidade, pois seria como colocar Mozart sentado em algum lugar sem lhe dar um piano — com alguém pode perceber que ali está um gênio? Assim, ele não teria surgido como um prodígio com a sua irmã. Bem, ela ainda tinha o violino, mas se tirar também o violino dela, o que resta? Duas crianças, e de qualquer forma elas podem recitar versos no dialeto de Salzburgo ou outras amabilidades comuns, mas isso ninguém quer ver, pois ocorre em qualquer sala de estar na época do Natal. O violino do *Führer* é o povo.

E seus colaboradores.

Claro que é possível imaginar a objeção dos céticos que tagarelam, cheios de si, afirmando que não se pode tocar dois violinos de uma vez. Porém, vamos rever qual a imagem da realidade essas pessoas têm. Para eles, não pode ser o que não deve ser. Mas as coisas são assim! Justamente por esse motivo inúmeros grandes líderes fracassaram totalmente! Pegue, como exemplo, Napoleão, que era um gênio inquestionável. Mas apenas no “violino” militar. Fracassou com os colaboradores. E a mesma pergunta se faz a qualquer gênio: que colaboradores foram escolhidos? Frederico, o Grande, teve o conde Kurt Christoph Graf von Schwerin, um general que se deixou alvejar montado em um cavalo, com a bandeira na mão, ou um Hans Karl von Winterfeldt, que foi assassinado em 1757 com estocadas de sabre. Esses eram colaboradores! Mas Napoleão?

É preciso dizer que sua mão era infeliz, o que é um eufemismo. Um nepotismo da pior espécie, com toda a parentela fazendo fila para conseguir trabalho. José, o irmão demente, está na Espanha; Bernadotte casa com a cunhada deste; Jérôme consegue a Vestfália; as irmãs são bem servidas em qualquer condado italiano, mas alguém o agradece? O pior parasita foi Louis,

que o entronizou na Holanda e, depois, a seu critério, melhorou a própria carreira real, como se tivesse conquistado aquele país! Com esses colaboradores, não se conduz uma guerra nem se governa o mundo. Por isso, sempre dei o maior valor a excelentes colaboradores. E, na maioria assoladora dos casos, eu os encontrei.

Quero dizer, vamos analisar apenas o cerco de Leningrado!

Dois milhões de civis cercados, sem qualquer fornecimento de provisões. Faz parte, claro, de certa consciência da obrigação de jogar todos os dias mil bombas ali, por exemplo, destinadas também e precisamente aos armazéns de alimentos. As pessoas que restaram no final estouravam o crânio umas das outras apenas para poder morder a terra pela qual o açúcar queimado pelas bombas se espalhava. Naturalmente, não valia a pena, do ponto de vista racial, que essas pessoas sobrevivessem, mas o soldado simples poderia facilmente pensar o seguinte: “Pobrezinhos, pobrezinhos!” Além disso, em muitos casos, o soldado raso nutria um grande amor pelos animais.

Eu mesmo vivi isso nas trincheiras, lá onde as pessoas se lançavam nas piores cortinas de fogo para salvar o seu “totó”, ou dividiam suas rações guardadas quase de forma fraternal com um vira-lata qualquer. Vê-se também que a guerra não revela no homem apenas os sentimentos mais severos, mas também os mais suaves, ternos. A batalha, em muitos sentidos, esculpe um homem melhor. O homem simples batalha com um bloco bruto e sai dele como um perfeito amigo dos animais com desejo implacável de fazer o que for preciso. E é aí que esses homens simples, esses milhares de soldados e amigos dos gatos, não dizem: “Vamos com mais calma, no pior dos casos os cidadãos de Leningrado morrerão de fome um pouco mais devagar.” Mas, em vez disso, dizem: “Avante com a bomba! Com essa ordem, o *Führer* chegou à conclusão correta!” Assim se reconhece que se tinha os colaboradores certos.

Ou que os tem novamente, pensei, enquanto observava a Srta. Krömeier datilografar o final do meu último discurso de *Führer*. No geral, estava muito satisfeito com o desempenho da Srta. Krömeier. Não havia nada que a desabonasse no trabalho, pois sua dedicação era exemplar; nos últimos tempos ficava até mesmo o dia inteiro à disposição. Apenas a aparência ainda merecia ser melhorada. Não que parecesse descuidada, mas aquele aspecto lúgubre,

apesar de toda a gentileza, provocado por aquela palidez quase mortíça, era algo pouco vantajoso para o movimento alegre e otimista que inquestionavelmente representava o nacional-socialismo.

Por outro lado, um *Führer* precisa ser capaz de enxergar além desses aspectos. Von Ribbentrop, por exemplo, pela aparência, era um exemplo de um líder racial perfeitamente representativo, com seu queixo exemplar e material genético de primeira qualidade. Contudo, no fim das contas, o homem foi um inútil durante a vida toda. E, por isso, também não servia para ninguém.

— Muito bom, Srta. Krömeier — falei —, acho que por hoje é só.

— Só vou imprimir isso aqui rapidinho — retrucou ela, datilografando algo no computador. Então tirou um espelhinho da bolsa e o batom escuro para retocar os lábios. Pareceu-me uma oportunidade adequada para falar sobre o assunto.

— O que o seu noivo diz sobre isso?

— Que noivo? Por quê? Meu *Fúrra!*

A utilização da forma de tratamento de *Führer* ainda precisava de reparos.

— Bem, a senhorita teria, talvez, ou com certeza, um jovem... hum, digamos... admirador...

— Não — respondeu a Srta. Krömeier enquanto se pintava —, não tenho nenhum, não...

— Veja, não quero ser indiscreto nem insistir... — eu a acalmei. — Mas a senhorita pode me dizer com tranquilidade. Não estamos entre católicos. Não tenho nenhuma reserva quando duas pessoas jovens se gostam. Não é preciso nenhuma certidão de casamento. O amor verdadeiro enobrece a si mesmo!

— Isso tudo é muito bom e bonito — disse a Srta. Krömeier, apertando os lábios depois de se olhar no espelho —, mas não tenho nenhum agora, porque dei um pé na bunda em um há umas quatro semanas! E vou dizer uma coisa ao senhor: o cara era mesmo um filho da puta!

Devo ter ficado com uma expressão bastante surpresa, pois a Srta. Krömeier disse no mesmo instante:

— Ops, escapou sem querer! Não é adequado para o quartel-general do *Fúrra!* Quero dizer, claro, o homem era um belo de um desgraçado, meu *Fúrra!*

Não entendi muito bem o que aquela troca de palavras poderia objetivar ou melhorar; contudo, toda a sua expressão facial mostrava um esforço sincero e também certo orgulho, aparente na segunda formulação.

— Primeiro — falei, firme —, não estamos propriamente no quartel-general do *Führer*, Srta. Krömeier, porque não sou, de fato, general-chefe da *Wehrmacht*, ao menos, não atualmente. Segundo, acho que essas palavras não devem sair da boca de uma garota alemã! Muito menos, da boca da minha secretária!

— Ai, mas era assim mesmo! Se o senhor estivesse lá, diria a mesma coisa! Posso lhe contar as histórias...

— Essas histórias não me dizem respeito! Estamos tratando aqui da aparência do *Reich* alemão e, neste gabinete, da mulher alemã também! Se alguém passar por aqui, eu gostaria que tivesse a impressão de um Estado ordenado, e não...

Não continuei, porque do olho da Srta. Krömeier rolou, primeiro, uma lágrima, em seguida, do outro olho, mais uma, depois, muitas lágrimas. São exatamente esses momentos que um *Führer* precisa evitar durante a guerra, pois a compaixão eventual lhe rouba a concentração da qual precisa com urgência para a realização vitoriosa de batalhas e bombardeio de saturação. Em tempos menos favoráveis, aprendi que é obviamente mais fácil ordenar que cada metro de solo deve ser mantido até a última gota de sangue, o que faria a condução da guerra acabar nesse dia, permitindo que voltássemos tranquilamente para casa. Mas, apesar disso, não se deve perder tempo com as emoções de outras pessoas.

No entanto, naquele momento não estávamos no meio de uma guerra. E eu estimava o trabalho impecável da Srta. Krömeier. Assim, estendi-lhe um lenço de papel que, nos dias de hoje, é produzido em abundância.

— Não é para tanto — falei, tranquilizando-a. — Quero apenas que, no futuro, a senhorita... não duvido de suas capacidades, na verdade, estou

bastante satisfeito com elas... Não quero que leve essa reprimenda tão a sério...

— Tudo bem. — Ela fungou. — Não é pelo senhor. É que eu... eu... amei de verdade esse cara. Pensei que íamos dar certo. Ter algo realmente sério. — Então, ela agarrou a mochila e pegou o telefone. Tateou um pouco até que o aparelho mostrasse a foto do desgraçado e o estendeu para mim. — Ele era tão bonito. E sempre tão... tão especial!

Observei a imagem. O homem tinha, de fato, uma boa aparência. Era louro, alto, porém, tinha uma boa dúzia de anos a mais que a Srta. Krömeier. A foto mostrava o homem na rua, vestindo um terno elegante, mas não tinha nada de dândi, ao contrário, dava a impressão até mesmo de um extremo bom gosto, como se dirigisse uma pequena e sólida empresa.

— Não quero me intrometer — observei —, mas não me espanta em nada que esse relacionamento não tenha chegado a um bom termo...

— Não? — A Srta. Krömeier fungou.

— Não.

— E por quê?

— Veja, a senhorita pensa mesmo que terminou a relação. Mas não percebeu que não é a parceira certa para este homem?

A Srta. Krömeier suspirou e assentiu.

— Mas tudo estava tão bem com a gente. E então... nunca teria pensado...

— Claro — falei —, mas isso fica visível à primeira vista!

Ela fez uma pausa, o punho fechado amassou o lenço de papel, e depois ergueu o olhar para mim.

— O quê? O que fica visível?

Respirei fundo. Era surpreendente a quais cenários secundários de guerra a providência desvia um homem na luta pelo futuro do povo alemão. Contudo, era espantoso como ela também encaixa e une muitas coisas, como por exemplo o problema da Srta. Krömeier e a representação digna da política nacionalista.

— Veja, um homem, em especial um homem racialmente são como esse, quer para a sua vida uma parceira feliz, otimista, uma mãe para os seus filhos, uma mulher que resplandeça o espírito saudável, nacional-socialista...

— Bem, essa sou eu! Tipo, algo assim!

— Sim, claro — concordei. — A senhorita sabe disso, e eu também. Mas, preste atenção: ponha-se no lugar de um homem nos seus melhores anos! Sempre com essas roupas pretas. Esse batom escuro, esse rosto que a senhorita enche de maquiagem para deixá-lo sempre tão pálido... Pelo menos é essa a impressão que passa... Eu... Por favor, Srta. Krömeier, não recomece a chorar, mas vi mortos no front ocidental em 1916 que pareciam mais animados que a senhorita! Esses olhos escuros, junto com esse cabelo preto... A senhorita é mesmo uma jovem atraente, então por que não usa umas cores mais alegres? Uma blusa bonita ou uma saia mais leve? Ou um vestido de verão colorido? E verá como os homens virarão o pescoço para a senhorita!

Ela me olhou paralisada. Então começou a rir desbragadamente.

— Eu me imaginei por um momento — explicou ela — andando por aí de vestidinho como a Heidi, personagem daquele livro da Johanna Spyri, na cabana de Öhi, com florzinha no cabelo e tudo o mais, esbarrando nele numa calçada qualquer, nele e naquela mulher chique, e então descubro que ele... que aquele *canalha de merda* é casado. Tenho que admitir que eu pareceria ainda mais idiota. Essa imagem é muito cômica mesmo. Foi muito gentil da sua parte me animar — disse ela. — E agora meu expediente chegou ao fim.

Ela se levantou, pegou a mochila e a pendurou no ombro.

— Vou pegar a impressão do seu discurso e deixo no seu escaninho — avisou ela, já com a mão na maçaneta da porta. — Bem, boa noite, meu *Fúrra!* Não, francamente, eu num vestidinho... — E, após dizer isso, saiu.

Refleti sobre o que faria naquele começo de noite. Talvez devesse pedir que ligassem no hotel o novo aparelho que Sensenbrink havia me mandado. Com ele, era possível exibir filmes no televisor, filmes que praticamente não se guardavam mais em rolos, mas em pequenos discos plásticos, como aqueles que a produtora Flashlight enchia estantes inteiras. E como sempre gostei de filmes, fiquei muito curioso para saber o que havia perdido nos últimos anos. Por outro lado, também considerei desenhar o futuro aeroporto espacial de Berlim, pois eu já percebera que, durante as atividades de guerra, pouco se dedicou a ele, por isso devia me dedicar à minha antiga paixão com urgência.

Então, a porta abriu-se novamente, e a Srta. Krömeier deixou uma carta na minha mesa.

— Achei isso no seu escaninho — disse ela. — Não veio pelo correio, alguém jogou lá na caixa de correio da empresa. Boa noite outra vez, meu *Fúrra*.

De fato, a carta era endereçada a mim, porém, o remetente tinha posto meu nome entre aspas, como se se tratasse de um programa de televisão com esse nome. Tentei sentir seu cheiro, pois no passado não eram raros os casos de mulheres que queriam expressar certa admiração por mim. A carta não tinha aroma algum, então a abri.

Ainda me lembro com clareza da empolgação que senti quando vi, bem no alto da carta, uma suástica perfeita na área branca. Não contava com reações positivas tão depressa. Mas, além disso, não fui capaz de reconhecer nada.

Desdobrei a carta. Com letras tortas, grossas e pretas, estava escrito:

— Pare com *eça* merda, seu *maudito* porco judeu!

Fazia tempo que eu não ria tanto.

Foi um pequeno e belo sucesso quando a jovem na recepção do hotel pela primeira vez me recebeu com a Saudação Alemã. Eu estava a caminho do salão de café da manhã e, quando respondi à sua saudação com o braço estendido, ela abaixou depressa o braço.

— Só posso fazer isso também porque o senhor acordou tarde e o saguão está totalmente vazio. — Ela piscou para mim, sorrindo. — Portanto, não me denuncie!

— Eu sei que os tempos são difíceis — falei com uma voz abafada —, mas só por enquanto! Chegará o momento em que a senhorita também poderá defender a Alemanha de cabeça erguida.

Então, corri para o salão de café da manhã.

Nem todos os empregados tinham reconhecido os sinais do tempo de forma tão clara quanto a jovem dama da recepção. O cumprimento, em geral, se resumia àquele “bom dia” insosso. Por outro lado, os olhares eram muito menos reservados desde que eu havia passado a usar ternos comuns. Nesse sentido, era um pouco como no meu recomeço após ter sido libertado do cárcere. Também era o caso de recomeçar de baixo, com a diferença de que a influência e os costumes da burguesia amedrontada haviam se instaurado mais profundamente no proletariado, e, mais que no passado, a pele de cordeiro das vestes burguesas precisavam contribuir para formar confiança. De fato, consegui comer cereal e tomar suco de laranja com linhaça, além de ter sentido nos olhares um reconhecimento completo das minhas conquistas até o momento. Pensei em me levantar e pegar mais uma maçã quando ouvi as valquírias cavalgarem. Com um movimento soberano, peguei o aparelho telefônico e o levei à orelha.

— Hitler! — falei com uma voz marcada pela discricção exemplar.

— O senhor já leu o jornal hoje? — perguntou a Sra. Bellini.

— Não — respondi. — Por quê?

- Então dê uma olhada. Ligo de novo em dez minutos!
— Espere! — falei. — De qual jornal estamos falando?
— Daquele com a sua foto na frente — respondeu a Sra. Bellini.

Eu me levantei e fui até a pilha de jornais, onde havia alguns exemplares daquele jornal *Bild*. E, na frente, uma foto minha com o seguinte título: “Hitler maluco no YouTube: fãs festejam suas tiradas!”

Levei o jornal até a minha mesa e me sentei. Então, comecei a ler.

Hitler maluco do YouTube

**Fãs festejam
suas tiradas!**

Toda a Alemanha se pergunta: isso ainda é humor?

No passado, ele assassinou milhões — hoje, milhões o festejam no YouTube: em apresentações de mau gosto, um “comediante” vestido de “Adolf Hitler” agita o programa de Ali Wizgür, “Cara, Caramba”, com discursos bizarros contra os estrangeiros, as mulheres e a democracia. Os serviços de proteção à juventude, políticos e o Conselho Central Judaico estão horrorizados. Abaixo, segue uma amostra de sua “arte”:

“Os turcos não criam cultura.”

Cem mil abortos ao ano é um índice inaceitável, pois, com isso, quatro divisões de soldados farão falta para nós na guerra no Oriente.”

“Na prática, operações plásticas estéticas são profanações à raça.”

A agitação nazista traz más recordações aos alemães mais velhos. A aposentada Hilde W. (92), de Dormagen, comentou: “Isso é horrível. Esse homem já causou tanto mal!” Os políticos mal conseguem acreditar no sucesso dele. O ministro Markus Söder, do Partido Social-Cristão, o CSU, comenta sobre o caso: “Loucura. Isso não tem nada a ver com humor!” O especialista em saúde do Partido Social-Democrata, Karl Lauterbach, declarou ao BILD: “É um caso limite, ofensivo.” A presidente do Partido Verde, Claudia Roth, disse: “Apavorante, eu sempre desligo a televisão quando o vejo.” Dieter Graumann, presidente do Conselho Central Judaico: “Isso é de um mau gosto inacreditável. Estamos pensando em denunciá-lo.”

O mais bizarro ainda é que ninguém conhece o nome verdadeiro desse “comediante”, que tem uma semelhança assustadora com o monstro nazista.

Para descobrir mais informações, o BILD entrevistou a chefe da MyTV, Elke Fahrenndonk:

BILD: O que isso tem a ver com sátiras e com humor?

Fahrendonk: Hitler revela contradições extremas de nossa sociedade, por isso, seu tipo polarizante ao extremo é artisticamente justificado.

BILD: Por que o Hitler maluco da TV não revela seu nome verdadeiro?

Fahrendonk: Não é diferente com Atze Schröder. Ele também tem direito à privacidade.

O BILD promete ficar de olho

Preciso admitir: fiquei surpreso. Não pela confusa percepção da realidade de um jornal, pois já se sabe que não é novidade que os maiores idiotas de um país estão principalmente nas redações dos jornais. No entanto, eu havia entendido que esse jornal *Bild* era, secretamente, uma instituição irmanada, reprimida, sem dúvida, com uma covardia moral pequeno-burguesa que ainda se apavorava um pouco diante da palavra clara e decidida, mas ainda assim em muitas posições conteudísticas caminhava para uma direção parecida. Pouco se percebia disso naquela reportagem. Ouvi as valquírias cavalgarem e peguei o telefone.

— Hitler.

— Estou assustada — disse a Sra. Bellini. — Nem ao menos nos avisaram disso!

— O que a senhora esperava de um jornal?

— Não estou falando do *Bild*, e sim da MyTV! — A Sra. Bellini se empolgou. — Eles entrevistaram a Elke Fahrendonk. Poderiam ao menos ter nos avisado com antecedência!

— E isso mudaria o quê?

— Nada. — Ela suspirou. — O senhor tem toda razão.

— No fim das contas, é só um jornal — retruquei. — Isso tudo não me interessa.

— Talvez não interesse ao senhor — retrucou a Sra. Bellini —, mas a nós, sim. Querem derrubá-lo. E investimos bastante no senhor.

— O que isso significa? — questionei, ríspido.

— Significa — respondeu a Sra. Bellini, quase que com frieza —, que recebemos um pedido de declaração do *Bild*. Então, precisamos falar.

— Não sei sobre o quê.

— Eu sei. Se o senhor está na mira deles, então não vão deixar pedra sobre pedra. Gostaria de saber se há alguma coisa que eles podem descobrir.

É sempre divertido observar quando nossos dirigentes econômicos ficam com medo. Quando o negócio lhes parece atraente o bastante, chegam correndo, cheios de alegria, e podem oferecer uma grande quantia de dinheiro. Quando tudo anda bem, eles também são os primeiros que querem aumentar a própria participação, alegando que, no fim das contas, assumiram todo o risco. Contudo, assim que algo perigoso surge, eles são também os primeiros a repassar para o outro esse risco tão cheio de mérito.

— Se essa é a sua preocupação — ironizei —, surgiu tarde demais. Não acha que deveria ter me perguntado antes?

A Sra. Bellini pigarreou.

— Acho que está na hora de confessarmos uma coisa ao senhor.

— E o que seria?

— Nós o investigamos. Olhe, não me entenda mal: não colocamos nenhum espião atrás do senhor ou coisa parecida. Mas contratamos uma agência especial. Quero dizer, precisávamos nos certificar se estávamos empregando um nazista convicto.

— Muito bem — falei, enervado —, então o resultado deixou a senhora tranquila, com certeza.

— Por um lado, sim — comentou a Sra. Bellini. — Não encontramos nada que desabonasse o senhor.

— E por outro lado?

— Por outro lado, não encontramos absolutamente nada. Ou seja... é como se o senhor não existisse.

— E agora a senhora quer saber de mim se talvez eu tenha existido no passado?

A Sra. Bellini fez uma breve pausa.

— Por favor, não nos leve a mal. Estamos todos no mesmo barco, queremos apenas evitar que, no final — e, nesse ponto, ela deu uma risada um tanto forçada —, que nós, claro, sem saber, tenhamos contratado uma espécie de Hitler autêntico... — Então, ela fez uma pausa curtíssima antes de completar: — Não consigo sequer acreditar no que acabei de dizer.

— Eu também não — concordei. — Isso é alta traição!

— O senhor não consegue falar sério nem por um minuto? — perguntou a Sra. Bellini. — Só queria que o senhor respondesse a uma pergunta minha: tem certeza de que o pessoal do *Bild* não conseguirá desenterrar nada que possa ser usado contra o senhor?

— Sra. Bellini — comecei —, nunca fiz nada na vida de que pudesse me envergonhar. Não enriqueci ilicitamente, nem fiz algo por interesse próprio. Isso será de pouca serventia ao lidar com a imprensa. De qualquer forma, devemos presumir que esse jornal inventará um monte de mentiras maldosas. Provavelmente, atribuirão a mim filhos ilegítimos, o que é sabidamente o pior que se pode imaginar para a imprensa difamatória pequeno-burguesa. Mas posso viver com essa acusação.

— Filhos ilegítimos? Nada mais?

— O quê, por exemplo?

— Algo como antecedentes nacional-socialistas?

— Meu passado político é impecável. — Eu a tranquilizei.

— Então, o senhor nunca esteve num partido de direita? — insistiu.

— Do que está falando? — Eu ri com essa pergunta primitiva e ingênua.

— Praticamente fundei o partido! Número de filiação quinhentos e cinquenta e cinco!

— Como assim?

— Não que a senhora pudesse acreditar que não passei de um simpatizante.

— Foi, talvez, um pecado juvenil? — A Sra. Bellini tentou de novo enfraquecer de forma totalmente desajeitada a minha orientação política ilibada.

— O que a senhora está dizendo? Faça as contas comigo. Em 1919, eu tinha trinta anos. Eu mesmo inventei o embuste: criamos os quinhentos primeiros para que o número de filiados causasse uma impressão melhor! É uma mentira da qual me orgulho muito. Assim, eu lhe asseguro, o pior que poderá surgir nesse jornal sobre mim é o seguinte: Hitler falsificou seu número de filiação. Acho que isso não fará diferença na minha vida.

Do outro lado da linha sobreveio novamente uma pausa. Em seguida, a Sra. Bellini disse:

— 1919?

— Mas é claro. Quando mais poderia ser? Só é permitido entrar uma vez em um partido, a menos que saia dele. E desde então eu nunca saí!

Ela riu e parecia aliviada:

— Isso também não faz diferença para mim. “Hitler do YouTube: mentiu ao entrar no Partido em 1919!” Eu poderia até pagar por uma manchete assim.

— Então, retorne ao seu posto e mantenha-se na posição. Não cederemos nenhum metro!

— Muito bem, meu *Führer* — ouvi a Sra. Bellini dizer, rindo.

Ela desligou o telefone. Larguei o jornal na mesa e avistei, de repente, dois olhos infantis azuis e brilhantes e uma cabeleira loura de um menino que estava com as mãos nas costas, envergonhado.

— Ora, o que temos aqui? — perguntei. — Como você se chama?

— Eu — disse o pequeno —, eu me chamo Reinhard.

Era mesmo um menino lindo.

— E quantos anos você tem? — eu quis saber. Ele tirou uma das mãos das costas e me mostrou três dedos, antes de incluir, hesitante, um quarto. Adorável.

— Conheci um Reinhard — falei, afagando sua cabeça —, que morava em Praga. É uma cidade muito bonita.

— Você gostava dele? — perguntou o menininho.

— Gostava muito dele — respondi. — Ele foi um homem muito corajoso! Ele garantiu que muitos homens maus não pudessem mais fazer mal a pessoas como você e eu.

— Quantos? — perguntou o menino, que visivelmente ganhava mais confiança em mim.

— Muitos! Milhares! Um homem muito corajoso, destemido.

— Ele prendia esses homens?

— Sim — assenti —, fazia isso também.

— Aposto que dava um chute na bunda deles. — O maravilhoso malandrinho riu e tirou a outra mão das costas. Ele me estendeu um jornal *Bild*.

— Foi você quem trouxe?

Ele assentiu.

— É da minha mãe! Ela está sentada ali — disse ele, apontando para uma mesa distante no salão. Então, ele enfiou a mão no bolso da calça e tirou uma caneta hidrográfica. — Ela falou para eu perguntar se o senhor poderia desenhar um automóvel para mim.

— Um carro! — Eu ri. — Tem certeza? Será que a sua mamãe não quis dizer autógrafo?

O garoto franziu sua testa bonitinha e pensou bastante. Então, me olhou meio perturbado.

— Não sei. Desenha um automóvel para mim?

— Vamos perguntar para a sua mamãe? — E, com isso, me levantei, peguei o garotinho pela mão e levei-o de volta à mãe. Assinei o jornal dela e desenhei para o garotinho um belo automóvel numa folha de papel, um Maybach magnífico com doze cilindros. Quando estava voltando para o meu lugar, meu telefone tocou. Era a Sra. Bellini.

— O senhor fez bem — disse ela.

— Gosto de crianças — falei. — Eu mesmo nunca pude formar uma família. E a senhora pode parar de me espionar de uma vez por todas!

— Que crianças? — perguntou a Sra. Bellini, audivelmente surpresa. — Não, quero dizer: o senhor argumentou bem, é rápido. É tão bom que o Sr. Sensenbrink e eu pensamos que poderíamos conceder uma entrevista a eles. Aos caras do *Bild*!

Pensei por um momento e disse em seguida:

— Não, não vamos fazer isso. Acredito que sairemos com mais frequência nas manchetes. E eles conseguirão a entrevista quando *nós* quisermos. E sob as nossas condições.

Não me decepção com frequência. Ao contrário, é muito raro eu me decepcionar. Essa é uma das vantagens quando se entra na política com uma experiência de vida consumada, e digo isso conscientemente. Pois hoje em dia há tantos supostos políticos que, se muito, passaram quinze minutos atrás de um balcão de loja ou olharam uma vez, de passagem, para as portas abertas de uma oficina e mesmo assim acreditam saber como é a vida real. Penso apenas, à guisa de exemplo, naquele ministro liberal, Philip Rösler, que interrompeu a formação em medicina para se concentrar em sua ridícula carreira. E só nos resta perguntar: para quê? E se, em vez disso, tivesse dito que primeiro se concentraria em sua formação como médico para então, depois de dez ou vinte anos de prática, cinquenta, sessenta horas por semana, e mais tarde, por meio da dura realidade, aos poucos formar uma opinião e solidificá-la em uma visão de mundo para que pudesse iniciar finalmente, com a consciência tranquila, um trabalho político sério. O que, sob circunstâncias favoráveis, seria até mesmo aceitável. Mas, claro que esse moleque pertence a uma dessas espécies novíssimas, terríveis, que pensa que, primeiro, deve-se entrar na política, e as ideias se firmarão de algum jeito durante o trajeto. E é isso que parece: fala-se hoje do judaísmo financeiro e, amanhã, corre-se atrás do bolchevismo judaico. Não diferente do que acontece com aquele juvenzinho, no fim das contas ele é como o bobo da sala de aula, que sempre tem que correr atrás do ônibus escolar. Tudo que posso dizer é: pfff! Seria melhor que esperasse até acumular as primeiras experiências de front, o desemprego, o albergue masculino em Viena, a recusa pelos professores imbecis da Academia, e assim, hoje ele saberia do que está falando. Dessa forma, enganos seriam possíveis apenas em casos extraordinários. Como na questão com o jornal *Bild*. Isso, devo confessar, me decepçou.

Parti do princípio de que os canalhas da imprensa cairiam em cima de mim, da minha política e de meus discursos. De fato, enviaram principalmente uma horda de fotógrafos atrás de mim. E, dois dias depois, apareceu uma grande foto minha na qual eu tomava chá num copo de isopor, na banca de jornal. O jornalista havia se juntado a mim, com uma garrafa de limonada na mão que, no entanto, tinha o formato de uma garrafa de cerveja. Em letras enormes, lá estava a manchete:

Hitler maluco do YouTube

**Vadiando com
seus amigos
de bebedeira**

À noite, ele dispara veneno contra os estrangeiros e nossos políticos na televisão, mas passa o dia ao lado dos amigos de bebedeira: o “comediante” mais importante da Alemanha, que se autodenomina “Adolf Hitler” e ainda esconde seu nome do país (como informou o BILD). O “humorista” nazista (à esquerda) se arrumou todo, deixando o uniforme de lado, fazendo-se passar por um cidadão comum. Será que planeja o próximo golpe de mau gosto?

O *BILD* continua de olho.

De fato, é preciso admitir que o jornalista não estava no seu melhor dia no que diz respeito às suas vestimentas, pois havia planejado fazer alguns reparos na fachada da banca. Por isso, tinha vestido algumas roupas velhas e, por cima, um avental de trabalho, que havia tirado quando fez uma pausa para fumar e, assim, parecia tão maltrapilho, como se pode esperar — e ninguém pode julgá-lo melhor que eu — de alguém que esteja trabalhando com pintura. Mas o jornalista nunca fora um amigo de bebedeira, até porque nunca cultivei amizades bêbadas. Ainda assim, esse fato foi extremamente

desagradável para mim, no fim das contas, pois o jornalista realmente não merecia um tratamento desse tipo. Felizmente, ele soube lidar bem com a situação. Já no final da manhã me pus a caminho para lhe pedir desculpas pela inconveniência. Mas ele quase não teve tempo para mim.

Encontrei-o em pé, diante da banca, enquanto atendia um número surpreendentemente grande de pessoas, apesar do clima frio e chuvoso. Uma grande placa se destacava acima do balcão do caixa da banca: “Compre o *Bild*: hoje, comigo, o Hitler maluco do YouTube!”

— O senhor chegou na hora certa! — gritou ele ao me ver.

— Na verdade, vim para pedir desculpas — gritei de volta —, mas agora já não sei mais exatamente por quê.

— Eu também não. — O jornalista riu. — Pegue uma caneta e autografe! É o mínimo que o senhor pode fazer pelo seu amigo de bebedeira.

— É o senhor mesmo? — perguntou-me o operário que estendia seu jornal para mim.

— Claro — falei, assinando o jornal.

— Assim que soube pedi uma remessa extra — explicou o jornalista, vendendo jornais por cima das cabeças. — Isso mesmo, pode ir até ali, o Sr. Hitler assinará com prazer.

Na verdade, eu particularmente não gostava muito de assinar o meu nome. Nunca se sabe o que as pessoas farão com uma assinatura sua. Assina-se inocentemente o nome numa folha de papel e, no dia seguinte, alguém anexa uma declaração a ela e, de repente, doou-se a Transilvânia de forma irrecuperável a qualquer região corrupta dos Balcãs. Ou capitula-se incondicionalmente, embora se tenha uma quantidade gigantesca de armas de retaliação nos bunkers com as quais era possível dar uma reviravolta na guerra a seu bel-prazer. Mas, no fim das contas, um autógrafo em jornal parecia algo inofensivo. Além disso, fiquei contente que pela primeira vez ninguém reclamava de eu não assinar como Sr. Stromberger ou sei lá quem quer que fosse, mas com o meu próprio nome.

— Aqui, por favor, em cima da foto!

— O senhor pode escrever “Para Helga”?

— Pode falar alguma coisa contra os curdos da próxima vez?

— Devíamos ter ido juntos para a guerra! Assim, teríamos ganhado!

Empurraram para a frente uma menininha segurando o jornal, o qual autografei bem devagar. Assim, poderiam fotografar a cena com tranquilidade e constatar que a juventude confia no *Führer* tanto quanto antes. E não apenas os jovens. Uma anciã aproximou-se com um brilho nos olhos em um daqueles modernos carrinhos para locomoção. Estendeu o jornal para mim e disse com a voz trêmula:

— O senhor se lembra? Em 1935, em Nuremberg, eu estava na janela em frente ao local onde o senhor marchava! Sempre tive a sensação de que o senhor me viu. Ficamos muito orgulhosos! E agora... o senhor não mudou nada!

— A senhora também não — menti, jocoso, e lhe estendi a mão, emocionado.

Claro que eu não me lembrava dessa senhora, mas aquela lealdade sincera tinha um encanto especial. De qualquer forma, quando um Sensenbrink nervoso me ligou, pude tranquilamente aliviar suas preocupações com esta prova de confiança do povo, e rejeitar mais uma vez a exigência de um contra-ataque advocatício. E, no dia seguinte, também não me apavorei. Claro que o jornal reprimiu a aclamação fotografada e, em vez disso, imprimiu uma manchete totalmente irrelevante: “Hitler maluco do YouTube: agora a Alemanha vota.” Além disso, acrescentaram diversas fotos de campos de concentração que mostravam o trabalho feio, mas infelizmente necessário, da SS. Por isso, fiquei um pouco indignado.

Pois em grandes missões nunca é um procedimento sério mostrar casos isolados e insignificantes, uma vez que qualquer empresa traz consigo infelicidades pequenas e temporárias. Por exemplo, há uma grande rodovia pela qual se transportam bens econômicos aos milhões, e sempre há um coelhinho lindo que treme apavorado às margens da pista. Ao construirmos um canal que garante centenas de milhares de postos de trabalho, é claro que haverá um ou outro trabalhador menor de idade, e também encontraremos um pequeno fazendeiro que derramará lágrimas ao ter que renunciar às suas terras. Mas não posso ignorar o futuro do povo por causa dessas coisas. E apesar de reconhecida a necessidade de exterminar milhões de judeus — e

havia essa quantidade toda naquela época —, sempre se encontrará um alemão compassivo e simplório que pensa: “Ah, bem, esse judeu nem era tão ruim assim no fim das contas. Seria até possível aguentar esse ou aquele judeu por mais alguns anos.” O mais fácil para um jornal é apelar para o lado mais sentimental das pessoas. É a mesma coisa sempre: todos estão convencidos de que ratos devem ser combatidos, mas quando é necessário fazer isso, a compaixão com a ratazana solitária é grande. Que fique entendido: apenas a compaixão pela ratazana e não o desejo de ficar com ela. Não se pode confundir as duas coisas. Porém, é óbvio que essa mesma confusão intencional baseava as ilustrações que acompanhavam o questionário. A votação, cujo decorrer honesto deveria ser posto em dúvida, oferecia, por sua vez, três opções de respostas, que me causaram um sorriso carrancudo. Eu também poderia ter pensado em algo assim. As opções eram as seguintes:

1. Basta! Acabem com o Hitler do YouTube!
2. Não, esse homem nem é engraçado, a MyTV logo vai perceber isso também.
3. Nunca vi. Essa porcaria nazista não me interessa.

Era de se esperar isso mesmo, é claro. Faz parte do caráter calunioso e das ferramentas da imprensa marrom intelectualmente burguesa e ainda infestada de judeus. É preciso viver com isso. Além do mais, faltavam àquela ralé mentirosa as possibilidades necessárias de internação compulsória. Como, por exemplo, pude verificar por ocasião de um pequeno controle de infraestrutura na inter-rede, que no campo de concentração de Dachau restaram apenas dois barracões em pé. Situação inominável, já que, depois da primeira onda de pressões, seria necessário acionar novamente os crematórios.

Sensenbrink, claro, já andava depressa em círculos. Sempre são os “grandes estrategistas” que ficam primeiro com os nervos à flor da pele.

— Estamos ferrados — gemia ele sem parar. — Vão acabar com a gente. Certamente, a MyTV já deve estar nervosa. Precisamos dar a tal entrevista!

Sinalizei para o reservador de hotéis Sawatzki que ele deveria ficar de olho naquele irresponsável. A Sra. Bellini, ao contrário, estava literalmente reluzindo. Desde meu amigo Ernst Hanfstaengl, ninguém havia me apresentado a tantas pessoas muito ou pouco importantes. E sua aparência também era claramente melhor, uma genuína fêmea de raça pura.

Mas, mesmo assim, capitulei no quarto dia.

É o único caso pelo qual me ressinto até hoje. Devia ter mostrado uma firmeza obstinada, mas é provável que eu estivesse um pouco fora de forma. Além disso, nunca sequer teria sonhado com o que ia acontecer.

Publicaram uma grande foto minha que me mostrava acompanhando a corajosa Srta. Krömeier até a porta da empresa. A foto, tirada à luz clara do finalzinho da tarde, foi maliciosa e intencionalmente desfigurada — como pude perceber com facilidade, graças às minhas grandes conversas no passado com Heinrich Hoffmann, meu fotógrafo pessoal na época. Os borrões na imagem eram totalmente desnecessários, tinham dado um grande zoom e a apresentado como se tivessem desfrutado de um espião com muitas décadas de experiência para conseguir tal foto. O que era uma imbecilidade, obviamente. Naquele dia, havia pensado em dar um pequeno passeio, por isso levei a Srta. Krömeier até a saída, onde ela pegou o ônibus. Nessa foto, eu estava abrindo as portas da empresa para ela. Por isso, estamparam em letras garrafais:

Hitler maluco do YouTube:

Quem é a mulher misteriosa ao seu lado?

Saíram às escondidas por uma porta lateral e olharam ao redor: o “comediante” nazista e sua beldade misteriosa. O homem que até o momento não revelou à Alemanha o próprio nome, se volta contra estrangeiros e que se autodenomina paladino da decência, conduz seus casos pouco apetitosos na penumbra.

Quem é a mulher misteriosa que se deixa cortejar por ele?

O BILD soube pelas fontes mais seguras que o nome da desconhecida é Vera K., de 24 anos, auxiliar administrativa com uma predileção bizarra por roupas pretas, inclusive trajes de couro. Em certos fóruns de internet, ela usa o apelido de "Vulcania17", onde discute sobre massas negras e músicas de horror. O maluco e a noiva do terror: o que devemos temer desse par apavorante?

O BILD promete: a marcação vai ser cerrada.

— Isso é corresponsabilidade familiar — falei, com frieza. — E a Srta. Krömeier nem é minha parente!

Estávamos sentados na sala de conferência: a Sra. Bellini, Sensenbrink, o reservador de hotéis, Sawatzki, e eu. E, claro, foi o grande estrategista Sensenbrink que logo perguntou:

— Mas não está rolando nada, não é? Com o senhor e Verinha?

— Não seja ridículo — interrompeu rapidamente a Sra. Bellini. — O Sr. Hitler já segurou a porta para mim uma vez. Vai me perguntar isso também?

— Precisamos ter certeza — respondeu Sensenbrink, levantando os ombros.

— Certeza? — retrucou a Sra. Bellini. — Do quê? Não vou gastar nem um segundo com essa questão nojenta. A Srta. Krömeier pode fazer o que quiser e o Sr. Hitler também. Não estamos mais nos anos 1950.

— Mesmo assim, ele não pode ser casado — disse Sensenbrink com firmeza —, não se tiver algo com Vera.

— O senhor ainda não entendeu — disse a Sra. Bellini e voltou-se para mim. — E então? O senhor é casado?

— Na verdade, sou — confirmei.

— Ah, que maravilha — lamentou Sensenbrink.

— Deixe-me adivinhar — lançou Bellini. — Desde 1945? Em abril?

— É claro — falei. — É assustador o que a imprensa ainda esmiúça. Na época, infelizmente, a cidade estava cheia de bolcheviques.

— Sem querer me intrometer na sua vida pessoal — interrompeu Sawatzki, o reservador de hotéis —, acho que o Sr. Hitler pode ser considerado, por razões que bastam, viúvo. — Pode-se dizer o que quiser, mas

esse Sawatzki pensava rápido, com clareza, confiança e pragmatismo, mesmo sob fogo cruzado.

— Não posso confirmar o fato cem por cento — comentei —, mas também li sobre isso, como o Sr. Sawatzki.

— Muito bem — disse a Sra. Bellini virando-se para Sensenbrink. — Está satisfeito agora?

— Também faz parte do meu trabalho fazer perguntas desagradáveis — retrucou Sensenbrink, mal-humorado.

— A pergunta é: o que faremos? — resumiu a Sra. Bellini.

— Precisamos mesmo fazer alguma coisa? — perguntou Sawatzki, tímido.

— Admito que tem razão, Sr. Sawatzki — falei —, ou lhe daria razão, se dependesse só de mim. Mas, se eu não fizer nada, meu entorno continuará sendo afetado. É provável que isso não pareça de todo ruim ao Sr. Sensenbrink — concluí com um olhar sarcástico de soslaio —, mas não posso exigir isso dos senhores e da empresa.

— Eu exigiria de nós e da empresa a qualquer momento, mas nossos acionistas já estão fartos — retrucou a Sra. Bellini, seca. — Ou seja, nada de entrevistas sob nossas condições, mas sim sob as condições deles.

— A senhora se responsabilizará de que não fique parecendo — falei e, como imaginei que a Sra. Bellini não aceitaria ordens de forma tão amigável quanto Sawatzki, acrescentei depressa: — Mas a senhora tem total razão sobre esse caso. Daremos uma entrevista a eles. Digamos, no Adlon. E eles pagam.

— O senhor tem cada ideia — ironizou Sensenbrink. — Nessa situação, não poderemos sequer exigir um honorário.

— É uma questão de princípios — falei. — Não vejo motivo para desperdiçar patrimônio público com essa escória da imprensa. Se eles pagarem a conta, para mim será o bastante.

— E quando pode ser? — perguntou Sawatzki.

— Assim que possível — respondeu a Sra. Bellini, e ela estava certa. — Que tal amanhã? Então, talvez, eles deem ao senhor um dia de folga.

Concordei.

— Nesse meio-tempo, deveríamos também fortalecer nosso trabalho de relações públicas.

— Que seria?

— Não podemos entregar essas informações ao inimigo político. Isso não pode acontecer de novo com a gente. Podemos publicar um jornal próprio.

— Provavelmente o *Völkischer Beobachter*? — zombou Sensenbrink. — Somos uma produtora e não um jornal!

— Não precisamos ser um jornal — interveio rapidamente o reservador de hotéis, Sawatzki —, o forte do Sr. Hitler é, sem dúvida, a imagem em movimento. Já fizemos vídeos, então por que não os colocamos em nosso site?

— Todas as aparições até o momento em HD para que se tenha valor agregado, se comparado às gravações do YouTube — continuou a Sra. Bellini, refletindo. — E teríamos uma plataforma, se quisermos informar algo especial. Nosso ponto de vista. Parece bom. O senhor pode cuidar para que o departamento digital apresente alguns projetos.

Encerramos a conferência. No caminho para a saída, vi uma luz no meu gabinete. Entrei para apagá-la. Como o *Reich* ainda não está totalmente equipado com energias renováveis, tudo isso custa combustível caro. Hoje em dia, ninguém se preocupa com isso, mas em trinta anos lamentarão bastante quando faltar justamente aquela gota de combustível no tanque, pouco antes de El Alamein, para se chegar à vitória final. Abri a porta e vi a Srta. Krömeier imóvel em sua mesa. Apenas naquele momento me dei conta de que não havia perguntado como ela estava. Aniversários, lutos, ligações pessoais, na época, minha secretária Traudl Junge me lembrava disso tudo e hoje eu tinha a Srta. Krömeier. Mas, nesse caso, a questão passara em branco. Ela olhava consternada para a tela. Em seguida, ergueu os olhos para mim.

— O senhor sabe quantos e-mails recebi hoje? — perguntou ela, pálida.

A pobre menina desajeitada me comoveu deveras.

— Sinto muitíssimo, Srta. Krömeier — falei. — Para mim, é fácil suportar essas coisas, estou acostumado a resistir a ataques quando defendo o futuro da Alemanha. Assumo toda a responsabilidade. É imperdoável quando o inimigo político, em vez de me atingir, atrapalha uma funcionária menor.

— Mas não tem nada a ver com o senhor — disse ela, balançando a cabeça. — Isso é bem normal na merda do *Bild*. Se você sai uma vez na bosta da

manchete, logo abrem uma temporada de caça. Estou recebendo fotos de pintos de todos os tipos, recebo e-mails horríveis, dizendo tudo o que querem fazer comigo, e depois de três palavras paro de ler. Há sete anos sou Vulcania¹⁷, mas não posso mais usar esse nome, pois está contaminado e agora — ela apertou uma tecla, abatida —, agora virou história.

É desagradável quando alguém não consegue tomar uma decisão. Se Blondi ainda estivesse viva, ao menos, ela estaria aqui para eu poder acariciá-la. Um animal, e especialmente um cão, pode muito bem aliviar a tensão nesses momentos.

— E não acaba com a internet — prosseguiu ela, olhando para o nada. — Pelo menos na internet a gente pode ler o que as pessoas pensam. Mas na rua não dá. Só dá para imaginar, e prefiro não imaginar.

Ela suspirou sem se mexer.

— Eu deveria tê-la avisado — falei após um momento de silêncio. — Mas subestimei o inimigo. Sinto muitíssimo que a senhorita tenha de pagar pelos meus erros. Ninguém sabe melhor do que eu que é preciso se sacrificar pelo futuro da Alemanha.

— O senhor não para nem por um minuto? — perguntou a Srta. Krömeier, que parecia realmente irritada. — Não estamos aqui falando do futuro da Alemanha! É verdade! Não é piada! Não é uma apresentação! É sobre a minha vida que estão escrevendo, é com ela que estão acabando!

Eu me sentei na cadeira que estava diante da mesa dela.

— Não posso parar nem por um minuto — falei com seriedade. — Também não quero parar dois minutos. Até o fim, defenderei aquilo que acho certo. A providência me colocou nesse posto e aqui defenderei a Alemanha até o último cartucho. E a senhorita certamente poderia contestar: apesar disso, será que o Sr. Hitler não pode ceder nem por um minuto? E, em tempos de paz, eu até estaria disposto a fazer isso para agradá-la, Srta. Krömeier! Mas não quero. E direi à senhorita por quê. Tenho certeza de que também não desejará esse destino para mim!

Ela me olhou, confusa.

— No momento em que eu começar a fazer concessões, não farei pela senhorita. No fim das contas, eu o farei porque esse jornaleco mentiroso me

obrigará. É isso que a senhorita quer? Que eu faça o que o jornal pede?

Ela negou com a cabeça, primeiro devagar, depois com força.

— Tenho orgulho da senhorita — confessei — e, mesmo assim, há uma diferença entre nós dois. O que exijo de mim mesmo, não posso exigir de todas as pessoas. Srta. Krömeier, compreenderei se não quiser mais trabalhar para mim. A empresa Flashlight certamente encontrará outro lugar para a senhorita, onde não seja mais exposta a essas inconveniências.

A Srta. Krömeier fungou. Então, empertigou-se na cadeira e disse, com firmeza:

— Nem morta vou embora daqui, meu *Fúrra!*

A primeira coisa que vi foi uma inscrição grande em letras góticas na qual se lia a palavra “Sítio”. Peguei imediatamente o telefone e liguei para Sawatzki.

— E aí? Já viu? — perguntou ele. E, sem esperar resposta, comemorou: — Ficou bom, não é?

— Sítio? — perguntei. — O que isso quer dizer? De que sítio se trata? Sawatzki ficou mudo ao telefone.

— Bem, não podemos usar site na sua página...

— Não? — quis saber. — Por que não?

— O *Führer* não pode usar palavras estrangeiras...

Balancei a cabeça, enérgico.

— Sawatzki, Sawatzki, o que o senhor sabe sobre o *Führer*? Essa germanização forçada é o pior que se pode fazer. O senhor não pode confundir pureza racial com isolamento mental. Um website não deixa de ser um website, não seja ridículo! Não chamamos o tanque de dispositivo de defesa móvel com esteiras só porque os ingleses inventaram.

— Ok — corrigiu-me Sawatzki —, podemos usar site. Vou dar um jeito. O senhor gostou do restante?

— Ainda não tive tempo de olhar — falei e, curioso, mexi o mouse na mesa. Do outro lado da linha, Sawatzki fazia barulho em seu teclado. De repente, surgiu na minha tela um grande “Site”.

— Hum — disse ele —, isso não faz sentido. Porque precisa escrever “Site” nessa letra antiga?

— Por que o senhor precisa complicar tudo desse jeito? — repreendi. — Simplifique as coisas com *Quartel-General do Führer*.

— O senhor não diz sempre que não era mais o general-chefe da *Wehrmacht*? — perguntou Sawatzki, quase irônico.

— Bem lembrado — elogiei. — Mas aqui é apenas simbólico. Como no meu endereço de e-mail. Também não sou a nova chancelaria do *Reich*.

Então desliguei e continuei examinando minha página.

Uma faixa corria na transversal e nela era possível observar determinadas seções com o mouse. Uma delas chamava-se “Últimas notícias”, onde pensamos em anunciar novidades e onde, até o momento, estava um pouco vazia. Então, vinha “Cinejornal”, onde, em uma janelinha, exibiam para os visitantes os filmes das minhas últimas apresentações. Então, minha biografia completa, que descrevia o período de 1945 até o meu retorno como “O descanso do Barbarossa”. Sawatzki havia sugerido — e eu ri muitíssimo com o pensamento de que eu teria adormecido nesse meio-tempo — colocar o Grande Imperador numa espécie de montanha de Kyffhäuser. Por outro lado, não pude dar nenhuma informação mais próxima ou melhor para o tempo transcorrido, assim, consenti com o uso da expressão. Outra seção dizia: “Pergunte ao *Führer!*”, e serviria para eu poder me comunicar com meus seguidores. Curioso, verifiquei se havia chegado alguma pergunta. De fato, um senhor tinha escrito para mim:

Prezado Sr. Hitler,

Li com interesse seu conceito de diferentes valores das raças, pois há muito tempo crio cachorros e desde a leitura estou preocupado que talvez esteja criando uma raça inferior. Por isso, pergunto: qual é a melhor raça canina do mundo e qual é a pior? E quem é o judeu entre os cachorros?

Helmut Bertzel, Offenburg

Gostei daquilo. Uma boa pergunta e, além disso, interessante! Ainda mais porque, nos últimos tempos, me perguntavam tanto sobre questões militares que estava ficando um pouco demais até para mim. Os temas militares também não são deveras divertidos quando se recebe apenas notícias ruins. Nos primeiros anos de guerra, com frequência havia à mesa conversas das mais estimulantes sobre tópicos mais diversos e, no fim das contas, eu sentia muita falta disso. Na mesma hora, a pergunta sobre os cães me fez lembrar um pouco desse tempo que sempre foi maravilhoso! Peguei meu excelente

telefone e procurei eu mesmo a complicada função de ditado, tão grande era meu desejo de responder à pergunta.

— Meu caro Sr. Bertzel — comecei a falar —, de fato, a criação de cães no presente momento está mais avançada do que a proliferação e o desenvolvimento dos seres humanos.

Refleti por um momento se só deveria enviar uma resposta sucinta ao Sr. Bertzel e decidi, em seguida, apenas por querer refletir melhor sobre o tema, elaborá-la com a eficiência digna do *Führer* e falar um pouco mais para delimitar de forma ampla e definitiva a estrutura desse departamento. Mas por onde deveria começar?

— Existem cães que são tão espertos que assusta — falei, primeiro, um pouco pensativo. Então, ganhando cada vez mais fluência no aparelho, continuei: — Por isso, a criação de caninos é um exemplo interessante de onde o ser humano poderia estar agora. Contudo, vejamos também aonde leva a mestiçagem desenfreada, pois também e justamente os cães cruzam sem supervisão, totalmente ao acaso. As consequências podem ser vistas em especial no sul da Europa, os cães mestiços são negligenciados, ficam selvagens, se perdem. Onde, ao contrário, a mão ordeira interfere, desenvolvem-se raças puras, cada uma com o seu melhor. Existem, é preciso dizer claramente, mais cães de elite que seres humanos de elite em todo o mundo. Esse déficit já poderia ter sido eliminado com um pouco mais de perseverança do povo alemão em meados dos anos 1940.

Parei por um momento e considerei se com isso não humilharia muitos companheiros arianos, mas, por outro lado, a observação afetava principalmente os que já estavam em idade bem avançada e fora pensada exatamente para eles! Os mais jovens, ao contrário, deveriam ver logo quais demandas teriam no futuro!

— Claro que a reprodução e o desenvolvimento do cão não se submetem às mesmas leis que as dos homens. O cão está subordinado ao domínio do ser humano, sendo assim, o homem controla sua alimentação e procriação, e, dessa forma, o canino nunca terá problemas com o habitat. Por isso, o objetivo da criação nunca é voltado à luta final pelo domínio do mundo, e a questão sobre qual seria a aparência dos cães, caso há milhões de anos

tivessem precisado lutar pela dominação mundial, deve permanecer relegada totalmente à especulação. Sem dúvida, teriam dentes maiores. E um armamento mais forte. Considero também mais do que provável que tais cachorros hoje já poderiam operar equipamentos simples, como maças, fundas, quiçá até mesmo arco e flecha.

Fiz outra pausa. Será que esses cães superiores talvez tivessem, nesse meio-tempo, armas de fogo primitivas? Não, podemos considerar isso improvável.

— Apesar disso, as diferenças raciais são semelhantes às das dos homens. Portanto, isso justifica questionarmos se o mundo dos cães conhece os judeus, e o cão judeu, por assim dizer. A resposta é: claro que existe cão judeu.

Nesse momento, já consigo imaginar o que os centenas de milhares de leitores estariam pensando e, por isso, logo tive que me prevenir.

— Contudo, não é a raposa, como muitos podem pensar. Uma raposa nunca pode ser um cão, e um cão nunca será uma raposa. Por isso, a raposa também nunca será um cão judeu. Se muito, reconheceríamos entre as raposas uma judia, que consigo identificar antes de mais nada na raposa orelhas-de-morcego, que, bem à maneira judaica, tenta disfarçar sua condição de raposa.

Ditei um pouco raivoso demais.

— Raposa orelhas-de-morcego — murmurei com fúria. — Que insolência! — Então disse, depressa: — Srta. Krömeier, por favor, apague “raposa orelhas-de-morcego” e “insolência”. — Esse era o lado ruim desse telefone mágico: havia uma função de apagar, mas eu não conseguia, de forma alguma, acioná-la.

— Assim, percebemos — continuei meu ditado — que se deve buscar o cão judeu entre os cães. O procedimento seguinte é óbvio: precisamos manter a busca pelo cão que se arrasta, que bajula, que saliva, mas que está em condições de atacar covardemente pelas costas, pois este é claramente um teckel, o cão salsicha. Claro que ouço muitos donos de cães de Munique perguntando: como pode ser? O salsicha não é o mais alemão dos cães?

“A resposta é: não.

“O mais alemão de todos os cães é o pastor-alemão, seguido, em ordem decrescente pelo dogue alemão, o dobermann, o grande boiadeiro suíço (mas apenas da Suíça alemã), o rottweiler, todos os schnauzers, o münsterländer e, da minha parte, também o spitz alemão, mencionado também na obra do humorista Wilhelm Busch. Cães não alemães, por sua vez, são, exceto os cães importados, como terrier, bassê e a plebe canina semelhante dos weimaraner (*nomen est omen!*), o vaidoso spaniel, o nada atlético pug, bem como todos os degenerados cães submissos.”

Então desliguei, mas religuei de pronto:

— E aqueles raquíticos galgos!

Refleti se teria esquecido algo importante, mas não me ocorreu nada. Muito bem. Estava ansioso pela próxima pergunta, mas, infelizmente, nenhuma havia chegado. Arrastei o mouse para a última seção “Obersalzberg — Visita à casa do *Führer*”, uma área que deveria funcionar como um livro de visitas em um hotel. Ali já havia algumas mensagens. Nem todas eram compreensíveis.

As notificações sérias não eram o problema: “Tiro o chapéu para sua linguagem clara”, constava lá. Ou: “Vejo todos os programas. Finalmente alguém está rompendo com as estruturas fossilizadas.” Esta última parecia ser um desejo urgente do povo, pois muitas vezes foi exigido o rompimento da existência desse tipo de estruturas tão inmutáveis. Um suposto arquiteto amador falou de “estacaturas”, um especialista em metais também mencionou estruturas “enferrujadas”, mas, no fim das contas, a mensagem era clara. E, para um alemão, existem, evidentemente, características mais importantes do que a ortografia, que, de qualquer forma, tem uma inclinação inconveniente para minúcias burocráticas.

Feliz também foi a mensagem “*Führer rulez*”. Era possível imaginar que já existiam partidários na França, a menos que se tratasse de um erro tipográfico, pois recebi também a notificação “Fuehrer RULZ!” — possivelmente um tal Sr. Rulz tentou conseguir alguma fama às minhas custas. Muitas vezes, escreveram apenas o estímulo “Continue assim!”, bem como “*Führer for President*”. Estava prestes a interromper minha passagem por

ali quando bem abaixo descobri meia dúzia de mensagens completamente idênticas, enviadas por alguém que se identificava como “sangue&honra”.

Para minha surpresa, a mensagem era até crítica: “Pare com as mentiras, seu turco judeu!”

Balançando a cabeça, liguei para Sawatzki pedindo que alguém acabasse com a chateação. O que podia ser um turco judeu? Ele prometeu cuidar de tudo e disse que eu deveria atualizar a primeira página. Estava lá: “Quartel-general do Führer”.

Tinha ficado muito bom.

O trabalho de imprensa é algo bastante árduo se não houver uma coordenação. Não só para políticos como eu, que precisam salvar o povo, não, para mim também é totalmente incompreensível que se trate os alemães dessa forma. Por exemplo, vamos analisar esses artigos econômicos. Todos os dias um ou outro “especialista” diz o que devemos fazer, e, no dia seguinte, outro “especialista” ainda mais importante diz que aquela solução seria a pior de todas e que a opção contrária seria a melhor. Este é exatamente o princípio judeu, mesmo que hoje em dia funcione muito bem sem judeus, cujo único conteúdo é espalhar o máximo possível de caos, porque as pessoas, na busca pela verdade, precisam comprar mais jornais e ver ainda mais programas de televisão. Isso fica claro nas seções de economia, pelas quais antigamente ninguém se interessava. Mas nesse meio-tempo, todos passaram a acompanhá-las apenas para ficar ainda mais apavorados com esse terrorismo econômico. Comprar ações, vender ações; agora é ouro, depois títulos, e mais uma vez os imóveis. O homem simples é impelido para a atividade secundária de especialista financeiro, o que, no fim das contas, significa apenas que o fazem apostar suas próprias economias suadas em jogos de azar. Uma monstruosidade! O homem simples tem que trabalhar honestamente, pagar seus impostos e depois um Estado cioso de suas responsabilidades deveria lhe poupar de preocupações financeiras! Isso é o mínimo que se deve esperar de um governo que, com escrúpulos risíveis (sem armas atômicas próprias nem esse tipo de desculpa), nega-se com veemência a entregar às pessoas gratuitamente terras cultiváveis nas campinas russas.

Claro que é o ápice da estupidez a política permitir o presente alarmismo da imprensa: nesse caos, a própria perplexidade parece ainda mais idiota do que já é, e quanto maiores são a preocupação e o pânico, mais perplexos esses políticos palhaços ficam. Digo isso, pois, para mim, pode estar claro que o

povo acompanha, cada vez com mais clareza, dia após dia, o diletantismo dos amadores que ocupam posições das mais importantes. Mas o que me deixa realmente embaçado é que milhões já não tenham rumado com tochas e forçados em punho para essa câmara da maledicência parlamentar, gritando: “O que estão fazendo com o nosso dinheiro???”

O alemão nunca foi um revolucionário. É preciso lembrarmos que a revolução mais razoável e justa da história alemã só foi possível com uma eleição. Uma revolução segundo as regras, por assim dizer. Ora, posso garantir que farei o máximo possível desta vez também.

Quis levar Sawatzki ao Adlon. Não que esperasse dele grandes inspirações, mas parecia adequado aparecer com uma escolta e, no caso de altercações, ter ao lado uma testemunha — *uma* testemunha, bem lembrado, mas Sensenbrink também teve que vir, claro. Não tenho certeza de que Sensenbrink acreditava que poderia fazer uma intervenção útil ou queria, antes de mais nada, supervisionar o que eu teria a dizer. No fim das contas, Sensenbrink, agora posso dizer isso com segurança, faz parte daquele grupo de gerentes de empresa subalternos que acham que tudo só funciona quando eles têm alguma participação. E aqui não me canso de alertar sobre esse tipo de gente. No máximo, uma vez em cem ou duzentos anos surge um gênio universal e, então, além de muitas outras atividades, ele também consegue chamar para si todo o comando do front oriental, pois de outra maneira tudo se perderia. Mas, em casos normais, esses homens universais indispensáveis revelam-se, em todo caso, muito dispensáveis e inúteis; dispensáveis, no melhor dos casos. Na verdade, com bastante frequência, eles chegam a causar os maiores prejuízos.

Escolhi um terno simples. Não que eu me envergonhasse do uniforme ou algo assim, mas sou da opinião de que — mesmo quando se representa visões descompromissadas — ocasionalmente é bom apresentar uma imagem enfaticamente burguesa. Defendemos esse lema em 1936, durante os Jogos Olímpicos e, como li nos dias de hoje, tentaram copiar esse gigantesco sucesso propagandístico há pouco, em Pequim, com bons resultados, muito bons até.

Levaram-nos à sala de reunião reservada do hotel, que já estava enfeitada com tema natalino. E, embora eu tivesse me esforçado para chegar um pouco atrasado, fomos os primeiros a entrar na sala. Foi um pouco irritante, podia ser uma medida estratégica daquele jornalistazinho, mas também podia ser coincidência. Não demorou muito até que a porta se abrisse novamente. Uma senhora loura de terninho entrou e andou até mim. Ao lado dela, um fotógrafo gorducho que, nos trajes esfarrapados próprios de sua profissão, logo começou a tirar fotos sem que fosse solicitado. Antes que Sawatzki ou Sensenbrink pudessem ter a infeliz ideia de me apresentar como um sabichão, avancei, tirei o quepe, coloquei-o embaixo do braço e estendi a mão para a senhora, dizendo

— Boa tarde.

— Muito prazer — disse ela, fria, mas não inamistosa. — Meu nome é Ute Kassler, do jornal *Bild*.

— O prazer é todo meu — falei. — Já li muito sobre a senhorita.

— Na verdade, eu esperava do senhor a Saudação Alemã — observou ela.

— Então, eu a conheço melhor do que a senhorita me conhece — continuei a conversa e levei-a à mesa com as cadeiras já dispostas. — Não esperava da senhora a Saudação Alemã... e quem acertou?

Ela se sentou e colocou cuidadosamente a bolsa em uma cadeira vazia. Toda essa cena com bolsas de mão, essa acomodação logo após se sentar, como se a pessoa estivesse ocupando um assento com mala de viagem em um trem, isso também não mudará nos próximos sessenta e cinco anos.

— Que bom que finalmente o senhor teve tempo para nós — comentou ela.

— A senhorita não poderá dizer que dei preferência a outros jornais — afirmei — e, no fim das contas, os senhores foram quem mais... digamos... se esforçaram por mim.

— Mas o senhor é mesmo digno de uma reportagem. — Ela riu. — Quem são esses senhores ao seu lado?

— Este é o Sr. Sensenbrink, da Flashlight. E este — apontei para o Sr. Sawatzki —, este é o Sr. Sawatzki, também da Flashlight. Um rapaz excepcional! — Pelo canto do olho, pude ver o rosto de Sawatzki se

iluminar, parte pelo meu elogio, mas parte talvez fosse culpa da atenção que recebera da repórter, sem dúvida, uma beleza para os olhos. Sensenbrink fez uma expressão que se poderia interpretar como de competência ou de constrangimento.

— O senhor trouxe dois guarda-costas? — Ela sorriu. — Pareço tão perigosa assim?

— Não — falei —, mas sem esses dois senhores pareço inofensivo.

Ela riu. Eu também. Que manobra grotesca. Do começo ao fim, essa frase não fazia sentido algum. Mas confesso que subestimei um pouco a jovem dama loura e, naquele momento, supus que poderia despachá-la com uma conversa animada.

Ela tirou o telefone da bolsa, mostrou-o para mim e perguntou:

— O senhor se importa que a conversa seja gravada?

— Tão pouco quanto a senhorita — respondi, pegando o telefone e dando-o na mão de Sawatzki. Não tinha a menor ideia de como se gravavam conversas inteiras com aquilo. Sawatzki comportou-se de forma perspicaz, como se soubesse. Decidi que iria elogiá-lo novamente quando tivesse outra oportunidade. Um garçom aproximou-se da mesa e perguntou o que gostaríamos de beber. Fizemos os pedidos e ele desapareceu.

— E então? — perguntei. — O que a senhora quer saber de mim?

— Qual é o seu nome?

— Adolf Hitler — falei e só essa resposta bastou para que as primeiras gotas de suor brotassem na testa de Sensenbrink. Seria possível dizer que eu estava me apresentando pela primeiríssima vez naquele momento.

— Na verdade, gostaria de saber seu nome verdadeiro — insistiu ela, com ares astuciosos.

— Minha cara senhorita — falei, inclinando-me para a frente e sorrindo —, como já deve ter lido, decidi há um tempo considerável me tornar político. Não acha que seria idiota um político informar a seu povo um nome falso? Alguém iria querer elegê-lo?

Em sua testa surgiram rugas de irritação.

— Pois é, por isso mesmo. Por que o senhor não revela ao povo alemão seu nome verdadeiro?

— Mas já fiz isso. — Bufei.

Aquilo já estava ficando cansativo.

Além disso, na noite anterior, assisti até tarde no canal N 24 a um documentário com comentários absurdos, mas interessantes, sobre minhas próprias armas milagrosas. Uma bobagem extremamente divertida, cujo resumo seria o seguinte: cada uma dessas armas poderia ter decidido a guerra por nós se, no fim das contas, eu não acabasse estragando tudo sempre. É impressionante o que esses historiadores fantasiosos inventam sem o menor problema e nem fazem a menor ideia do que dizem. Ousam até mesmo pensar que, a rigor, os próprios conhecimentos sobre homens importantes, como Carlos Magno, Otão ou até mesmo Armínio foram transmitidos exclusivamente por algum historiador que se sentia destinado a isso.

— Então, o senhor pode nos mostrar seu passaporte? — perguntou a jovem dama. — Ou sua carteira de identidade?

Pelo canto do olho, vi que Sensenbrink estava tentando dizer algo. Para ser realista, poderia só ser alguma insensatez. Nunca se sabe quando e por que essas pessoas começam a falar, na maioria das vezes dizem alguma coisa porque percebem que até o momento não disseram absolutamente nada, ou porque temem que a considerem desimportantes se continuarem caladas. E precisam evitar tal imagem de qualquer jeito.

— A senhorita pede para todos os seus entrevistados lhe mostrem o passaporte? — devolvi a pergunta.

— Apenas para aqueles que afirmam se chamar Adolf Hitler.

— E quantos são?

— Sinto informar que o senhor é o primeiro — respondeu ela.

— A senhorita é jovem e talvez seja mal informada — comentei —, mas durante toda a minha vida recusei tratamentos especiais. E não vou mudar isso agora. Eu como na cozinha de campanha como qualquer outro soldado.

Ela ficou em silêncio por um breve momento e pensou em um novo ponto de partida.

— Na televisão, o senhor aborda temas bastante controversos.

— Eu digo a verdade — confirmei. — E digo o que o homem simples sente. O que ele diria se estivesse no meu lugar.

— O senhor é nazista?

Aquilo foi consideravelmente irritante.

— Que tipo de pergunta é essa? Claro!

Ela se recostou na poltrona. Possivelmente não estava acostumada a conversar com quem não teme a clareza das palavras. Era notável como Sawatzki continuava tranquilo ali, sobretudo se comparado a Sensenbrink, que suava de dar dó.

— É verdade que o senhor admira Adolf Hitler?

— Apenas pela manhã, no espelho — brinquei, mas ela ignorou o comentário, impaciente.

— Bem, então vou ser mais precisa: o senhor admira os feitos de Adolf Hitler?

— A senhorita admira os feitos de Ute Kassler?

— Assim é impossível continuar — disse ela, indignada. — Para começo de conversa, eu não estou morta!

— Talvez a senhorita lamente este fato — falei —, mas eu também não.

Ela apertou os lábios. O garçom voltou e serviu as bebidas. A Srta. Kassler tomou um gole de café. Então, tentou uma nova abordagem.

— O senhor nega o que os nazistas fizeram?

— Em hipótese alguma. Inclusive, sou o primeiro a não cansar de chamar atenção para isso.

Ela revirou os olhos.

— Mas o senhor os condena também?

— Só se eu fosse um parvo! Não sou esquizofrênico como nossos parlamentares — respondi, sorrindo. — Essa é a beleza do Estado do *Führer*. Não existe só um responsável antes ou durante, mas também depois dos acontecimentos.

— Responsável também pelos seis milhões de judeus mortos?

— Sobretudo por eles! Mas claro que não acompanhei a contagem.

Os olhos dela brilharam de alegria por um momento, até eu dizer:

— Mas isso não é novidade! Se bem me lembro, nem mesmo a imprensa dos vencedores nega o meu mérito de ter varrido da face da Terra esses parasitas.

Ela me encarou com os olhos faiscando.

— E hoje o senhor faz piadas na televisão sobre isso — sibilou ela.

— Essa é nova para mim — retruquei com seriedade. — Não se faz piadas com o tema “judeus”.

Ela respirou fundo e recostou-se para trás. Deu um grande gole no café e partiu novamente para o ataque.

— O que o senhor faz quando não está gravando o programa? O que o senhor faz em sua vida privada?

— Leio muito — respondi. — Essa inter-rede é, em muitos sentidos, uma grande alegria. Também gosto de desenhar.

— Deixe-me adivinhar — interrompeu ela. — Prédios, pontes e coisas assim?

— Exato. Sou apaixonado por arquitetura...

— Já ouvi falar disso também — comentou ela, bufando. — Ainda há algumas coisas do senhor em Nuremberg.

— Ainda? Que ótimo — falei. — Claro que contribuí, mas, a princípio, as honras devem ser dirigidas, obviamente, a Albert Speer.

— Vamos parar por aqui — disse ela com frieza —, isso não levará a nada. Também não tenho a impressão de que o senhor veio com o intuito de cooperar.

— Não consigo me lembrar também de que em nosso acordo havia um protocolo adicional secreto nesse sentido.

Ela acenou ao garçom para pedir a conta. Então, virou-se para o fotógrafo.

— Precisa de mais alguma foto? — Ele negou com a cabeça e ela se levantou e disse: — Aguarde nossa reportagem.

Também me levantei, e o reservador de hotel, Sawatzki, com o Sr. Sensenbrink, me acompanharam. Boas maneiras são boas maneiras. Aquela jovencinha não tinha culpa por ter crescido em um mundo do avesso.

— Já estou ansioso — respondi.

— Se eu fosse o senhor, ficaria mesmo — disse ela ao sair.

Sensenbrink, Sawatzki e eu voltamos a nos sentar.

— Que entrevista curta — disse Sawatzki, entusiasmado, e encheu sua xícara. — Mas não temos motivos para desperdiçar café e o daqui é

maravilhoso.

— Mas não tenho certeza de que os dois conseguiram o que queriam — comentou o inquieto Sensenbrink.

— Não importa, eles vão escrever o que lhes aprouver — falei. — Para mim, basta deixarem a Srta. Krömeier em paz agora.

— Como ela está? — perguntou Sawatzki, preocupado.

— Como os civis alemães: quanto mais repulsivamente o adversário lança suas bombas, mais fantástica é a resistência. Ela é uma garota excepcional.

Sawatzki concordou com a cabeça e, por um momento, o brilho em seus olhos me pareceu um pouco exagerado. Porém, é óbvio que também posso ter me enganado.

O problema desses parlamentares é que eles simplesmente não entendem nada. Quero dizer, por que conduzi essa guerra? Certamente não é porque gosto de conduzir guerras! Eu odeio liderar guerras. Se Bormann ainda estivesse aqui, qualquer um poderia lhe perguntar, que ele confirmaria isso na mesma hora. É pavoroso, eu preferiria ter cedido essa tarefa para outra pessoa, se houvesse alguém melhor do que eu para executá-la. E agora, em curto prazo, não devo me preocupar com isso, mas em médio e longo prazo certamente cairá sobre mim outra vez. Quem se encarregará de tal coisa? Quem faria isso? Pergunte hoje a qualquer parlamentar que ele afirmará sem titubear que as guerras não são mais necessárias, o que já foi consolidado no passado e na época era tão insensato quanto hoje. Não se pode negar a ideia de que esta Terra não cresce. Mas o número de pessoas nela, sim. E caso os recursos naturais fiquem escassos para as pessoas, que raça receberá tais recursos?

A mais simpática?

Não, a mais forte. E por isso fiz de tudo para fortalecer a raça alemã. E para refrear os russos antes que eles nos atropelassem. No derradeiro momento, como pensei. Na época, viviam no mundo aproximadamente dois bilhões e trezentas mil pessoas. Dois vírgula três *bilhões*!

Ninguém poderia imaginar que aqui ainda caberiam três vezes mais.

Mas, e aqui vem o elemento decisivo, pode-se tirar deste fato conclusões corretas. E a conclusão correta obviamente não é que agora somos sete bilhões e tudo o que ocorreu no passado foi desnecessário. A conclusão correta, na verdade, é que se na época eu tinha razão, hoje tenho três vezes mais. É simples aritmética, qualquer aluno do terceiro ano pode fazer esse cálculo.

Por isso a questão fica ainda mais clara para mim com o meu retorno. Por que há sete bilhões de pessoas na Terra hoje?

Porque eu fiz uma guerra que foi essencialmente — para usar uma palavra da moda — sustentável. Se todas essas pessoas tivessem se reproduzido desde aquela época, teríamos agora oito bilhões delas. E, sem dúvida, seriam, em sua maioria, russos, que há muito teriam invadido nosso país, colhido nossas frutas, perseguido nosso gado, escravizado nossos homens aptos ao trabalho, massacrado o restante do povo para violentar com seus dedos imundos nossas jovens inocentes. Portanto, a providência viu primeiro a importância da minha tarefa de eliminar o excesso da população bolchevique. E, a partir de agora, meu chamado consiste em concluir o restante da missão. A pausa entre esses dois momentos foi necessária para não desperdiçar minhas forças nessas décadas de forma que as consequências tardias da guerra aparecessem, como as escaramuças entre os aliados, a queda da União Soviética, a perda de territórios russos e, naturalmente, a reconciliação com nosso aliado mais próximo: a Inglaterra, para podermos mais tarde avançar juntos. Ainda hoje é um mistério para mim por que isso não deu certo no passado. Quantas bombas ainda teríamos que lançar nas cidades deles até entenderem que são nossos amigos?

Mesmo que, ao ver os novos números, não seja possível entender por completo por que a Inglaterra ainda é necessária: essa ilha decadente já não é mais uma potência mundial. Bem, também não preciso responder de pronto a todas as perguntas. Contudo, aos poucos, está chegando o último momento que ainda será possível tomarmos medidas enérgicas. E por isso também fiquei tão assustado pelo estado das ditas forças nacionais desse país.

Em primeiro lugar, supus que eu estaria mais ou menos sozinho. Contudo, o destino já providenciou um ou outro aliado. Porém, justamente isso era uma prova de escassez: demorei meses até entender de uma vez por todas que havia alguém que se sentia convocado a avançar com o trabalho do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, o NSDAP. Fiquei tão indignado com esse trabalho de propaganda digno de pena que me organizei com o assistente do diretor Bronner e um repórter cinematográfico e segui para Berlim-Köpenick, o domicílio da maior associação desse tipo, que fora nomeado de NPD, Partido Nacional Democrata da Alemanha. E preciso dizer: quase vomitei diante desse lugar.

Confesso que a Casa Marrom, em Munique, não tinha nada de extraordinária, mas de qualquer forma era séria e representativa. Ou, quando penso na construção do Edifício Administrativo de Paul Troost, a apenas um tiro de distância dali, considero aquele um prédio que faria com que eu me filiasse no mesmo instante a qualquer partido. Mas aquela construção caindo aos pedaços e coberta de neve em Berlim-Köpenick... que miserável.

A pobre casinha, trêmula de frio, ficava em um lote vazio entre dois prédios alugados, fazendo lembrar um pé de criança enfiado nas imensas pantufas do pai. O edifício parecia desesperadamente sobrecarregado, o que também podia ser culpa do idiota que teve a ideia de cair no terrível clichê de lhe dar um nome e pregar na fachada em letras grandes e, acima de tudo, de uma feiura completa: “Edifício Carl Arthur Bühring”, o que dava a impressão de ser uma boia de natação infantil batizada com o nome “duque de Friedland”. “CENTRAL PARTIDÁRIA DO NPD” estava na identificação da campanha, em letras tão pequenas que se poderia conjecturar a covardia diante do inimigo. Inacreditável, pois era como nos tempos da República de Weimar: a ideia étnica, a questão nacional, era novamente desonrada, desvalorizada, ridicularizada por alguns cabeças-ocas. Cheio de ódio, apertei a campanha e, como nada aconteceu de imediato, bati várias vezes o punho na porta, que se abriu.

— O que deseja? — perguntou um juvenzinho cheio de espinhas e com uma expressão irritante.

— O que o senhor acha? — devolvi a pergunta com frieza.

— O senhor tem permissão para filmar aqui?

— Que espécie de lamento horrível é esse? — gritei com ele. — Desde quando um movimento nacional se esconde por trás de artimanhas inescrupulosas?! — Empurrei a porta energicamente. — Saia do meu caminho! O senhor é uma vergonha para o povo alemão! Onde está o seu superior?

— Eu... um momento... espere aqui... vou buscar alguém...

O juvenzinho desapareceu e nos deixou esperando em uma espécie de recepção. Olhei ao redor. O ambiente bem que precisava de uma pintura e cheirava a fumaça fria. Alguns programas do partido estavam espalhados ali

com slogans idiotas. “Acelere o passo” aparecia em um, entre aspas, como se na realidade ninguém devesse andar mais rápido. “Milhões de estrangeiros nos custam bilhões” estava em um adesivo, mas não dizia quem fabricaria as balas e as granadas para a tropa ou quem deveria escavar as trincheiras para os soldados. De qualquer forma, o jovenzinho que vi seria tão pouco útil com uma pá quanto num campo de guerra.

Nunca em minha vida eu havia me envergonhado de um partido nacional. Ao lembrar que a câmera estava filmando tudo aquilo, tive que me segurar para que nenhuma lágrima escorresse dos meus olhos de tanto ódio. Por aquela gatinha, Ulrich Graf não se deixaria alvejar com onze balas e Max von Scheubner-Richter não cairia naquela época com os tiros da polícia de Munique para que esses imbecis em suas espeluncas decadentes escarnecessem do sangue de homens honrados. Ouvi o rapazinho da sala ao lado gaguejando desnortado em um aparelho telefônico. A câmera gravava tudo, toda aquela trapalhada. Era tão amargo, mas não restava outra coisa, a não ser limpar aquela fossa. Por fim, não aguentei e entrei trêmulo de fúria na sala.

— ... eu já proibi a entrada dele, mas de alguma forma... ele parece com Adolf Hitler e ele está de uniforme...

Arranquei o auscultador da mão do moleque e gritei:

— Quem é o idiota que manda nessa espelunca?

Foi surpreendente a agilidade com que o assistente de direção Bronner, até o momento tão apático, contornou a mesa e, com alegria desbragada, apertou um botão no telefone. De fato passou a ser possível ouvir bem a resposta graças a um pequeno alto-falante no aparelho.

— Quem está falando? — perguntou o alto-falante.

— Quando eu disser, vai entender muito bem! — gritei. — Por que não há nenhum superior no escritório? Como mantêm aqui apenas essa salsicha crua de óculos? Pois venha para cá imediatamente e me preste contas. Já!

— Quem é que está falando? — repetiu o alto-falante. — É o maluco do YouTube?

Confesso que certos procedimentos da época atual não são fáceis de acompanhar pelo homem comum das ruas. Contudo, aqui precisamos ter

duas medidas: quem quiser liderar um movimento nacional, precisa também ser capaz de reagir às viradas imprevisíveis do destino. E se o destino lhe bate à porta, ele não deve perguntar: “É o maluco do YouTube?”

— Muito bem — falei —, suponho que o senhor leu o meu livro.

— Não falei nada disso — disse o alto-falante. — E peço que saia agora mesmo da sede do partido ou vou ter que pedir para que expulsem o senhor.

Eu gargalhei.

— Eu invadi a França — retruquei. — Eu invadi a Polônia, a Holanda e a Bélgica. Cerquei os russos com centenas de milhares de homens antes que alguém pudesse dar um pio. E agora estou na sua tal sede. E se o senhor tivesse um pingão de sentimento verdadeiro pela causa nacional, viria até aqui me explicar como se atreve a dilapidar a herança nacional!

— Eu vou mandar...

— O senhor quer expulsar à força o *Führer* do Grande *Reich* Alemão? — perguntei calmamente.

— O senhor não é o *Führer*.

Por motivos que não compreendi muito bem, o assistente de diretor Bronner fechou o punho nesse momento e arreganhou os dentes, abrindo um sorriso.

— Claro, quero dizer, Hitler. — O alto-falante completou, hesitante. — O senhor não é Hitler.

— Muito bem — falei calmo, extremamente calmo, tão calmo que Bormann já teria tirado o capacete protetor. — Mas se por acaso — prossegui bem amável — eu fosse, teria a honra de contar com sua lealdade incondicional ao movimento nacional-socialista?

— Eu...

— Espero imediatamente um comandante competente do *Reich*. Agora!

— Ele não pode nesse momento...

— Tenho tempo — emendei. — Toda vez que olho para o calendário, confirmo: tenho um tempo enorme.

Em seguida, desliguei.

O juvenzinho me olhava, confuso.

— O senhor não está falando sério, não é? — perguntou o cameraman, preocupado.

— Perdão?

— Eu não tenho tanto tempo assim. Meu expediente acaba às quatro da tarde.

— Bem, bem, bem — acalmou Bronner —, se for necessário, podemos encontrar alguém para lhe substituir. As coisas estão ficando boas aqui! — Ele tirou um telefone móvel do bolso e começou a “organizar” as coisas.

Sentei-me numa cadeira livre.

— O senhor teria algo por aí que eu pudesse ler? — perguntei ao rapazinho.

— Eu... vou ver se tem, senhor...

— Meu nome é Hitler — falei sem cerimônia. — Preciso dizer: a última vez que tive tanta dificuldade para me apresentar foi em uma lavanderia cujo dono era turco. O senhor teria algum ascendente anatoliano?

— Não é que... nós... — murmurou o rapaz.

— Preste atenção. Não vejo um grande futuro para o senhor aqui!

O telefone tocou e interrompeu a busca do jovem por algo para ler. Ele ergueu o fone e quase pareceu se recompor.

— Sim — disse ele no fone —, sim, ele ainda está aqui. — Então, ele se virou para mim. — O presidente do partido quer falar com o senhor.

— Não estou disponível. O tempo dos telefonemas já acabou. Quero vê-lo pessoalmente.

O rapazinho magrelo não ficou mais bem-apegoado suando. O garotinho parecia também não ter frequentado uma de nossas escolas nacional-socialistas — as Napolas — e nem praticado artes marciais ou ter sido membro de alguma associação esportiva. Nem uma pessoa com as faculdades mentais medianamente saudáveis conseguiria entender por que o partido, no processo de filiação, não excluía implacavelmente esse tipo de dejetos da raça. O jovenzinho sussurrou algo ao telefone e, em seguida, desligou.

— O senhor presidente pediu um pouco de paciência — disse o garoto. — Ele virá o mais rápido possível. Isso é para a MyTV, não é?

— Isso aqui é para a Alemanha — corrigi.

— Enquanto isso, aceitam uma bebida?

— O senhor pode se sentar, enquanto isso — falei, encarando-o, pensativo.

— O senhor pratica algum esporte?

— Prefiro não... — disse ele — ... e a qualquer momento o senhor presidente...

— Pare de tartamudear — retruquei. — Ágil como um galgo, resistente como couro, duro como aço Krupp. Já ouviu isso?

Ele assentiu, hesitante.

— Então nem tudo está perdido — falei com certa condescendência. — Sei que o senhor tem medo de falar. Mas só precisa usar a cabeça. Ágil como um galgo, resistente como couro, duro como aço Krupp: o senhor diria que essas características são vantajosas para quem está atrás de um grande objetivo?

— Diria que não faria mal — respondeu o garoto, cuidadoso.

— E — perguntei — o senhor é ágil como um galgo? O senhor é duro como aço Krupp?

— Eu...

— O senhor não é, não. O senhor é lento como uma lesma, frágil como os ossos de um ancião e mole como manteiga. Atrás do front que o senhor defende, mulheres e crianças precisam evacuar imediatamente. Quando nos virmos da próxima vez, exijo que esteja em outra forma! Dispensado.

Com uma expressão ovina, ele se afastou.

— E pare de fumar! — gritei enquanto ele saía. — O senhor cheira como um presunto defumado barato!

Peguei um daqueles folhetos diletantes, mas não cheguei a lê-los.

— Não estamos mais sozinhos — disse Bronner, dando uma olhada pela janela.

— Como assim? — perguntou o cinegrafista.

— Não tenho ideia de quem espalhou a notícia, mas lá fora há várias equipes de televisão.

— Aposto que foi um policial — supôs o cinegrafista. — Por isso eles não estão nos enxotando daqui. Não é bom que um nazi ponha o *Führer* para fora diante das câmeras.

— Mas ele não é o *Führer* — murmurou Bronner.

— Ainda não — corrigi com firmeza. — A primeira coisa a fazer é reunir o movimento nacional e descartar os idiotas nocivos. E aqui — falei, lançando um olhar de soslaio para o garoto —, aqui estamos literalmente num ninho de idiotas nocivos.

— Olhe quem está vindo! — disse Bronner. — Acho que é o mandachuva. De fato, a porta se abriu e uma figura delicada entrou.

— Que ótimo — disse ele, ofegante, e estendeu a mão gorducha para mim — Sr. Hitler. Meu nome é Apfel, Holger Apfel. Presidente do Partido Nacional Democrata da Alemanha. Acompanho seus programas com grande interesse.

Observei de cima a baixo a figura bizarra por um instante. A Berlim bombardeada não tinha uma aparência tão triste. Ele soava como se estivesse com um pão com linguiça na boca o tempo todo e, no fim das contas, parecia estar de boca cheia. Ignorei a mão estendida daquele homem e perguntei:

— O senhor não consegue cumprimentar como um alemão decente?

Ele me olhou irritado como um cão que recebeu duas ordens ao mesmo tempo.

— Sente-se — exigi dele. — Temos de conversar.

Bufando, ele afundou na cadeira diante de mim.

— Então, o senhor representa a causa nacional aqui, certo?

— Forçosamente — retrucou ele com um meio sorriso —, já que o senhor não cuida dela há tanto tempo.

— Preciso organizar meu tempo — falei, secamente. — A questão é: o que o senhor fez enquanto isso?

— Não acho que precisamos esconder nossas conquistas — disse ele. — Nesse ínterim representamos os alemães em Mecklenburg-Pomerânia Ocidental e Saxônia, e nossos camaradas em...

— Quem?

— Nossos camaradas.

— Chamam-se compatriotas arianos — corrigi. — Um camarada é alguém com quem se esteve nas trincheiras. Com exceção da minha modesta pessoa,

não vejo aqui ninguém que se enquadre nesse caso. O senhor discorda?

— Para nós, nacional-democratas...

— Nacional-democracia? — perguntei, irônico. — O que significa isso? A política nacional-socialista exige um conceito de democracia que não coaduna com tal nome. Após a eleição do *Führer*, não há mais democracia, mas os senhores continuam usando esse nome! Não é uma estupidez?!

— Como nacional-democratas, estamos naturalmente atrelados à constituição e...

— Parece-me que o senhor não esteve na SS — falei —, mas ao menos leu o meu livro?

Ele olhou um pouco hesitante e disse:

— Bem, as pessoas precisam ter conhecimentos gerais e, embora não seja tão fácil de encontrar o livro na Alemanha...

— O que quer dizer com isso? É uma espécie de desculpa por ter lido meu livro? Ou por não ter lido? Ou não ter entendido?

— Olhe só, isso está indo longe demais. Podemos desligar a câmera por um momento?

— Não — observei com frieza. — O senhor desperdiçou tempo demais. O senhor é um impostor que tenta se aproveitar do amor fervoroso dos alemães dotados de ideologia nacionalista, mas cada palavra de sua boca inepta atrasa o movimento em décadas. Não me surpreenderia se o senhor mantivesse isso aqui apenas como um albergue infiltrado por bolcheviques para traidores da pátria.

Ele tentou se recostar para abrir um sorriso superior, mas eu não pretendia deixá-lo escapar dessa tão facilmente.

— Em seus “folhetos” — falei num tom gélido —, onde está o pensamento racial? A ideia do sangue alemão e da pureza do sangue?

— Bem, não faz muito tempo que enfatizei que a Alemanha pertencia aos alemães...

— Alemanha?! Esta “Alemanha” é um estado-anão se comparado ao país que eu criei — enfatizei. — E mesmo o Grande *Reich* Alemão era pequeno demais para o povo. Precisamos mais do que a Alemanha. E como conseguiremos isso?

— Bem, nós contestamos... hum... a legalidade dos tratados de reconhecimento de fronteira impostos pelas potências vencedoras...

Não me aguentei e caí na gargalhada; admito que era um riso de desespero. Este homem era simplesmente um palhaço. E esse idiota irremediável conduzia a maior associação nacionalista em solo alemão. Curvei-me para a frente e estalei os dedos.

— O senhor sabe o que é isso?

Ele me encarou, confuso.

— Este é o tempo necessário para sair da Liga das Nações. “Nós contestamos a legalidade blá-blá-blá...”, que queixume mais descabido! É só sair da Liga das Nações, armar-se e tomar o que se precisa. E quando se tem um povo alemão de sangue puro, que luta com uma vontade fantástica, então se consegue tudo o que se deve ter nesse mundo. Ou seja, vou repetir: onde está a ideia racial em vocês?

— Muito bem, não se vira alemão com um passaporte, mas sim pelo nascimento, isso está em nosso...

— Um alemão não se contorce em formulações jurídicas, mas fala em alto e bom som! A base da manutenção do povo alemão é a ideia de raça. Se a irrenunciabilidade desse pensamento não for inculcado no povo repetidamente, então em cinquenta anos não teremos um exército, e sim uma patuleia, como o Império dos Habsburgos. — Virei-me para o jovenzinho, balançando a cabeça. — Me diga: o senhor elegeu essa porcaria que dizem ser democrática?

O rapazinho fez um movimento incerto de cabeça.

— *Este* era o melhor homem disponível?

Ele deu de ombros. Eu me levantei, resignado.

— Vamos — falei, com amargor. — Não me surpreende que esse partido não dissemine terror algum.

— E aquilo tudo que aconteceu em Zwickau? — perguntou Bronner.

— O que tem Zwickau? — retruquei. — O que isso tem a ver com terror? No passado, espalhamos o terror pela rua! Com isso, conseguimos um enorme sucesso em 1933. Mas teve também seu fundamento: a SA percorria a área num caminhão, quebrando ossos e agitando bandeiras. Bandeiras, o

senhor ouviu? — gritei com tamanho descontrole que o tal de Apfel se assustou. — Bandeiras! Que é o mais importante de tudo! Quando um descabeçado impostor bolchevista estiver sentado na cadeira de rodas, ele deverá saber também quem o arrebentou e por quê! E o que esse trio de idiotas fez em Zwickau? Mataram um estrangeiro atrás do outro, sem bandeira. Logo, todos acreditaram que foi um acaso ou a máfia. Quem deveríamos temer? Só lembramos que esses fracassados mentais existem porque dois desses imbecis cometeram suicídio. — Em desespero, ergui as mãos. — Se eu tivesse colocado as mãos nesses senhores a tempo, teria feito um programa de eutanásia especial para eles! — Virei-me furioso para Apfel, o almofadinha. — Ou teria dado instrução a eles até que pudessem fazer um trabalho razoável. O senhor ao menos ofereceu ajuda a esses três cabeças de vento?

— Não tive nada a ver com esse caso — disse ele, relutante.

— E o senhor ainda se orgulha disso! — gritei. Se ele estivesse usando ombreiras de patente, eu as arrancaria do paletó agora, diante das câmeras.

Horrorizado, saí porta afora.

E me vi diante de um paredão de microfones.

— Sobre o que os senhores estavam falando?

— O senhor vai se candidatar pelo NPD?

— O senhor é filiado?

— Uma corja de franguinhos — falei, com um tom decepcionado. — Só vou dizer uma coisa: um alemão decente não tem nada o que fazer aqui.

— Isso é ouro puro! — disse a Sra. Bellini quando lhe mostrei, com muito pesar, junto a muitas outras reportagens que filmamos, também aquela dos tais “nacional-democratas”. — Isso é especial — disse ela, entusiasmada —, precisaremos editar muito pouco. Será nosso próximo passo para consolidarmos a marca Hitler! Vamos exhibir isso no Ano-Novo! Ou na noite de Natal, exatamente quando todos estão em casa, sentadinhos, e procuram algo diferente para ver além da série inteira de *Duro de Matar* ou a centésima repetição de *Guerra nas Estrelas*.

Essa foi a última reunião antes do tal recesso de Natal. No momento, não havia nada mais a fazer, além de esperar as datas de programação, a publicação da entrevista, esse período de contemplação generalizada passar.

Nunca fui um grande defensor do Natal. No passado, na Baviera, muitos tinham dificuldade de entender isso, pois a expressão “tempo de paz”, usada para o período do Advento e das festas natalinas, já fora anunciada antes. Se dependesse de mim, teríamos acabado com tudo isso, inclusive com as comemorações prévias e com Papai Noel. Também nunca defendi o ganso assado, nem a festa de São Martinho, no dia 11 de novembro, tampouco as noites de Natal ou a festa da Candelária, em fevereiro. Naquela época, do meu primeiro governo até agora, também não tive tempo a perder, pois estava me preparando para a batalha final. Por um tris não abdiquei totalmente das festas natalinas, mas Goebbels me dissuadiu e disse que precisaríamos considerar as necessidades do povo. Ao menos naquele momento.

Bem, Goebbels era mesmo um homem de família. E também considero uma coisa boa ter pelo menos uma pessoa dentro do partido capaz de sondar profundamente a alma do povo, de não ignorar tais tendências. Porém, recapitulando, não tenho mais certeza de que não foi um exagero a ideia das suásticas douradas como enfeites para a árvore. Converter uma ideia antiga

em nova é uma das empreitadas mais difíceis. Se possível, é melhor opor o antigo com algo próprio, totalmente novo. Nunca confirmei, mas acho que nem Goebbels deve ter usado essas bolinhas com a suástica ou, no máximo, usou uma, por educação ou gentileza. No caso de Himmler, talvez fosse diferente.

Porém, sempre tive grande estima pelos efeitos das festividades de fim de ano. Pelos livros que eu devorava nesses dias. E fazia muitos esboços! Metade da Alemanha surgiu daí. Por isso, não me importei em passar o período da virada do ano praticamente sozinho no quarto do hotel. A gerência do hotel enviou, como um pequeno presente, uma garrafa de vinho e alguns bombons, claro, pois não podiam saber que não faço muita questão de álcool.

O único incômodo dessa época festiva para mim sempre foi que nunca pude desfrutar de uma família que fosse minha. Reorganizar um *Reich*, impregnar o povo com o movimento nacional, executar o férreo e fantástico cumprimento da ordem de resistência no leste, tudo isso seria impossível tendo crianças ou uma mulher. Com Eva já era difícil, pois tinha que considerar o cumprimento de suas vontades. Mas, no fim das contas, era tão impossível excluir totalmente a exigência grande, até mesmo extrema da minha pessoa pelo partido, pela política e pelo *Reich*, que, em sua agonia, ela tentou, mais de uma vez, tirar a própria...

No entanto, confesso que nesses dias, nos quais tive relativamente pouco a fazer, a presença de Eva teria sido bem agradável. Aquele carisma radiante. Enfim, o forte fica ainda mais poderoso sozinho, o que vale também e principalmente nas festas de fim de ano.

Olhei para a garrafa que ganhara do hotel. Um vinho doce, como um *Beerenauslese*, teria me deixado mais feliz. Nos últimos tempos, eu tinha me acostumado a passear um pouco pelo parquinho do jardim de infância. A balbúrdia, a gritaria entusiasmada dos meninos e meninas, com frequência me alegrava e me distraía. Mas como não demorei a perceber, o jardim de infância ficava fechado no recesso de Natal. E poucas coisas são mais tristes do que um parquinho deserto.

Resolvi desenhar um pouco. Nunca dava para saber quando se poderia fazer isso de novo, então rascunhei uma malha viária e um sistema ferroviário

— dessa vez para além dos Urais —, algumas estações centrais, bem como uma ponte até a Inglaterra. Eles cavaram um túnel lá, mas tenho dado preferência às soluções aéreas — talvez tenha a ver um pouco com o tempo que passei nos bunkers. Não fiquei satisfeito com a minha solução, pois desenhei mais duas óperas para Berlim com cento e cinquenta mil assentos cada, sem muita vontade, mas movido por um sentimento de obrigação. Afinal, quem fará algo assim se eu mesmo não puser a mão na massa? Mas no fim, me alegrei, pois no início de janeiro eu poderia retomar os trabalhos na produtora.

Não que eu esperasse outra coisa. De fato, fiquei quase satisfeito, pois pelo menos deixaram a Srta. Krömeier de fora desta vez. Mas ainda assim aquilo não podia ser considerado jornalismo de qualidade. Por outro lado, considero a expressão “jornalismo de qualidade” uma contradição em si mesma. No entanto, pensei que minha boa vontade seria de alguma forma melhor recompensada do que com as seguintes linhas:

Sabatina do BILD com o Hitler maluco do YouTube: “Sou nazista”

Com um terno comum e inofensivo, ele finge ser um cidadão honesto: o fanfarrão nazista que chama a si mesmo de “Adolf Hitler” e não revela seu verdadeiro nome. Toda a Alemanha está questionando o “comediante” por trás da máscara do monstro. Encontramos o caluniador de estrangeiros em uma sabatina exclusiva do BILD, no luxuoso hotel Adlon.

BILD: Qual é o seu nome?

Adolf Hitler.

BILD: Por que o senhor não revela ao povo alemão seu nome verdadeiro?

Mas já fiz isso. (Ele ri, satisfeito.)

BILD: O senhor pode nos mostrar seu passaporte?

Não.

BILD: O senhor é nazista?

Claro! (Ele bebe um gole da água sem gás de um jeito cínico. Não nos deixamos abalar e tiramos dele sua maior desfaçatez.)

BILD: O senhor nega o que os nazistas fizeram?

Em hipótese alguma. Inclusive, sou o primeiro a não cansar de chamar atenção para isso.

BILD: Pelo assassinato de seis milhões de judeus?

Sobretudo por eles!

Opinião do BILD: isso não é mais uma sátira, é incitação de ódio racial. Que se arranque logo a máscara desse homem incorrigível! **Quando o ministério público finalmente o investigará?**

— O senhor enlouqueceu? — Sensenbrink jogou o jornal na mesa de reunião. — Desse jeito, iremos parar no ministério público em um estalo de dedos! A Sra. Bellini disse na presença de todos nós que o tema “judeus” não era brincadeira!

— Isso ele também disse para o jornal — interferiu Sawatzki. — Mas não publicaram essa parte.

— Vamos manter a calma — pediu a Sra. Bellini. — Ouvi outra vez a gravação. O Sr. Hitler falou tudo aquilo como Adolf Hitler.

— Como sempre faço — acrescentei, surpreso, para enfatizar a graça do que fora dito.

A Sra. Bellini olhou-me por um instante com a testa franzida e, em seguida, prosseguiu:

— Sim, hum, exatamente. Ninguém pode implicar judicialmente com isso. Mesmo assim, gostaria de enfatizar mais uma vez que o senhor precisa ter cuidado com o tema “judeus”. Por outro lado, não consigo reconhecer o que há de errado na afirmação de que Hitler teria sido responsável pela morte de seis milhões de judeus. Quem mais poderia ser?

— Não deixe Himmler ouvir a senhora — falei, abrindo um sorrisinho. Dava quase para ver Sensenbrink de cabelo em pé, literalmente, ainda que eu não conseguisse entender totalmente o motivo disso. Por um momento pensei se Himmler, no fim das contas, também teria acordado em um terreno baldio, e Sensenbrink estivesse planejando outro programa com ele. Mas claro que aquilo não fazia sentido. Himmler não tinha um rosto muito fotogênico. Vê-se pelo fato de que ele nunca recebeu uma carta sequer de admiradoras, ao menos, que eu saiba. Um grande administrador, quando se precisava de um, mas do rosto dele também emanava certa dissimulação, o espírito traiçoeiro atrás dos óculos, como ficou mesmo comprovado no final. Ninguém quer ver algo assim no aparelho televisivo. A Sra. Bellini também pareceu um tanto impaciente por um brevíssimo momento, mas logo suas expressões se aliviaram.

— Nem gosto de falar isso, mas o senhor é muito habilidoso — concluiu ela. — Outros precisam de, no mínimo, seis meses de treinamento em mídia.

— Claro, isso é excelente — vociferou Sensenbrink. — Mas não se trata apenas de uma questão jurídica. Se continuarem apelando para todas as armas, podem acabar com a nossa cota. E eles não conseguem agir de outra forma!

— Poderiam mesmo — concordei —, mas não é o que querem.

— Não — gritou Sensenbrink —, não poderiam. É do editorial Axel Springer que estamos falando! Já deu uma olhada nos princípios dele? Ponto dois: “A promoção de uma reconciliação entre judeus e alemães, o que pede também o apoio do direito de existência do povo de Israel.” E não são palavras vazias, isso vem do velho Springer. Isso é a Bíblia deles, cada redator recebe isso quando começa a trabalhar lá e, se necessário, a viúva do Springer supervisiona pessoalmente o cumprimento desses princípios.

— E o senhor só me diz isso agora? — perguntei rispidamente.

— Acho que não vai ser tão ruim se eles não aliviarem a barra — interveio Sawatzki. — Ainda podemos aproveitar que a atenção está voltada para nós.

— Isso mesmo — disse Bellini. — Mas não pode virar algo negativo. Precisamos garantir que fique claro a todos os telespectadores quem é o malvado.

— E quem é o malvado? — rosnou Sensenbrink. — Himmler?

— O *Bild* — responderam a Sra. Bellini e o reservador de hotel Sawatzki em uníssono.

— Vou esclarecer as coisas no meu próximo pronunciamento de *Führer* — prometi. — É hora de nomear os vermes que prejudicam o povo.

— Precisa mesmo chamá-los de vermes? — bufou o cético do *Reich*, Sensenbrink.

— Também podemos atribuir a eles certa ambiguidade — disse Sawatzki —, quando tivermos um pouco de verba. Os senhores já viram o celular de Hitler?

— Claro, a gravação da conversa está lá — comentou a Sra. Bellini.

— Não só ela — retrucou Sawatzki. Ele se inclinou para a frente, pegou meu telefone e fuçou um pouco nele. Então, estendeu o aparelho para que

nós pudéssemos ver bem a tela. Havia uma foto lá. Esse foi o primeiro momento no qual não senti mais falta do genial Goebbels.

Ter alcançado uma certa idade traz sempre vantagens. Por exemplo, fico muito feliz por ter entrado na política apenas com trinta anos, que é quando o homem conquista sua primeira tranquilidade, tanto física quanto sexual, e por isso pode se concentrar em seus verdadeiros objetivos, sem que o amor carnal lhe roube o tempo e os nervos. Ademais, também acontece de a idade determinar as exigências que o ambiente direciona a alguém: se o povo elege para si um *Führer*, digamos, com vinte anos, e ele não se interessa por mulher alguma, então de certo começam os boatos. “Que *Führer* estranho é esse”, logo diriam, “por que não procura uma mulher? Não quer? Não pode?” Mas aos quarenta e quatro anos, como no meu caso, quando o *Führer* não escolhe uma companheira para si, o povo pensa: “Ora, ele não precisa, provavelmente já tem uma.” E: “Bom que ele se preocupa apenas conosco.” E assim por diante. Quanto mais velha a pessoa, mais ela se aproxima do papel de sábio; às vezes, isso também acontece sem que se queira. Existe o tal Schmidt, aquele ex-“chanceler” ancião; esse homem, por exemplo, tem uma liberdade absoluta de fazer o que lhe dá na telha e pode falar qualquer besteira, a torto e a direito. Colocam-no sentado numa cadeira de rodas, onde ele acende uma sequência interminável de cigarros e, de um jeito insuportavelmente tedioso, anuncia os lugares-comuns mais patéticos. Esse homem não entendeu absolutamente nada, e quando se lê alguma coisa sobre ele, entende-se que sua fama se dá unicamente por dois feitos risíveis: ter convocado o exército para ajudar num caso de enchente em Hamburgo, para o qual não era necessário ser nenhum gênio, e por ter deixado o industrial Schleyer na mão dos criminosos comunistas da RAF que o sequestraram, o que para ele pode não ter sido grande coisa e até poderia coadunar bem com sua opinião, pois Schleyer esteve por muitos anos na minha SS e por isso, certamente, era uma pedra no sapato do social-democrata Schmidt. Porém agora, cerca de quarenta anos depois, essa chaminé rolante se espalha tanto

pelo país como um oráculo onisciente que se poderia dizer que o próprio Deus descera à Terra.

Voltando ao assunto: não se espera desse senhor, obviamente, mais nenhuma história com mulheres.

A vantagem de se ter mais de cento e vinte anos é, acima de tudo, estratégica: o adversário político não conta com isso e é pego totalmente desprevenido. Ele pressupõe outra aparência ou constituição física. No geral, nega completamente a realidade, porque o que não deve ser não pode ser. Isso leva a consequências muito “desagradáveis”, como, por exemplo, quando pouco depois da guerra, todos os atos do governo nacional-socialista foram declarados criminosos, totalmente abstrusos. No fim das contas, foi um governo eleito por votação legítima. E ficou estabelecido que esses “crimes” nunca prescreveriam, o que soava muito bem aos ouvidos daqueles insetos parlamentaristas sentimentais, mesmo que eu quisesse ver, em trezentos anos, aquele que ainda se lembrará dessa escória que hoje domina o governo. A Flashlight acabou mesmo recebendo um comunicado oficial do Ministério Público, informando que receberam ligações de alguns idiotas e também diversas denúncias por esse tipo de crime. Contudo, as investigações logo seriam arquivadas, naturalmente, visto que eu não poderia ser quem sou e, como artista, eu teria uma outra liberdade e assim por diante.

Com isso, é possível ver novamente que até mesmo as pessoas mais simples do Ministério Público entendem mais de arte do que esses professores da Academia de Viena. Promotores públicos são hoje, como no passado, idiotas versados no Direito, mas ao menos reconhecem um artista quando veem um.

Quando cheguei ao meu gabinete no fim da manhã, a Srta. Krömeier me informou sobre esse comunicado, e eu o tomei como o início de que seria um bom dia, no qual pensei em encerrar de uma vez por todas o conflito com aquele jornal *Bild*.

O irritante foi que tive de chegar a um acordo sobre o meu discurso com a Sra. Bellini, uma questão que me desagradava sobremaneira, principalmente porque a Sra. Bellini trouxe também o advogado da empresa, e todos nós sabemos o que esperar de advogados. Para minha grande surpresa, o

meticuloso não fez objeção alguma, ou melhor, só algumas pequenas que a Sra. Bellini tirou do caminho com um enérgico: “Faremos assim mesmo!”

Eu ainda tinha um tempinho, portanto, fui até o meu gabinete, de onde estava vindo Sawatzki. Ele disse que estava atrás de mim, que deixou para mim algumas das primeiras amostras da linha de produtos e se alegrou pelo dia da prestação de contas e coisas assim, o que me pareceu de uma irrelevância irritante. Além disso, eu já tinha visto as amostras no dia anterior: xícaras de café, adesivos, camisas esportivas que, segundo os usos americanos, chamavam de *t-shirts*. No entanto, o entusiasmo de Sawatzki era, como sempre, inteiramente confiável.

— Às dez e cinquenta e sete da noite começaremos a responder ao fogo inimigo — anunciou ele com a maior empolgação.

Curioso, eu não disse nada. E, na sequência, ele completou:

— A partir de agora, cada sílaba será paga com outra sílaba!

Abri um sorriso satisfeito e segui para o meu gabinete, onde a Srta. Krömeier testava com zelo novas fontes para o discurso. Refleti por um momento se eu deveria desenvolver uma letra própria. Afinal de contas, eu já tinha desenhado condecorações e também o símbolo da cruz gamada em campo branco sobre fundo vermelho para o NSDAP; assim, era e é de se imaginar que eu seria a melhor pessoa para desenvolver a letra ideal para um movimento nacionalista. Então me dei conta de que, em pouco tempo, os gráficos, nas empresas de impressão, discutiriam se aplicariam o texto em “Hitler negrito duplo”, por isso, desisti da ideia.

— Alguma novidade nas amostras? — perguntei de passagem.

— Que amostras, meu *Fúrra*?

— Aquelas que o senhor Sawatzki acabou de trazer.

— Ah, sim — disse ela —, claro. Não, são só duas xícaras. — Então, puxou o lenço depressa e assoou o nariz cuidadosamente. Quando acabou, seu rosto ficou vermelho demais. Mas não de chorar, e sim de animação. E a mim, ninguém engana.

— Por acaso, Srta. Krömeier, é possível que nos últimos tempos a senhorita esteja conhecendo melhor o Sr. Sawatzki...?

Ela riu, insegura.

— Isso seria ruim...?

— Não é da minha alçada...

— Bem, agora que o senhor me perguntou, eu também quero saber: o que acha do Sr. Sawatzki, meu *Fúrra*?

— Empreendedor, entusiasmado...

— Não, o senhor sabe o que quero dizer. Nos últimos tempos ele tem se mostrado realmente atencioso, passa por aqui com frequência e, quero dizer, o que o senhor acha dele... como homem? O senhor acha que ele seria certo para mim?

— Bem — falei e, por um momento, pensei na Sra. Junge —, não seria a primeira vez que dois corações se encontram no meu gabinete. A senhorita e o Sr. Sawatzki? Acho que vocês dois vão se divertir muito juntos...

— Faz sentido — disse a Srta. Krömeier num tom radiante. — Ele é mesmo um doce! Mas não conte a ele que eu falei isso!

Assegurei que ela poderia contar com a minha discrição.

— E o senhor? — perguntou ela, quase um pouco preocupada. — Está nervoso?

— Por que deveria?

— É incrível! — exclamou ela. — Já vi alguns desses caras da televisão, mas o senhor é o mais legal de todos.

— Nessa profissão, é preciso ter sangue de barata — comentei.

— Quebre a cara deles — disse ela com firmeza.

— A senhorita vai assistir?

— Estarei bem nos bastidores — confirmou a garota com orgulho. — E já tenho uma das camisetas também, meu *Fúrra*.

E antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ela abriu com ímpeto o zíper de sua jaqueta preta e mostrou-me com orgulho a camiseta.

— Faça-me o favor! — repreendi, e quando ela fechou depressa a jaqueta, completei com um pouco mais de suavidade: — Será que só uma vez a senhorita poderia vestir algo que não fosse preto...

— Só pelo senhor, meu *Fúrra*!

Saí do gabinete e encontrei o chofer do estúdio que me levou para o local onde Jenny me aguardava. Ela me cumprimentou com um alto: “Olá, tio

Ralf!” A essa altura, já tinha desistido de corrigi-la, também porque pude supor com absoluta certeza de que ela manteria para si essa piadinha interna. Nas últimas semanas fui o tio Lauro, depois o tio Bobo, o tio Ulf e o tio Uobo. Eu não sabia se podia confiar nela quando chegasse o momento do tudo ou nada, porém, a longo prazo, sua leviandade soterraria com certeza o moral — por isso, no meu íntimo, ela já estava marcada. Se depois da primeira onda de encarceramentos ela não parasse com isso, eu a consideraria para a segunda onda sem pensar. Por ora, enquanto me levava à sala de figurinos, onde a senhora Elke me aguardava, não ia deixar que ela notasse, claro.

— Limpe o pó, o Sr. Hitler está caqui. — Ela ria. — Soube que hoje é o grande dia, não é?

— Depende para quem — respondi e me sentei.

— Confiamos no senhor.

— Nossa última esperança é Hitler — falei, pensativo. — Como antes, nos cartazes...

— Um pouco de exagero, eu acho... — observou ela.

— Então tire um pouco da maquiagem — alertei, preocupado. — Não quero ficar parecendo um palhaço.

— O que eu quis dizer é que... Ai, deixe para lá. O senhor não precisa de muita coisa. O homem da pele dos sonhos. Vá lá e mostre para eles como a banda toca.

Entrei nos bastidores para aguardar o momento em que Wizgür anunciaria minha entrada. Ele me dava cada vez mais desgosto, mas era preciso ressaltar que quem estava de fora não poderia perceber essa aversão.

— Senhoras e senhores, para um equilíbrio multicultural, vejam agora a Alemanha pelos olhos de um alemão: Adolf Hitler.

Fui recebido com aplausos entusiasmados. A cada programa achava mais fácil entrar no palco. Desenvolvera-se uma espécie de ritual, como acontecia antigamente no Palácio Esportivo de Berlim. Júbilo ilimitado, que eu, sério e em silêncio por vários minutos, reduzi ao silêncio absoluto. Só então, nesse campo de tensão entre a expectativa do povo e o desejo férreo do indivíduo, comecei a falar:

— Nos últimos tempos...
li...
várias vezes...
coisas sobre mim...
nos jornais.
Tive que ler.
Claro que já estou acostumado
com a imprensa liberal mentirosa.
Mas, nos últimos dias, fizeram
declarações muito acertadas
sobre a situação atual dos gregos
em um jornal.
Ou sobre certos turcos.
E sobre os preguiçosos.
Agora, no mesmo jornal fui criticado
por algumas declarações que...
seguiram na mesma direção.
Fizeram-me “perguntas”, como, por exemplo,
quem eu seria de verdade.
E apenas para mencionar a mais idiota.
Foi motivo o bastante para eu começar a me
perguntar:
Que jornal é esse?
Que gazeta é essa?
Perguntei aos meus colaboradores.
Meus colaboradores o conhecem,
mas não o leem.
Perguntei para o povo nas ruas:
Conhecem esse jornal?
Conhecem, mas
não leem.
Ninguém lê esse jornal.
Mas mesmo assim milhões de pessoas o compram.

Ora, ninguém sabe melhor do que eu:
Para um jornal não há maior elogio que esse.
O princípio já é bem conhecido.
Como é o caso do *Völkischer Beobachter*.

Nesse momento, veio a primeira ovação tonitruante. Deixei o público demonstrar sua simpatia antes de acenar com seriedade e pedir silêncio.

— No entanto, o *Völkischer Beobachter* tinha um chefe
que era homem de verdade.
Um tenente.
Um piloto de avião, que
perdeu uma perna
por sua pátria.
Quem dirige esse jornal *Bild*?
Também um tenente.
Primeiro-tenente até.
Algo assim!
Então, o que há de errado com esse homem?
Talvez lhe falte a liderança ideológica.
No *Völkischer Beobachter*, o tenente me perguntava,
em caso de dúvida,
o que *eu* achava da questão.
Ninguém desse *Bild* me perguntou nada.
Primeiro pensei que, possivelmente, o homem era uma
daquelas pessoas imparciais, que se mantém distante de
qualquer política.
Então, comprovei que ele gosta de telefonar
quando precisa de apoio intelectual.
Mas ele não liga para mim
e sim para outra pessoa.
Para um tal de Sr. Kohl.

Outro político.

Se é possível chamá-lo assim.

Ao Sr. Kohl, de quem foi padrinho de casamento,

perguntei no editorial do primeiro-tenente

e lá me disseram que

não havia nada de errado e não era possível compará-lo

ao *Völkischer Beobachter*.

De todo modo, o político seria ex-chanceler da

Alemanha unificada.

Mas justamente *isso*

me deixa tão perplexo.

Pois o ex-chanceler da Alemanha unificada

também sou eu, no fim das contas.

Duvido apenas que a Alemanha unificada desse Sr. Kohl

seja tão unida como a minha foi.

Pois lhe faltam algumas coisas.

Alsácia.

Lorena.

Áustria.

A Região dos Sudetos.

A província de Posen.

Prússia Ocidental.

Danzig.

Alta Silésia Oriental.

O território de Memel.

Não quero entrar em detalhes aqui.

Apenas pensei, de início:

se o senhor editor-chefe precisa de opiniões

competentes,

deveria se dirigir ao tocador do realejo

e não ao papagaio.

Novamente soaram os aplausos, que saudei com um grave menear com a cabeça, antes de continuar.

— Mas é possível
que este editor-chefe não busque opiniões competentes.
Então, eu — como se diz hoje em dia —
procurei esse senhor no Google.
Encontrei uma foto dele.
E tudo ficou claro.
Esta é a vantagem quando se dispõe de conhecimentos
fundamentados da doutrina racial.
Assim, basta um olhar.
Esse “editor-chefe”
chama-se Diekmann,
e obviamente não é um verdadeiro redator-chefe.
É apenas
um terno ambulante sob meio quilo de gordura.

Outra ovação me disse que tive na pessoa do editor-chefe Diekmann o alvo correto. Desta vez, deixei o público se manifestar por menos tempo para aproveitar a tensão.

— Porém, no fim das contas, os fatos decidem
o que é verdade
e o que é mentira.
A mentira é que qualquer jornal tenta
convencer seus leitores de que é meu pior inimigo.
A verdade, os senhores veem aqui.

Foi necessário todo tipo de habilidade gráfica para trabalhar nos detalhes da foto do meu telefone, mas os fatos continuavam inalterados e apenas melhorados pela luz e pela ampliação. Via-se claramente como a Sra. Kassler

pagava a conta do Adlon. E, em seguida, se sobrepôs o grande slogan de Sawatzki:

“O *Bild* financiou o *Führer*.”

Preciso dizer: a última vez que recebi aplausos como este foi em 1938, na anexação da Áustria. Porém, o verdadeiro apoio mostrou-se nos números de visitantes no meu endereço especial da emissora na inter-rede. Várias vezes, o filme do discurso ficou indisponível, uma incompetência indescritível. Em outros tempos, eu teria mandado Sensenbrink para o front. Em compensação, as vendas de camisas esportivas, xícaras e chaveiros e outros produtos estampados com o slogan “*Bild* financiou o *Führer*” foram fantásticas. E os estoques dos pontos de venda estavam bem abastecidos.

O que fez com que eu me reconciasse em termos com Sensenbrink.

Levou três dias até que eles se rendessem.

No primeiro dia a medida restritiva fracassou. O tribunal rejeitou com fundamentação razoável que não havia nenhum jornal *Bild* quando existia o *Führer*, por isso, a relação seria possível apenas com o *Führer* da televisão. E não havia como negar que o jornal o teria financiado. No mais, o agravamento da declaração seria um dispositivo retórico empregado com muita frequência pelo próprio jornal, assim, teria também de aceitar em certa medida algo maior quando usavam a mesma tática com ele.

Foi necessário mais um dia para reconhecer a falta de embasamento para quaisquer recursos e contabilizar as cifras de vendas das camisas esportivas, adesivos e xícaras. Alguns jovens alemães decentes fizeram até mesmo um piquete diante dos prédios do jornal, apesar de terem escolhido um local obviamente mais alegre do que eu teria considerado adequado para a ocasião.

Nesse ínterim, também não pude reclamar da falta de repercussão do caso nas demais publicações. No início, a polêmica me levava ocasionalmente às seções de fofocas, mas naquele momento eu estava começando a ingressar nas seções culturais alemãs. Sessenta anos antes, eu não daria o menor valor a ser mencionado naquelas invencionices nada atraentes e incompreensíveis de uma suposta “cultura”. Contudo, nesse meio-tempo, surgiu um movimento segundo o qual quase tudo ultimamente pode ser considerado cultura ou ser elevado a tal categoria. A partir daí, a presença nessas páginas como parte de um processo de transformação que, além da medida normal do entretenimento televisivo político, me confere o selo de qualidade da seriedade política, é bem-vinda. Claro que a algaravia totalmente refinada dos textos permanecera a mesma nos últimos sessenta anos. Assim, podemos afirmar que hoje os leitores também só consideram sofisticado o que é praticamente ininteligível para eles, e deduzem o essencial por meio de suposições a partir do tom reconhecidamente positivo.

Não havia o que duvidar do tom positivo. O jornal *Süddeutsche Zeitung* elogiava a “retrospectiva quase *à la* Potemkin” que, por trás de um “reflexo aparente de monoestruturas neofascistas”, deixava antever “a veemência de um defensor apaixonado pelas variações do processo pluralista ou até mesmo da democracia direta”. O jornal *Frankfurter Allgemeine Zeitung* aclamou a “elaboração estupenda de paradoxos inerentes ao sistema na pele de cordeiro do lobo nacionalista”. E a fábrica de jogo de palavras do *Spiegel On-line* aproveitou-se dos diversos trocadilhos em alemão com a palavra *Führer*.

No terceiro dia, fiquei sabendo que a viúva do fundador do *Bild* ligou para o editor-chefe para saber por quanto tempo ele ainda pretendia manter a profanação da memória do finado editor. Para ela, esse período estava durando demais e o pesadelo teria que acabar no dia seguinte.

Como ele conseguiria aquilo era problema dele.

Quando cheguei ao meu gabinete no início da tarde, vi Sawatzki de longe correndo pelos corredores. De punhos cerrados, ele fazia gestos contínuos, parecendo um adolescente, e gritava “*Yes! Yes! Yes!*”. Não achei aquilo muito adequado, contudo, entendi seu entusiasmo. A capitulação era praticamente incondicional. As negociações, que a Sra. Bellini conduziu sem deixar de me consultar continuamente, resultaram de pronto em uma pausa de vários dias nas notícias; porém, durante esse período, fui elogiado duas vezes nas manchetes, por algum pretexto, como “vencedor” ou “ganhador” do dia. Depois de cada passo, tínhamos que tirar um produto do mercado porque estava esgotado.

Para o programa seguinte, o jornal enviou pontualmente o seu melhor borra-botas, um apaniguado da pior espécie chamado Robert ou Herbert Körzdörfer, que, contudo, cumpriu sua tarefa de forma impecável, dizendo que eu era o alemão mais engraçado desde um tal de Sr. Lorient. Também li que, por trás da máscara do *Führer* nazista, eu mostrava ter um raciocínio inteligente e ser um verdadeiro representante do povo. Entendi, pelos novos e incansáveis pulos do Sr. Sawatzki, que tínhamos um resultado muito bom.

Mas o melhor foi que pedi um pequeno favor ao jornal para que influenciasse alguns contatos. Excepcionalmente, essa ideia veio de Sensenbrink, que pouco antes estava com sua imaginação esgotada. Catorze

dias depois, surgiu uma história de fazer chorar sobre o destino amargo dos meus documentos oficiais, que teriam desaparecido em um incêndio, e outros catorze dias passaram até que eu conseguisse ter um passaporte nas mãos. Não sei por quais canais lícitos ou ilícitos essa questão passou, mas fui oficialmente registrado em Berlim. Precisei apenas mudar minha data de nascimento e a data oficial agora é 30 de abril de 1954, pois o destino interveio novamente: é óbvio que eu havia indicado 1945, mas 1954 se encaixa melhor no quesito idade.

A única concessão foi que precisei deixar de lado a visita à redação do *Bild*. Na verdade, exigi que toda a equipe, inclusive o Sr. Gordura de Terno, me recebesse com a Saudação Alemã e cantasse o hino do partido, o Horst Wessel, em coro.

Bem, não se pode ter tudo.

No mais, tudo corria de forma esplêndida. Os números de visitantes na página da inter-rede “Quartel-general do *Führer*” exigiam cada vez mais recursos técnicos, os pedidos de entrevistas acumulavam-se e, por recomendação de Sensenbrink e da Sra. Bellini, fora preparada uma visita aos fracassados “nacional-democratas” para um programa especial, que deveria ser exibido em breve, de acordo com a enorme demanda.

No fim deste dia, eu estava de fato pronto para brindar novamente com o Sr. Sawatzki, talvez ele pudesse até mesmo providenciar um pouco daquela bebida Bellini que é tão agradável. Mas, infelizmente, não consegui encontrar o Sr. Sawatzki — embora ele não pudesse ter saído do escritório. E como pude comprovar quando voltei para o meu gabinete: a Srta. Krömeier também havia sumido.

Decidi não procurá-los mais. Aquela era a hora dos vencedores, dos quais fazia parte também o Sr. Sawatzki, que havia contribuído sobremaneira com o nosso triunfo. E dava para perceber claramente o carisma que o vencedor ébrio de vitória exercia numa jovem. Na Noruega, na França, na Áustria os corações voavam até os nossos soldados. Tenho certeza de que, apenas nas semanas seguintes após a nossa entrada em cada país, entre quatro e seis divisões foram fecundadas a partir dos membros de homens excelentes de

sangue puro. Quantos soldados teríamos se a geração mais velha e de sangue não tão puro tivesse resistido ao inimigo por ridículos dez, quinze anos mais!

A juventude é o nosso futuro. Por isso, contentei-me com a Sra. Bellini e com mais uma taça muito azeda de um espumante.

Nunca tinha visto Sensenbrink tão pálido. Claro que aquele homem nunca fora um herói, mas seu rosto tinha a mesma cor de pele que vi pela última vez nas trincheiras, em 1917, naquele outono chuvoso, quando os tocos de perna se projetavam do barro. Talvez por ter feito algo com o qual não estava acostumado, pois, em vez de me ligar, veio pessoalmente ao meu gabinete pedir que eu fosse o mais rápido possível à sala de conferências. Por outro lado, ele usava trajes extremamente esportivos.

— É inacreditável — repetia ele, algumas vezes —, é inacreditável. Nunca aconteceu isso em toda a história da empresa.

Então, segurou a maçaneta com sua mão suada para sair do escritório, mas virou-se para mim antes de sair e disse:

— Se naquele dia, na banca de jornal, eu soubesse... — E correu impetuosamente para dar com a cabeça no batente da porta.

A prestativa Srta. Krömeier levantou-se de imediato, mas Sensenbrink pousou a mão na cabeça como se estivesse em transe e saiu aos tropeções, enquanto entremeava “inacreditável” e um ou dois “Está tudo bem, vou ficar bem”. A Srta. Krömeier olhou-me muito perturbada, como se os russos estivessem novamente nas Colinas de Seelow, mas eu a tranquilizei, meneando a cabeça. As últimas semanas e meses me ensinaram a não levar a sério as preocupações do Sr. Sensenbrink. Provavelmente, algum burocrata ou democrata preocupado havia escrito outra vez uma carta de protesto a qualquer promotor público; esse tipo de coisa acontecia o tempo todo, e a investigação também era sempre interrompida por ser absurda e contraproducente. Talvez acontecesse algo diferente também e algum oficial viesse até a minha casa, mas é difícil algo me preocupar de verdade. No mais, eu estava naturalmente pronto a assumir a qualquer momento o encarceramento em defesa das minhas convicções.

Ainda assim, precisei admitir que também me acometeu certa curiosidade quando me pus a caminho da sala de reunião. Poderia ser porque não apenas o Sr. Sawatzki e a Sra. Bellini seguiam para lá, mas porque em geral se sentia um nervosismo indeterminado, uma tensão nos corredores. Os colaboradores formavam pequenos grupos diante das portas, conversavam aos sussurros e me olhavam de forma sorrateira, questionadora ou insegura. Decidi fazer um pequeno desvio e fui até a cafeteria que havia no prédio para que me dessem um pouco de glicose. Fosse lá o que acontecesse naquela sala de reunião, decidi expor um pouco minha posição, deixando os senhores esperando um pouco.

— O senhor tem nervos de aço — comentou a Sra. Schmackes, que era responsável pela cafeteria.

— Eu sei — falei, de forma amigável — e foi só por isso que consegui entrar na Renânia.

— Não exagere, eu já estive lá — disse a Sra. Schmackes —, mas também não suporto aquele povo de Colônia. O que vai ser?

— Um pacotinho daquela glicose que a senhora tem aí, por favor.

— Então, o senhor me deve oitenta centavos — anunciou ela, antes de se inclinar para a frente, quase com ares conspiradores: — Sabia que o Kärner veio aqui só para ver o senhor? Pelo que me disseram, é aquele que está na sala de reunião.

— Ah, sim — falei, pagando o que devia —, e quem é esse?

— Olhe, posso dizer que ele é o chefe de tudo isso aqui. Nem dá para notar, porque a Bellini em geral comanda tudo sozinha, e se o senhor me perguntar, ela administra muito melhor. Mas, no caso de grandes catástrofes, o Kärner vem pessoalmente. — Ela empurrou no balcão os vinte centavos de troco. — E para anunciar grandes sucessos também. Mas precisam ser grandes mesmo, pois a Flashlight não vai nada mal...

Desembalei com cuidado um pedacinho de glicose e joguei na boca.

— O senhor não precisa ir?

— Todos me disseram isso também no inverno de 1941. — Acenei para ela com desdém, mas caminhei a passos medidos na direção correta. Tinha de

evitar a impressão de que o evento me dava medo e, por isso, estava mantendo distância.

Nesse momento, os grupos nos corredores haviam aumentado. Parecia que eu estava percorrendo um cordão de colaboradores, como se eu estivesse revistando a tropa. Sorri com gentileza para algumas senhoras, ergui o braço direito aqui e ali para cumprimentar, às vezes ouvi uma risadinha, mas também frases como “O senhor consegue!”

Obviamente. Faltava apenas perguntar: o quê?

A porta da sala de reunião ainda estava aberta e Sawatzki estava ao lado do batente. Ele viu de longe eu me aproximar e fez um gesto inequívoco para mim dizendo que eu devia me apressar. Estava muito claro que não era uma reprimenda — seu rosto confiante sinalizava que ele queria muito mais saber com urgência, com extrema urgência, o que estava acontecendo. Reduzi o ritmo da caminhada mais um pouco, como se cumprimentasse uma jovem senhora por causa de seu vestido de verão muito bonito. Minha velocidade quase me lembrava do paradoxo de Aquiles e da tartaruga que ele nunca consegue alcançar.

— Bom dia, Sr. Sawatzki — disse com firmeza —, por acaso já nos vimos hoje?

— Entre logo — insistiu Sawatzki em voz baixa —, entre, entre, entre. Ou vou morrer de curiosidade aqui.

— Aí está ele — disse Sensenbrink lá de dentro. — Finalmente!

Na sala, havia mais alguns senhores sentados ao redor da mesa de reunião. Em maior quantidade que na primeira vez, e bem ao lado da Sra. Bellini estava sentada uma pessoa que devia ser obviamente o tal Kärner, uma figura um pouco rechonchuda, mas ainda assim atlética, que aparentava ter uns quarenta anos.

— Claro que todos conhecem o Sr. Hitler — continuou Sensenbrink, ainda pálido como cera, mas muito menos suado —, mas a recíproca provavelmente não é verdadeira, apesar de já fazer algum tempo que ele trabalha com a gente. E aqui estão, se é que posso dizer dessa forma, aqueles que têm a última palavra em nossa empresa, os quais gostaria de apresentar brevemente.

Em seguida, Sensenbrink apresentou uma série de nomes e cargos, uma sequência colorida de sêniores e vice-executivos de gerência de conta e coisas desse tipo que existem hoje. Os cargos e os rostos eram, de forma geral, tão intercambiáveis, que logo percebi que o único nome digno de nota era o de Kärrner, o único a quem cumprimentei com a cabeça.

— Muito bem — disse Kärrner —, agora que todos sabem quem é quem, será que poderíamos revelar a surpresa? Tenho outra reunião em seguida.

— Com certeza — concordou Sensenbrink.

Percebi que não me ofereceram um lugar para sentar. Por outro lado, também não havia um palco de teste preparado como na minha primeira visita à empresa. Era possível supor que não esperavam de mim uma apresentação, pois minha posição era incontestável. Olhei para Sawatzki, que fechava a mão direita em punho, a mantinha diante da boca e fazia movimentos ondulantes ininterruptos com os nós dos dedos.

— Ainda não é oficial — disse Sensenbrink —, mas tenho uma fonte absolutamente segura. Mais precisamente: tenho duas fontes absolutamente seguras. Isso devido ao especial do NPD. O programa exibido logo depois da reviravolta com o *Bild*.

— E o que é? — perguntou Kärrner, impaciente.

— O senhor Hitler ganhou o Prêmio Grimme.

Na sala, reinava o silêncio sepulcral. Então, Kärrner tomou a palavra.

— Tem certeza?

— Certeza absoluta — confirmou Sensenbrink, virando-se para mim. — Pensei que o período de inscrição já havia acabado, mas alguém convocou o senhor de última hora. Pelo que me disseram o senhor arrasou com todos os outros. Chegaram até a usar a expressão “como um tsunami”.

— Uma vitória relâmpago! — gritou Sawatzki, entusiasmado.

— Somos considerados cultura agora? — ouvi algum dos inúmeros executivos perguntar e todos os demais me ovacionaram. Kärrner se levantou, quase ao mesmo tempo em que a Sra. Bellini se pôs em pé, então todos na mesa se ergueram. A porta de vidro se abriu e entraram duas senhoras sob a orientação da secretária de Sensenbrink, Hella Lauterbach, trazendo várias taças com aquele espumante azedo. Não precisei me virar

para saber que Sawatzki estava pedindo naquele momento a bebida frutada chamada Bellini. Lá fora, diversas pessoas, como secretárias, assistentes, estagiários e ajudantes tentavam entrar. As palavras “Prêmio Grimme” alternavam-se o tempo inteiro com “Sério?” e “Que demais!”. Olhei para Kärner, que se esforçava para abrir caminho até mim entre a multidão, com a mão estendida e uma expressão peculiar.

— Eu sabia — gritou ele, agitado, olhando para mim e para Sensenbrink alternadamente —, eu sabia. Nós podemos fazer muito mais do que só aquele lixo de comédia barata! Podemos fazer muito mais!

— Que qualidade! — gritou Sensenbrink quase em falsete e, de novo, ainda mais alto: — Que qualidade! — Aquilo me ajudou a descobrir que esse prêmio era provavelmente um selo de qualidade reconhecido para rádio e televisão.

— O senhor é muito bom, simples assim — disse uma voz feminina suave bem perto de mim. Eu me virei e ao meu lado vi, numa outra roda de conversa, as costas da Sra. Bellini.

— Só posso retribuir o elogio — falei, sem me virar mais do que o necessário, de forma que não chamasse atenção para ela.

— Já pensou em fazer um filme? — sussurrou ela.

— Faz tempo que não penso nisso — respondi por cima do ombro. — Quem já trabalhou com Riefenstahl...

— Discurso! Discurso! — retumbou a multidão.

— O senhor precisa dizer alguma coisa! — insistiu Sensenbrink.

E, embora eu não tivesse o costume de falar em ocasiões sociais como aquela, naquele momento não parecia haver uma maneira de evitar isso. As pessoas afastaram-se um pouco e ficaram quietas, apenas Sawatzki abriu caminho para me entregar uma taça da bebida chamada Bellini. Agradecido, peguei-a e examinei ao redor. Infelizmente, não havia preparado nada, por isso tive de lançar mão de modelos já testados e aprovados.

— Companheiras e companheiros arianos!

Dirijo-me aos senhores

para esclarecer

duas coisas nesta hora
de triunfo:
sem dúvida, este triunfo é
uma alegria,
é merecido,
muito merecido. Vencemos grandes produções
mais caras,
inclusive as internacionais!
Mas esta vitória
deve ser apenas uma etapa
no caminho para
a vitória final.
Esta vitória se deve, acima de tudo,
ao seu grande trabalho!
Ao seu apoio fanático, incondicional.
Contudo, também queremos neste momento
agradecer às vítimas
que deram o sangue pela nossa causa...

— Perdão — disse Kärner, de repente —, mas eu não estava sabendo de nada disso.

Apenas nesse momento me ocorreu que, como eu estava distraído, passei um pouco demais do modelo padrão dos primeiros discursos após o sucesso inicial da guerra-relâmpago. Possivelmente aquilo pareceu um pouco inadequado. Pensei se deveria, naquelas circunstâncias, pedir desculpas ou algo assim, mas uma voz me impediu.

— É lindo que num momento como esse o senhor também pense nela — elogiou uma das colaboradoras desconhecidas com uma expressão infinitamente emocionada. — A Sra. Klement, da contabilidade, faz uma semana que ela...! Isso é tão... — E assoou o nariz num lenço.

— A Sra. Klement... claro! Como pude esquecer — disse Kärner com o rosto levemente enrubescido. — Perdão, pode continuar. Estou gostando muito.

Agradei Kärner com um meneio de cabeça e retomei a linha de pensamento.

— Eu mesmo sou tomado pela emoção por saber que a providência fez com que eu devolvesse à empresa Flashlight a liberdade e a honra.

A vergonha que começou há vinte e dois anos nas florestas de Compiègne... perdão, em Berlim, fora deixada de lado.

Quero encerrar mencionando todas as pessoas sem nome que cumpriram o seu dever, que arriscaram suas vidas e em todos os momentos estavam prontas como bravos oficiais e soldados alemães...

Nesse instante, tive de fazer algumas pequenas correções, pois reconheci alguns olhares irritados.

“...e também como bravos diretores, cameramen e assistentes dos cameramen, iluminadores e funcionários da maquiagem alemães que oferecem o último sacrifício por sua empresa, que um... um diretor e iluminador devem oferecer. Muitos deles repousam agora ao lado dos túmulos nos quais descansam os pais de grandes... de produções televisivas muito maiores. Eles são testemunhas do heroísmo silencioso de todos aqueles...”

E nesse momento as coisas ficaram realmente difíceis.

“...que, como a Sra. Klement da contabilidade, defenderam a liberdade e o futuro e a grandiosidade eterna do grande Reino...”

da grande empresa alemã Flashlight! Vitória! *Sieg...*”

E, de fato, como no passado dentro do *Reichstag*, ressoou a resposta:

— *Heil!*

— *Sieg...*

— *Heil!*

— *Sieg...*

— *Heil!*

Logo cedo me pus a caminho. Tinha decidido que iria aproveitar aquele dia. Pois estava vivenciando uma grande experiência, algo especial quando se entra em um lugar silencioso após um triunfo monumental. Como, por exemplo, em escritório, antes dos trabalhos do dia começarem, um público ruidoso esvaziando um estádio, pelo qual ainda sopra o vento do vencedor, ou também, digamos, a Paris conquistada às cinco da manhã.

Fui a pé, pois queria a cidade para mim. O sol já iluminava a manhã clara de primavera, o ar estava frio, mas agradável, e também mais limpo do que, por exemplo, no horário do almoço. Nas áreas verdes, berlinenses vestidos casualmente levavam seus cães para passear pela primeira vez naquele dia; as mulheres loucas, cada vez menos estranhas para mim, pegavam o cocô costumeiro com suas sacolinhas. Para minha diversão silenciosa, vi ainda uma fumante distraída, aparentemente privada de sono, levando a sacolinha à boca para, em seguida, curvar-se e pousar a mão com cigarro no que seu pequenino cachorro deixava para trás. Ela balançou a cabeça, esfregou os olhos e corrigiu o engano.

Os pássaros entoavam sua canção matinal, e novamente me ocorreu como que a cidade ficava mais silenciosa sem os disparos dos canhões antiaéreos. Reinava um ambiente de extraordinária paz e a temperatura naquele momento já estava muito agradável. Fiz um desvio especial para passar na banca de jornal, mas mesmo lá ainda reinava o mais profundo silêncio. Respirei fundo e andei a passos largos, com desenvoltura, até entrar no prédio da empresa. Ao abrir a porta verifiquei satisfeito que nem mesmo o porteiro estava no balcão. Na noite passada, ele havia colocado uma capa protetora no aparelho telefônico. Como várias vezes não pude evitar, tive de reconhecer esse indício de um trabalho extremamente consciencioso. Diante do balcão havia grandes pacotes de jornal que ele distribuiria mais tarde. Bormann não teria visto aquilo com bons olhos, mas não sou desses que atentam à

hierarquia em coisas menores, portanto, não tive nenhum pejo em tirar um da pilha para minha leitura matinal. Peguei a caneta que ficava presa a uma longa corrente no balcão e anotei em uma página do bloco de entregas: “Já peguei meu exemplar do jornal. Obrigado.” e assinei “A. Hitler”. Com satisfação, vi que o jornal *Bild* me declarava novamente o vencedor de alguma coisa do dia. A urgência de um novo nivelamento da imprensa alemã vinha diminuindo.

Então segui pensativo, com o jornal debaixo do braço, pelos corredores. A luz do sol brilhava através das janelas superiores e atrás das portas de vidro fechadas viam-se alguns aparelhos telefônicos piscarem; contudo, não era possível escutar som algum. Nos escritórios, as cadeiras estavam diante das mesas de trabalho, como se os móveis sofressem revista. Virei no corredor que dava no meu gabinete, mas então percebi uma luz acesa na porta. Avancei furioso.

A porta estava aberta. Atrás dela, na sua escrivaninha, estava a Srta. Krömeier, digitando algo em sua máquina.

— Bom dia — falei.

— Preciso lhe dizer uma coisa... meu F... — disse ela, constrangida. — Não posso mais lhe cumprimentar assim, não posso mais trabalhar aqui. Não posso mais fazer nada disso.

Então, fungou e curvou-se para pegar a mochila. Apoiou-a no colo, abriu o zíper, fechou-o novamente e largou a mochila de lado, sem tirar nada de lá. Ela se levantou, abriu uma gaveta da escrivaninha, olhou lá dentro, voltou a fechar a escrivaninha, sentou-se e voltou a datilografar.

— Srta. Krömeier, eu...

— Eu sinto muito... mas não dá mais — interrompeu ela, digitando. — Isso é uma merda! — Em seguida, olhou para mim e gritou: — Por que o senhor não faz as coisas como os outros? Como aquele bobalhão que sempre finge ser o carteiro? Ou o bávaro, o Mittermeier? Por que o senhor não pode gesticular, nervoso, e então falar com algum acento? Seria muito mais divertido!

Olhei para a Srta. Krömeier e perguntei com certo desconcerto:

— Está pedindo para eu gesticular?

— Isso! Ou simplesmente xingar as pessoas! Isso sim seria engraçado! Por que o senhor precisa imitar sempre o Hitler?

— Isso não é uma questão de escolha — falei. — A providência nos coloca em nosso lugar, e então devemos cumprir o nosso dever!

Ela balançou a cabeça.

— Estou divulgando agora mesmo essa vaga — disse ela, fungando —, e logo o senhor terá um substituto. Vai ser muito rápido, o senhor vai ver. Com certeza um monte de gente que gostaria de estar no meu lugar.

Baixei a voz e disse com suavidade, mas sem perder a firmeza:

— Pare já de datilografar e me diga o que está acontecendo. Agora!

— Olhe, não posso mais trabalhar aqui! — repetiu ela, obstinada.

— Ora, ora, a senhorita não pode mais. E por que não?

— Porque ontem estive com a minha avó!

— Não entendi.

A Srta. Krömeier respirou fundo.

— Adoro a minha avó. Morei com ela por quase um ano quando minha mãe ficou doente. E ontem dei uma passada na casa dela. Ela me perguntou o que eu estava fazendo, e contei que estava trabalhando com uma estrela de verdade. E ela ficou toda orgulhosa, mas então perguntou quem era essa pessoa, e eu a fiz adivinhar e, como ela não acertou, eu revelei que era o senhor. E ela ficou tão fúria da vida... Minha avó teve um ataque de fúria mesmo, e começou a chorar também, dizendo que não é engraçado o que o senhor faz, que não há graça alguma, que gente como o senhor simplesmente não poderia estar andando solta por aí. E eu disse para ela que era tudo uma sátira, que o senhor faz isso para que não aconteça de novo. Mas ela falou que não é sátira nenhuma, que o senhor fala exatamente como o Hitler do passado e que as pessoas no passado também riram. E eu fiquei lá, sentada, e pensei: Cara, ela é só uma senhorinha e está exagerando. Ela nunca contou muitas coisas sobre a guerra, mas ficou realmente louca da vida porque vivenciou muita coisa. E depois ela foi até a pequena escrivaninha, pegou um envelope e tirou uma foto de lá. — A Srta. Krömeier fez uma breve pausa e me fitou. — O senhor precisava ter visto como ela tirou a foto do envelope. Como se valesse um milhão de euros, como se fosse a última foto do mundo.

Eu fiz uma cópia. Tive de insistir por meia hora até ela me entregar a foto para que eu pudesse fazer uma cópia.

Ela se curvou novamente para tirar da mochila uma fotocópia que me entregou. Olhei a foto. Nela havia um homem, uma mulher e dois garotos numa área verde. Talvez estivessem ao lado de um lago, mas de qualquer forma estavam em cima de um cobertor ou de uma grande toalha de praia. Era possível supor que se tratava de uma família. O homem, em trajes de banho, tinha pouco mais de trinta anos, cabelo preto e curto, de porte atlético. Já a mulher loura parecia extremamente atraente. Os meninos usavam chapéus de papel, feitos de jornal, eu acho, e seguravam espadas de madeira, com as quais posavam sorrindo. E minha suposição do lago estava correta, pois alguém tinha escrito com pena escura na parte inferior da foto: “Wannsee, verão de 1943.” No mais, parecia se tratar de uma família impecável.

— O que é isso? — perguntei.

— É a família da minha avó. O pai dela, a mãe e os dois irmãos.

Não liderei seis anos de guerra sem que conseguisse adivinhar a tragédia que se passou ali. As feridas que a morte prematura abrem na alma.

— Quem morreu? — perguntei.

— Todos. Seis semanas depois.

Olhei para o homem, para a mulher, para os dois meninos, especialmente para os dois meninos, e pigarreei. Pode-se exigir do *Führer* do *Reich* alemão uma rigidez inexorável perante si mesmo e também perante o seu povo, e sou sempre o primeiro a fazer essa exigência. Certamente também teria me mostrado obstinado e indômito se fosse uma foto mais recente, digamos, de um soldado daquela nova *Wehrmacht*, mesmo que tivesse sido vítima da incapacidade política como parte daquela indescritível intervenção afegã. Contudo, essa foto, que visivelmente se originava daquela época que ainda me era tão próxima, tocou meu coração.

Não é possível me acusar de não estar pronto a qualquer momento, nos fronts a oeste e a leste, a sacrificar centenas de milhares para salvar milhões. Mandar para a morte homens que empunharam armas, na confiança de que arriscariam sua vida pelo bem-estar do povo alemão e, no pior dos casos,

também a perderiam. E, talvez, aquele homem fizesse até mesmo parte desse grupo. Era bem possível que naquela foto ele estivesse de folga do front. Mas a mulher. Os meninos. Sim, principalmente a população civil como um todo... essa impotência sempre me deixa com um nó na garganta, por não ter conseguido proteger melhor o povo em sua casa. Aquele bêbado do Churchill não se envergonhava de mandar queimar miseravelmente os mais inocentes dos inocentes em colunas de fogo, como tochas de seu ódio que tudo destruía.

Todo o ódio e a fúria daqueles anos voltaram a borbulhar dentro de mim, e falei com olhos rasos d'água para a Srta. Krömeier:

— Sinto muitíssimo. Eu vou... prometo para a senhorita que farei de tudo, de tudo mesmo, para que um bombardeiro inglês nunca mais ouse se aproximar de nossas fronteiras e de nossas cidades. Nada deve ser esquecido e um dia compensaremos cada bombardeio milhares de vezes...

— Por favor — disse a Srta. Krömeier, hesitante —, por favor, pare com isso por um momento. Só por um momento. O senhor não sabe mesmo do que está falando.

Ainda precisaria me acostumar com aquilo. Havia muito tempo que alguém não repreendia o *Führer*, ainda mais de forma injusta. Normalmente, o *Führer* estava alto demais na hierarquia nacional para que pudessem censurá-lo. Além disso, não se deve repreender o *Führer* de forma alguma sem confiar nele, pois qualquer reproche a um superior é injustificado e ainda mais para mim, mas ainda assim... a Srta. Krömeier me parecia sinceramente contrariada, por isso, engoli aquele comentário proferido sob o efeito do ódio, pois era óbvio que aquela objeção era uma tolice completa. Justo naquele sentido, ninguém sabe melhor do que eu do que estava sendo dito.

Assim, fiquei quieto por um tempo.

— Se quiser tirar o dia de folga... — falei, sentando-me — acho que a senhorita está numa situação difícil. Só quero que saiba que aprecio demais a sua colaboração. E se a senhora sua avó não estiver satisfeita com isso, talvez ajude se a senhorita disser que o ódio dela está recaindo sobre o homem errado. A guerra de bombardeios foi ideia de Churchill...

— Não está recaindo de jeito nenhum sobre o homem errado, isso é o pior — gritou a Srta. Krömeier. — Quem está falando de bombas aqui? Essas pessoas não morreram em uma guerra de bombardeios. Eles foram mortos nas câmaras de gás!

Fiz uma pausa e olhei mais uma vez para a foto. O homem, a mulher, os meninos não pareciam criminosos, nem ciganos, muito menos judeus. Embora em suas feições, se olhássemos com atenção... não, também poderia ser só imaginação.

— Onde está a sua avó nesta foto? — perguntei, mas já podia imaginar a resposta.

— Ela tirou a foto — disse a Srta. Krömeier com uma voz que parecia madeira selvagem, não tratada. Ela fitava, imóvel, a parede do gabinete. — É a única foto da família dela que ainda existe. E ela nem aparece.

Uma lágrima preta por causa do rímel escorreu pelo rosto dela.

Estendi-lhe um lenço. De início, ela não reagiu, mas depois aceitou e ficou esfregando com o lenço o rímel no rosto.

— Será que não foi um engano? — perguntei. — Quero dizer, essas pessoas não parecem de modo algum com...

— Que tipo de argumento é esse? — indagou a Srta. Krömeier, fria. — Está querendo dizer que se tivessem sido mortos acidentalmente, tudo bem? Não, errado é aquele que teve a ideia de que era necessário matar todos os judeus! E os ciganos! E os gays! E todos que não se enquadravam. Vou contar ao senhor como é o truque: se ninguém matar pessoas, então também não corre o risco de matar os errados. É muito simples!

Fiquei ali no gabinete, desorientado, realmente surpreso com aquela explosão, mesmo que se tratasse do mundo extremamente mais sensível de uma mulher.

— Pois foi um erro... — confirmei, mas não cheguei a completar a frase, porque ela se levantou num pulo e berrou:

— Não, não foi erro algum! Eles eram judeus! Levaram eles para a câmara de gás dentro da lei! Só porque não exibiam a estrela. Viviam na clandestinidade e se livraram da estrela, na esperança de que ninguém percebesse que eles eram judeus. Mas, infelizmente, alguém os denunciou

para a polícia. Não eram apenas judeus, eram judeus ilegais! Está mais tranquilo agora?

Na verdade, estava. Era realmente surpreendente, pois talvez nem eu tivesse prendido essas pessoas, de tão alemãs que elas aparentavam ser. Fiquei mesmo embasbacado, de início, pensei até em expressar, na próxima oportunidade, meu reconhecimento pelo trabalho eficiente, incorruptível. Contudo, não me pareceu aconselhável naquele momento responder de tal forma direta e fiel.

— Desculpe — disse ela de repente, em meio ao silêncio. — O senhor não tem culpa. Agora, não importa mais. Não posso fazer isso com a minha avó, não posso continuar trabalhando para o senhor. Ela morreria. É só que... por que o senhor não pode simplesmente dizer: “Sinto muito pela família da sua avó, aquilo foi uma insanidade horrível”? Como qualquer pessoa normal faria? Ou que o senhor está trabalhando para que as pessoas finalmente percebam que porcos aquelas pessoas foram? Que o senhor e todos nós aqui trabalhamos para que isso nunca mais se repita? — E então completou, quase suplicando: — É isso o que fazemos aqui, não é? Só diga isso! Por mim.

Os Jogos Olímpicos de 1936 me vieram à mente. Talvez não totalmente por acaso, pois a senhora loura na foto me lembrava muito da esgrimista judia Helene Mayer. Considere esse cenário: os Jogos Olímpicos seriam realizados no nosso país, tínhamos uma oportunidade de fazer uma propaganda grandiosa, ou melhor, de alcance internacional. Podemos causar uma impressão positiva no exterior, assim como podemos ganhar tempo para nos armar quando ainda estamos fraco. E é possível decidir se, enquanto isso, continuará perseguindo judeus e assim todas as vantagens serão destruídas. É preciso estabelecer prioridades claríssimas. Assim, deixamos Helene Mayer competir, mesmo que ela só conseguisse a medalha de prata. Também é preciso dizer: “Claro, então não perseguiremos judeu algum por catorze dias. Ou, da minha parte, três semanas.” E, como naquela época, agora também era uma questão de ganhar tempo. De certo, consegui o primeiro apoio do povo, tive algum sucesso. Porém, será que já tinha um movimento que me apoiava? Eu precisava e gostava da Srta. Krömeier. E se pelo visto ela tinha uma parte desconhecida de sangue judeu nas veias, era preciso lidar com isso.

Não que isso me incomodasse. Se o restante do material genético for bom o suficiente, o corpo pode sustentar uma certa parcela judia, sem que esta influencie no caráter e nas características raciais. Quando Himmler discutia isso, eu mencionava o meu corajoso Emil Maurice. Um bisavô judeu não o impediu que ele se tornasse o meu melhor homem em dúzias de conflitos nas salas de reunião, estando fiel a meu lado nas primeiras fileiras contra a ralé bolchevique. Intervim pessoalmente para que ele pudesse permanecer na minha SS, pois a convicção fanática, rígida como granito, pode tudo, até mesmo influenciar o material genético. Por acaso, eu mesmo vi como Maurice, com o tempo e desejo férreo, matava dentro de si cada vez mais componentes judaicos. Em certa medida, era uma “nortificação” mental própria. Fenomenal! Contudo, a Srta. Krömeier, fiel, mas ainda muito jovem, não havia chegado tão longe. A consciência sobre esse pequeno componente judaico fez sua determinação vacilar e isso tinha que ser impedido. Especialmente também pela boa influência sobre o Sr. Sawatzki e vice-versa. Jogos Olímpicos de 1936. Era necessário esconder os próprios fins.

Por outro lado, a crítica da Srta. Krömeier à obra da minha vida me ofendeu. Ou melhor, da minha vida até aquele momento. Decidi seguir o caminho correto. O caminho da verdade eterna, genuína. O caminho reto do alemão. Nós, alemães, não conseguimos mentir. Ou, ao menos, não muito bem.

— De quais porcos a senhorita está falando? — perguntei tranquilamente.

— Ora, dos nazistas!

— Srta. Krömeier. — Eu me levantei. — A senhorita não gostará de ouvir isso, mas se engana em vários aspectos. Não é erro seu, mas ainda assim é um erro. Hoje em dia as pessoas gostam de dizer como que no passado alguns nacional-socialistas, convencidos e decididos a chegar aos extremos, teriam enganado um povo inteiro. E elas não estão totalmente erradas, pois uma tentativa disso realmente aconteceu. Em 1924, em Munique. Contudo, fracassou e teve vítimas fatais. A consequência foi que outro caminho se abriu. Em 1933, o povo não foi subjugado por uma ação de propaganda. Elegeram um *Führer* de uma forma que até hoje em dia pode ser considerada democrática. Elegeram um *Führer* que apresentou planos com uma clareza

irrefutável. Os alemães o elegeram. É, até mesmo os judeus. E talvez até os pais da senhora sua avó. O partido tinha, à época, quatro milhões de membros. E só isso porque, a partir de 1933, não aceitávamos mais nenhum membro. Em 1934, poderiam ter sido oito milhões, doze milhões. Não acredito que um dos partidos de hoje goze nem de perto dessa aprovação.

— E o que o senhor está tentando dizer com isso?

— Que havia um povo inteiro de porcos. Ou que tudo o que aconteceu não foi um ato de porcos, mas a vontade de um povo.

A Srta. Krömeier me olhou com os olhos arregalados, perplexos.

— Isso... isso o senhor não pode dizer! Não foi a vontade do povo que matou a família da minha avó! Foi a ideia de pessoas que foram condenadas lá naquele negócio em... Nuremberg!

— Srta. Krömeier, por favor! Aquele circo em Nuremberg não passou de pura encenação para o povo. Se quer tanto encontrar os responsáveis, no fim das contas, terá apenas duas possibilidades: ou segue a linha do NSDAP, e isso significa que o responsável é aquele que assume a responsabilidade no Estado do *Führer*, ou seja, o *Führer* e ninguém mais; ou a senhorita pode julgar aqueles que elegeram ou não destituíram esse *Führer*. E foram pessoas comuns que decidiram votar em um homem extraordinário e lhe entregar o destino do país. Quer proibir que se realizem eleições, Srta. Krömeier?

Ela olhou para mim, piscando, insegura.

— Talvez eu não entenda tanto dessas coisas quanto o senhor, que, com certeza, leu e estudou tudo isso. Mas... mas ainda acha isso tudo terrível, não acha? Tudo o que aconteceu? O senhor também quer evitar que se repita...

— A senhorita é mulher — falei num tom tolerante — e as mulheres são sempre muito impulsivas quando se trata de sentimentos. É assim naturalmente. Homens são mais objetivos, não dividimos tudo em categorias ruins, não ruins e similares. Nossa tarefa é lidar com os problemas, reconhecer, estabelecer e perseguir os objetivos. Contudo, essas questões não permitem nenhum sentimentalismo! São as questões mais importantes do nosso futuro. Pode soar rígido, mas não podemos olhar para o passado para lamentar, mas precisamos fazer isso para aprender. O que aconteceu, aconteceu. Os erros não estão lá para serem lamentados, mas para não serem

repetidos. Após um incêndio, nunca serei eu aquele que chorará por semanas, até meses pela antiga casa! Serei aquele que construirá a casa nova. Uma casa melhor, mais segura, mais bonita. Porém, só posso desempenhar o pequeno papel que a providência me atribuiu. Só posso ser um pequeno e humilde arquiteto para essa casa. O empreiteiro, Srta. Krömeier, o empreiteiro é e sempre será o povo alemão.

— E ele nunca pode esquecer... — disse a Srta. Krömeier com uma expressão admonitória.

— Exatamente! Ele nunca pode esquecer qual força está adormecida dentro dele. Que possibilidades ele tem! O povo alemão pode mudar o mundo!

— Sim — contestou ela —, mas apenas para o bem! Nunca mais pode ser o povo alemão a fazer o mal!

Foi nesse momento que percebi como eu apreciava de verdade a Srta. Krömeier. Pois é surpreendente como muitas mulheres atingem o objetivo certo, mesmo por caminhos tortuosos. A Srta. Krömeier reconheceu que a história é escrita pelos vencedores. E um juízo positivo dos atos alemães pressupõe, de fato, a vitória alemã.

— Isso, exatamente esse deve ser o nosso objetivo — elogiei — e vamos alcançá-lo. Quando o povo alemão prevalecer, em cem, duzentos, trezentos anos, a senhorita e eu encontraremos apenas louvores nos livros de nossa história.

Um leve sorriso estampou seu rosto.

— Em duzentos anos outros vão ler. O senhor e eu já teremos passado desta para melhor.

— Bem — falei, pensativo —, podemos ao menos supor, não é?

— Sinto muito — disse ela, pressionando um botão no teclado. Reconheci o som subsequente, era o ruído com o qual a Srta. Krömeier mandava imprimir documentos no aparelho comunitário do corredor. — Eu gostaria mesmo de continuar trabalhando aqui.

— E se a senhorita omitisse esse fato da senhora sua avó?

A resposta me alegrou muito, ao mesmo tempo que me magoou:

— Não. Não posso mentir para a minha avó.

Pensei espontaneamente que eu poderia submetê-la a todo vapor a um tratamento especial, mesmo que fosse por um breve momento. Visto de forma realista, não era possível mandar ninguém a um tratamento especial quando faltava uma Gestapo. E um Heinrich Müller, chefe da SS.

— Por favor, não apresse as coisas — pedi. — Entendo sua situação, mas peço para que a senhorita entenda que não encontrarei centenas de boas secretárias. Se a senhorita não se opuser, eu intercederia pessoalmente junto à senhora sua avó pela sua permanência no meu gabinete.

Ela me encarou.

— Sei não...

— A senhorita verá como posso tirar todas as suas preocupações — garanti. Foi possível ver o alívio no rosto dela.

★ ★ ★

Algumas pessoas não teriam ingressado nessa empresa. Pessoalmente, eu nunca tive motivos para duvidar do meu poder de persuasão. E não apenas porque sei, pois cochichavam às minhas costas que todas as vezes nas quais eu me aproximava da Sra. Goebbels seus ovários estalavam, barulhavam ou fosse lá que gracejo o soldado raso considerasse adequado. Não, essa espécie de piada é decepcionante. Aqui estamos falando do carisma confiante do vencedor, daquele homem que *não* duvida. Aplicado de forma correta, age da mesma maneira nas mulheres mais jovens e nas mais velhas. As judias não são exceção; ao contrário, em sua pulsão em assimilar, pela normalidade, são as mais suscetíveis segundo a minha experiência. Helene Mayer, nossa esgrimista judia dos Jogos Olímpicos, recebeu sua medalha de prata até mesmo com a Saudação Alemã. Ou se eu penso nas dezenas de milhares que achavam que poderiam se sentir alemães só porque carregaram sua indolência aos fronts da Guerra Mundial anterior e, mentindo descaradamente, às vezes conseguiam uma Cruz de Ferro.

Quem faz esse tipo de coisa enquanto seus próprios companheiros de raça são espancados, enquanto as lojas são boicotadas e destruídas, deve ser enganado também sessenta anos depois, sobretudo — e digo isso sem falsa

vaidade, pois corresponde à mais profunda verdade — por um conhecedor comprovado dos pontos fortes e fracos dessa raça.

“Infelizmente” preciso decepcionar todos aqueles românticos que acreditam em clichês, que esperam uma destreza extraordinária que pode ser equiparada à suposta inteligência desses parasitas astuciosos. No fim das contas, fazer uma câmara de gás passar por duchas não era, na época, o auge da genialidade. E, nesse caso em especial, bastou a medida costumeira de atenção cordial combinada com elogios tão sinceros quanto efusivos ao trabalho excelente da neta talentosa. Quando disse, em essência, como a Srta. Krömeier era indispensável para o meu trabalho, o brilho nos olhos da velha gorducha me revelou que eu não precisaria de um novo braço direito. De qualquer forma, qualquer que fosse a objeção relacionada às questões ideológicas, a partir daquele momento a senhora ouviu apenas o que quis.

Mas é claro que o fato de eu não estar vestindo meu uniforme ajudou nessa visita.

Eu estava nervoso, mas só um pouco. Considero tranquilizante esse leve nervosismo, pois ele mostra que estou concentrado. Estamos trabalhando nisso há quatro meses e meio. Como antigamente, no Hofbräukeller, saí do programa do tal Wizgür. Como antes, no edifício do Circus Krone, me mudei para um novo estúdio onde apresentaria meu próprio programa. Corria o boato de que as receitas da publicidade da indústria alemã já alcançavam novamente um nível comparável aos recursos de apoio pouco antes da tomada do poder em 1933. Uma ansiedade feliz pelos acontecimentos vindouros me guiava, mas ainda assim eu mantinha a concentração férrea. Por um instante, analisei outra vez minha imagem no espelho. Impecável.

Passaram o filme de abertura no telão do estúdio. Ficou bom e minha estima pelo ex-reservador de hotel Sawatzki aumentava cada vez mais. Começava com uma trilha simples com um baixo, depois era possível me ver em tomadas antigas, como quando eu passava inspecionando o desfile da SS em Nuremberg. Em seguida, exibia uma tomada rápida de Riefenstahl, de *O triunfo da vontade*. E, além disso, uma voz totalmente graciosa e popular cantava:

“Olhe quem está de volta, ele está de volta.”

Depois, exibiram algumas boas tomadas da campanha polonesa. Bombardeiros em Varsóvia. Artilharia em ação. Os tanques furiosos de Guderian. Então, algumas fotos minhas muito bonitas visitando as tropas no front.

“Ele está de volta”, cantava a graciosa voz feminina, “é o que me dizem”.

Então, vinham algumas tomadas de datas mais recentes. Elas me mostravam andando pela nova Potsdamer Platz, comprando pãezinhos numa padaria. Gostei bastante dessas imagens, de como eu acarinhava a cabeça de duas crianças pequenas em um parquinho, um garotinho e uma menininha. A juventude é simplesmente o nosso futuro.

“Não entendo por que ele não estava comigo”, lamentava a voz, com razão, “e me pergunto, o que terá acontecido”.

Achei essa música muito tocante, quando a ouvi pela primeira vez na discussão sobre a melodia tema, porque de fato eu não podia dizer exatamente o que havia acontecido. Na sequência, as imagens me mostravam no banco de trás de um Maybach preto, a caminho do local da gravação: um cinema desativado. E enquanto eu descia do carro e entrava no cinema, a câmera atrás de mim se inclinou para cima para mostrar a placa na entrada do cinema que exibia o nome do programa — *Fala Führer* —, a senhora cantava o final perfeito da canção:

“Ele está de volta... de voooooolta para nóóóóós.”

Eu poderia ter visto aquele filme de abertura repetidas vezes, porém, no máximo quando passavam a cena dos pãezinhos eu precisava estar a caminho, atrás dos bastidores, para que logo depois do fim da canção eu aparecesse sentado na escrivaninha e, com uma expressão séria, pudesse receber os aplausos. No geral, era um pouco mais tranquilizador do que, digamos, no Palácio Esportivo, mas pela introdução, continuava bastante solene.

★ ★ ★

Instalaram-me em um belo estúdio, sem comparação com o simples púlpito do Wizgür. Tomaram como modelo o bunker Toca do Lobo, segundo uma espécie de acordo. Eu havia proposto primeiro Obersalzberg, mas a Sra. Bellini disse que parecia alegre e afável demais, e propôs o bunker do *Führer* — então, fechamos um acordo para que fosse a Toca do Lobo. Cheguei a viajar com a produção até lá, na verdade, mais por curiosidade, pois é óbvio que eu poderia desenhar para eles detalhadamente toda a estrutura do complexo de cabeça, por dentro e por fora, inclusive com os guardas. Mas a Sra. Bellini insistiu, não sem razão, que assim a equipe de produção podia ter uma impressão própria do lugar.

Obviamente, eu supus que os russos tivessem derrubado, em sua área de dominação, tudo que servisse de testemunho ao nosso passado, mas contra o concreto armado da organização Todt eles não tiveram chance alguma. Em

Viena, tiveram até mesmo que deixar em pé as torres antiaéreas, porque simplesmente não conseguiram explodi-las. Naturalmente poderiam tê-las enchido do chão ao teto com dinamite, mas Tamms, aquele demônio de arquiteto, teve a ideia genial de instalá-las em uma área residencial. E esses monumentos da arte alemã de construções fortificadas e impressionantemente lúgubres continuam lá.

Os poloneses, ao contrário, fizeram da Toca do Lobo uma espécie de parque de diversões. Quase doía o coração ver essa ingenuidade desprovida de interesse com a qual agora o último dos imbecis ignorantes se arrasta por aquela área. Falta simplesmente a seriedade necessária, pois ainda prefiro, no fim das contas, aqueles centros de documentação que estão construindo em todas as partes. Claro que, com isso, o povo é exposto a um fluxo ideológico constante, mas no geral a seriedade do movimento e também o objetivo são reproduzidos de forma amplamente correta, inclusive a problemática dos judeus. Um pouco colorido por esses idealistas, certamente, mas não de forma que não precisassem escrever em todos os lugares, por precaução, como a nossa política teria sido “desumana”. Goebbels teria enfatizado isso no mesmo instante: “Se os senhores precisam escrever com mais ênfase, então o texto fica lamurioso. Um bom texto precisa ser redigido de tal maneira que o leitor não consiga pensar nada além de: ‘Foi mesmo desumano’. Então — e apenas então — acreditará de fato que ele mesmo chegou a essa conclusão!”

O bom Goebbels. Eu gostava tanto de seus filhos que, para mim, eram a melhor parte do bunker do *Führer*!

Ah, sim, a Toca do Lobo, onde agora funciona um hotel. Todos os dias lá tem comida masuriana e, nas proximidades, há um estande de tiro, no qual se pode atirar com metralhadoras de ar comprimido, tudo num evento patético. Se me deixassem gerenciar a espelunca, eu teria usado nossas armas originais, metralhadoras 43mm, pistolas 35mm, a Luger, a pistola Walther do exército ou também a PPK — se bem que talvez a PPK não, porque quando penso na boa e velha PPK sempre tenho aquelas dores de cabeça terríveis. Talvez eu devesse consultar um médico sobre isso, mas nos últimos tempos ficou bem complicado. Era prático, naquela época, ter sempre o médico Theo Morell

por perto. Göring não gostava dele, mas Göring também não era um exemplo, no fim das contas.

Esperei até que os aplausos parassem por completo, o que geralmente era uma verdadeira prova de nervos entre mim, a emissora e o público, pois eu queria silêncio absoluto. E eu sempre conseguia fazer qualquer público se calar.

— Companheiras e
companheiros arianos!

Sabemos que
uma nação vive
do seu solo.

Seu solo é
seu habitat. No entanto,
em que estado está
este solo
hoje?

A “chanceler”
diz que está
excelente.

Muito bem.

No passado, esse país
era considerado
o maior quando
se dizia: aqui
se pode comer
direto do solo.

Agora eu pergunto a
essa “chanceler”,
a senhora gostaria de comer
direto do solo?

Até hoje ainda espero pela resposta, pois
a “chanceler” também sabe: o solo
alemão está contaminado pelo veneno

do grande capital, das altas finanças
internacionais!

O solo alemão está cheio de lixo,
a criança alemã precisa de cadeiras altas
para se sentar sem prejudicar sua saúde,
o homem alemão, a mulher alemã,
a família alemã foge para o mais longe que pode,
para prédios altos,
o cachorrinho alemão,
que se chama Struppi,
ou talvez Spitzl
pisa com sua
patinha delicada
na tampa de uma garrafa
ou lambe uma dioxina
e morre com um sofrimento excruciante
e estertor!

Pobre, pobre
Struppi.

E *este* é
o solo sobre o qual
a nossa “chanceler”
quer comer.

Muito bem, bom apetite!
Nossa convidada de hoje é
uma especialista em solo
alemão. A política do Partido Verde,
Renate Künast.

Um ordenança da SS grandalhão a conduziu para o palco — Werner era o nome dele — um rapaz louro, de boas maneiras e, mesmo quando pôde perceber a aversão que a senhora revelou sentir frente ao seu uniforme, sua expressão facial também demonstrou uma certa apreciação pelo porte físico do rapaz. Mulheres, sempre mulheres.

A ideia de Werner também veio de Sawatzki. O pessoal da Flashlight achava que eu precisaria de um assistente.

— É importante — disse Sensenbrink à época. — Dá a oportunidade de o senhor ter um terceiro interlocutor. Se o convidado for fraco, se uma observação não tiver efeito, então o senhor não estará lá sozinho com o público.

— Ou seja, posso culpar outra pessoa?

— Podemos dizer que sim.

— Mas eu não faço isso. O *Führer* delega o trabalho, mas não a responsabilidade.

— Mas o *Führer* não abre a porta quando tocam a campainha — contestou a Sra. Bellini. — E, além disso, o senhor receberá vários convidados.

De fato, era verdade.

— O senhor deve ter tido um assistente no passado. Quem abria a porta para o senhor? — Ficou um momento calada e, em seguida, completou: — Quer dizer, o senhor, não. Mas Hitler.

— Pois bem — falei —, a porta? É provável que fosse Junge. Ou, no fim das contas, alguém do pessoal do oficial Schädle...

— Fala sério, gente. — Sensenbrink suspirou. — Ninguém conhece esses caras.

— Então o que o senhor acha? Que Himmler passava meu uniforme a ferro pessoalmente?

— Ao menos, as pessoas o conhecem!

— Não vamos complicar as coisas. — A Sra. Bellini freou a discussão. — O senhor não mencionou agora há pouco um homem da SS de pouca importância, mas sim... Schäuble?

— Schädle.

— Isso. Esse nome aí. Vamos subir um andar. É só simbólico.

— Está bem — falei —, então seria Bormann a abrir a porta.

— Quem? — perguntou Sensenbrink.

— Bormann! Martin! Diretor da chancelaria do *Reich*.

— Nunca ouvi falar.

Eu estava a ponto de lhe dar uma bela reprimenda, mas a Sra. Bellini me impediu, tocando o meu braço.

— Seus conhecimentos são excelentes — disse ela num tom suave —, é maravilhoso o senhor conhecer todos os detalhes, ninguém mais faria isso! Mas se quisermos alcançar as massas, uma parcela grande de espectadores — nesse momento, ela fez uma breve pausa, algo muito perspicaz —, então teremos que buscar seu assistente em um círculo bastante reduzido. Vamos ser realistas: podemos ter Goebbels, Göring, Himmler, talvez até o Hess...

— Hess não — interveio Sensenbrink —, pois ele sempre traz um fator de compaixão. Aquele pobre velhote, encarcerado para sempre pelos russos malditos...

— ... sim, claro, concordo — prosseguiu a Sra. Bellini —, mas esses são os candidatos que temos. Senão, a cada trinta segundos todos os telespectadores se perguntarão quem é o cara estranho ao lado do *Führer*. Confundir não é uma coisa boa. O senhor mesmo já confunde bastante.

— Goebbels nunca abriria a porta para mim se tocassem a campainha — falei, um pouco teimoso, mas claro que eu sabia que Bellini tinha razão. E, óbvio, Goebbels abriria as portas para mim. Goebbels faria qualquer coisa por mim. Um pouco como Foxl, nas trincheiras. Mas para mim era claro que não poderia ser Goebbels. Eles o transformariam num quasímodo, como o corcunda Fritz naquele filme sensacional de Frankenstein, com Boris Karloff. Fariam dele uma criatura grotesca e ele seria alvo de escárnio toda vez que entrasse se arrastando no palco. Goebbels não merecia isso. Göring e Himmler, ao contrário... Claro que cada um tinha seus méritos, mas eu ainda sentia um ódio justificado pela traição deles. Por outro lado, eles desviariam a atenção de mim. E eu já vira o que aconteceu com Wizgür.

— E se usássemos um soldado desconhecido? — Essa ideia veio do reservador de hotel Sawatzki.

— Como assim? — perguntou a Sra. Bellini.

Sawatzki empertigou-se na cadeira.

— Um homem alto e superlouro — sugeriu ele —, que faz bem o tipo da SS.

— Nada mal — disse a Sra. Bellini.

— Göring provocaria mais risadas — lembrou Sensenbrink.
— Não queremos risadas gratuitas — falei junto com a Sra. Bellini.
Nós nos olhamos. Ela me agradava cada vez mais.

★ ★ ★

— É um prazer tê-la conosco — cumprimentei a Sra. Künast, oferecendo-lhe um lugar para se sentar. Ela se sentou confiante, como alguém que conhecia as câmeras.

— O prazer é todo meu — respondeu ela, sarcástica —, de certo modo.

— Provavelmente a senhora está se perguntando por que eu a convidei.

— Talvez porque ninguém mais aceitou...?

— Ah, não, também poderíamos ter convidado sua colega, a Sra. Roth. Aliás, a senhora pode me fazer um favor?

— Depende.

— Expulse aquela mulher do seu partido. Como alguém que esconde algo tão terrível como ela pode cooperar com um partido?

— Olhe, até agora isso não impediu os social-democratas, nem mesmo os democratas cristãos...

— Não é verdade que isso também a pegou de surpresa?

Por um breve momento, ela pareceu irritada.

— Quero deixar claro aqui que Claudia Roth faz um trabalho extraordinário e...

— Acho que a senhora tem razão, talvez o melhor seja mantê-la longe das câmeras, em um porão sem janelas, com isolamento acústico... mas vamos direto ao assunto: eu a convidei porque, claro, preciso planejar o futuro e, a não ser que eu esteja muito enganado, para tomar o poder é necessário ter a maioria no parlamento...

— Maioria no parlamento?

— Sim, claro, como em 1933, quando precisei do Partido Popular Nacional Alemão, o DNVP. Em um futuro previsível, tudo poderia acontecer da mesma forma. Mas, infelizmente, não existe mais DNVP, então pensei que

poderia seleccionar quem estaria qualificado para um novo Front de Harzburg...

— E o senhor pensa em substituí-lo justo pelo Partido Verde?

— Por que não?

— Não vejo muita possibilidade disso acontecer — disse ela, franzindo o cenho.

— Essa modéstia honra a senhora, mas não precisa se esconder atrás dela. Seu partido é mais adequado do que pensa!

— Pois bem, agora fiquei curiosa.

— Suponho que temos visões compatíveis quanto ao futuro. Diga-me, por favor: como a senhora vê a Alemanha daqui a quinhentos anos?

— Quinhentos?

— Ou trezentos.

— Não sou vidente, portanto prefiro me ater à realidade.

— Mas a senhora tem um projeto para a Alemanha do futuro?

— Não para daqui a trezentos anos. Ninguém sabe o que acontecerá até lá.

— Eu sei.

— Ah, sabe? O que acontecerá, então?

— Em seus projetos para o futuro, o Partido Verde se aconselhará com o *Führer* do Reich Alemão... Falei para a senhora que uma cooperação não é assim tão inimaginável...

— Guarde essas ideias para si mesmo. — Künast recuou depressa. — Partido Verde conseguirá muito bem sem o senhor...

— Muito bem, até onde os planos da senhora chegam no futuro? Uns cem anos?

— Isso é absurdo.

— Cinquenta? Quarenta? Trinta? Vinte? Quer saber? Vou fazer uma contagem regressiva e a senhora diz quando devo parar.

— Ninguém pode dizer com seriedade que consegue estimar os acontecimentos vindouros para daqui a, digamos, mais de dez anos.

— Dez?

— ... ou, se quiser, quinze.

— Muito bem: onde a senhora vê a Alemanha daqui a quinze minutos?

Künast suspirou.

— Já que o senhor insiste, vejo a Alemanha do futuro como um país que protege o meio ambiente, é sustentável no que diz respeito à política energética, altamente tecnológico, acima de tudo, na questão ambiental, localizada dentro de uma Europa pacífica sob a proteção da União Europeia e da ONU...

— Anotou isso, Werner? — perguntei ao meu ordenança.

— ... dentro de uma Europa pacífica sob a proteção da União Europeia e da ONU — Werner anotou com bravura.

— Mas como a senhora pode ter certeza de que ainda haverá União Europeia no futuro? — perguntei.

— Tendo.

— Os gregos ainda farão parte dela? E os espanhóis? Os italianos? Os irlandeses? Os portugueses?

Künast bufou:

— Quem pode afirmar isso hoje?

— Na questão da política energética, a senhora pode! Pois, pense comigo: pouca ou nenhuma importação, autarquia total a partir de matérias-primas renováveis, água, vento; essa também será a segurança da política energética daqui a cem, duzentos, mil anos. Pois bem, a senhora consegue ver um pouco do futuro. E como posso dizer... foi isso o que eu sempre exigi...

— Espere um pouco! O senhor se baseia em motivos totalmente errados!

— O que os motivos têm a ver com a economia energética sustentável? Existem turbinas eólicas boas e turbinas eólicas ruins?

Ela me olhou com raiva.

— Eu consigo entendê-la — insisti. — Para criar golfinhos da espécie adequada é preciso usar energia solar boa, saudável, mas quando ao colonizar solo ucraniano com camponeses soldados germânicos, vão fazer uso apenas de lignito? Ou de energia atômica?

— Não — protestou Künast —, o solo é colonizado com ucranianos. Se é que se coloniza!

— Então, os ucranianos podem usar energia eólica? Ou a senhora também tem ideias específicas quanto a isso? Tem uma lista de tipos de energia e sua

utilização correta?

Ela se recostou no assento.

— O senhor sabe muito bem que não é assim. Da forma que o senhor argumenta, não me surpreenderia se me perguntasse agora se o assassinato de milhões de judeus com energia solar teria sido melhor...

— Interessante — falei —, mas o tema judeus não é uma piada.

Por um momento, o silêncio pairou no estúdio.

— O silêncio na televisão é sempre um desperdício valioso de público — emendei. — Então, vamos para os comerciais.

A luz baixou um pouco. Alguns funcionários vieram retocar nossa maquiagem. Künast tapou seu microfone com a mão.

— Isso que o senhor está fazendo já está chegando ao limite! — disse ela com voz sufocada.

— É natural que eu conheça as condições do seu partido — falei —, mas a senhora precisa admitir que não fui eu quem começou falando dos judeus.

Ela refletiu por um momento. Então a luz se acendeu novamente. Esperei os aplausos arrefecerem e perguntei:

— A senhora pode me acompanhar até a mesa dos mapas?

À direita do estúdio tínhamos reconstruído a antiga mesa de mapas da Toca do Lobo. Eu havia pedido um grande e belo mapa-múndi em relevo.

— Por que — comecei a perguntar enquanto me aproximava — o seu partido renunciou, nos últimos tempos, à experiência e aos conhecimentos de um homem como o ex-ministro da guerra, Fischer?

— Joschka Fischer nunca foi ministro da defesa — retrucou Künast com rispidez.

— A senhora tem razão — concordei —, eu também nunca o vi como ministro da defesa. Só é possível defender territórios do *Reich* e Kosovo não faz parte direta dele. Pela distância, uma anexação também não faria sentido... ou a senhora vê de outra forma?

— A anexação de Kosovo nunca entrou em discussão! Tudo se resumia a casos de limpeza étnica... mas não vou ficar explicando a intervenção em Kosovo para o senhor. Era impossível fechar os olhos para aquilo!

— Ninguém entende melhor disso do que eu — falei com seriedade. — A senhora tem toda razão, não havia alternativa. Conheço a situação desde 1941. O que esse tal de Fischer anda fazendo?

Os olhos dela oscilavam entre as atuais vivências do Sr. Fischer e um estudo comparativo da política dos Balcãs dos últimos setenta anos. Mas acabaram se fixando no primeiro.

— O importante é que o Partido Verde não precisa se preocupar com os talentos em suas próprias fileiras. Joschka Fischer era e continua sendo uma personalidade importante na história do movimento verde; contudo, chegou a vez de outras pessoas.

— Como a senhora, por exemplo?

— Como muitos outros, mas eu também.

Nesse meio-tempo, chegamos à mesa de mapas. Pedi para que marcassem os pontos onde a *Bundeswehr* atuava no momento.

— Posso perguntar como o Partido Verde desejaria terminar vitoriosamente a intervenção militar no Afeganistão?

— O que quer dizer com “terminar vitoriosamente”? A intervenção militar precisa ser encerrada o mais depressa possível. Isso só acarreta em mais violência...

— Não temos nada a ganhar no Afeganistão, concordo com a senhora. Então o que estamos fazendo lá?

— Um momento — pediu ela —, mas...

— Por favor, não me diga que a senhora está mais uma vez preocupada com os meus motivos — falei. — Não me diga que só a senhora poderia bater em retirada do Afeganistão, enquanto eu deveria ficar lá dentro!

— Não sei se devo dizer mais alguma coisa — afirmou ela, passando os olhos pelo estúdio. Seu olhar parou embaixo da mesa dos mapas.

— Tem uma pasta ali — disse Künast, irônica. — Ela faz parte do cenário?

— Alguém deve ter esquecido — falei, meio ausente. — Onde está Stauffenberg?

A pasta embaixo da mesa de mapas foi outra ideia minha. De fato, quando visitei a Toca do Lobo, esse episódio todo me ocorreu. Então propus que a mantivessem como um elemento fixo no programa. Isso e a ida até a mesa de

mapas. Eu achava que a pasta tinha que ficar escondida em lugares diferentes para cada convidado.

— Como estamos de acordo com relação à retirada do Afeganistão — falei, curvando-me na mesa —, nos diga só mais uma coisa, para terminarmos: se o Partido Verde assumir o governo da Alemanha, qual será o primeiro país que vocês anexarão?

— A pasta está fazendo tique-taque — observou Künast, apavorada.

Isso foi ideia de Sensenbrink, que ele teve pouco antes de mim.

— Não diga bobagens — adverti. — Uma pasta não faz tique-taque. É uma pasta, não um despertador. Que país a senhora falou?

— Vai sair confete dela? Farinha? Fuligem? Ou tinta?

— Meu Deus, dê uma olhada então!

— É justamente o que o senhor quer. Mas não sou maluca!

— Então, a senhora nunca saberá o que tem dentro dela — falei. — Nós, ao contrário, aprendemos várias coisas interessantes sobre seu partido tão simpático. Muito obrigado pela presença, Sra. Renate Künast!

Durante os aplausos, olhei para os bastidores, onde estavam Sensenbrink e a Sra. Bellini. Alternadamente, eles aplaudiam e estendiam os punhos com o polegar erguido.

Que sensação ótima.

O que aprendi de mais importante durante a minha carreira política foi avaliar corretamente os deveres representativos. No fundo, sempre desprezei essa dependência de patrocinadores, mas, nesse sentido, o político precisa abrir com frequência uma exceção pelo futuro do país. Pode ser que o aperto de mão em público, o grande prestígio entre a nata da sociedade represente um incentivo para qualquer casta de atores políticos, para pessoas que misturam a vida *em* público com a vida *para* o público, para a nação, para o homem simples que se aperta e economiza para ter pão e vestimentas. E quem dedica ao menos quinze minutos às notícias que passam na televisão, com certeza absoluta verá, no mínimo, meia dúzia desses homens-rapapés, que rastejam diante de qualquer autoridade. Sempre acompanhei tal comportamento com nojo e aguentei com raiva diversas visitas de cortesia apenas em prol da causa, em prol do partido, pelo povo alemão, pela conservação da raça ou por um novo Mercedes.

Bem, e pela residência de quatrocentos metros quadrados na Prinzregentenplatz.

E também por Obersalzberg.

Mas todas essas eram aquisições que, no fim das contas, com o magnetismo do *Führer*, também aumentavam a atratividade do partido e, por conseguinte, do movimento. Quando penso apenas na multidão de visitantes em Berghof, é impossível dizer que aquilo foi um momento de descanso. Ou a visita de Mussolini, terrível! Um *Führer* não pode se retirar da vida pública, a não ser, digamos, por pouco tempo. Se a capital do *Reich* está em ruínas, ele pode se refugiar por um bom tempo no bunker do *Führer*. Do contrário, porém, o *Führer* pertence ao seu povo. Por isso fiquei muito feliz ao receber o convite para ir a Munique.

Uma renomada revista social me escreveu no final de agosto. A editora-chefe me pediu para visitar sua revista por ocasião da ex-Festa Popular da

Grande Alemanha, que tinha sido rebatizada como Oktoberfest. Na Flashlight todos me aconselharam a comparecer a esse evento, mas, num primeiro momento, hesitei. Nunca estive na tal festa na primeira parte da minha carreira; contudo, os tempos mudaram e, com isso, mudou também o significado desse tradicional evento, que durava quase duas semanas. Como me garantiram várias vezes, a Oktoberfest se transformara numa festa popular que acontecia perfeitamente sem uma participação tão ativa do povo. Quem quisesse se sentar em qualquer tenda da festa para beber algo tinha que reservar um lugar com meses, às vezes, anos de antecedência, ou postergar a visita para períodos do dia nos quais um alemão decente nunca iria.

Ora, nenhuma pessoa mentalmente sã planejava com meses ou anos antes uma coisa tão inócua quanto a ida a uma festa popular. A consequência, como fiquei sabendo, era que de manhã e no início da tarde seguiam para lá alemães indecentes, estrangeiros e turistas atraídos pela aura da festa famosa, que tentavam desesperadamente transformar o dia em noite já na hora do almoço. A Sra. Bellini e Sensenbrink me aconselharam a não aparecer, pois a presença nesses horários se restringia a personalidades insignificantes, até dispensáveis. A noite, ao contrário, não pertencia à população local, mas aos grupos de todas as indústrias industriais. Praticamente todas as empresas com o mínimo de renome sentiam-se obrigadas a arranjar para seus clientes ou para a imprensa convites para a Oktoberfest. Contudo, muitos veículos da imprensa, dada à insatisfação com esses eventos de empresas ou com os convidados que compareciam, decidiram ir juntos à festa, o que me pareceu algo muito inteligente; de fato, muito semelhante ao que Goebbels faria. Muitos desses encontros, pelo que me disseram, equivaliam em importância a um baile de ópera. E daqueles encontros de alta qualidade participava também a tal revista. Minha aceitação revelou-se muito eficaz, principalmente do ponto de vista propagandístico, pois, como no passado eu nunca havia participado da festa, vários jornais sensacionalistas publicaram nas capas: “A primeira vez de Hitler na Oktoberfest.” Em face dessa facilidade, pensei, satisfeito, que a fundação de um novo jornal *Völkischer Beobachter* mostrava-se cada vez mais desnecessária.

Cheguei à cidade por volta do meio-dia e tive tempo suficiente para procurar meus lugares prediletos. Parei um instante no *Feldherrnhalle*, imerso em pensamentos sobre o sangue de camaradas fiéis que foi derramado ali. Passei emocionado pelo Hofbräukeller, em seguida fui, um pouco apreensivo, para a Königsplatz. Mas meu coração festejou quando vi todas aquelas construções primorosas intocadas: os Propileus! A Gliptoteca. A coleção de antiguidades! E — ainda ousei esperar por isso — o Edifício do *Führer* e o Prédio Administrativo também estavam ali funcionando. Esses juízes democráticos também consideraram que a Königsplatz só estaria completa com essas construções maravilhosas. Andei com alegria por Schwabing, meus passos me conduziram até a Schellingstrasse e para um reencontro inesperado. É quase impossível imaginar a minha imensa felicidade quando a placa da Osteria Italiana me recebeu — atrás dela escondia-se nada menos que meu antigo restaurante preferido: a Osteria Bavaria. Gostaria muito de entrar ali e comer alguma coisa, tomar uma água mineral fresca, mas já estava tarde e eu tinha que voltar ao hotel, onde um carro alugado me buscaria à noite.

A chegada ao Theresienwiese, onde acontecia a Oktoberfest, foi decepcionante. A polícia isolava grandes terrenos, contudo, não se preocupava com a segurança nem com a manutenção da ordem. Quase não consegui descer do carro e duas figuras completamente bêbadas se aproximaram de mim cambaleando e se sentaram no assento de trás.

— Brrralleeiiiiinschraaasse! — murmurou um deles, enquanto o outro parecia estar quase dormindo. Antes que pudesse me acompanhar até o local do evento, o chofer, um homem robusto, expulsou em seguida os dois bêbados do seu carro dizendo: “Saiam agora, isso aqui não é um táxi!”

— Desculpe — disse o chofer para mim —, é sempre assim nesta merda de festa.

Atravessamos os poucos metros de rua até chegar ao local da festa. Na minha opinião, era difícil imaginar que alguém pudesse ter tido a ideia de realizar uma reunião de importância social ali. Nos terrenos cercados ao redor havia bêbados encostados, urinando o tempo todo do outro lado das cercas. Muitas mulheres esperavam por esses rapazes, no mesmo estado

incerto, e eles com certeza estariam fazendo o mesmo, mas não ousavam por algum restante inconsciente de pudor. Um caszinho tentava trocar carícias apoiado num anúncio publicitário. Era óbvio que ele pretendia enfiar a língua na boca da moça, contudo não a encontrou, pois a menina escorregou e ele se contentou com o nariz dela. Respondendo à impertinência dele, ela abriu a boca e mexeu a língua descontroladamente no ar. Então os dois escorregaram até o chão, primeiro, devagar, em seguida, mais depressa, devido a curvatura do anúncio. Ela ria, soltando gritinhos estridentes, e tentava dizer algo, mas não conseguia se fazer entender pelas consoantes que lhe faltavam. Ele se deitou embaixo dela, agitou-se, depois se sentou e, sem dizer palavra, enfiou a mão no decote da moça. Porém, não dava para saber se ela havia percebido. Mas três italianos que estavam ao lado observavam a cena com interesse, decidindo acompanhar mais de perto os acontecimentos. Os esforços indignos do rapaz não chamaram mais atenção de ninguém, inclusive da polícia, que estava ocupada recolhendo os inconscientes, que não eram poucos.

O Theresienwiese — o Prado de Tereza —, ao contrário do que seu nome indicava, tinha pouco, ou até mesmo nenhuma área verde; somente ao redor das árvores circundantes havia alguns trechos de grama, o que não mudara desde a primeira vez que eu estive ali. Em praticamente todo trecho de grama, pelo que pude observar, havia um bêbado à beira da inconsciência, e onde ainda não havia nenhum, meus olhos deparavam sem esforço em alguém seguindo ali para cair de pronto, vomitar ou as duas coisas.

— É sempre assim? — perguntei ao chofer.

— Sexta-feira é pior — disse o motorista com indiferença. — Festa de merda!

Não consigo explicar, mas, de repente, me dei conta, ardendo de raiva, do motivo para esse fracasso humano. Poderia ter sido apenas uma decisão do NSDAP tomada em 1933, que obviamente havia sido pensada para aumentar ainda mais a aprovação do partido pelo povo. Naquele momento, o preço da cerveja fora fixado. Aparentemente, outros partidos também quiseram garantir a popularidade da mesma maneira.

— Típico daqueles idiotas — explodi. — Eles não aumentaram o preço da cerveja? Noventa fênigues pela jarra de um litro hoje em dia é uma piada!

— Como assim, noventa fênigues? — perguntou o chofer. — A jarra custa nove euros! Com gorjeta, dez.

Ao passar, vi os assombrosos montes de defuntos cervejeiros. De alguma forma, esses partidos deviam ter gerado uma riqueza inesperada com toda essa administração deplorável. Ora, não estar em guerra naturalmente economiza uma ou outra quantia de dinheiro. Por outro lado, ao ver a situação do povo ali, até mesmo o mais tapado precisava confessar que os alemães, em 1942 ou 1944, até mesmo nas noites mais amargas de bombardeiros, estavam em um estado melhor do que naquela noite de setembro, no início do terceiro milênio.

Ao menos fisicamente.

Balançando a cabeça de indignação, segui o chofer, que me deixou na entrada da tenda da festa aos cuidados de uma jovem loura e então retornou para o seu automóvel. A moça tinha cabos ao redor da cabeça, um microfone diante da boca e disse, sorrindo:

— Olá, sou Tschill... O senhor é...?

— Schmul Rosenzweig — falei, um pouco nervoso. Era tão difícil assim me reconhecer?

— Obrigada, Rosenzweig... Rosenzweig... — repetiu ela. — O senhor não está na lista.

— Pelo amor de Deus — gritei. — E eu lá pareço com um Rosenzweig? Hitler! Adolf!

— O senhor pode repetir, por favor? — choramingou ela, de forma tão lamuriosa que quase me compadeci pela observação. — Se o senhor soubesse quantas pessoas passam por aqui... não consigo reconhecer todos! Especialmente os que se apresentam com um nome falso. Mais cedo, confundi a mulher do Becker com sua última namorada, o que me deixou em maus lençóis...

Arrependimento não é algo que eu desconheça. Um verdadeiro *Führer* sofre com cada um de seus companheiros de raça como pelo próprio filho. Mas compaixão não ia ajudar ninguém naquele momento.

— Agora, recomponha-se — falei com rispidez. — Está neste posto porque seu oficial superior confiou na senhorita! Dê o seu melhor, assim ele não lhe negará apoio!

Ela me olhou, confusa, mas tomou coragem — como não raro acontece nas trincheiras — com a chamada grosseira, assentiu e me conduziu para dentro do evento no andar superior da tenda, onde fui levado até a editora-chefe da revista. Era uma loura madura usando um vestido típico, um *Dirndl*, com olhos azuis brilhantes que, graças à postura alerta, poderia ser confundida a qualquer momento com uma chefe de escritório na central do Partido. Certamente eu não teria confiado uma revista a ela, mas um periódico de fofocas com dicas de saúde e modelos de tricô, quem sabe. Além disso, possivelmente tinha ânsia por conversar, parecia já ter criado quatro ou cinco filhos e talvez se sentisse extremamente sozinha em casa.

— Ah — disse ela, abrindo um sorriso —, Sr. Hitler! — E o canto dos seus olhos reluziu com astúcia, como se ela tivesse contado uma excelente anedota.

— Exato — respondi.

— Fico muito feliz que o senhor tenha vindo.

— Pois eu também me alegro sobremaneira, prezada senhora — falei e, antes que eu pudesse acrescentar mais alguma coisa, ela abriu um sorriso ainda mais brilhante e virou-se para o lado, de onde entendi que naquele momento uma foto obrigatória seria tirada. Olhei sério para a mesma direção, em seguida, veio um clarão e minha audiência terminou.

Rascunhei depressa um breve planejamento para os próximos quatro anos, que previa que a editora-chefe conversaria comigo aqui, no próximo ano, ao menos cinco minutos e, no ano seguinte, vinte minutos —claro que apenas teoricamente, pois até aí eu havia decidido, apesar de agradecido, recusar convites como esse. Ela teria que se contentar com alguém como Göring.

— Nos vemos mais tarde, sem dúvida — sussurrou a editora-chefe. — Espero que o senhor tenha um tempinho para nós. — Ao que uma jovem vestida a caráter me puxou na direção de outras mulheres também vestidas a caráter.

Aquele era um dos costumes mais terríveis com os quais havia me deparado: não só a editora-chefe ou aquela jovem mulher, mas toda mulher naquele local sentia-se na obrigação de se apertar numa roupa que esforçava-se para emular o povo do interior, sendo que já à primeira vista se revelava uma imitação pavorosa. Houve um trabalho assim na Liga das Meninas Alemãs, contudo, se tratava, como o nome mesmo diz, de meninas. Ali, ao contrário, na maioria assoladora eram senhoras reunidas cuja meninice já chegara ao fim há uma década pelo menos, se não mais. Fui levado até uma mesa onde se bebia cerveja, à qual já havia várias pessoas sentadas.

— O que o senhor deseja? — perguntou uma garçonete, cujo *Dirndl* ao menos tinha a autenticidade de um uniforme de trabalho genuíno. — Caneca de um litro?

— Uma água sem gás — respondi.

Ela assentiu e desapareceu.

— Ahá, um profissional! — disse um homem de cor que estava sentado na ponta da mesa ao lado de uma loura pálida. — Mas tem que pedir uma caneca de um litro! Fica bem melhor nas fotos. Acredite em mim, faço isso há cinquenta anos. — Ao terminar de falar, ele esgarçou um sorriso incrivelmente largo e revelou uma quantidade inenarrável de dentes. — Como é que alguém pode estar na Oktoberfest com um copo d'água na mão?

— Ah, águas calmas são profundas — comentou uma mulher em trajes típicos que parecia um pouco enfastiada. Mais tarde fiquei sabendo que ela ganhava seu pão participando de uma daquelas séries televisivas fracassadas. Quer dizer, isso quando não trabalhava também em outro programa, que, se entendi direito, consistia em entrar com outros indivíduos também de terceira classe numa selva e se deixar observar arrastando-se entre vermes e excrementos. — O senhor é bem engraçado, já vi alguns dos seus programas — disse ela, tomando um gole de sua caneca de cerveja e curvando-se para me oferecer uma visão privilegiada do seu decote.

— Muito prazer — falei. — Também já vi uma ou duas coisas da senhora.

— Eu deveria conhecê-lo? — perguntou um jovem louro, olhando de soslaio.

— Claro — disse o negro do caneco de cerveja, enquanto usava uma caneta grossa para assinar uma foto para um jovem —, é o Hitler do Wizgür. Sextas-feiras na MyTV! Não, peraí, agora ele tem o próprio programa. Precisa ver, é de mijar de rir.

— Mas é bem diferente dos outros, pois tem um pouco de política também — disse a decotada com tédio. — Parece um pouco um Harald Schmidt!

— Não suporto esse tipo de coisa — disse o louro, virando-se para mim. — Desculpe, cara, não é nada pessoal, mas, na minha opinião, a gente não vai conseguir mudar nada dessa política. Todos esses partidos e tal, é tudo farinha do mesmo saco.

— O senhor tirou as palavras da minha boca — falei, enquanto a garçonete colocava a água mineral diante de mim. Tomei um gole e olhei por sobre a mesa para o salão principal da tenda festiva para observar as danças locais. Mas ninguém estava dançando. Todos estavam em pé nas mesinhas e nos bancos, com exceção daqueles que já haviam caído. Gritavam chamando um tal de Anton. Tentei lembrar se Göring alguma vez havia relatado algo sobre esse tipo de desleixo das massas após suas visitas à festa, mas não encontrei nas minhas lembranças qualquer indício disso.

— De onde o senhor vem? — perguntou a senhora exausta. — É do sul da Alemanha, não é? — O decote foi estendido novamente para mim feito uma sacolinha de ofertório.

— Sou austríaco — respondi.

— Como o autêntico! — comentou a decotada.

Assenti e deixei meu olhar pairar pelo espaço. Ouviu-se um grito, então algumas das senhoras tentaram subir nos bancos com seus vestidos ridículos, enquanto outras se movimentavam para fazer o mesmo. Era pouco animador, essas senhoras compulsivamente bem-humoradas, que ao mesmo tempo emanavam um certo desespero terrível. Talvez as aparências enganassem também e tudo era culpa dos lábios com frequência muito inchados, que conferiam à região da boca, apesar de todos os esforços, um traço de irritação bicuda, até mesmo de leve ofensa. Dei uma olhada nos lábios da decotada entediada, mas eles pareciam normais.

— Também não gosto de preenchimento — disse a decotada.

— Perdão?

— O senhor estava olhando para a minha boca, não estava? — Ela tomou um gole da cerveja. — Não deixo nenhum médico mexer aqui. Embora às vezes ache que as coisas ficariam mais fáceis. Ninguém fica mais jovem com isso.

— Médico? A senhora está doente?

— O senhor é um doce — elogiou a decotada, debruçando-se tanto sobre a mesa que se poderia avaliar todo o conteúdo. Ela agarrou o meu ombro e virou-se de tal forma que nós dois olhamos na mesma direção. Ela tinha um hálito de cerveja pronunciado, se não em uma medida desagradável. Então, começou a apontar, balançando levemente o dedo indicador da mão direita, para diversas mulheres da esquerda para a direita: — Peitos. Nariz. Peitos. Bunda. Sei lá. Lábios. Peitos, há muito tempo. Sei lá, sei lá. Nariz. Lábios. Peitos. Bunda. Peitos e bunda, pagos por algum charlatão, ou por uma produtora ou emissora de televisão para alguma reportagem. — Então ela se deixou afundar novamente na cadeira e me olhou. — O senhor também fez alguma coisa, não fez?

— Fiz?

— Essa semelhança, por favor! Todo mundo quer saber quem conseguiu isso. Embora — e nesse momento ela dá outro grande gole na cerveja —, se o senhor quiser minha opinião, eu diria que tinha que processar o safado.

— Cara senhora, não tenho a menor ideia do que está falando!

— De operações — retrucou ela, nervosa. — E o senhor finge que não fizeram nada aí. Não seja ridículo!

— Claro que houve operações — retruquei, irritado. Do jeito dela, não era desagradável. — Leão-Marinho, Barbarossa, Zitadelle...

— Nunca ouvi falar delas. O senhor ficou satisfeito?

No salão, tocava a música "*Flieger, grüß mir die Sonne*". Aquilo me trouxe uma nostalgia benévola. Suspirei.

— No início foi tudo bem, mas então houve complicações. Não que os ingleses teriam sido melhores. Ou os russos... Mesmo assim.

Ela me observou.

— Não consigo ver cicatriz alguma — disse ela com ares de especialista.

— Não tenho do que reclamar — falei. — As feridas mais profundas quem faz é o destino em nossos corações.

— O senhor tem razão — concordou ela sorrindo e depois ergueu a cerveja. Respondi seu cumprimento com minha água mineral. Tentei continuar observando aquela estranha reunião. Em geral, a juventude não estava bem representada ali; contudo, parecia que as pessoas tinham a necessidade de se comportar como se tivessem menos de vinte anos. Por isso, o desfile de decotes me afetava, assim como o comportamento dos indivíduos. Era desconcertante. Assim que essa impressão me acometeu, não me abandonou mais. Ali estavam todos aqueles homens que não tinham condições de aguentar a decadência física com coragem e compensar isso com trabalho intelectual ou ao menos com certa maturidade. Todas essas mulheres que não se recolhem satisfeitas depois de terem criado seus filhos, mas, ao contrário, se comportam como se tivessem agora, e só agora, a oportunidade irrecuperável de reivindicar sua juventude roubada por algumas horas. Seria preciso segurar essas figuras pelos colarinhos e gritar: “Comporte-se! Você é uma vergonha para si mesmo e para sua pátria!” Murmurei algo assim quando alguém se aproximou da mesa e bateu nela com os nós dos dedos.

— Boa noite — disse o homem em um dialeto inconfundível, que me lembrava muito da maravilhosa cidade de Streicher, Augsburg. Ele tinha cabelo longo e escuro, devia ter uns quarenta e cinco anos ou mais e aparentemente estava com sua filha ao lado.

— Lothar! — exclamou a decotada enfasiada, afastando-se um pouco para o lado. — Sente-se aqui!

— Nem — respondeu Lothar —, só estou dando uma passadinha. Mas quero dizer que gosto muito do que você está fazendo. Vi sua apresentação na última sexta, que foi muito engraçada e teve muita verdade no que disse. Aquilo com a Europa e tudo aquilo mais! E, na semana passada, aquele negócio de social...

— Parasita social — complementei.

— Exatamente — concordou ele. — E aquilo das crianças. As crianças são mesmo o nosso futuro. Resumi bem. Eu queria ter dito aquilo.

— Obrigado — agradei. — Fico muito feliz. Nosso movimento precisa de todo o apoio. E eu ficaria feliz se também pudéssemos contar com o apoio da senhorita sua filha.

De repente, ele pareceu irado, então, deu uma gargalhada e virou-se para a filha.

— Olhe ele aí de novo. E sempre osso duro de roer! Bate exatamente onde mais dói. — Então, o homem bateu outra vez com os nós dos dedos na mesa. — Até mais, nos vemos mais tarde.

— O senhor sabe que aquela não é a filha dele, não sabe? — perguntou a decotada quando Lothar foi embora.

— Imaginei — respondi. — Claro que não é filha legítima, pois no quesito puramente racial é impossível, mas suponho que ele tenha adotado a garota. Sempre recomendei isso antes que uma pobre garota como essa crescesse sem pais em um orfanato...

A decotada revirou os olhos.

— O senhor não consegue falar nada totalmente normal? — perguntou ela, suspirando. — Preciso ir ao banheiro. Não vá embora! O senhor é bem terrível, mas ao menos não é chato.

Tomei um gole d'água. Estava pensando em como deveria avaliar essa noite quando senti atrás de mim uma agitação ainda maior: uma senhora com um grande grupo de repórteres fotográficos. A senhora parecia ser uma das atrações principais do evento, pois atraía praticamente de forma ininterrupta fotógrafos e câmeras de televisão. Tinha uma tez mediterrânea, o que estranhamente realçava seu *Dirndl*, e seu decote era recheado de forma quase grotesca. Contudo, se a imagem geral podia ser descrita como bastante vulgar, essa impressão era derrubada assim que ela abria a boca. A altura da sua voz superava qualquer serra circular que eu conhecia. Como não é possível ouvir isso nas fotos, os repórteres fotográficos nem ligavam para isso, é claro. Ela já estava lá, berrando algo diante de uma câmera, quando um fotógrafo me avistou ao fundo, e a senhora se aproximou da minha mesa, obviamente para tirar uma foto comigo, o que parecia ser algo desagradável para ela.

Eu conhecia aquela expressão. Era possível ver como que, por trás dos olhos que sorriam, uma máquina calculadora impiedosa computava se aquela foto poderia ou não garantir alguma vantagem para ela. O que me ajudava a ver essa situação era que, na minha cabeça, esse mesmo cálculo acontecia, contudo com mais rapidez, e o resultado era negativo. Ela, ao contrário, pareceu ainda não ter chegado a resultado algum. Era possível sentir sua hesitação. As consequências pareciam incertas para ela e, por isso, era um risco do qual ela preferia se livrar com uma piada. Contudo, nesse momento, um dos fotógrafos que se aproximaram já lançava no campo de batalha o título “A Bela e a Fera”, e passou a não ser mais possível segurar a multidão de repórteres fotográficos. Assim, a máquina de calcular exótica fugiu para a frente e lançou-se em cima de mim com uma risada estridente.

Esse tipo de mulher não é novidade, ele já existia setenta anos atrás, mesmo que não fosse tão proeminente. Eram e são essas mulheres, de ontem e de hoje, com esse desejo desmedido de admiração e autoestima mínima que querem aplacar, buscando esconder desesperadamente todos os seus supostos defeitos. Por motivos insondáveis, esse tipo de mulher considera adequado apenas um método: elas tentam ridicularizar o acontecimento. É o tipo mais perigoso de mulher que um político pode encontrar.

— Gente, é você — trinou ela e tentou pular no meu pescoço —, que delícia! Posso lhe chamar de Adi?

— A senhora pode me chamar de Sr. Hitler — respondi com frieza.

Às vezes, isso basta para espantar as pessoas. Porém, em vez disso, ela se sentou no meu colo e disse:

— Bem, isso é fantástico, Sr. Hitler! O que faremos de engraçado para esses fotógrafos? Heeeeeein?

Em situações como esta, não há nada a ganhar e tudo a perder. E noventa e nove entre cem homens teriam perdido a cabeça ali e batido em retirada, usando como pretextos algo como “alinhamento do front” ou “nova formação das unidades de tropa”. Com frequência, observei isso no passado, no inverno russo de 1941 que assolou meus soldados com menos trinta, cinquenta graus. Na época, não faltou quem dissesse: “Voltem, voltem!” Apenas mantive a tranquilidade e disse: não recuem nem um metro! Quem

amolecer vai ser fuzilado. Napoleão fracassou, mas eu mantive o front sozinho, e, na primavera, perseguimos os sanguinários siberianos de pernas tortas como coelhos, pelo Don até Rostov, chegando em Stalingrado e ainda além, mas não quero entrar em detalhes agora.

De qualquer forma, uma retirada não estava era uma possibilidade à época, nem mesmo naquela situação desagradável dentro da tenda cervejeira. A situação nunca é desesperadora quando se tem o desejo fanático de vitória. Vem à mente apenas o milagre da Casa de Brandenburgo, em 1762. A tsarina Isabel morre, seu filho Pedro firma a paz, Frederico, o Grande, é salvo. Se Frederico tivesse capitulado antes, não teríamos milagre, nem reino da Prússia, nada de nada, apenas uma tsarina morta. Muitos dizem que não se pode contar com milagres. Pois eu digo que sim! Só é preciso esperar que eles apareçam. Até então, basta manter seu posicionamento. Por uma hora, um ano, uma década.

— Veja, minha senhora — falei para ganhar tempo —, já me sinto tão feliz por estar outra vez aqui, na bela Munique, na capital do meu movimento... a senhora sabia disso?

— Não, que interessante — grasnou ela, desconcertada, já levantando os braços para passar as mãos no meu cabelo. É um pouco mais fácil para essa espécie de mulher degradar autoridades prejudicando sua aparência. Pensei que, se a providência havia preparado um milagre em seu planejamento, aquele era o momento.

De repente, um dos fotógrafos estendeu diante do meu nariz uma caneta preta e grossa.

— O senhor poderia assinar o *Dirndl*? — sugeriu ele.

— O vestido?

— Sim! Ótima ideia. — Essas palavras vieram da última fila de seus colegas.

Os instintos mais baixos do homem são os aliados mais fiéis, principalmente quando não há outros. Claro que aquela mulher questionável não tinha interesse algum num vestido assinado. Os fotógrafos, contudo, insistiram, porque pressentiam uma variação da atrevida foto habitual do decote. E como resistência ela poderia apenas lutar de forma limitada. Quem com ferro fere, com ferro será ferido, mesmo quando a espada não passa de

uma câmara fotográfica. Ela assentiu, em seguida, com um estridente “Ótimo!”. Pensei que seria, de qualquer forma, uma possibilidade de parar o inimigo, talvez até trazer novas tropas.

— Permita-me, cara senhora?

— Mas apenas no tecido — grasnou ela, hesitante. — E não tão grande.

— Claro — disse e comecei o trabalho. Cada segundo do tempo ganho contava em dobro, ou seja, concluí minha assinatura com alguns elementos ornamentais. Eu mesmo parecia um tonto e, por isso, precisava terminar aquilo, senão pareceríamos garotinhas fazendo desenhinhos em cadernos de recordações. — Pronto — falei como se lamentasse e me sentei.

Um fotógrafo disse:

— Ui ui ui.

A senhora seguiu o olhar dele.

Observei seus olhos se arregalarem apavorados.

— Me perdoe — falei —, talvez os ângulos tenham ficado estranhos. Num bloco de anotação isso não teria acontecido. A senhora sabia que fui pintor...

— O senhor é maluco? — berrou ela e pulou do meu colo. Mal pude acreditar. O milagre de Theresienwiese.

— Desculpe, minha senhora — falei —, não compreendo.

— Não posso andar pela festa com uma suástica no peito!

— Mas claro é que pode — falei, tranquilizando-a. — Não estamos mais em 1924. Talvez não haja um governo razoável neste país, mas esses charlatões do parlamento defendem a liberdade de expressão...

Ela não estava mais ouvindo, pois vociferava com intensidade para o decote que parecia quase frívolo. E mesmo que eu não entendesse o desespero, a situação parecia salva. Nas fotos foi ela quem apareceu em péssima situação. As reportagens televisivas foram ainda melhores, pois foi possível acompanhar como ela se pôs de pé depressa e, com a cara transfigurada em uma careta e uma enxurrada de xingamentos, nem parecia mais minimamente alegre. A maioria das gravações acabava mostrando como ela seguiu, indignada, poucos minutos mais tarde para um carro de aluguel, soltando impropérios assombrosos.

No mais, eu preferia ter feito uma aparição mais esplendorosa. No entanto, devido às circunstâncias, o resultado foi mais que aceitável. De qualquer forma, meus prejuízos me pareceram menores que os dos inimigos. O povo sempre ama o vencedor que é capaz de resistir, que sabe se defender, que afugenta uma pessoa dessas com o mesmo esforço que usaria para afastar uma mosca inconveniente.

Eu queria pedir mais uma água mineral, mas colocaram outra na mesa.

— Com os cumprimentos daquele senhor — disse a garçonete, apontando para a pessoa referida. Olhei através da confusão de pessoas e vi, várias mesas adiante, uma figura loura com a pele da cor de um galeto assado da Oktoberfest. As rugas no rosto conferiam a aparência de um Luis Trenker muito velho e, se reunidas, assemelhavam-se a um sorriso bizarro. Ao encontrar meu olhar, aquele senhor ergueu o braço para dar um aceno que terminava em um punho fechado com o dedão erguido. Além disso, ele tentou, de forma tão desesperada e em vão, abrir um sorriso de couro curtido.

Esfreguei os olhos e decidi ir embora o mais rápido possível. Era de se imaginar que as bebidas ali estivessem contaminadas. Pois bem ao lado daquele senhor estava sentada uma cópia exata daquela mulher que acabara de sair da tenda com a suástica no peito.

São extraordinários os caminhos que a providência encontra para alcançar seus objetivos. Ela faz com que um homem caia nas trincheiras enquanto outro, ao contrário, consiga sobreviver. Ela guia os passos de um simples cabo até a reunião de um pequeno partido dissidente para que ele possa, mais tarde, conseguir milhões de filiados. Ela faz com que alguém predestinado aos mais elevados patamares, digamos, no meio de seu trabalho, seja condenado a um ano de prisão militar para que, no fim das contas, encontre tempo livre para escrever um grande livro. Ela também proporciona que um *Führer* indispensável aterrisse no programa de um duende turco para, em seguida, ultrapassá-lo de tal forma que praticamente se exija dele um programa próprio. E, por isso, estou certo de que a providência também faz a Srta. Krömeier não entender nada de lâminas de barbear.

Pois mais uma vez era necessário fazer uma pausa. Claro que sempre acreditei no significado do meu retorno, mas, sob o estouro dos acontecimentos atuais, a investigação desse significado foi deixada temporariamente em segundo plano. E uma urgência maior não se delineou em seguida, pois o povo parecia de imediato liberado de dificuldades e humilhações de importância maior. No entanto, o destino decidiu agora, como fez no passado, em Viena, abrir os meus olhos.

Até então, eu tinha pouco contato com a vida cotidiana, pois a Srta. Krömeier me poupava das pequenas transações. Apenas aos poucos ficou claro como muitas coisas haviam mudado, quando decidi tomar a frente de alguns assuntos. Nos últimos tempos, eu sentia falta do meu bom e velho aparelho de barbear. Nos dias de hoje, por necessidade, tive que me acostumar com aquele aparelho de plástico, cuja vantagem consistia em combinar diversas lâminas insuficientes para raspar várias vezes a pele de maneira desconfortável. Como pude verificar na embalagem, aquele aparelho era considerado um avanço tremendo, principalmente em comparação à

versão antiga, que tinha uma lâmina a menos. Contudo, eu ainda não conseguia reconhecer vantagem alguma diante da boa e velha lâmina. Tentei em vão descrever à Srta. Krömeier a aparência e o funcionamento de uma dessas. Então, eu mesmo saí em busca de uma, por precisar especialmente daquele modelo.

A última vez que saí realmente para comprar algo foi em 1924 ou 1925. Na época, íamos a uma mercearia ou a uma loja de sabonetes. Hoje em dia, as pessoas precisam ir à drogaria, e a Srta. Krömeier havia descrito o caminho para que eu pudesse encontrar a que se chamava Rossmann. Chegando lá, vi que a aparência das drogarias havia mudado muito. No passado, havia um balcão e atrás dele ficavam as mercadorias. Encontrei um balcão no estabelecimento atual, mas ficava próximo da saída. Atrás dele não existia nada além do interior da vitrine. As mercadorias ficavam acessíveis a qualquer um em fileiras intermináveis de prateleiras. Primeiro, supus que havia ali uma dúzia de vendedores, todos em trajes bem informais. Depois percebi que estes eram os clientes. O próprio cliente pegava as mercadorias e seguia para o balcão. Era de uma estranheza ímpar. Poucas vezes no passado me senti tratado com tanto descaso. Era como se alguém me desse a entender, logo na entrada, que eu deveria fazer a gentileza de buscar minhas simples lâminas de barbear, pois os senhores boticários tinham coisas melhores a fazer.

Somente aos poucos descobri o nexos das coisas: do ponto de vista econômico, aquilo tinha muitas vantagens. Em primeiro lugar, o boticário tornava acessível grande parte de suas mercadorias e, com isso, dispunha de maior superfície de venda. Além disso, era óbvio que as centenas de clientes podiam se servir muito mais rápido sozinhos do que com dez ou mesmo vinte vendedores. E, por último, também se economizava em vendedores. A vantagem era evidente: numa introdução abrangente em todo país deste princípio, assim avaliei de forma aproximada, podiam ser liberados de pronto cerca de cem a duzentos mil recrutas para atuar no front. Isso era tão impressionante que quis, na mesma hora, agradecer aos geniais boticários. Lancei-me a um balcão e perguntei pelo Sr. Rossmann.

— Que Sr. Rossmann?

— Ora, quem mais, o dono desta drogaria!

— Ele não está.

Que pena. Por outro lado, tornou-se desnecessário cumprimentá-lo, pois logo descobri que o esperto Sr. Rossmann infelizmente não vendia minhas lâminas de barbear. Mandaram-me para outra loja, a de um tal de Sr. Müller.

Resumindo: o Sr. Müller também havia implementado a ideia genial do Sr. Rossmann. Contudo, ele também não tinha as minhas lâminas de barbear, o que também valia para o Sr. Schlecker, cuja loja de aparência extremamente descuidada seguia um princípio ainda mais avançado: ali não havia sequer um caixa. O que só era coerente porque ali também não havia minhas lâminas de barbear. No fim, o que pude resumir dessa experiência foi que, na Alemanha, cada vez menos vendedores não vendiam lâminas de barbear. Não era agradável, mas ao menos era eficiente.

Perplexo, continuei andando pelas galerias comerciais. Novamente se comprovou acertada a minha escolha por um traje comum, pois mais uma vez consegui ver de perto a situação da população, sem maquiagem: seus medos, suas preocupações e sua escassez de lâminas de barbear. E pude atentar que não eram só os boticários que estavam organizados segundo aquele princípio de trabalho peculiar, mas sim toda a sociedade. Todas as lojas de roupas, livrarias, sapatarias, armazéns e até mesmo os merceiros, inclusive os restaurantes, tudo funcionava sem atendentes. Dinheiro, assim se revelou, não ficava mais no banco, mas em máquinas automáticas. O mesmo ocorria com os bilhetes de trem, com selos, e, neste caso, já haviam começado a eliminar todas as filiais do correio. Os pacotes também eram enfiados em uma máquina automática e os próprios destinatários tinham de ir buscá-los. Considerando esse fato, a nova *Wehrmacht* devia dispor de um contingente de milhões. No entanto, a *Wehrmacht* tinha apenas, com grande dificuldade, o dobro de soldados previstos no vergonhoso Tratado de Versalhes. O que era um grande mistério. Onde estavam todas aquelas pessoas?

No início, achei que estavam construindo rodovias, aterrando pântanos e executando atividades afins. O que não era verdade. Pântanos hoje são algo de raridade ímpar e, em vez de serem aterrados, recebiam ainda mais água. E, como no passado, quem construía as rodovias eram poloneses, bielorrussos, ucranianos e outros operários estrangeiros, por salários que seriam mais

rentáveis para o *Reich* do que qualquer guerra. Se no passado eu soubesse que os poloneses poderiam ser uma mão de obra barata, poderia muito bem ter deixado aquele país de lado.

Nunca paramos de aprender.

Passou pela minha cabeça a possibilidade de que o povo alemão poderia, nesse meio-tempo, ter simplesmente sido reduzido a tal ponto que todas essas pessoas não estavam mais disponíveis. As estatísticas diziam o contrário, que ainda havia oitenta e um milhões de alemães. Provavelmente era de se estranhar também que não se havia pensado antes nos desempregados. O motivo é que para mim a imagem do desempregado mudara demais.

O desempregado que conheci no passado pendurava uma placa no pescoço com a mensagem: “Procuro trabalho de qualquer espécie” e saía na rua com isso. Depois de andar o suficiente sem conseguir nada, ele tirava a placa e levantava uma bandeira vermelha na mão, a qual lhe fora dada por um bolchevique vagabundo, e então saía na rua com essa bandeira. Um exército de milhões de desempregados furiosos era a precondição ideal para qualquer partido radical e, por sorte, o mais radical de todos era o meu. Porém, nas ruas do presente, eu não via desempregado algum. Aqui ninguém protestava. E a suposição óbvia de que as pessoas teriam sido mandadas para um trabalho forçado ou para alguma espécie de campo de trabalho também não foi confirmada. Em vez disso, como descobri, escolheram a solução estranha de um tal Sr. Hartz.

Esse senhor descobriu que não se agradava à classe trabalhadora apenas com salários mais altos ou algo assim, mas também concedendo a seus representantes dinheiro e amantes brasileiras. Tal reconhecimento foi aplicado aos desempregados por meio de diversas leis, claro que em um nível consideravelmente mais baixo. Em vez de muitos milhões, havia um valor mais modesto, e, em vez de brasileiras autênticas, havia mulheres de vida fácil da Hungria ou da Romênia na inter-rede, pressupondo que cada desempregado tivesse um ou mais computadores. Assim, os Srs. Rossmann e Müller podiam continuar enchendo o bolso com sua indústria sem comercializar vendedores e lâminas de barbear, sem temer que um desempregado apedrejasse suas vitrines. Tudo era pago pelos impostos do

homem simples da fábrica de *shrapnels*. E, obviamente, para o nacional-socialista experiente, tudo isso indicava uma conspiração do capital, das finanças judias: com o dinheiro dos pobres, os mais pobres eram tranquilizados para o bem dos ricos, de forma que pudessem conduzir com toda a tranquilidade seus negócios de especulação da crise. Os políticos de esquerda não se cansavam de apontar esse fato, mesmo que, obviamente, omitissem o componente judeu.

Essa explicação, no entanto, não era abrangente. Aqui, sem dúvida, era necessário considerar não apenas as finanças judias, mas também o judaísmo mundial — só aí se revelava a verdadeira vilania de todo o complô. E, de repente, ficou claro que aquela era a tarefa que a providência reservara para mim. No fim das contas, ninguém além de mim poderia reconhecer e desvelar a verdade nesse mundo de aparências tão iludido pelo liberalismo burguês.

Porque, de forma superficial, seria possível comprovar ao Sr. Hartz e a seus auxiliares social-democratas a realização de seu suposto objetivo. Pois não eram um computador e uma mulher bielorrussa na tela, não eram uma residência aquecida e seca e com comida suficiente, tudo isso não representava a redistribuição em bases socialistas?

Não, só quem conhecia os judeus poderia identificar a verdade, só quem sabia que não havia esquerda nem direita, que os dois lados trabalhavam eterna e continuamente de mãos dadas, mesmo que de modo velado, porém, irreversível. E apenas o espírito de visão clara, que enxerga através de todos os véus, poderia reconhecer que nada havia mudado no objetivo de extinguir a raça ariana. A batalha final pelos recursos escassos da Terra chegaria, evidentemente, mais tarde do que eu havia profetizado, mas chegaria. E o objetivo era tão inequívoco que só mesmo um louco poderia negá-lo: as hordas judias planejavam, como sempre, inundar o *Reich* com suas massas odiosas. Mas haviam aprendido isso na última guerra. Porque sabiam de sua inferioridade perante o soldado alemão e decidiram minar, diminuir, destruir a capacidade de defesa do povo. De forma que, no dia decisivo, os milhões de asiáticos enfrentem apenas os efeminados que recebem o Hartz, que desesperadamente agitariam seus mouses e aparelhos de *video game*.

Estremeci de horror. E percebi com clareza no que consistia minha missão.

Tratava-se de avançar decidido por esse caminho. Como primeira tarefa, resolvi buscar uma nova base. Minha residência não deveria ser mais o hotel: eu precisava de um domicílio adequado.

Eu pensava em algo como antigamente, na Prinzregentenplatz, em Munique. Um apartamento grande o bastante para mim, para os convidados, para os serviçais, se possível ocupando um andar inteiro, mas não considerava a possibilidade de uma casa normal. Por exemplo, uma mansão com jardim, talvez com arbustos espessos, é muito fácil para o adversário político vigiar ou até mesmo atacar. Não, um apartamento grande, próximo da cidade, em uma região agitada e central sempre tem suas vantagens. E se ficasse bem ao lado de um teatro não me incomodaria.

— Não quer mais ficar aqui? — perguntou a funcionária do hotel onde eu estava, a qual, mesmo em um tom jocoso, já me cumprimentava de forma correta e desinibida, além de ter deixado claro que lamentava a minha saída.

— Pensei em levá-la comigo — respondi. — Antes era a minha irmã que cuidava da casa, mas infelizmente ela não está mais entre nós. Se eu tivesse como lhe pagar o salário do hotel, ofereceria com prazer esse trabalho à senhorita.

— Obrigada, mas gosto do movimento daqui. De qualquer forma, é uma pena a sua saída — comentou ela.

Antes, alguém se responsabilizaria de encontrar uma residência para mim, mas agora eu mesmo tenho que me encarregar disso. Por um lado era interessante, porque me trazia ainda mais para perto do presente. Por outro, eu precisava lidar com essa ralé de corretores nojentos.

De pronto percebi que, sem um corretor, eu não conseguiria encontrar um domicílio medianamente representativo de quatrocentos a quatrocentos e cinquenta metros quadrados. Vi também, mesmo que não de imediato, que isso era difícil até com esses vermes corretores. Era quase espantoso o pouco que esses enviados do inferno do aluguel sabiam das próprias casas. Mesmo após sessenta anos de ausência do mercado imobiliário atual, eu estava em condições de descobrir caixas de fusíveis em um terço do tempo que o

“especialista” encarregado levaria. Depois da terceira imobiliária, decidi consultar colegas supostamente experientes, pois, no geral, eram apenas garotos de dezesseis anos vestindo ternos grandes demais. Essas pobres crianças pareciam ter sido jogadas das carteiras escolares direto para as forças de ataque das imobiliárias.

Na quarta tentativa, de fato me ofereceram um imóvel adequado ao norte de Schöneberg. Uma longa caminhada me levaria até o distrito governamental, e isso pesou em favor da oferta, mas não era possível saber o tanto que seria necessária a proximidade com esse distrito.

— O senhor não me é estranho — disse o corretor mais velho, enquanto me mostrava o quarto de empregada próximo à cozinha.

— Hitler, Adolf — respondi simplesmente e inspecionei como um especialista alguns armários vazios.

— Claro! — exclamou ele. — Agora que o senhor disse! É que sem uniforme... o senhor me desculpe. Além disso, sempre pensei que o senhor havia tirado o bigode.

— Por quê?

— Bem, por nada. A primeira coisa que faço quando chego em casa é tirar os sapatos.

— E eu devia tirar o meu bigode?

— Foi o que pensei...

— Ahá. Tem algum espaço onde eu possa me exercitar aqui?

— Uma academia? Os últimos inquilinos não tinham, mas antes deles um membro do júri de um programa de tv usava aquela sala lá adiante.

— Tem alguma coisa que eu deveria saber?

— O quê, por exemplo?

— Vizinhos bolchevistas?

— Talvez tivesse nos anos 1930. Mas então... então o senhor... como poderia dizer?

— Eu já sei o que está querendo dizer — falei. — E o que mais?

— Bem, fora isso...

Pensei melancolicamente em Geli, minha sobrinha.

— Não gostaria de morar numa residência de suicidas — esclareci, determinado.

— Desde que administramos este imóvel, ninguém morreu aqui. E antes também não — confirmou o corretor, prestimoso. — Até onde eu sei.

— É um belo apartamento — falei com um tom seco —, mas o preço é inaceitável. O senhor abaixa trezentos euros e então faremos negócio.

Virei-me para a saída. Eram sete e meia da noite. Após a minha estreia de sucesso, a Sra. Bellini havia me surpreendido com ingressos para a ópera *Os Mestres Cantores de Nuremberg*, que estava na cidade, e ela logo pensou em mim. Prometera, inclusive, assistir à ópera comigo, mas por minha causa, ela enfatizou, pois, em geral, rejeitava Wagner.

O corretor prometeu dar um retorno sobre o aluguel.

— Na verdade, não há previsão de descontos — comentou ele, cético.

— Isso é reversível quando se pode contar com Hitler como sua clientela — retruquei com otimismo antes de me pôr a caminho.

★ ★ ★

O clima estava estranhamente ameno para o fim de novembro. O céu estava há muito sombrio, e, ao meu redor, a cidade grande estrondava e zunia. Por um breve momento, a antiga agitação, o medo diante das hordas asiáticas e o desejo urgente de aumentar o orçamento militar voltaram a me dominar. Em seguida, a inquietação deu lugar ao sentimento bom de que a catástrofe não havia se abatido sobre nós nos últimos sessenta anos e de que a providência escolhera com segurança o momento certo para me convocar à ação e, com certeza, não me deixaria tão pouco tempo a ponto de eu não poder ir ver a ópera de Wagner.

Abotoei meu casaco e andei tranquilo pelas ruas. Muitas lojas recebiam grandes quantidades de ramos de abeto e pinheiros. Quando os ruídos ficaram um pouco demais para mim, escapei para as ruas paralelas menores. Pensei em melhorar alguns detalhes do meu programa, enquanto atravessava um centro esportivo iluminado. Uma grande parcela da população não apresentava uma forma física excepcional, porém, isso era ainda mais

frequente nas mulheres. Um corpo bem treinado alivia até mesmo a dor do parto, aumentando o poder de resistência e melhorando a saúde da mãe. Mas, hoje em dia, não tinham a intenção de criar centenas de milhares de soldados do sexo feminino. A parcela de jovens nos aparelhos esportivos precisava ser claramente ampliada. Estava pensando nisso quando dois homens cruzaram meu caminho.

— Seu porco judeu — disse um deles.

— Acha mesmo que vamos ficar assistindo a você insultar a Alemanha? — perguntou o outro.

Tirei lentamente o chapéu e mostrei meu rosto à luz dos postes da rua.

— Voltem para as fileiras, seus bastardos — falei, impassível —, ou vão acabar como Röhm!

Por um momento, ninguém disse nada. Então, os dois sussurraram entredentes:

— Você deve ser um porco doente! Primeiro, faz milhões de cirurgias para ficar com a cara daquele homem, depois, apunhala a Alemanha pelas costas!

— Porco sujo, você não merece viver — disse o primeiro.

Algo brilhou na mão dele. Com uma velocidade surpreendente, ele apontou o punho para a minha cabeça. Tentei manter a postura e o orgulho, e não desviei do golpe.

Foi como o impacto de uma bala. Não havia dor, apenas velocidade, apenas uma imensa explosão e, em seguida, num sussurro, a parede da casa caiu em cima de mim. Tentei encontrar apoio, mas algo bateu duramente na minha nuca. A casa deslizou acima de mim, então enfiei a mão no casaco, tateando, agarrei os ingressos para *Os Mestres Cantores* e puxei-os, enquanto as pancadas só aumentavam ao meu redor. Os ingleses tinham novas armas, uma cortina de fogo mortal. De repente ficou tudo tão escuro e só eles podiam ter uma mira tão certa, nossa trincheira como o fim do mundo. Eu não sabia mais onde estava meu capacete, meu cachorro fiel, meu Foxl, meu Foxl, meu Foxl...

A primeira coisa que vi foi uma luz néon resplandecente. “Espero que alguém, nesse meio-tempo, tenha cuidado do exército de Wenck”, pensei. Em seguida, olhei ao redor do quarto onde estava, e alguns aparelhos logo deixaram claro que o exército de Wenck não era um assunto tão urgente naquele momento.

Ao meu lado, havia uma espécie de mancebo no qual alguém havia pendurado diversas bolsas de plástico. Seu conteúdo gotejava lentamente para dentro do braço que não estava envolto pelo gesso. Não foi fácil perceber tudo isso, pois não conseguia abrir o olho do lado que não estava enfaixado. Esse fato me deixou perplexo, afinal, tudo aquilo deveria ser doloroso, mas eu não sentia dor alguma, exceto um rebombar contínuo na cabeça. Eu a virei para compreender melhor minha situação, depois a ergui com cuidado, o que provocou de imediato uma dor lancinante na minha caixa torácica.

Escutei uma porta se abrir do outro lado do quarto. Mas decidi não olhar. A cabeça de uma enfermeira surgiu hesitante acima da ponte do meu nariz.

— O senhor acordou?

— ... — falei. Deveria ter sido uma pergunta sobre a data de hoje, mas da minha boca saiu algo entre um sussurro e um pigarrear.

— Ótimo — retrucou ela. — Mas, por favor, não volte a dormir, vou buscar o médico.

— ... — rouquejei como resposta.

Já era possível perceber que não havia ali nenhum dano permanente, apenas certo enferrujamento da musculatura da fala em consequência de um longo período de inatividade. Girei meu olho funcional um pouco mais. Pude ver uma mesinha onde havia um telefone e um buquê de flores. Observei um aparelho que monitorava o meu pulso. Tentei mover as pernas, mas logo desisti, ao perceber que aquilo me faria sentir dor. Em vez disso, tentei fazer

breves exercícios de fala, afinal, era de se esperar que eu pudesse fazer uma ou outra pergunta ao médico.

De fato, por muito tempo, nada aconteceu. Esqueci como os hospitais funcionavam em geral quando não se era *Führer* e chanceler do *Reich*. O paciente deve, em teoria, se recuperar, mas em suma ele não fazia nada além de esperar. Esperava por enfermeiras, tratamento, médicos, e supostamente tudo acontece “logo” ou “já, já”. Mas na verdade “já, já” significa “de meia hora a quarenta e cinco minutos” e “logo” corresponde a “daqui a uma hora ou mais”.

Uma necessidade premente tomou conta de mim e imediatamente senti que haviam sido tomadas certas precauções também nesse sentido. Eu teria gostado de ver um pouco de televisão, mas como operar aquele aparelho era tão misterioso para mim quanto fisicamente impossível. Então, olhei fixamente e inerte para a parede e tentei reconstruir os últimos acontecimentos. Lembro-me de estar numa ambulância com a Srta. Krömeier aos berros, e de uma forma irritante passava aquele filme na minha cabeça, no qual eu celebrava a capitulação da França com uma dancinha espontânea ou pulos de alegria. Contudo, eu não envergava meu uniforme, e sim um tutu de balé azul-turquesa. Em seguida, Göring vinha até mim, trazendo duas renas seladas pelas rédeas, e dizia: “Meu *Führer*, quando o senhor estiver na Polônia, traga-nos um pouco de coalhada para que eu possa preparar uma refeição fina hoje à noite!” Eu erguia os olhos, fitava-o desconcertado e dizia: “Göring, seu palerma! Não está vendo que não tenho bolsos?!” Então, ele desabava em lágrimas, e alguém sacudia meus ombros.

— Sr. Hitler? Sr. Hitler?

Levei um tremendo susto.

— O médico de plantão está aqui!

Um jovem de jaleco branco estendeu-me a mão, que apertei com fraqueza.

— Muito bem — disse ele. — Sou o Dr. Radulescu.

— Com esse nome, me surpreende que não tenha sotaque — grasnei.

— Pelo seu estado, me surpreende que esteja falando tanto — disse o médico importado. — O senhor sabe como perdi meu sotaque?

Balancei a cabeça de leve.

— Treze anos de escola, nove semestres de faculdade de medicina, dois anos de estágio no exterior, e então me casei com a minha mulher e adotei o nome dela.

Assenti, tossindo, e tentei não tossir mais por causa da dor, mas ao mesmo tempo para demonstrar certa força e capacidade de liderança. Como resultado, soltei algumas partículas nada bonitas pelo nariz. No geral, me sentia miserável.

— Antes de mais nada queria dizer que sua saúde está muito menos pior do que parece. O senhor não tem nada que seja irreparável ou que não vá melhorar com o tempo...

— Mi-nha voz? — arfei. — Sou um orador.

— Não há nada de errado com a sua voz, está apenas temporariamente inutilizada, além da garganta seca. O senhor precisa, de qualquer forma, beber muito líquido. E pelo que vejo — concluiu ele após olhar a beirada da minha cama —, não precisa mais se esforçar para evacuar. Deixe-me ver... o que mais temos? O senhor está com uma fratura horrível na maçã do rosto, uma concussão cerebral grave, diversas contusões sérias no maxilar, mas ele não fraturou, o que é inacreditável. Os colegas da emergência acreditam que isso foi causado por um soco inglês. Se for verdade, o senhor deve agradecer a Deus muitas vezes. O olho inchado também está péssimo, mas voltará a funcionar. Entre outras coisas, temos aqui uma clavícula quebrada, um braço quebrado... fratura totalmente limpa, o ideal... cinco costelas quebradas, e tivemos de abrir o seu corpo para costurar o fígado. Falando nisso, pude verificar que o senhor tem um dos fígados mais bonitos que já vi. O senhor não bebe, certo?

Assenti com debilidade.

— E sou vegetariano.

— Que valores excelentes! Com eles, o senhor pode chegar aos cento e vinte anos.

— Não será o bastante — falei, um pouco distante.

— Muito bem — disse ele, rindo. — Vejo que o senhor tem muitos planos. Não vejo problema algum, mas terá que esperar um pouco.

— O senhor precisa fazer um boletim de ocorrência — disse a enfermeira.

— Mas isso é o que eles mais querem!

O que teria acontecido com Röhm se eu o tivesse denunciado...

— Não sou seu advogado — disse o doutor de nome romeno —, mas com esses ferimentos...

— Vou revidar à minha maneira — falei, tossindo, enquanto pensava que poucas vezes eu fizera uma ameaça tão vazia quanto aquela. — Seria melhor se me dissessem quanto tempo ficarei aqui!

— Se não houver nenhuma complicação, mais uma ou duas semanas, talvez um pouco mais. Em casa, o senhor pode se recuperar propriamente e esperar que tudo cicatrize e volte para o lugar. Agora durma mais um pouco. E considere o boletim de ocorrência, a enfermeira tem toda razão. Sei que quer dar o outro lado da face, mas nem por isso alguém tem o direito de espancá-la desse jeito.

— E pense também num cardápio — disse a enfermeira, estendendo-me um planejamento. — Precisamos saber o que o senhor quer comer enquanto estiver internado.

Empurrei o planejamento de volta.

— Nada de tratamento especial. Quero comida simples de soldado. Vegetariana. Como os gregos antigos.

Ela me encarou, então suspirou, fez algumas cruzinhas e voltou a me mostrar o planejamento.

— O senhor precisa assinar aqui.

Sem forças, assinei com a mão trêmula. Então, tudo ficou escuro.

Eu estava em um ponto de ônibus na Ucrânia com uma imensa tigela de coalhada nas mãos.

Göring não estava lá, mas ainda sinto o mesmo ódio daquele momento.

É verdade que por um breve momento me passou pela cabeça fazer um boletim de ocorrência, mas rejeitei-o de maneira decidida e irrevogável. Contrariava todos os meus princípios. O *Führer* não se encaixa no papel de vítima. Não depende do apoio nem de cuidados de figuras tão lastimosas quanto promotores públicos ou policiais, não se esconde atrás delas; em vez disso, faz justiça com as próprias mãos. Ou entrega isso nas mãos fervilhantes da SS, que faz justiça com muitas mãos. Se eu tivesse uma SS, teria providenciado para que essa “central do partido” obscura ardesse em chamas na noite seguinte e cada membro covarde, dentro de uma semana, refletisse mergulhado em seu próprio sangue sobre os princípios reais do pensamento nacionalista. Porém, a quem eu poderia exigir tal coisa nesses tempos pacíficos, desprovidos de violência? Sawatzki era astuto, mas não vigoroso, um trabalhador do cérebro, não dos punhos. Assim, só me restava postergar o problema para uma data indeterminada e a tarefa de conseguir um ou outro deslocamento dentro das instalações hospitalares para que nenhum repórter fotográfico me encontrasse e tirasse fotos desvantajosas. Ainda assim, era impossível esconder o fato ocorrido, e poucos dias depois podia-se ler nos jornais que eu fora vítima “da violência da direita radical” — óbvio que essa era a manobra habitualmente incompetente da imprensa: honrar essas figuras de cera imbecis, chamando-as de “radicais de direita”. Porém, há um lado bom em tudo. Dentro de poucos dias, quase horas, recebi várias ligações surpreendentes de pessoas a quem a Srta. Krömeier, por incentivo e com a bênção do Sr. Sawatzki, dera o número do meu telefone móvel.

A primeira conversa que tive, além dos desejos de melhoras dos funcionários da Flashlight, foi com a Sra. Künast, que me estimou “melhoras de todo o coração”, quis saber sobre a evolução do meu quadro e também se eu fazia parte de algum partido político.

— Claro — falei —, do meu próprio.

Künast riu e disse que o NSDAP estava, ao menos, temporariamente, em uma espécie de letargia ou repouso, e até ele acordar eu deveria refletir se para mim, que, como artista, me apresentava de corpo e alma contra a violência da direita, o Partido Verde não poderia me oferecer um espaço, “ao menos, por certo tempo”, como ela ofereceu novamente aos risos.

Balançando a cabeça, reconheci o porquê daquela ligação e logo a teria esquecido e a considerado outro epítome estranho dos devaneios parlamentares-democratas, se não tivesse recebido no dia seguinte outro telefonema parecido com o primeiro. Havia um senhor do outro lado da linha que, como eu mal me lembrava, fazia ou acabara de completar um período de aprendiz como ministro da saúde. Mesmo depois de muito refletir, seu nome não me veio à cabeça. Nesse meio-tempo, eu havia tentado renunciar de uma vez por todas a ter uma visão geral desse partido. Corre à boca pequena nos programas competentes que o único senhor mais velho que restara nessa associação era um bêbado inveterado. Na minha opinião, isso é uma injustiça ao homem e suponho mesmo que seja simplesmente impossível não parecer totalmente bêbado quando se toma parte nessa bizarra dança das cadeiras do poder.

O estagiário da área de saúde me disse que sentia muito por esse ataque, e que justamente alguém como eu, que abria caminho à força para a liberdade de expressão e de opinião mais ampla e irrestrita, precisaria de qualquer apoio nessas horas difíceis. Mal consegui enfatizar que o forte é sabidamente mais poderoso sozinho, pois o estagiário insistiu que faria de tudo para possibilitar meu rápido retorno às telas, e por um momento temi que ele mesmo assumisse meu tratamento com seus dedos fracos e incompetentes. Em vez disso, ele me perguntou, como que por acaso, sobre minha filiação política, e eu respondi com a verdade.

Ele deu uma gargalhada infantil. Então disse que eu era hilário, e, como o NSDAP jazia no cemitério da história, ele poderia muito bem imaginar que talvez o Partido Democrático Liberal poderia ser um novo porto político para mim. Falei que ele e seus colegas deveriam parar de ofender o meu partido e que eu não tinha, obviamente, o menor interesse em sua corja de vermes políticos liberais. O estagiário riu de novo e disse que gostava desse

meu jeito e que logo eu estaria como antes. No fim da conversa, sem ser solicitado, prometeu me enviar uma proposta de filiação. O telefone, pensei naquele momento, não era o recurso certo de compreensão para aqueles que não tinham ouvidos. Mal havia desligado o telefone quando ele tocou novamente.

Ficou claro que o estagiário do ministério da saúde e a Künast do Partido Verde não eram os únicos que haviam decidido interpretar meu tributo de sangue do jeito que bem entendiam. Logo, várias pessoas de diversos partidos me telefonaram para congratular minha defesa incisiva contra a violência que, segundo a observação delas, consistia na minha renúncia demonstrativa à autodefesa. Entre elas, também estava o único agrupamento ao qual eu sentia alguma simpatia pelo nome: o Partido de Defesa dos Animais. Tive uma conversa muito agradável com o seu líder, no decorrer da qual ele me alertou generosamente sobre algumas atrocidades inacreditáveis contra vira-latas romenos. Decidi prestar atenção especial a esses procedimentos escandalosos deste país no futuro próximo.

Contudo, os acontecimentos mais recentes também davam margem a interpretações bem diferentes aos olhos daqueles políticos “profissionais”. O “Movimento de Solidariedade dos Direitos Civis” me declarou como sendo companheiro de sofrimento do fundador do partido, Larouche, que de alguma forma era perseguido; um estranho partido de estrangeiros chamado BIG, sigla em alemão para União para Inovação e Justiça, garantiu que em um país no qual não se podia espancar estrangeiros, obviamente também não se podia espancar alemães, ao que respondi de imediato que eu não queria viver num país onde não se pudesse espancar estrangeiros. Mais uma vez ouvi do outro lado da linha uma gargalhada incompreensivelmente esfuziante. Para outros, eu ainda não era considerado um símbolo de liberdade de expressão, mas o contrário, um símbolo contrário às opiniões falsas. Também fui apontado não só como combatente da violência, mas várias vezes um defensor dela (cristãos democratas, duas associações de atiradores e um fabricante de armas de fogo) e uma vez vítima da violência contra idosos (Partido da Família). Com especial diletantismo, se destacou uma ligação do Partido Pirata, que acreditou reconhecer no meu comportamento e,

especialmente, na minha renúncia a um boletim de ocorrência, um protesto contra o policiamento e um especial distanciamento do Estado e, nessa lógica, eu tinha um “pensamento pirata” completo. O mais próximo da verdade fora uma associação chamada “As Violetas”, que queria me enxergar como a evidência de um mundo além do materialista, que teria “se submetido às mais duras provas sob a bandeira da paz e amor total, e com a maior tolerância”. Ri por tanto tempo que precisei pedir mais analgésicos para a dor nas minhas costelas.

A Srta. Krömeier me trouxe mais correspondências do gabinete. Ela também recebera várias ligações, no mais, de outras pessoas dos mesmos partidos e grupos, mas a verdadeira novidade foram as manifestações de diversas associações comunistas, o motivo para tanto me escapara da memória nesse meio-tempo; no fim das contas, não contrariavam a postura de Stalin e o pacto que fez conosco em 1939. Todos que telefonaram e escreveram tinham em comum o fato de que pensavam que podiam me convencer a me filiar a seus partidos e associações. Na verdade, só dois partidos não se manifestaram. Os ingênuos teriam avistado por trás disso um provável desinteresse, mas eu sabia do que se tratava. Por isso, no dia seguinte, quando um número desconhecido de Berlim surgiu na tela do meu telefone, perguntei ao acaso:

— Alô? É do SPD?

— Hum, sim... é o Sr. Hitler? — perguntou uma voz no outro lado da linha.

— É, sim — retruquei. — Estava esperando o senhor ligar!

— Eu?

— Não especialmente. Mas alguém do SPD. Quem está falando?

— Gabriel, Sigmar Gabriel. É maravilhoso que o senhor já esteja conseguindo falar tão bem ao telefone, porque, afinal, eu ouvi e li as piores coisas. Parece que já está bem, então.

— Tudo por causa da sua ligação.

— Ah! Por que o senhor está tão contente com ela?

— Não, estou contente porque ela foi feita tarde demais. No tempo que leva até a social-democracia alemã se consolidar, seria possível curar dois

pacientes graves de tuberculose.

— Haha. — Gabriel riu e era surpreendente como soava natural. — Às vezes, o senhor não deixa de ter razão. Olhe, exatamente por isso estou ligando...

— Eu sei. Porque meu partido está aposentado.

— Que partido?

— O senhor me decepciona, Gabriel! *Como se chama o meu partido?*

— Hum...

— Fale!

— Desculpe, acho que não estou entendendo.

— N.S.D.A....?

— P?

— Exato, P. Que está momentaneamente parado. E o senhor quer saber se eu, por acaso, estou atrás de um novo lugar político. Em seu partido!

— Bem, eu tinha pensado em...

— Mande sua papelada para o meu gabinete — falei com galhofa.

— Escute, o senhor já acabou de tomar os analgésicos? Ou ainda toma algum calmante para dormir?

— Não — respondi, mas estava quase confessando em seguida que eu tinha acabado de pedir um. Então percebi que era possível que Gabriel tivesse razão. Nunca se sabe o que os médicos ministram por essas bolsas com tubos. E notei que esse SPD não era mais um partido no formato atual que deveria ser mandado para um campo de concentração. Com sua lentidão, poderia ser até útil em vários aspectos. Portanto, acabei mencionando certa dose de medicamento e me despedi, por fim, com cordialidade.

Recostei-me em meu travesseiro e refleti quem seria o próximo a me ligar. Faltava apenas o telefonema do partido político da chanceler. Quem ligaria? Obviamente não a matrona desajeitada. Mas um telefonema daquela ministra do trabalho me deixaria alegre. Gostaria de saber por que interromperam a reprodução quando faltava apenas uma criança para a Cruz de Ouro em Maternidade. O tal Guttenberg também teria sido interessante, um homem que — apesar de ter saído do pântano centenário de incestos nobres — conseguia pensar em contextos mais amplos sem se deter o tempo todo em

objeções acadêmicas medíocres. Mas seu tempo de florescimento na política me parecia ultrapassado. Quem sobrava, então? O moleque ecológico de óculos? O zero à esquerda do chefe parlamentar? O alemão suábio conservador das finanças em sua cadeira de rodas?

De fato, as valquírias voltaram a cavalgar. O número era desconhecido, mas o prefixo indicava ser de Berlim. Decidi-me pelo tagarela.

— Boa tarde, senhor chefe do gabinete da chanceler Pofalla — falei.

— Perdão? — Sem dúvida, era a voz de uma mulher. Avaliei a idade, devia ter uns cinquenta e cinco anos.

— Desculpe, quem fala?

— Meu nome é Golz, Beate Golz. — E em seguida ela disse o nome de uma editora bastante conhecida na Alemanha. — E com quem falo?

— Hitler — falei, pigarreando. — Desculpe-me, estava esperando outra ligação.

— Estou incomodando? Um funcionário do seu escritório me informou que eu poderia ligar à tarde...

— Não, não — respondi —, tudo bem. Por favor, só não pergunte mais sobre a minha recuperação.

— O senhor está tão mal assim?

— Não, mas ainda assim... parece que as pessoas engoliram um disco de gramofone.

— Sr. Hitler... gostaria de saber se o senhor não quer escrever um livro.

— Já escrevi — comentei. — Aliás, escrevi dois.

— Eu sei. Mais de dez milhões de exemplares vendidos. Ficamos muito impressionados. Mas alguém com o seu potencial não pode fazer uma pausa de oitenta anos.

— Sim, veja bem, não dependia só de mim...

— O senhor tem mesmo razão. Entendo que deve ser difícil escrever quando os russos invadem o bunker...

— Exatamente — concordei. Eu mesmo não poderia ter me expressado melhor. A óbvia empatia da Sra. Golz foi uma surpresa agradável.

— Mas agora os russos já foram embora. E apesar de todos nós podermos desfrutar do seu programa semanal na televisão, acho que está na hora de o

Führer apresentar mais uma vez o testemunho abrangente de sua visão de mundo. Ou, antes que eu faça um papel de completa idiota aqui, o senhor tem alguma outra obrigação a longo prazo?

— Olhe, costumo publicar na editora Franz-Eher — respondi, mas então me dei conta de que ela também estava em situação de pausa momentânea.

— Suponho que há muito não ouve falar da sua editora, não é?

— É isso mesmo — confirmei —, e me pergunto quem estaria embolsando meus direitos autorais.

— O Estado da Baviera, pelo que eu saiba — disse a Sra. Golz.

— Quanta insolência!

— Claro que o senhor pode entrar com um processo, mas sabe como são esses tribunais...

— Sei muito bem!

— De qualquer forma, eu me alegraria muito se o senhor, em vez disso, escolhesse um caminho mais fácil.

— E qual seria?

— O senhor escreve um novo livro. Em um mundo novo. Nós ficaríamos felizes de publicá-lo. E como estamos entre profissionais, posso oferecer o seguinte ao senhor.

Então ela descreve diversas ações publicitárias de grande alcance, além de um adiantamento, que mesmo nessa moeda questionável que era o euro, o valor chegou a atrair consideravelmente minha atenção, mas é claro que guardei minha reação para mim. Além disso, eu teria liberdade para escolher meus colaboradores, e, seus honorários, inclusive, seriam assumidos pela editora.

— Nossa única condição é que o senhor deve contar apenas a verdade.

Revirei os olhos.

— A senhora também quer saber como eu me chamo?

— Não, não, obviamente seu nome é Adolf Hitler. Que outro nome poderíamos imprimir no livro? Moisés Halbgewachs?

Eu ri.

— Ou Samuel Rosenzweig. Gostei da senhora.

— O que quero dizer é que não queremos um livro de humor. Suponho que este também é o seu objetivo. O *Führer* não faz piadas, certo?

Era incrível como tudo era simples com essa senhora. Ela sabia exatamente do que estava falando. E com quem.

— O senhor pensará no caso? — perguntou.

— Preciso de um tempo — falei. — Entrarei em contato com a senhora.

Esperei exatos cinco minutos. Então, liguei para ela. Exigi uma quantia consideravelmente maior. Suponho que ela já esperava isso.

— Está bem: *Sieg Heil* — disse ela.

— Devo interpretar isso como um “sim”? — questionei.

— Claro — disse ela, rindo.

Eu respondi.

— A senhora também!

É surpreendente. Pela primeira vez em muito tempo a neve não me emociona, embora esteja caindo tão cedo. Os flocos grandes caem diante da janela, o que teria me levado à loucura em 1943. Agora sei que tudo tem um sentido mais profundo, que a providência não espera que eu vença uma Guerra Mundial, seja na primeira ou na segunda tentativa, que ela me dá tempo e confia em mim. Agora posso finalmente desfrutar dessa paz suave antes das festas de final de ano, depois de anos extenuantes. E estou desfrutando disso quase como no passado, quando ainda era um menino e me encolhia com *A Guerra de Troia*, de Homero, num canto bem confortável da sala de estar. As dores no peito ainda incomodam, mas, por outro lado, também é muito encorajador acompanhar como elas cedem.

A editora deixou à minha disposição um aparelho de ditado. Sawatzki queria que eu usasse meu telefone móvel para tanto, mas, no fim das contas, o aparelho de ditado é muito mais fácil de operar. Ao apertar um botão, ele grava; ao apertar outro, ele para de gravar. E ninguém me liga durante as gravações. Em geral, sou totalmente contra esse contínuo acúmulo de tarefas. O rádio também precisa tocar aqueles discos pratas, o aparelho de barbear precisa funcionar na pele úmida e seca, o frentista também comercializa alimentos, enquanto o telefone tem que ser um telefone, um calendário, uma máquina fotográfica e tudo isso junto. É uma sandice absurda que culmina em nossos jovens não tirando os olhos dos telefones e sendo atropelados aos milhares. Este é um dos meus primeiros planos: proibir esses telefones, ou melhor, permiti-los apenas aos elementos racialmente inferiores, quem sabe até mesmo obrigá-los a usar. Da minha parte, eles poderiam andar dias e dias pelas principais vias de trânsito berlinenses como ouriços esmagados, assim o tal aparelho teria novamente um sentido prático. Mas, de outra forma, seria uma bobagem! Claro que seria mais vantajoso para as finanças do Estado se a

Luftwaffe também pudesse assumir as tarefas de coleta do lixo. Mas o que seria da *Luftwaffe*, então?

Boa ideia. Eu a dito de imediato no aparelhinho.

Lá fora, nos corredores, instalaram uma enorme decoração de Natal. Estrelas, galhos de abeto e coisas semelhantes. No domingo do advento, tem ponche de vinho quente, que também foi desenvolvido numa variação muito agradável não alcoólica, embora eu tivesse minhas dúvidas se ela seria aceita pelas tropas. Bem, um soldado sempre será um soldado. Contudo, de forma geral, não posso afirmar que as decorações de Natal ficaram mais sofisticadas com o passar do tempo. Uma infeliz industrialização tomou corpo. Não se trata de algo *kitsch* ou não *kitsch*, pois todo *kitsch* sempre tem um resto de sensibilidade do homem simples, e a partir daí sempre há a possibilidade de se desenvolver a arte verdadeira, grandiosa. Não, o que me incomoda demais é que o Papai Noel ganhou uma importância desproporcional, sem dúvida, em virtude da infiltração cultural anglo-americana. As velas, ao contrário, perderam claramente seu significado.

Possivelmente, eu só percebi isso porque aqui no hospital não são permitidas velas pelo risco de incêndio. E por mais que eu saiba valorizar o tratamento cuidadoso da propriedade do povo, não consigo lembrar se no meu governo, apesar do uso generoso de velas, quantidades consideráveis de prédios foram danificados. Mas tenho que confessar: a partir de 1943, pela escassez cada vez maior de prédios, as estatísticas perderam muito sua força comprobatória. Ainda assim, o Natal tem seu encanto. Exceto pelo peso da responsabilidade governamental inevitável de longo prazo, é preciso aproveitar enquanto se pode.

Posso dizer que o pessoal tem cuidado de mim de forma extraordinária. Converso bastante com eles sobre suas condições de trabalho, sobre a previdência social que — como fica cada vez mais comprovado — está num estado que surpreende ainda conseguir curar algum ser humano. Com frequência, recebo também a visita de médicos. Eles abdicaram dos jalecos e contam as últimas impertinências do incapaz ministro de saúde atual. Dizem que podiam descrever exatamente as mesmas parvoíces malévolas de seu antecessor, e com certeza também poderiam fazer isso com o sucessor. Devo

falar sobre esse fato no meu programa, algo precisa mudar a qualquer custo, a qualquer custo! Prometi a eles que o farei assim que me recuperar por completo. Às vezes, eu lhes digo que seria de grande ajuda se menos estrangeiros fossem tratados nas enfermarias. Então eles riem e dizem que também viam dessa forma, comentam logo em seguida: “Agora, sem brincadeira”, e contam para mim a monstruosidade seguinte. Parece que não faltam mesmo descabros.

Há também uma enfermeira muito encantadora, uma pessoa bastante animada, esperta, feliz, que se chama enfermeira Irmgard para ser mais exato. Porém, obviamente, preciso economizar minhas forças aqui. Se eu fosse vinte anos mais jovem, talvez...

O Sr. Sawatzki esteve aqui com a Srta. Krömeier, a ex-Srta. Krömeier, quero dizer, não consigo ainda me acostumar com isso: Sra. Sawatzki. Pelo feliz acontecimento vindouro, ela está totalmente redonda. Diz que ainda dá conta, mas com certeza não falta muito até que sua barriga se torne um fardo. Ela ganhou um pouco de cor, ou perdeu, para mim ainda é difícil identificar. Mas preciso dizer que os dois formam um casal fantástico e, quando se olham, sei que em dezenove, vinte anos crescerão alguns granadeiros robustos, material genético perfeito para as *Waffen-SS* e, mais tarde, para o partido. Eles me perguntaram onde eu passaria o Natal e me convidaram para passar com eles, o que me alegrou deveras, mas não quero incomodá-los. Natal é uma festa de família.

— Mas o senhor é praticamente da família! — disse a Srta.... Sra. Sawatzki.

— No momento — falei, porque a enfermeira Irmgard tinha acabado de entrar —, no momento a enfermeira Irmgard é a minha família.

A enfermeira Irmgard riu e disse:

— Não é para tanto. Só cuidado para que as coisas fiquem direitas.

— A direita está ótima — brinquei, fazendo-a rir com tanto entusiasmo que eu quase pensei em postergar um pouco minha carreira política.

— A Sra. Bellini e o Sr. Sensenbrink estimaram melhoras para o senhor — disse Sawatzki. — A Sra. Bellini dará uma passada aqui amanhã ou depois de amanhã com os resultados da reunião sobre o novo programa, o novo estúdio...

— O senhor já os viu? Qual é sua opinião?

— O senhor não ficará decepcionado. Agora tem dinheiro de verdade por trás disso! E, cá entre nós: o orçamento ainda não está esgotado. Muito pelo contrário!

— Já chega — disse a atual Sra. Sawatzki —, ainda precisamos comprar um carrinho de bebê antes que eu não consiga mais me mexer.

— Está bem — respondeu o marido —, mas pense um pouco na minha proposta.

Então, os dois saíram. E eu podia jurar que ouvi o homem dizer para ela: “Você contou mesmo para ele qual vai ser o nome do bebê?” Mas também posso estar enganado.

Sim, a proposta. Ele tem toda razão, o passo é totalmente lógico. Se vários partidos políticos perguntam se alguém gostaria de se filiar a eles, o melhor a fazer é não despendar seu próprio valor para outros fins que não os próprios. Em 1919, eu teria afundado em outro partido. Em vez disso, assumi um pequeno partido sem importância e o moldei segundo a minha vontade, o que foi substancialmente mais eficaz. No caso atual, eu poderia começar, com o impulso do lançamento do livro e, ao mesmo tempo, com o novo programa que se iniciará, uma ofensiva propagandística e daí iniciar um movimento. Ele também me enviou pelo telefone móvel alguns rascunhos para cartazes que me agradaram muito, muito mesmo.

Elas têm imagens minhas e se inspiraram bastante nos cartazes de antigamente. Desse modo, segundo Sawatzki, chamam mais atenção do que quaisquer novas letras usadas hoje, e tem razão. Ele também já propôs um novo lema, que aparecerá em todas as faixas e cartazes como elemento de coesão. Este lema captura os antigos méritos, as antigas dúvidas, e traz um elemento bem-humorado e reconciliador com o qual é possível atrair para o nosso lado o eleitorado daqueles piratas e de outros jovens. O lema é:

“Nem tudo foi ruim.”

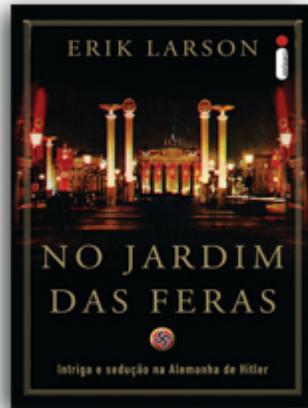
Acho que é possível trabalhar com isso.

sobre o autor

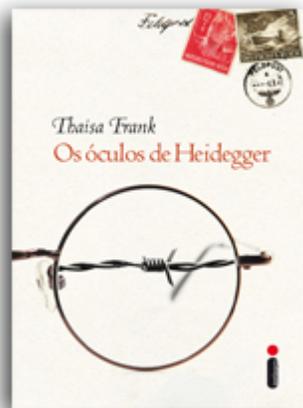


TIMUR VERMES nasceu em Nuremberg, na Alemanha, em 1967, filho de mãe alemã e pai imigrante húngaro que deixou o país em 1956. Estudou história e política antes de se tornar jornalista, escreveu para os jornais alemães *Abendzeitung* e *Cologne Express* e trabalhou para uma série de revistas, além de atuar como *ghost-writer* de diversos livros até 2007. *Ele está de volta* é seu primeiro romance.

livros relacionados



No jardim das feras



Os óculos de Heidegger



Inferno